

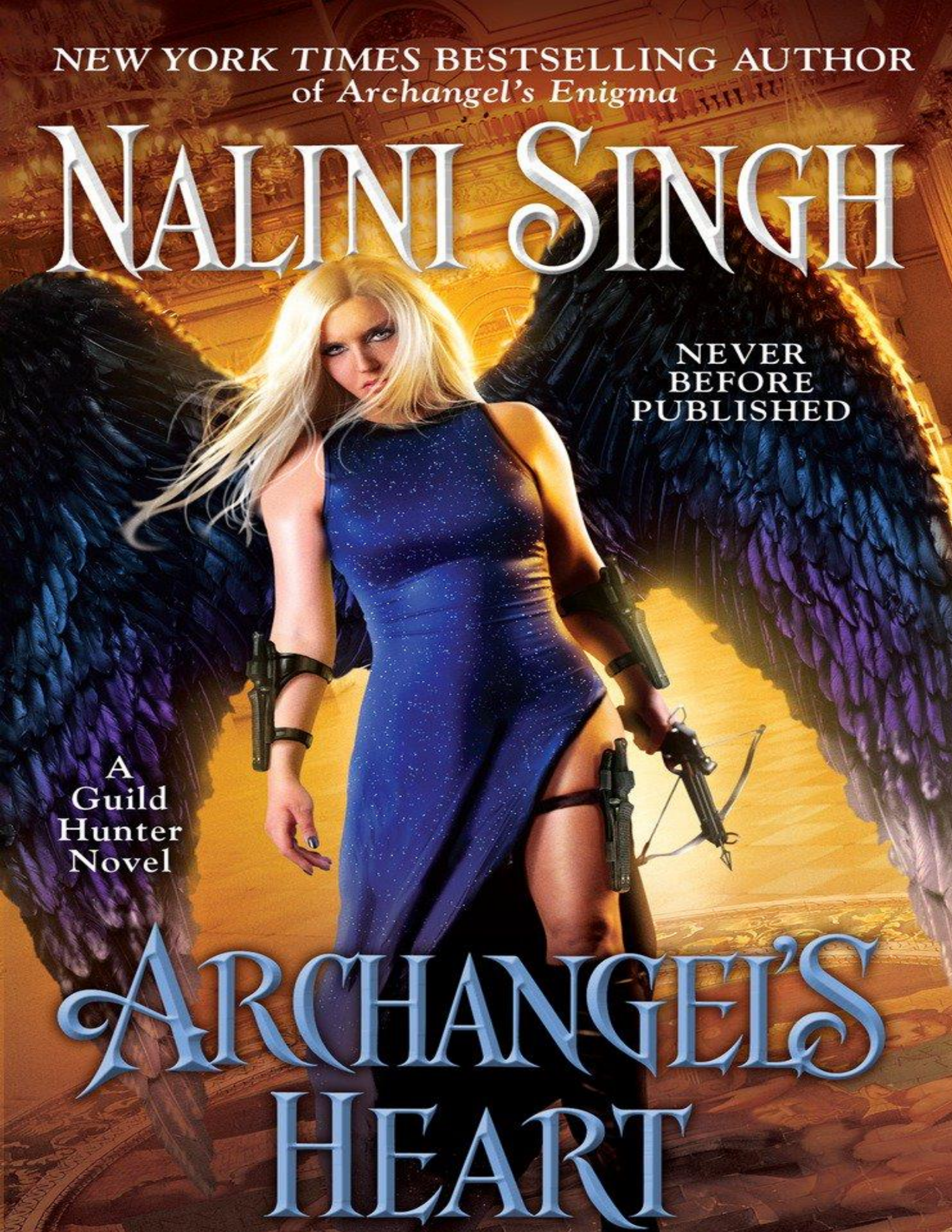
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
of *Archangel's Enigma*

NALINI SINGH

NEVER
BEFORE
PUBLISHED

A
Guild
Hunter
Novel

ARCHANGEL'S HEART





Archangel's Heart

Nalini Singh

Uma das mais cruéis Arcanjos do mundo desapareceu. Ninguém sabe se Lijuan está morta ou escolheu dormir o sono de um imortal. Mas com suas terras caindo no caos sob uma maré crescente de sede de sangue vampírica, uma misteriosa e antiga ordem de anjos conhecida como Luminata convoca todo o Cadre para discutir o destino de seu território.

Acompanhando seu amante arcangélico, Raphael, ao composto dos Luminata, a Caçadora da Sociedade transformada em Anjo, Elena, sente que nada é como parece. Os segredos ecoam dentro das paredes de pedra do composto, e quanto mais profundo Elena vai, mais feia é a escuridão. Mas nem Raphael nem Elena estão prontos para as verdades brutais escondidas dentro de verdades que mudarão tudo. Elena acha que sabe quem ela é...

Nada jamais será o mesmo novamente.

. Tradução e Revisão



AFTER DARK



ANJOS
CAÍDOS



Escondida

Ela estava cansada.

Não velha em questão de anos. Só cansada. Enquanto sua vocação a chamava tão poderosamente como sempre o fizera, a realidade era uma carga de trabalho implacável que oferecia pouco tempo para a vida de estudo e reflexão que ela desejava.

Mas esta era a vida que o Senhor desejava para ela e assim esta era a vida que ela viveria.

O desgastado tecido preto de seu hábito escovou o assoalho de madeira enquanto ela andava pelo corredor, verificando os bancos por itens deixados para trás pelos fiéis. O padre Pierre estava ficando velho em anos, embora sempre se oferecesse para fechar a igreja, Constance era quem fazia isso todas as noites. Pelo menos, ela não tinha que lidar com os sem-teto. Sua amiga mais próxima na ordem,

Maria, que estava numa casa de culto em uma parte mais abandonada da cidade, muitas vezes tinha que empurrar para fora os infelizes.

Isso a fazia questionar sua fé diariamente.

— Não deveríamos providenciar santuário, irmã Constance? — Perguntava ela quando se reuniam na casa simples da ordem para a refeição do jantar. — E ainda tenho que expulsá-los para o escuro e para o frio porque, do contrário, eles contaminam a igreja. Por que, outro dia, eu encontrei um vampiro alimentando-se de um jovem drogado bem ali fora, ao ar livre.

Constance não tinha respostas para Maria, mas se ofereceu para assumir o comando da igreja no ano seguinte, para ajudar a equilibrar a carga. Porque todos deviam cumprir o seu dever.

Ah, parecia que alguém tinha deixado um casaco.

Certamente voltariam por ele, pensou enquanto se movia para o banco.

Então o casaco se moveu. Coração batendo, ela parou... e percebeu que enquanto o tecido azul pálido *era* de um casaco, aquele casaco estava em uma pessoa. Uma pessoa pequena. Uma criança.

Perto o suficiente agora para ver o rosto de pele dourada da criança pacificamente dormindo e os cabelos macios tão pálidos que eram quase brancos, ela olhou para baixo e viu a criança vestindo um suave vestido rosa florido. As meias em suas pequenas pernas eram brancas com borboletas azuis ao longo dos lados, seus sapatos um preto brilhante.

Esta era uma criança amada, que foi vestida com cuidado.

Um pequeno saco estava ao lado dela, impresso com a imagem de uma princesa do livro de histórias.

Constance sussurrou uma oração e olhou ao redor, no caso de ela ter de alguma forma perdido um dos fiéis, mas não, ela estava sozinha na igreja, exceto por esta linda criança, que não poderia ter mais de cinco anos de idade. Não sabendo o que fazer, mas consciente de que não podia deixar a criança dormir na madeira dura do banco, inclinou-se para erguê-la em seus braços.

A criança acordou.

— *Maman?*

Era uma palavra esperançosa, mas o lábio inferior da menina tremia.

Constance respondeu na mesma língua. Não era dela própria, mas ela tinha vivido por muitos anos nesta terra com áreas de padarias e pessoas elegantemente vestidas e caminhos ocultos na escuridão.

— Sua mãe ainda não chegou. — Ela estendeu a mão. — Venha, vamos tomar chocolate quente e biscoitos enquanto esperamos por ela.

— Tenho brinquedos — disse a criança, pegando a bolsa da princesa antes de enfiar a pequena mão na de Constance com a doce confiança de um ser que nunca foi ferido, que só conhecia o amor. Enquanto caminhava com a criança para o quarto dos fundos, onde ela e o padre Pierre cuidavam da papelada na parte da tarde, ela avistou um envelope branco no bolso do casaco.

Ela não o alcançou até que sua pequena convidada tivesse tirado o casaco e estivesse alegremente comendo um biscoito, Constance tendo lhe feito um chocolate quente numa caneca lascada, mas muito vermelha, que ela achava que uma criança gostaria.

O envelope provou ser do tamanho de uma fotografia. Isso era o que estava dentro dele, juntamente com uma carta escrita em uma bela caligrafia:

Para a irmã e o padre que cuidam desta igreja - vocês não me conhecem, mas foram tão gentis comigo quando cheguei a esta terra distante que não era minha casa, mas que se tornou meu santuário.

Eu sei que suas almas estão cheias de luz.

Por favor, vigiem minha Marguerite e guardem esta fotografia de nós juntas para ela. Vou voltar para ela dentro de uma semana. Ela é a batida do meu coração. Se eu não voltar... Então estou morta e Marguerite será uma órfã. Chame-a assim se o pior acontecer, mas por favor, por favor, nunca diga que ela foi abandonada. Nunca a deixe acreditar em nada além de que ela era o meu maior tesouro.

A única razão pela qual eu não voltaria para ela é se não houver vida deixada em meu corpo. Mesmo assim, vocês nunca devem permitir que ela suspeite e procure a verdade — nesse caminho só reside horror e morte. Eu gostaria de ter meu bebê vivendo sua vida livre da sombra do medo.

Digam a ela que a amo.

A criança olhou para Constance com olhos de um cinza prateado, uma mancha de chocolate na borda de seus lábios.

— Será que *Maman* estará aqui em breve?

Constance engoliu, tocou os dedos trêmulos naquele cabelo tão delicadamente bonito.

— Sua mãe a ama muito.

E a criança sorriu, como se isso fosse um simples fato da vida.



Capítulo 01

Dois anos se passaram.

Dois anos desde que Alexander acordou.

Dois anos desde o último avistamento confirmado de Zhou Lijuan.

Dois anos desde que Illium ameaçou se queimar numa explosão catastrófica de poder.

Dois anos enquanto a Cascata parecia dar uma pausa.

Elena estava fudidamente esperando pela próxima perturbação.

— Vamos lá — ela murmurou para o céu, Manhattan, um bairro de brinquedo a centenas de metros abaixo da borda da varanda da Torre, onde ela estava.

— Falando com seus antepassados, minha Elena? — A voz veio por trás dela, familiar e imbuída com um poder tão violentamente profundo que o mero som dele gerava medo nos corações de mortais e imortais igualmente.

Isso fazia o coração de Elena doer, o amor que sentia por seu Arcanjo uma coisa dolorosa e aterrorizante nesses tempos de incerteza. Se ela o perdesse... Não, não podia pensar assim. Mesmo que aquela maldita próxima perturbação ainda estivesse sorrindo para ela, apenas esperando para cair em cima de sua cabeça quando ela menos esperasse.

— Seja quem for ou o que for que controle a Cascata, é com quem estou falando. — Ela se inclinou de novo para Raphael. A posição prendia suas asas no meio, mas com Raphael, poderia ser vulnerável, poderia estar desarmada, e ainda estar segura. Não que ela não estivesse armada até os dentes, mas isso era hábito e nada disso jamais se voltaria contra Raphael, exceto quando eles praticavam - ou quando ele apertava seus limites um pouco demais.

Seu Arcanjo não tinha entendido o fato de que ele não era senhor e mestre sobre sua consorte. Ele tentou, mas mil e quinhentos anos de poder tinham uma maneira de mexer com suas tentativas de ver sua amante uma vez mortal como uma igual quando se tratava de seu relacionamento pessoal.

Elena dava-lhe alguma folga de vez em quando. "Alguma" era uma palavra operativa.

Hoje, ele envolveu seus braços por trás de seus ombros, sua mandíbula escovando seus cabelos enquanto os dois olhavam para fora da cidade, de seu ponto de vista na forma nuvem-perfurante da Torre do Arcanjo. Nova York. Impetuosa, confusa, barulhenta, cheia de cor, energia e vida. *Tanta* vida. Elena podia ouvir isso nas ruas movimentadas distantes, bem abaixo, sentir isso com cada batida de seu coração, provar isso na miríade de cheiros que se chocavam e lutavam e ainda assim estavam em paz.

Seu sangue zumbia com a consciência disso.

— Tenho notícias — murmurou Raphael. — Pode injetar um pouco de excitação em sua vida atualmente mundana.

Elena bufou.

— Eu não preciso de mais excitação. Só preciso que a maldita Cascata saia da pausa para que possamos terminar isso de vez. — Sua mão se contorceu para ir à leve besta amarrada em sua coxa.

Infelizmente, ela não tinha ninguém nem nada para atirar no momento.

A risada de Raphael vibrou contra ela.

— Parece um pouco tensa, Consorte.

Elena o teria acotovelado se suas asas não estivessem no caminho.

— Por que está de bom humor? — Os dois últimos anos haviam sido tão tensos para ele quanto para ela. Todos os Arcanjos haviam permanecido dentro das fronteiras de seus próprios territórios - exceto por algumas viagens secretas aqui e ali - em preparação para uma nova loucura da Cascata.

Todavia o imprevisível fenômeno mundial que causou perigosas flutuações de poder nos Arcanjos, bem como alguns anjos, juntamente com o tumulto em toda a terra em forma de tempestades, terremotos e inundações, parecia ter decidido que estava terminado. Mas é claro que todos sabiam que não estava. Não por um longo tempo. Até mesmo Elena podia sentir o estrondoso presságio no ar, apenas ali, esperando para se libertar.

— Meu bom humor é porque algo finalmente quebrou o impasse dos últimos dois anos.

— Não vou gostar disso, vou? — Elena disse sombriamente.

— Uma mente tão desconfiada.

— Sim. Isso me mantém viva. — Ela observou um anjo com asas de um assombroso e assustador azul com prata se erguendo sobre um arranha-céu ao longe, a força física de Illium voltando ao que deveria ser para sua idade e desenvolvimento. Não houve outros picos violentos e possivelmente mortais que ameaçassem rasgar seu corpo de dentro para fora.

Ainda melhor, ele estava rindo novamente, era mais uma vez o anjo brincalhão que se tornou seu primeiro amigo neste mundo imortal.

— Bluebell está prestes a fazer um mergulho, — ela previu a partir do caminho que Illium estava subindo no céu cristalino.

E então, ele estava girando e caindo, uma bala cujo riso ela quase podia ouvir.

— Aposto que está planejando ir baixo o suficiente para assustar os pedestres. — Os nova-iorquinos estavam acostumados com os anjos em sua cidade, viravam o nariz para os turistas que engasgavam olhando para o céu, mas acrobacias

angélicas ainda podia fazê-los saltar. Especialmente, acrobacias feitas por um anjo tão acelerado e tão rápido para manobrar como Illium.

— Não é uma aposta — respondeu Raphael. — Ele tem pregado tantos truques desde que o conheço.

E Raphael, pensou Elena, conhecia Illium desde que o outro anjo era uma criança.

Ela estendeu a mão para fechar as mãos sobre os braços que ele envolvera ao redor dela. Illium significava muito para seu Arcanjo; essa era uma verdade que a maioria das pessoas não compreendia. Todos os Sete de Raphael significavam muito mais do que simplesmente as posições que preenchiam em sua Torre ou em sua fortaleza no Refúgio.

Eles não eram apenas seus guerreiros mais confiáveis - os Sete eram família.

Esfregando a mandíbula contra sua têmpora numa resposta silenciosa ao seu toque, ele disse:

— Estamos prestes a deixar Nova York.

Elena piscou; não poderia ficar mais surpresa se ele tivesse dito a ela que queria que se despisse e ficasse lá e começasse a cantar para deuses invisíveis do céu.

— O que aconteceu com o fechar as escotilhas e esperar por um ataque? Todos os nossos inimigos ainda estão lá fora.

— O Cadre foi chamado para se encontrar.

Esfregando o rosto, Elena se virou e deu um passo atrás para poder enfrentar Raphael, suas asas um peso familiar nas costas e o vento puxando levemente suas penas como se estendendo um convite para fugir. A beleza masculina quase cruel de seu rosto a atingiu forte, como às vezes fazia quando ela olhava para ele depois de olhar para longe. Todas as linhas limpas e pele escovada com o ouro mais fino, ele tinha olhos tão azuis que não tinham igual nesta terra, seu cabelo um preto além da meia-noite e seus lábios formados com uma sensualidade que sugeria paixão e poder, asas de ouro branco arqueando sobre seus ombros.

Ele já era magnífico, mas a marca da Legião em sua têmpora direita - o violento, vívido azul e o fogo branco escondido, moldado como a manifestação

primitiva de um dragão - adicionava uma selvageria à sua beleza que o fazia além de belo, além de magnífico. Ele era Raphael, Arcanjo de Nova York, e o homem que ela amava tanto, que às vezes não conseguia respirar pela força disso.

E ele a amava.

Essa verdade, ela nunca poderia duvidar, não importasse, se às vezes, ele cruzasse linhas em seu relacionamento que a fizesse o ameaçar com uma lâmina. Mesmo se a Cascata bagunçasse com tudo mais, esta coisa ninguém e nada poderia nunca mudar.

Levantando a mão, ele segurou sua bochecha, roçou a almofada de seu polegar sobre sua maçã do rosto.

— Seus olhos estão ainda mais luminosos hoje.

Elena franziu o cenho.

— Não quero olhos luminosos — disse ela. — Quero olhos cinzentos normais que me deixem misturar, não olhos prateados que tornam óbvio que sou uma imortal.

Os lábios de Rafael curvaram-se.

— Uma pena sobre as asas, então.

— Ha ha. — Colocando as mãos nos quadris, ela virou a cabeça para pressionar um beijo na palma da mão dele antes de encará-lo novamente. — Qual dos Arcanjos convocou a reunião? — Isso diria a ela quais os que provavelmente iriam - e quais estariam salivando com a oportunidade de atacar outros territórios enquanto os Arcanjos a quem esses territórios pertenciam estavam ocupados em outro lugar.

— Nenhum.

A única palavra caiu como um tiro entre eles.

Sacudindo a cabeça, Elena estendeu a mão para recolher uma mecha de cabelo que tinha chicoteado em seu rosto. Ela havia deixado as mechas brancas livres hoje, desde que não estava numa caçada e planejava ficar perto da Torre e do arranha-céu da Legião.

— Sei que só sou uma imortal há um zilhão de segundos, de acordo com o tempo angélico, — ela disse secamente, — mas tenho certeza que não há ninguém

mais poderoso do que um Arcanjo. A menos que seja uma daquelas criaturas Ancestrais que Naasir me contou. — Ela tinha acreditado que esses seres de contos de dormir eram mitos, mas talvez não.

— Não há ninguém mais poderoso que o Cadre, — confirmou Raphael. — No entanto, numa situação e *apenas* uma situação, um outro grupo pode chamar o Cadre para uma reunião. A presença é obrigatória, qualquer pessoa que não se apresentar pode ter seu território dividido entre o poder de todos da raça angelical que estão atrás daqueles a quem são dadas as peças resultantes.

Elena assobiou.

— Parece um convite à guerra. — Especialmente porque a raça angelical não estava exatamente unida agora.

— Sim, é por isso que ninguém recusa um convite. Não vale a pena o agravamento quando todas as ameaças possíveis estarão na reunião com você. — Raphael acenou com a cabeça atrás dela. — Aodhan está se esquivando das flechas das bestas.

Girando sobre seu calcanhar, Elena avistou o anjo que parecia criado de pedaços de luz, mil raios de sol queimando os filamentos de suas asas, os fios brilhantes de seus cabelos; ele estava se movendo a sua maneira e isso, enquanto um esquadrão inteiro atirava nele. Os membros da esquadra usavam óculos de sol adaptados num esforço para acompanhar a chama penetrante dele no céu.

Aodhan, enquanto isso caía e esquivava-se com habilidade estranha.

— E o prêmio para o mais entediado vai...

Raphael avançou para ficar ao lado dela, sua asa deslizando sobre a dela própria.

— Ele está apenas mantendo a forma para a batalha que está por vir.

Infelizmente, isso era verdade. A batalha *viria* e a próxima perturbação aconteceria.

— Esse grupo que tem o poder de forçar o Cadre a se encontrar, como é chamado?

— Os membros se chamam Luminata. Eles são uma seita espiritual, não religiosa no sentido humano. — Fez uma pausa, como se pensasse nas palavras

certas para descrevê-los. — O análogo mortal mais próximo é provavelmente a busca budista pela iluminação. Os Luminata procuram compreender-se individualmente e os tipos anjos como um todo; sua tarefa auto-imposta é descobrir quem e o que somos no esquema maior do universo, e aceitar qualquer resposta que venha. Eles chamam isso de busca por luminescência.

Espalhando suas asas, dobrou-as de volta num susurro de som que nunca associaria com qualquer um, exceto seu Arcanjo.

— Muitos mortais acreditam em deuses, mas quando a morte é apenas um vislumbre fraco em um horizonte distante que nunca pode ser violada, tais crenças se desvanecem em confusão. Os Luminata tentam encontrar luminescência no agora, ao invés de esperá-la do outro lado daquele horizonte distante.

— Encontrei um homem santo uma vez durante uma caçada na Índia, — Elena se viu dizendo. — Ele vivia como um eremita, não tinha nada em seu nome, exceto as roupas em suas costas, mas seus olhos... tal paz, Raphael. Acho que ele é o ser mais pacífico que já conheci. Mesmo Keir não tem tal poço de paz dentro dele. — E o curador angélico reverenciado tinha vivido milhares de anos.

— Pelo que sei, é isso que os Luminata procuram. — Raphael continuou a observar os movimentos de Aodhan no céu à sua frente. — Uma pureza de alma que os deixa sem perguntas ou preocupações terrenas.

— Eles tiveram algum sucesso em sua busca?

— Os únicos Luminatas que eu já conheci foram aqueles que foram convidados a deixar a seita, e os que foram uma vez noviciados - esses afastaram-se da vida após uma pequena tentativa. Portanto, não tenho nenhuma base para julgar a luminescência daqueles que seguem o caminho.

Elena levantou uma sobrancelha, mas manteve-se em silêncio, interessada nesta seita que poderia convocar um Cadre de Arcanjos, para mandar.

— Em algum momento do nosso passado — disse Raphael — um ponto tão distante que ninguém se lembra...

— Você perguntou à Legião? Suas lembranças do passado estão desaparecendo, mas não estão totalmente desaparecidas.

— Eu o fiz. — Os olhos de Rafael foram para um arranha-céu nas proximidades, que tinha uma forma diferente de qualquer outro na cidade, e que estava coberto de verde fresco de seres vivos, um edifício que foi concebido para ser uma coisa viva. Pois a Legião era da terra e na terra, em crescimento, que eles prosperaram. — Mas essas lembranças, se existiram, desapareceram. A Legião conhece os Luminata apenas de tempos mais recentes.

"Recente" é um termo relativo, pensou Elena.

— Então, há muito tempo em uma terra muito, muito distante, os Luminata... — perguntou ela.

O riso de Raphael era uma carícia de ondas de beijos de sol sobre seus sentidos, o poder dele sem ameaça, exceto uma promessa.

— Eu me pergunto o que a seita fará de você, Elena. — O amor a cercou, tão profundo que ela sentiu isto em seus ossos. — Como você disse, há muito tempo, os Luminata foram encarregados de uma determinada tarefa. Esta tarefa lhes foi dada porque isso era - e é - acreditado que são o único grupo que pode ser confiável para ser imparcial com isso.

Ele levantou uma mão para acariciá-la sobre o arco de sua asa, o toque íntimo entre os amantes, enquanto, não longe, Aodhan tomou uma flecha da besta na coxa. Puxando-a para fora, ele jogou de volta e manteve esquivando-se. *Sim, pensou Elena, ele pode estar treinando para ficar em forma, mas ele também estava entediado. Assim estava Illium, se os gritos flutuando acima das ruas da cidade eram qualquer indicação.*

Ele tinha, claramente, mantido o bombardeio de mergulho.

— Eu acho — disse Raphael, — que devo dizer ao seu Bluebell para parar de assustar nossos cidadãos.

Illium apareceu à vista alguns segundos depois, um sorriso em seu rosto quase tão bonito que Elena podia ver daqui. Mergulhando as asas em direção à torre em reconhecimento da ordem de Raphael, ele se juntou à Aodhan no jogo "esquivar das flechas".

Uma flecha ficou loucamente desgovernada quase no mesmo instante, indo direto para Elena.

Pegando-a do ar com uma única mão, Raphael passou para ela.

— De quem quer que isso seja, precisa de mais treinamento.

Elena reconheceu as marcações na flecha e sorriu.

— Izzy. — O jovem anjo ainda era um bebê em termos angélicos. — Você tem que admitir, ele é brilhante para sua idade.

— Galen não o teria recomendado para aprendiz da Torre de outra maneira, — disse Raphael antes de continuar a falar sobre os Luminata. — Por força de sua busca espiritual, os Luminata não têm vínculos terrenos e nenhuma lealdade além de sua busca pela luminescência. Eles não tomam amantes, não participam de guerras, e quando se tornam Luminatas, rompem todos os laços de sangue.

— Um perfeito corpo neutro.

— Sim. Tal neutralidade é uma necessidade porque a tarefa com a qual eles são confiados é convocar uma reunião do Cadre se um certo espaço de tempo passar sem o avistamento de um Arcanjo.

Elena assentiu lentamente.

— Uma espécie de medida de segurança. — Fazia sentido, dado o impressionante impacto que os Arcanjos tinham sobre o mundo. — Embora — disse ela franzindo as sobrancelhas — dois anos não são tão longos em termos imortais.

— O período de tempo que deve passar antes de uma reunião ser convocada nunca foi especificado, — disse Raphael, seus olhos em Aodhan, mesmo ele falando com ela. — Como resultado, em algum momento - e ponderando todos os conhecimentos disponíveis sobre a situação, os Luminatas devem fazer um julgamento. — Tirando a flecha da besta dela, ele a jogou com força arcangélica. Aodhan mal a evitou antes que a flecha caísse vítima da gravidade, para ser interceptada pelo esquadrão encarregado de certificar-se de que nenhuma caísse para espetar os mortais abaixo.

O esquadrão foi inteligente o suficiente para montar redes para pegar os projéteis gastos.

— O objetivo da reunião — disse Raphael enquanto Aodhan e Illium começavam a esquivar-se em conjunto — é determinar se o Arcanjo desaparecido

está morto ou entrou no sono. Se assim for, o território do Arcanjo deve ser dividido, as fronteiras arcangélicas serão redesenhadas.

Elena agora entendeu por que Raphael nunca encontrou um Luminata praticante. Após a morte de Uram, o Cadre aparentemente se reuniu dentro de meses para dividir seu território. Mesmo quando Alexander foi dormir e seu filho tentou dominar o território escondendo a retirada de seu pai do mundo, ela tinha aprendido que o Cadre tinha corrigido a situação dentro de um período de tempo relativamente curto.

No entanto, fazia dois anos que Zhou Lijuan, Arcanjo da China e Deusa da Morte, desaparecera de vista.



Capítulo 02

— Nós todos sabemos que a Sra. Horripilante não está morta. — Os lábios de Elena se curvaram com o pensamento da Arcanjo que havia procurado fazer chover a morte em Nova York, e cujos renascidos eram trêmulas zombarias da vida. — Isso seria muito fácil.

— De qualquer maneira, algo deve ser feito. — O rosto de Raphael era todo linhas brutalmente perfeitas, sua expressão, a de um ser que era um dos mais poderosos no mundo. — Xi está mantendo o território de Lijuan sob controle, os vampiros sob controle, mas apesar de toda sua força, ele não é um Arcanjo. A China está começando a se debilitar.

Elena não tinha necessidade de perguntar a ele como sabia... Jason era o melhor mestre de espionagem no Cadre e chamava Raphael de Sire.

— Você está preocupado com a sede de sangue? — Poderosos vampiros como o segundo de Raphael, Dmitri, tinham controle de ferro sobre seu desejo de se

alimentar, mas os vampiros mais novos e mais jovens? O controle era um fio extremamente fino, mantido no lugar pelo medo dos Arcanjos.

A mãe de Elena e duas irmãs mais velhas estavam mortas porque um vampiro quebrou a coleira e se transformou num monstro feroz.

Belle nunca mais jogaria uma bola de beisebol por causa de Slater Patalis. Ari nunca mais iria repreender, então beijar Elena quando ela corresse tão rápido que caísse e ensanguentasse seu joelho.

E Marguerite Deveraux nunca mais riria com seu marido.

Um marido que morreu no dia que Marguerite tirou sua vida e que agora era um homem que Elena mal reconhecia. Talvez Jeffrey estivesse andando e respirando, talvez tivesse outra bela e inteligente esposa, mas já não era o homem que Marguerite conhecera, e não mais o pai que Elena tinha amado antes de tudo dar tão horivelmente errado. As duas meias-irmãs mais novas de Elena conheciam um pai severo, sorridente e distante enquanto Elena conheceu um pai que uma vez tinha soprado bolhas de sabão com ela por uma hora só porque isso a fazia feliz.

Eu vejo lembranças em seus olhos, Elena.

A voz de Raphael era o estrondo do mar, a mordida nítida do vento em sua mente.

Elas são parte de mim.

Ela tinha aceitado isso, não lutava mais com elas quando vinham à tona. E, em troca, os pesadelos eram cada vez menores. Algumas noites, ainda ouvia o sangue pingar no chão, ainda sentia o terror agarrá-la num punho fechado até que acordasse suada com seu coração um tambor doloroso em seu peito, mas outras noites, sonhava em correr pela casa para se esconder atrás de sua mãe depois que Belle a encontrou em seu quarto.

— Eu era uma irmãzinha malcriada às vezes, — ela disse ao homem que era sua eternidade. — Só, queria tanto ser como minhas irmãs que eu entrava furtivamente em seus quartos e tentava usar seus sapatos, suas roupas, mesmo se não coubessem.

Raphael tocou o dorso de sua mão em sua bochecha.

— Tal é o caminho dos irmãos mais novos em todos os lugares, não é?

— Sim, eu acho. — Ela levantou os lábios, embora a tristeza fosse um martelo de ferro em sua alma. — Belle era tão irritada. Me ameaçava com todo tipo de coisas... Então, pegava minha mão e me levava para seu quarto e fazia minhas unhas ou escovava meu cabelo. — Sua irmã mais velha tinha possuído um coração nobremente generoso sob o temperamento. — Eu não incomodava tanto Ariel — acrescentou Elena. — Ela era mais calma, quieta, mas tinha esse senso de humor travesso que apenas as pessoas que realmente a conheciam viam. — Memórias cascadearam por ela, de Ari ajudando a pregar peças, de sentar perto do calor de sua irmã enquanto ela lia uma história em voz alta, da turquesa deslumbrante dos olhos de Ari.

O sorriso se aprofundando enquanto o vento ondulava através de seu cabelo, ela respirou fundo, soltou-o.

— Gostaria de poder falar com Jeffrey, às vezes — admitiu ela. — Ele tem tantas memórias, coisas que Beth não tinha idade suficiente para se lembrar. — Sua irmã mais nova tinha apenas cinco anos quando Slater Patalis assassinou Belle e Ari e feriu mortalmente a alma de Marguerite.

Ele a torturou também, mas foi estar impotente enquanto suas filhas eram brutalizadas que tinha quebrado a mãe de Elena.

— Seria bom apenas sentar e falar sobre nossa família. — Em vez disso, tudo que tinham entre eles eram quebrados cacos de dor, culpa e perda.

O azul dos olhos de Raphael se tornou perigoso.

— Ele não merece o título de pai.

— Ah, mas não escolhemos nossos pais, não é, Arcanjo? — Se alguém entendia as complexas emoções que a ligavam ao pai, era Raphael. Sua própria mãe se tornou louca, assassinando milhares, ressurgiu um milênio depois, aparentemente sã - e cheia de amor pela criança que uma vez deixou quebrada e sangrando num remoto campo distante de qualquer civilização.

— Não. — Admitiu Raphael. — E prometi não matar Jeffrey, então vamos falar sobre outra coisa antes que eu esqueça meu voto.

— Justo, — às vezes, pensar em seu pai era suficiente para transformar Elena em homicida, também. — Voltando à Lijuan, se ela morreu ou não, importa menos do que ela desaparecendo da vista?

Um curto aceno de cabeça.

— Sede de sangue já começou a aumentar, embora apenas em trechos isolados. De acordo com o relatório enviado por Jason há uma hora, uma pequena horda de vampiros massacrou uma vila inteira quatro dias depois.

A coluna de Elena ficou rígida.

— Xi tem a horda sob controle? — O anjo era o general mais confiável de Lijuan e poderoso em seu próprio direito, embora ele não fosse tão poderoso por conta própria como era quando Lijuan estava alimentando-o de energia. — Merda. Isso é Xi exibindo sinais de ter cortado a ligação com Lijuan?

— Jason não foi capaz de confirmar de qualquer forma, mas Xi eliminou a horda muito rapidamente. — O tom de Rafael esfriou. — Ele não pode continuar controlando isso, no entanto. Ninguém que não seja do Cadre pode. E esses incidentes são apenas o começo, deixe isso sem controle e os vampiros vão espalhar uma infestação de sangue vermelho por toda a China. — Sua voz era tão fria que ela se encontrou correndo sua mão firmemente abaixo da borda de sua asa num silencioso lembrete que ele não era apenas um Arcanjo, distante e letal; ele era seu amante, o homem que possuía seu coração e que pertencia a ela.

A expressão de Raphael não mudou, sua voz ainda fria, mas ele moveu sua asa para que ela pudesse acariciar mais.

— Se Lijuan ressurgir novamente, novas decisões serão tomadas, mas por enquanto, temos que trabalhar na suposição de que ela sobrecarregou suas novas habilidades ao ponto que causou-se danos significativos. — Ele balançou a cabeça em saudação a uma esquadra de passagem. — Não acredito na morte dela mais do que você, mas acho que ela pode ter escolhido Dormir.

E quando um anjo escolhe Dormir, pode ser por séculos ou milênios antes que acorde. Caliane dormiu por mais de mil anos, e isso foi apenas uma gota no oceano.

— Acho que é melhor ir para o Refúgio então. — As palavras anteriores de Raphael haviam deixado isso claro, ele não estaria pedindo a ela para ficar em Nova York, como pediu mais de uma vez antes.

No início, ela lutou contra a restrição, frustrantemente consciente de que ele queria que ela ficasse segura dentro das fronteiras de seu território em vez do perigo ao seu lado. Mais tarde, veio a entender que, em determinados momentos, Raphael necessitaria que sua consorte fosse visível no coração de seu território, enquanto ele saía. Isso se enraizava nas pessoas, porque qual Arcanjo deixaria sua consorte atrás onde nuvens de tempestade da guerra reuniam-se no horizonte?

— Vai ser bom ver Jessamy e Galen de novo, — disse ela. — Naasir e Andi, também. — Venom também ainda estava no Refúgio, mas Elena não conhecia o vampiro de olhos de serpente, assim como fazia com os outros.

A resposta de Raphael foi inesperada.

— Temo que teremos que esperar para ver nosso povo no Refúgio. Esta reunião será realizada em terreno neutro, sem acesso a quaisquer redutos ou exércitos. Cada Arcanjo pode levar sua consorte, se tiver uma e mais um outro.

Elena sentiu como se estivesse correndo para alcançá-lo.

— Não sabia que *tinha* qualquer outro campo neutro. — O mundo estava bem delineado em áreas de controle arcangélico. O Refúgio estava separado.

— Há algumas raras pequenas áreas, — Raphael disse a ela. — Meros acres em cada caso. Nesta circunstância particular, é a terra que foi entregue aos Luminata há tanto tempo que ninguém sabe o nome das pessoas do Cadre que fez o decreto.

— Onde?

— Lumia, a fortaleza Luminata, está na terra em que sua avó chamava de casa.

— Marrocos? — Deleite preencheu sua corrente sanguínea. — Eu amo o Marrocos! — Embora não tivesse vínculos lá, passou pelo país durante seus dias como caçadora, sentia a sincronização da pulsação do coração do país com seu próprio, como se o sangue dela reconhecesse a quente e desértica terra preenchida com uma gritante beleza dourada.

— A partir do secreto vôo que fiz quando era jovem, — Raphael disse a ela com um sorriso, — Lumia está localizada numa ascensão montanhosa, uma fortaleza elegante que tem resistido por eras. Não há estradas para quebrar o deserto que a rodeia... para visitar Lumia, deve-se ter asas ou enfrentar uma caminhada dura, feita não menos difícil pelos altos muros sobre as bordas de sua terra.

Elena estava prestes a pedir-lhe para contar mais quando seu cérebro finalmente clicou.

— Espere, — disse ela com uma carranca, colocando as mãos nos quadris novamente. — Sim, as pessoas não podem levar exércitos, mas Charisemnon estará mais perto que qualquer outra pessoa. — O causador da doença e covarde bastardo responsável pelo horror da Queda, um evento que fez anjos de Nova York despencarem para a terra numa agonia de medo, sofrimento e morte, era o Arcanjo da África do Norte.

— Infelizmente, sim. — A própria raiva de Raphael estava gelada no ar. — Mas Titus, sem dúvida, colocará seu exército em massa na fronteira de Charisemnon quando sair para a reunião, forçando Charisemnon a fazer o mesmo ou deixar sua fronteira aberta a Titus.

— Sempre soube que eu gostava de Titus. — Elena mostrou os dentes. — Quando partimos?

— A menos que um do Cadre se recuse a participar, vamos de madrugada.

Estavam implícita as palavras que se alguém dissesse não, poderia pôr em marcha uma cadeia de violência imortal que acabaria num mundo devastado. Porque quando Arcanjos lutavam, pessoas morriam e cidades caíam.

* * *

Duas horas mais tarde, na biblioteca da casa no Enclave de Elena e Raphael, o perigo não era mais uma preocupação. De acordo com Jessamy, que estava em contato com os Luminata em seu papel como Historiadora angélica, cada Arcanjo tinha respondido ao convite para a reunião.

— Exceto Lijuan, é claro, — Jessamy corrigiu, o rosto de ossos finos da outra mulher apareceu numa tela colocada numa das paredes da biblioteca.

O sangue de Elena começou a bombear um pouco mais rápido.

— Isso decide tudo, então estaremos no avião amanhã de manhã.

Raphael já havia dito ao seu piloto para ficar em modo de espera.

Se ele estivesse indo sozinho, teria provavelmente voado, mas Elena não era suficientemente forte ou rápida o bastante para fazer isso através de uma distância tão longa. Ela estava chegando lá, poderia agora conseguir uma decolagem vertical nove em cada dez vezes, embora isso sempre lhe custava. Seu corpo simplesmente não era "velho" o suficiente em termos imortais, não cresceu em força muscular necessária. Então, quando ela forçava uma decolagem vertical, fazia isso sabendo que teria um tempo mais curto no ar e poderia romper um tendão e ficar imobilizada até que curasse.

Na maioria dos casos fazia mais sentido ela subir em algum lugar e pular de lá, mas pelo menos não ficaria presa no chão se não pudesse encontrar um ponto de lançamento acessível. E uma vez no ar, ela tinha muito mais resistência do que quando acordou a primeira vez com asas. Apesar de que isso não dizia muito, desde que ela tinha sido tão graciosa como um pintinho acordando.

— Houve alguma palavra da corte do Lijuan em tudo?

A historiadora e amiga de Elena assentiu com a pergunta de Raphael, seus traços iluminados pela luz dourada delicada lançada pela lâmpada de vidro soprado, à moda antiga em sua mesa, o Refúgio ainda estava envolto na profunda escuridão da manhã.

— Xi confirmou o recebimento do pedido do Luminata.

Se fosse qualquer outro homem ou mulher, Elena tinha a sensação de que o resto do Cadre já teria agido. No entanto, o general era tão completamente dedicado à sua "deusa" que ninguém tinha medo que fosse esquecer quem e o que era e ceder às ilusões de poder que simplesmente não possuía. Xi só queria segurar o território para Lijuan.

O pensamento da Arcanjo que se considerava evoluída para além até mesmo dos Antigos desencadeou outro pensamento. Olhando para Raphael, ela disse:

— Será que os Luminatas convidaram Alexander e Caliane também?

Alexander tinha rapidamente se tornado um membro ativo do Cadre, enquanto Caliane preferia manter seu pequeno território, mas ambos eram Antigos que nunca deveriam ter sido acordados, nunca deveriam estar no Cadre durante este tempo.

A Cascata, no entanto, tinha outras ideias.

— Sim, — respondeu Raphael.

— E, — Jessamy acrescentou, — desde que dizer não aos Luminata é inaceitável, ambos estarão presentes na reunião. — O belo marrom queimado de seus olhos brilharam com humor tranquilo. — Acho que Caliane pode ter algumas palavras para dizer para o Luminata.

Elena chamou a atenção.

— Um cara, no comando?

Um aceno da outra mulher.

— Os membros da seita têm nomes, mas o líder é referido como o Luminata como um gesto de respeito. Em discurso direto, os Arcanjos usam o nome de Luminata assim como você usa consorte.

— Porque um Arcanjo só irá se curvar até certo ponto, — Elena disse secamente.

Semelhante a uma Caçadora da Sociedade que eu conheço.

Sorrindo com o comentário mental, feito num tom muito "Arcanjo de Nova York", Elena se inclinou contra o lado de Rafael.

— Então, parece que vai ser um reencontro infeliz do Cadre. — Ela assobiou para as implicações disso. — Santo inferno. Michaela vai, também?

O aceno de Jessamy foi rápido, os olhos brilhantes.

— Isso deve ser interessante. — Ao contrário de Lijuan, a mais bela Arcanjo do mundo não fez um ato de desaparecimento, mas se tornou muito menos visível pelo período de um ano inteiro antes de voltar mais uma vez ao centro das atenções, embora ainda nem de longe ao nível que esteve antes do seu ano estranhamente recluso.

Porque Michaela amava a atenção e os meios de comunicação a amavam.

Dizer que Michaela era bonita era um eufemismo. Com a pele à sombra do melhor chocolate ao leite e asas de um bronze delicado, os cabelos numa cascata na altura da cintura de um castanho e dourado, e seus olhos de um verde hipnótico, era a definição de tirar o fôlego. Jogue isso num corpo que transformava mortais e imortais em escravos e não havia surpreendido Elena saber que Michaela foi a musa de artistas e imperadores por eras.

Os artistas estavam em sua maioria vivos, uma vez que Michaela gostava daqueles que prestavam homenagem à sua beleza, não, isso era maldoso. A verdade era que Michaela tinha uma reputação como padroeira generosa das artes. Mas os imperadores e outros homens poderosos que foram seus amantes, bem, eles estavam praticamente todos mortos como um ornamento. O penúltimo tinha morrido nas mãos de Raphael numa troca de Fogo de Anjo, acima de Nova York, que deixou Elena quebrada e no limite de sua própria morte.

Isso chateava Elena, que Michaela fosse parcialmente responsável por seu encontro com Raphael no início de tudo. Sem o estímulo venenoso da outra Arcanjo, seu amante nunca teria se transformado num pesadelo serial-killer louco. Aquele que tinha acabado por arrancar o coração de Michaela e substituí-lo por uma bola de fogo vermelha brilhante que podia muito bem ter sujado sua corrente sanguínea com um veneno nocivo.

— Nossa teoria de gravidez, — disse Elena para Jessamy, preocupada que o veneno, escondido dentro de Michaela, teria atingido uma criança no ventre da Arcanjo. — Ouviu alguma coisa para confirmar isso?

— Nada, — respondeu Jessamy, então mordeu o lábio inferior. — Não deveria fofocar, mas só queria saber. — Mudando sua atenção para Raphael, a outra mulher perguntou se Jason tinha descoberto algo.

— Não há nem mesmo um leve sussurro de uma criança angelical no território de Michaela. Embora isso não signifique nada, Michaela tem propriedades escondidas em vários locais difíceis de alcançar.

— Se há uma criança, espero que ele ou ela esteja segura e saudável. — Com essas palavras suaves, Jessamy finalizou a transmissão. — Acabei de ouvir Galen

pousar. Ele esteve fora por horas com o grupo atual de estagiários, quero ter certeza que receba algo quente.

Dizendo adeus ao anjo mais gentil que ela conhecia, Elena esperou até que a tela ficasse preta antes de sair da biblioteca e em direção à estufa, Raphael ao seu lado. Lambidos pelos ricos raios de sol do fim da tarde, o vidro brilhava em boas-vindas.

— Dahariel deve saber se Michaela deu à luz. — O segundo de Astaad já não era amante de Michaela, mas ele tinha sido no momento crítico.

— Não necessariamente. — A resposta de Raphael fez sua testa franzir. — É o Arcanjo quem toma todas as decisões quando o outro progenitor não é seu consorte oficial.

— Não é exatamente justo.

— Não, mas Arcanjos têm inimigos. — A voz de Raphael transformou-se em meia-noite, seus olhos escuros. — Dado o estado atual do mundo, não culpo Michaela se ela não confiar em ninguém com a segurança de seu filho, até mesmo no pai desta criança.

— Ele é um bastardo cruel, — Elena admitiu severamente, bem ciente da propensão de Dahariel para a tortura. — Não confiaria nele com meu bebê também, isso se eu tivesse um bebê. O que não será por muitas, muitas, muitas, *muitas* luas.

O ouro branco de suas asas brilhando na luz do sol, Raphael abriu a porta da estufa para ela.

— Seu corpo ainda não é forte o suficiente para suportar uma criança imortal. Em nossos termos, você é um bebê e eu estou saltando o berço.

Elena entrou no calor úmido de um de seus lugares favoritos na terra.

— Salte, Arcanjo. — Ela estava dolorosamente feliz que não pudesse fisicamente ter uma criança por décadas pelo menos, de acordo com Keir, estaria mais apta em cem anos. Terror a agarrava quando pensava em tentar manter uma criança segura, de proteger essa vida vulnerável do dano.

Se alguma vez tivesse que ver seus filhos se machucarem, alguma vez tivesse que enterrar um pequeno inocente que teria olhado para ela por amor e proteção...

Ela engoliu em seco.

Em momentos como este, entendia por que seu pai era da maneira como era; não só perdeu sua mãe para a violência, mas teve que enterrar duas filhas amadas e uma esposa igualmente amada. Isso matou algo vital nele. O que foi deixado não era suficiente para amar uma filha que caminhava para sua possível morte a cada vez que ia fazer seu trabalho. Ele estava bem com sua irmã mais nova, Beth, talvez não o pai que foi uma vez, mas não horrível, também.

Era somente com Elena que se tornou assim... difícil. A filha que vivia com o perigo numa base diária em vez de ficar segura, ficar protegida.

Sim, às vezes ela entendia Jeffrey.

— As lembranças a assombram hoje.

Elena começou a cortar fora as flores já morrendo num pote alegre de margaridas que foi um presente de Illium.

— Acho que é porque provavelmente estou pensando no Marrocos. — Colocando as flores cuidadosamente cortadas na mão que seu Arcanjo estendeu, ela lhe mostrou onde deixá-las para que voltassem para a terra.

Mal as secas e marrons flores tocaram a palma da sua mão, ganharam cor e suavidade até que ele segurava a palma cheia de margaridas amarelas brilhantes.



Capítulo 03

— Bem, — disse ele, — isso é interessante.

Os lábios de Elena se contraíram, com a dor da memória recuando sob a brilhante vida de hoje.

— Dê aquelas para mim e toque as flores secas que ainda não cortei.

Nada aconteceu.

E, na próxima vez que ela colocou flores secas em sua mão, elas permaneceram secas. Não era surpresa, com as informações que tinham sido capazes de reunir, todas as habilidades nascidas na Cascata poderiam ir e vir sem aviso, como um sinal de que só se propagavam em rajadas intermitentes. Até Elijah não podia sempre chamar os animais, entretanto, aqueles com quem ele já tinha se comunicado tendiam a ficar por perto, mesmo quando ele não podia “falar” com eles.

— Ah, bem, — disse ela, com um suspiro. — Você será útil novamente algum dia.

Flexionando sua mão depois de deixar cair as flores secas num jardim que ela criou num canto da estufa, Raphael fez uma chama azul dançar em sua palma.

— Como sempre, estou contente em ser de algum uso para minha consorte.

Elena sorriu.

— Talvez, enquanto estiver se encontrando com o Cadre, — disse ela, — eu possa fazer pesquisas sobre minhas raízes. — Ela deu de ombros. — Não tenho muito a fazer, mas não pode haver muitas famílias locais com essa — gesticulou para si mesma — combinação de cabelo e pele, certo?

A coloração de sua mãe era muito semelhante; ela tinha dito à Elena uma vez que o quase branco de seus cabelos, bem como o ouro escuro de sua pele vinha de sua avó. A memória se desdobrou como um rolo de filme em sua mente...

* * *

— Eu tinha uma fotografia da minha *maman*. — Marguerite cortava tecido para uma saia cintilante preta que Belle queria. — A freira que me ajudou nos primeiros dias após a morte de minha mãe a salvou, manteve-a num lugar secreto, e só me entregou quando eu tinha dezoito anos e não era mais uma criança adotiva.

Uma tristeza em seu rosto fez Elena alcançá-la. Sua mãe era uma borboleta colorida, brilhante e feliz. Ela cheirava a flores. Não ficava triste, não chorava.

Sorrindo, sua mãe inclinou para beijar sua bochecha, o perfume familiar de gardenias girando ao redor dela.

— Ah, *chérie*, você e suas irmãs fazem da minha vida uma alegria.

A coisa apertada dentro do peito de Elena se derreteu.

— Por que a freira guardou a foto? — Ela sabia que esses tesouros se perdiam quando uma criança é passada de mão em mão.

Marguerite fez uma pausa.

— Irmã Constance tinha olhos bondosos, acho que teria me criado como se fosse sua própria filha, se pudesse. Mas, ela cuidou de mim de longe, e me encontrou no dia em que me mudei para meu próprio apartamento minúsculo, me deu aquela foto e outra que ela tinha tirado no dia em que vi minha mãe pela última

vez. — Sorriu ela. — Eu estava usando um belo vestido, além de casaco e sapatos limpos e brilhantes. A irmã Constance me disse que eu tinha um saco de lanche e brinquedos comigo. — Rindo, ela acrescentou, — talvez eu fosse um pouco estragada, mas as meninas doces devem ser mimadas, não é?

— Esse foi o dia em que sua mãe morreu? — Elena não gostava de pensar nisso, não gostava de imaginar que, talvez, um dia, sua mãe também morreria.

— *Oui*, — disse Marguerite, com sua atenção no padrão da saia de Belle. — Ela pediu para irmã Constance tomar conta de mim enquanto saía da cidade para uma entrevista de emprego, mas seu ônibus caiu numa ribanceira. A irmã Constance não sabia nada sobre nós, apenas que vivíamos em Paris, estávamos sozinhas no mundo e vínhamos freqüentemente à sua igreja.

A mãe de Elena olhou para cima quando ela não respondeu.

Tocando os cabelos de Elena, ela balançou a cabeça.

— Meu bebê forte, com esse coração enorme. Não fique triste. Foi há muito tempo, em outra vida. — Marguerite deu a Elena um pedaço do tecido brilhante para segurar. — Os olhos da minha mãe eram da mesma cor que os de Ariel e sua pele era mais escura que a sua, como se ela tivesse pegado mais sol, mas, fora isso, você é uma pequena cópia dela.

— É por isso que meu nome é Elena. — Não era seu nome verdadeiro, mas era o nome que ela gostava mais do que Ellie. Elieanora era tão longo e complicado.

— Sim, como minha *mamán*. Elena também era seu nome de casa. — Linhas se formaram nas sobancelhas dela. Marguerite disse: — Sei que não era seu verdadeiro nome, mas não consigo me lembrar das pessoas chamando-a de nada além de Elena. — Um sorriso, uma sacudida em seus ombros. — Nenhum bebê sabe o nome verdadeiro de sua mãe.

— Beth é pequena demais, mas eu sei. É Marguerite Deveraux — disse Elena, orgulhosa, do banco onde estava sentada, presa à antiga máquina de costura que sua mãe preferia à nova, que o pai de Elena quis comprar; ela chutou as pernas enquanto observava a mãe, ao mesmo tempo em que Beth brincava com seus brinquedos no cobertor que Marguerite tinha espalhado no chão.

Belle e Ariel estavam na escola, mas Elena teve permissão de ficar em casa porque estava com tosse. Na verdade, ela poderia ter ido para a escola, mas Marguerite sorriu e abraçou-a dizendo: — Então, minha *chérie* quer sua *mamán* hoje. Nós vamos ser desobedientes e deixá-la matar aula, *oui*?

Elena amava o sotaque da mãe, amava sua beleza lírica, amava o jeito que a suave Marguerite sempre soava. Ela tentava falar dessa maneira às vezes, mas seu sotaque era americano, sua voz era de criança, nada como a gentileza rouca de Marguerite. Naquele momento, sua mãe riu.

— Você é esperta, minha querida.

Sorrisos enchiam sua alma.

— Posso ver a foto? — Perguntou Elena, animada para saber algo sobre sua avó.

O sorriso de Marguerite estava suave, um pouco triste de novo.

— Ela se perdeu num incêndio que queimou o prédio que eu morava, pouco antes de conhecer seu pai. — Ela moveu a tesoura de forma graciosa, com tecido caindo aos poucos de cada lado.

Belle ia usar a saia com uma blusa branca no Natal. Elena tinha ajudado a escolher a blusa e seu pai a tinha comprado. Deixava-a feliz que sua irmã mais velha gostasse tanto dela.

— Oh, — disse ela, realmente triste por sua mãe não ter uma foto de sua própria mãe. — Você se lembra da foto?

— *Oui*, claro. — Olhos brilhantes encontraram os de Elena, com tanto prazer neles que ela sentiu como se as bolhas de felicidade a elevassem.

Sua mãe era cheia de brilho, cheia de felicidade. Quando Elena estava ao seu redor, só queria dançar e rir. Balançando as mãos, ela estendeu os braços. Marguerite riu e se aproximou para levantá-la e beijá-la na boca.

— Você é uma macaquinha, Elena, — disse ela, quando Elena envolveu os braços e as pernas ao seu redor e recusou a soltar.

Então Beth levantou-se sobre suas perninhas gorduchas, balançando os braços também.

— Acho que este pequeno bebê também quer um beijo. — Abaixando-se no cobertor depois que Elena a soltou, Marguerite pegou Beth e sentou-se com ela no colo.

Elena ficou de pernas cruzadas de frente para ela e fez caretas engraçadas para Beth.

Sua irmãzinha deu uma risadinha, com as mãos minúsculas apertadas em sua boca.

— Quando a vejo, Elena, vejo minha mãe — disse Marguerite. — O mesmo cabelo — ela passou os fios pelos dedos de uma mão — o mesmo tipo de rosto, o mesmo sorriso. — Ela deu um sorriso profundo, embora o brilho tivesse desaparecido. — Você carrega meu Jeffrey em você, também. Sua expressão é tão séria às vezes.

Risos, novamente, borbulhavam em Marguerite, como se simplesmente não pudessem ser contidos.

— Tive que ensinar seu *papa* a rir, *chérie*. Ele era um homem tão solene quando o conheci, mas eu podia ver a bondade em seu coração, e sabia que ele era meu, esse americano quieto sentado num canto do café onde eu trabalhava.

Uma luz secreta em seu rosto fez Elena querer sorrir, também. Essa história era uma de suas favoritas.

— Ele nunca pediu nada até que eu fui atendê-lo. Seu papai tinha o hábito de irritar os outros garçons até que começaram a achar romântico, e aí, é claro, ficou tudo bem. Um homem pode ser tolo em Paris se ele está sendo romântico.

Elena não entendia bem tudo o que sua mãe lhe dizia, mas podia sentir a alegria irradiando através das palavras e isso era suficiente.

— O que *Papa* pediu?

Marguerite sacudiu a cabeça, colocando Beth de volta no cobertor quando começou a se contorcer.

— Um café preto e torradas. — Ela ergueu as mãos. — Comecei a ignorá-lo e servi-lo como eu queria. *Croissants* frescos direto do forno, ovos tão primorosamente temperados, bacon defumado com maçãs, cereais especiais frescos de todas as manhãs. E ele comia tudo.

Marguerite riu.

— Até que um dia, ele pediu para dois: um café preto e um chocolate cremoso com avelã. Meu favorito, você sabe.

Sua mãe colocou o rosto de Elena entre as mãos, com uma expressão estranhamente solene.

— Lembro-me que na fotografia minha mãe está me abraçando e eu sou um bebê embrulhado num cobertor macio. — Uma súbita careta surgiu em seu rosto — Havia uma marca na extremidade. Um monograma, como é chamado em inglês, acho que era: M.E. — Um sorriso súbito. — Então, talvez, meu sobrenome fosse uma palavra com E.

* * *

Elas se divertiram muito com os possíveis nomes que começavam com E. Naquele tempo, Elena pensou que esse era o melhor dia de sempre, mas houve outros dias tão maravilhosos como aquele.

Marguerite era uma borboleta deslumbrante, que amava roupas bonitas, encontros em cafés com amigos e sair para dançar com o marido, mas também tinha sido uma mãe afetuosa e amorosa. Com todos os seus interesses e amplo círculo de amigos, seu marido e filhas foram o centro de sua existência.

— M.E. — murmurou para Raphael, seu coração tentava se agarrar ao eco dessas bolhas de alegria. — Tenho as iniciais para explorar, bem como a natureza única da aparência da minha avó.

— Pode ter sorte — disse seu Arcanjo. — Os Luminata, quando não estão envolvidos na busca de luminescência, reúnem sabedoria, talvez você possa descobrir algo em seus arquivos. E sua linhagem tem um vampiro em algum lugar. Talvez tenha sido no tempo de sua avó.

Saber que tinha um parente vampiro ainda lhe dava arrepios. Raphael tinha sentido o aroma de poder no sangue que estava impregnado na colcha que Marguerite havia costurado com amor para sua filha, um tipo de poder que não era

uma coisa mortal. Eram apenas gotas de onde sua mãe furara o dedo enquanto costurava, mas tinha força suficiente para chamar a atenção de Raphael.

— É estranho pensar que um dos meus antepassados ainda poderia estar lá fora, vivendo sua vida.

Raphael sacudiu a cabeça.

— Um vampiro forte o suficiente para ter engendrado uma linhagem que carrega um certo nível de poder através do tempo normalmente não iria cessar todo contato com aqueles que gerou. Mas, é claro, sempre há exceções.

E, vampiros, Elena sabia muito bem, não eram verdadeiros imortais. Eles podiam morrer.

— Sei que minha tataravó ou tataravô vampiro provavelmente já morreram há muito tempo, mas, ainda assim, desenterrar a verdade iria satisfazer minha curiosidade.

Um arrepio repentino sacudiu-a, fazendo-a se encolher.

— Elena?

Balançando a cabeça, juntou-se à Raphael na porta, os dois iriam para a Torre, para uma reunião com Dmitri.

— Nada. Apenas alguém andando sobre a minha sepultura.

* * *

Ela e Raphael voaram para a Torre sem brincar no céu hoje. Quando pousaram numa varanda alta, o vento levantou os cabelos de Rafael como um amante que não podia ficar longe. Ela não o culpava. Algumas noites atrás, ela estava deitada ali e brincava com o cabelo, que parecia uma seda, sua asa pendurada sobre ele com uma possessividade que não escondia.

— Venha, *hbeebti*, — ele disse, dobrando as asas. — Vamos falar com Dmitri, depois voltamos para casa. Montgomery pode parar de nos alimentar se continuarmos dormindo na Torre.

Eles só tinham feito isso na semana passada porque Dmitri estava fora do estado, para tirar férias com Honor, numa cabana. Ele voltou hoje, pronto novamente para assumir suas responsabilidades como o segundo de Raphael.

Deslizando sua mão na de Raphael, Elena caminhou com ele para a Torre. Seus lábios contraíram-se com o contato, o arrepio causado com o vôo sobre as águas vermelho-douradas do Hudson estava diminuindo, o primeiro vestígio do pôr-do-sol espetacular de hoje.

Raphael percebeu a mudança em seu humor e olhou para ela.

— O que é divertido?

— Por que parece tão desconfiado?

— Porque suas coisas favoritas são afiadas e tiram sangue.

— Engraçado, Arcanjo. — Rindo, porque ele era culpado de alimentar seu vício nas lâminas mais bonitas, ela disse: — Estamos de mãos dadas. Nunca segurei a mão de ninguém antes de você, e quando nos encontramos pela primeira vez, nunca pensei que faríamos isso. — Ele foi tão difícil, tão perigoso.

— Nisso, Elena, eu também era virgem. — Seus dedos apertaram os dela, as asas esboçadas com um brilho que a teriam aterrorizado no passado.

E percebeu que ele era exatamente tão perigoso e até mesmo mais mortal do que foi quando a fez fechar a mão sobre uma lâmina, quando a fez sangrar. Mas, ela não era mais uma caçadora mortal conhecendo um dos membros do Cadre. Nem era a nova consorte ainda aprendendo a conhecer o homem que amava além da vida, além da razão. Oh, ele continuaria a surpreendê-la por séculos, milênios, disse ela não tinha dúvida. Mas, a única coisa que ela não tinha mais dúvida era que, juntos, eram uma unidade inexpugnável.

O mundo poderia tentar separá-los, mas a única maneira de conseguir isso seria através da morte.

Se for a morte, Caçadora, então eu te vejo do outro lado.

Seu coração apertou.

Não, nem a morte os separaria.

— Gosto de andar de mãos dadas, — declarou ela, movendo as mãos entrelaçadas ligeiramente para frente e para trás enquanto caminhavam pelo amplo

corredor onde Dmitri tinha seu escritório, as paredes recém-pintadas de um elegante cinza, o grosso tapete sob seus pés um cinza mais escuro.

A resposta de Raphael foi silenciosa, sua asa escovando a dela enquanto ele...

— Raphael!

O maldito Arcanjo a tinha coberto de pó de anjo.

Essas coisas brilhantes estavam presas nela, deliciosas, sem comparação, quando ela abriu a boca e lambeu. Suas coxas apertaram-se.

— Isso não é engraçado! — Ela olhou para ele, mesmo enquanto a excitação inundava seu sistema, mas ele estava rindo demais para se importar.

Seu coração apenas parou.

Mesmo agora, o Arcanjo de Nova York raramente ria e nunca gostava disso. Até que ela pudesse ver a juventude que ele deve ter tido uma vez, com olhos de um surpreendente azul selvagem, que pediam para uma mulher rir junto com ele. Ela nunca o viu realmente jovem. Como poderia? Ele tinha tanto poder que pulsava em cada um de seus toques, queimando sua pele.

Arrastando-o para perto dela com as mãos presas no linho creme de sua camisa, ela roubou um beijo, tomou-o. Ele afundou nela, suas asas varrendo para envolvê-la até que tudo que podia sentir era Raphael, tudo o que ela podia provar era ele. E pó de anjo. A mistura especial que ele criara só para ela.

Ele empurrou uma mão em seu cabelo, segurando-o enquanto envolvia seu outro braço em torno de sua cintura e apoiava-a contra a parede. Algo caiu com um baque surdo. Talvez a pintura viva de flores silvestres que acabava de ser colocada, toda a arte tendo sido retirada durante a reforma.

Elena adorava aquela simples peça que Honor tinha encontrado numa loja de artigos de segunda mão, mas, agora, poderia ter sido uma obra de arte inestimável da Colibri e ela não teria se importado. Estava muito feliz de ser pressionada contra o calor de seu Arcanjo da cabeça aos pés, após passar a noite anterior de vigia. Sem tempo para brincadeiras com Dmitri fora e Illium fora de serviço, Aodhan atribuído com patrulha da fronteira marítima, e Raphael lidando com a situação de segurança geral.

Ela tinha voado numa rede de defesa adequada, para permanecer na prática e porque nenhum deles poderia se dar ao luxo de ser descuidado com a Cascata, um inimigo imprevisível que poderia desencadear a qualquer momento, esmagando o mundo de volta ao caos e, possivelmente, à guerra.

Hoje, no entanto, os outros estavam no serviço e ela poderia beijar seu amante. Raphael estava queimando, ele era um mar quebrando em sua mente, uma tempestade tumultuosa e apaixonada que a varreu e trovejou através de suas veias.

Podemos conversar com Dmitri mais tarde, ela enviou para Raphael, deslizando suas mãos para cima e para baixo nos cumes e vales de seu peito. *Vamos subir para a nossa suíte.*

— A-ham.

Ela tentou ignorar aquela tosse acentuada que continha um divertimento cortante.

Os lábios de Raphael sorriram contra os dela.

Acho que meu segundo em comando tem outras idéias.

Afastando-se, com um beijo que prometia mais por vir, dobrou as asas para revelar o vampiro que se apoiava contra a parede cerca de três metros abaixo do corredor, ao lado de uma porta aberta.

Dmitri estava vestido com jeans preto e camiseta preta, os braços cruzados para revelar bíceps bem definidos. Sua única ornamentação era a aliança de ouro em seu dedo anelar esquerdo; ele nunca tirava aquele anel, não importa o quê. E, às vezes, Elena quase gostava dele por causa disso. O resto do tempo, ela pensou, ele era uma dor na bunda, especialmente porque ainda gostava de jogar seu perfume na corrente de ar.

Os nascidos caçadores eram altamente sensíveis aos aromas, especialmente os aromas vampíricos; isso era o que os tornava bons rastreadores. O outro lado era uma vulnerabilidade aos mesmos aromas, o que certos vampiros poderiam explorar. Só a sua maldita sorte para fazer com que o segundo de Raphael fosse um deles.

Agora, o vampiro, com seu rosto sensualmente bonito, esculpido em linhas fortes cobertas com a pele bronze, seus olhos um marrom rico, e seu perfume

natural tão sombriamente sedutor como chocolate e champanhe e todas as coisas pecaminosas, levantou uma sobrancelha.

— Sabia que ela seria uma má influência desde o primeiro dia.

Elena mostrou um dedo.

Ele sorriu e, de repente, ela estava se afogando no chocolate e champanhe dele enquanto pêlo esfregava sobre sua pele. Esmagando os dentes, ela puxou uma lâmina de sua bainha de antebraço e jogou-a para ele antes de pensar conscientemente no que estava fazendo.



Capítulo 04

Dmitri quase não se moveu a tempo.

A lâmina bateu na parede em que ele estava inclinado, teria prendido sua orelha se não tivesse se movido. Ele esfregou a mandíbula e estendeu a mão para remover a lâmina e jogá-la de volta para ela num giro fácil que ela pegou sem problema.

— Você está mais rápida.

Raphael assentiu.

— Sim. — Ele se moveu pelo corredor até que estavam a uns quinze metros de distância. — Atire-me lâminas — disse ele. — O mais rápido que puder.

Elena não hesitou: Raphael era forte o suficiente para que, mesmo que não se esquivasse a tempo, curaria-se de uma ferida de faca num batimento cardíaco. Mas ela não pensou que ele não seria capaz de esquivar. Tinham lutado juntos o suficiente para saber que ele se movia como um relâmpago. O único anjo mais rápido era Illium.

Bluebell poderia superar até as lâminas de seu Sire se tentasse com afinco.

Ela jogou cada uma das lâminas uma após a outra num borrão de metal, consciente de Dmitri assistindo com um foco de olhos escuros em como Raphael se esquivava ou simplesmente pegava as armas no ar. Honor se afastou de seu escritório, em frente ao de Dmitri, percebendo o que estava acontecendo e saiu da linha de fogo. Ela, também, curaria-se de um ferimento de faca, mas era um vampiro bebê. Levaria tempo, embora não tanto quanto deveria.

A pedido de Dmitri, Raphael foi o anjo que fez Honor. Ela tinha o sangue de um Arcanjo correndo por suas veias, apenas o suficiente para torná-la mais forte e mais avançada em termos vampíricos do que deveria ser para sua idade como uma quase imortal. Não que a tivesse mudado, exceto na superfície, afiando sua beleza até uma borda luminosa.

Não, Honor ainda era Honor: uma mulher cheia de coração, que amava a história e as línguas e que era uma caçadora até o cerne. Um número de ex-meninos de rua deviam seus novos e brilhantes futuros à profunda capacidade de Honor de amar - e a mulher não parou por aí não. Ela continuava trabalhando para salvar as crianças que estavam perdidas e sozinhas.

— Uau! — Honor gritou quando uma das lâminas de Elena quase cortou a têmpora de Raphael.

Elena sorriu e girou outra lâmina antes que ele pudesse se recuperar de seu áspero desvio, mas ele ainda estava muito rápido. Ele pegou sua última lâmina, girou-a e jogou-a de volta. Ela deslizou-a em sua bainha de coxa, e depois colocou as outras enquanto ele as jogava de volta. Várias tinham ficado presas no tapete e nas paredes depois que ele se afastou do caminho, e Elena se perguntou o que a equipe de reparação da Torre faria dos furos de faca aleatórios que haviam aparecido neste recém-renovado corredor.

Provavelmente encolher de ombros e murmurar. — Negócios, como sempre.

— Então? — Ela perguntou, enquanto enfiava a última das lâminas, seu coração batendo com a alegria e pura diversão do que eles tinham acabado de fazer.

Surpreendentemente foi Honor quem respondeu.

— Você está mais rápida, — disse ela, definitivamente. — Me lembro de te ver praticar no ringue da Sociedade há um ano e, enquanto era perigosamente boa, nunca poderia ter chegado tão perto de bater Raphael.

O olhar de Dmitri se atenuou quando parou em sua esposa, mas, quando voltou sua atenção para Elena, aquelas íris escuras brilharam mais uma vez com divertimento.

— Parece que o bebê residente da Torre é agora uma criança aprendendo a andar.

— Vou cortar seu coração um dia, fritá-lo com molho de salsa, em seguida, alimentar os corvos, — disse Elena, tranquila. — Não se preocupe Honor. Vai crescer novamente. Infelizmente.

Sacudindo a cabeça, Honor se aproximou para ficar ao lado de seu marido. Ele imediatamente colocou o braço em torno de seus ombros. Ao contrário de seu habitual vestuário casual de escritório, Honor vestia roupas de caça hoje: calças de couro, botas, uma camiseta simples e uma jaqueta de couro que protegia contra golpes de faca ou garras.

— Está numa caçada? — Perguntou Elena.

— Acabei de voltar, — disse Honor, com olhos verdes dramáticos inclinados para cima, contra a pele mel com um brilho dourado, o macio ébano de seus cachos puxados para trás num rabo de cavalo. — Um vampiro mimado e idiota decidiu fugir após uma briga com seu mestre, que também é seu amante.

Ela ergueu as mãos.

— Fala sério, quem poderia pensar que era uma boa idéia? Encontrei-o, escondido, num hotel sofisticado, bebendo sangue caro no serviço de quarto, levei-o para casa e deixei vampiro e anjo olhando um para o outro com rostos igualmente mal-humorados.

Elena também revirou os olhos porque, sério, as pessoas eram estúpidas às vezes. Até pessoas que viveram durante séculos.

— Um emprego é um emprego, eu acho, e nós temos que ficar afiados.

— Isso foi o que imaginei. — Honor deu de ombros. — Mas, esqueça de mim. Quando vocês dois vão ser amigos? — Um olhar de Dmitri para Elena e dela para ele.

— Nunca, — Elena e Dmitri disseram ao mesmo tempo, e então franziram o cenho um para o outro por aquele acordo não intencional.

Honor riu e estendeu a mão para passar os lábios pela mandíbula de Dmitri, enquanto a diversão de Raphael era mais calma, mas não menos potente.

— Legal você ter se vestido para mim, — Dmitri disse para Elena.

— O que?

— Você está brilhando.

— Oh, morda-me, — ela disse, percebendo seu erro um segundo muito tarde.

O maldito vampiro mostrou seus dentes, com as presas brilhando. Mas, antes que ele pudesse dizer algo destinado a irritá-la, Honor pressionou um dedo sobre seus lábios.

— Dmitri só morde a esposa agora, — ela disse, antes de apontar para Elena. — Xô. Vá para casa para que possamos fazer algum trabalho. Ou meu marido passará todo seu tempo se divertindo irritando você.

Raphael já estava ao lado de Elena, sua asa se sobrepunha, suas penas um ouro branco brilhante contra a meia-noite e o amanhecer.

— Eu te entrego a Torre e o meu território, Dmitri. Não só por esta noite, mas até que eu volte de Lumia.

Dmitri endireitou-se, sua expressão ficou livre de todo o humor e sua pele esticou sobre os ossos de seu rosto.

— Eles convocaram uma reunião?

— Sim. Partimos de madrugada.

De repente, Dmitri não era o vampiro enfurecedor que mexia com Elena só porque podia, mas o segundo em comando de Raphael, sua própria força era imensa, de tal forma que alguns anjos tinham alertado Raphael para ter cuidado, que ele não podia confiar num homem com tanto poder. Esses anjos não entendiam o vínculo entre os dois homens. Não eram simplesmente Sire e segundo. Eram amigos tão próximos como irmãos.

Dmitri morreria por Raphael.

E, por mais difícil que fosse para estranhos entenderem, ele morreria por Elena também.

Porque você é seu coração, Elena. Um homem com o coração partido é uma criatura quebrada. Eu sei.

Palavras que ele tinha falado com ela uma vez, quando estavam sozinhos numa varanda, numa meia-noite tranquila, muito antes de ele ter encontrado Honor. Ele não fez nenhuma tentativa de esconder as cicatrizes quando olhou para ela. E, não pela primeira vez, ela percebeu que Dmitri teve uma vida antes de se tornar um vampiro. Uma vida que envolvia uma esposa e filhos.

— Sire, deve tomar cuidado. — O corpo do vampiro estava rígido. — As regras estão sendo quebradas. Não confio nos outros para não atacar nem mesmo dentro das sacrossantas salas do Santuário mais íntimo dos Luminata.

— Não tenha medo, Dmitri. Não tenho intenção de baixar a guarda. — Raphael fez uma pausa. — Pensei em levar Aodhan como nossa escolta. Ele vai gostar de ver a arte nas paredes de Lumia, e é poderoso o suficiente para ninguém considerá-lo um oponente fácil.

— Mas não tão poderoso como Illium. — Os olhos de Dmitri se estreitaram antes de assentir, seu braço ainda em torno de uma Honor silenciosa. — Illium pode ser visto como conflituoso. Claro, Aodhan não se mistura exatamente, então você ainda terá um ponto.

O fato é que os Sete de Raphael eram homens extraordinários, Elena tinha percebido, os três mais antigos poderiam ser todos segundos de um Arcanjo. Cada um era forte, inteligente e afiado o suficiente para manter uma posição ao lado de um Arcanjo. No entanto, escolheram servir um Arcanjo só, e optaram por trabalhar uns com os outros, em vez de competir.

— Posso levar minha Guarda? — Elena perguntou, querendo dar à Raphael tanto poder de fogo quanto fosse legalmente permitido.

Embora ainda não soubesse muito bem o que fazer com a Guarda que de alguma forma tinha adquirido, eram todos lutadores capazes. Dois deles, Ashwini e

Janvier, também eram excelentes em ser inteligentemente sorrateiros, usando isso para compensar a desvantagem de suas idades relativamente jovens.

Mas Raphael sacudiu a cabeça.

— Nesta situação, está indo como minha consorte e, como tal, se levar sua Guarda, seria visto como uma admissão de que eu não acredito que posso protegê-la.

— Odeio a política angelical. — Ela passou uma mão pelo cabelo. — Então, será eu, você e Aodhan. Dmitri e Illium vão proteger a cidade? — Os dois definitivamente poderiam lidar com isso, mas seria difícil com pouco tempo para descansar.

— Venom estará de volta à Nova York nas próximas vinte e quatro horas. Galen autorizou seu regresso. — Ele falou para ela e Dmitri. — Naasir e Galen manterão o território do Refúgio seguro, enquanto Jason fará o que precisar.

Em outras palavras, pensou, enquanto os dois saíam da Torre depois de um breve adeus, Jason forneceria toda e qualquer informação que os outros precisassem para fazer seu trabalho. A Guarda de Elena, entretanto, seria usada por Dmitri. Foi como combinaram. Sua Guarda estava sendo treinada sob a orientação de Dmitri porque, embora ela pudesse dizer muitas coisas sobre o segundo de Raphael, a única coisa que não podia dizer era que ele era ruim em seu trabalho.

Isso funcionava para todos. Elena ainda não estava pronta para assumir o controle total de sua Guarda, não quando ainda estava aprendendo sobre si mesma. Ela acabou tendo uma guarda por acidente, de qualquer maneira. Foi a consorte de Elijah, Hannah, que a convenceu a pensar a sério no assunto.

— À medida que crescer no poder e na idade — disse a outra consorte, — você será vista menos como uma curiosidade e mais como uma ameaça. — Os olhos escuros de Hannah mantinham uma sabedoria tranquila, sua pele de ébano requintadamente sem falhas e seus cachos pretos num nó intrincado em sua nuca, suas asas um creme luxuriante com uma carícia de pêssego. — Nunca se esqueça que, enquanto os Arcanjos são extremamente difíceis de matar, consortes como você e eu não são tão difíceis.

Destruindo o coração do Arcanjo no processo.

— E, — Hannah disse com um sorriso, — agora é o melhor momento para construir sua Guarda, quando está no mesmo nível. Eles se tornarão fortes ao seu lado, suas amizades serão forjadas em ferro ao longo do tempo. Será muito mais difícil reunir pessoas de sua confiança uma vez que será influente em qualquer sentido, então, primeiro deve saber se são verdadeiramente leais a você, ou se querem estar ligados a uma mulher com poder.

Elena sabia que já tinha um certo nível de poder por ser consorte de Raphael, mas também sabia que pouco importava para as pessoas em sua Guarda. Ashwini era uma caçadora e amiga de confiança há anos. Seu companheiro, Janvier, adorava Ash com tal prazer aberto que Elena sabia que ele nunca trairia alguém que Ash chamasse de amigo - muito além do fato de que Janvier também era ferozmente leal a Raphael.

Izak era... Bem, ele era adorável.

Ela queria sorrir cada vez que pensava no jovem anjo que tinha uma queda tão grande por ela. Sua alma era honesta e doce e estava lá para o mundo ver.

Quanto a Vivek, ele salvou sua vida tantas vezes que perdeu a conta. O ex-chefe da inteligência da Sociedade era agora um vampiro, mas ainda era Vivek, tão mordaz e tão inteligente como sempre. Colocado na equipe de inteligência da Torre após sua transformação, provou ser tão capaz que se tornou o braço direito de Jason quando se tratava da coleta de informações.

Não que o Vivek que Elena conhecia não estivesse um pouco diferente nestes dias. Tinha se tornado amiga de um brilhante caçador que era paralisado abaixo dos ombros por causa de um acidente na infância. Mas, mesmo permanecendo em uma cadeira de rodas, Vivek recuperou os movimentos acima da cintura, e tinha agora controle total de seus braços e torso.

Vivek provavelmente vai deixar minha guarda e sua posição na Torre, em algum momento, ela disse a Rafael enquanto varriam o céu que estava escurecendo acima da cidade.

Ele voava ao lado dela, suas asas brilhando com os últimos raios do pôr-do-sol. As asas de fogo branco ondulante que ela viu no dia que resgatou Illium, quando o outro anjo sofreu um incidente catastrófico no céu, não voltaram a

aparecer desde então; tudo que viu nos últimos dois anos foram raras cintilações daquela chama intocada, que desapareciam tão rapidamente como apareciam.

Sim, Raphael respondeu. Vivek Kapur foi forçado a certas escolhas por causa de seu acidente. Ele precisará explorar a liberdade antes de decidir se quer retornar à vida e ao trabalho que fez para si mesmo.

Vai acontecer mais cedo do que qualquer um previu.

Vivek estava se recuperando numa velocidade que até mesmo Keir não tinha previsto - provavelmente porque Vivek foi feito um vampiro por Aodhan, com a ajuda de Keir.

Ele ainda vai estar sob Contrato. Cem anos para servir em troca do dom da quase imortalidade.

Elena, sabe que ele é seu. Não vou segurá-lo por um contrato. Olhos azuis se encontraram com seu olhar. Mas você deve, ele é seu amigo, mas ainda será um jovem vampiro com fortes impulsos violentos. Ele deve ter uma mão firme sobre ele até que recupere seu controle humano mais uma vez.

A idéia de restringir Vivek de qualquer forma era abominável para Elena, embora soubesse que Raphael estava certo.

Talvez possa pedir a Jason para supervisioná-lo. Ela nunca pensou em testemunhar Vivek temendo alguém, mas ele estava definitivamente maravilhado com o espião de Raphael. *Acho que iria ouvir Jason de uma forma que nunca me ouviria. Tenho certeza que ele quer ser Jason quando crescer.* Ela e Vivek eram contemporâneos, iguais, enquanto Jason ocupava uma categoria inteiramente diferente. *O que você acha?*

Acho que você conhece sua Guarda muito bem.

As asas de Raphael brilharam enquanto ele deslizava sobre as asas de um azul prateado.

Illium mudou imediatamente de direção para cair ao lado de Raphael.

Não estou pronto para ir.

Não estou pronto para deixar você ir.

Memórias do dia terrível em que Illium ameaçara ser queimado vivo no poder que o abriu de dentro para fora e despertou sem aviso ao ver os dois voarem tão

perto. Se Raphael e Dmitri eram amigos antes de ser Sire e segundo, o relacionamento de Raphael e Illium era mais o último, mas com um elemento familiar. Illium pareceu tão jovem naquele dia que todos acreditaram que poderia estar ascendendo ao poder de Arcanjo.

Se fosse verdade, ele teria que deixar o território de Raphael.

Ele era muito jovem para isso, e quando o anjo de asas azuis dissera a Rafael que não queria ir, Elena viu um jovem abalado pedir consolo a alguém em quem ele respeitava e confiava.

Naasir tratava Dmitri como um pai.

Foi somente naquele momento que Illium disse que não estava pronto para ir que Elena percebeu que Illium via Raphael na mesma luz. Não exatamente, não exatamente, mas perto o suficiente.

Elena nunca perguntou o que aconteceu com o pai de Illium. Ela poderia, já que Illium continuava sendo seu amigo imortal mais próximo, mas seu rosto estava tão triste quando falou sobre a mãe, a Colibri quebrada, que não conseguia fazer isso. O instinto lhe disse que havia uma razão pela qual Colibri era do jeito que era, e havia uma boa chance de que estivesse ligada ao pai de Illium.

Raphael também teria dito a ela, mas sentia-se desonesto em falar pelas costas de Illium. Se Illium quisesse falar sobre sua família, o faria. Agora, estava de volta à sua forma habitual, seu espírito irreprimível.

Ninguém sabia o que iria acontecer quando a Cascata retrocedesse, mas Illium não permitiria que a incerteza ditasse suas escolhas.

— Vou me preocupar com isso quando acontecer, — ele disse a ela. — Não vou desperdiçar um minuto quando posso me libertar de qualquer efeito da Cascata.

Hoje, ele desceu abaixo de Raphael, circulou, então veio para onde Elena estava voando preguiçosamente ao longo da vigília. Seu cabelo, aquele preto surpreendente cheio de azul, estava mais longo que o normal e caiu para a frente quando ele se moveu para se alinhar com ela.

— Ellie, — ele gritou, depois de empurrar para trás os fios e revelar os olhos da cor de moedas de ouro, — quer correr?

Ela pensou sobre isso. Quando corriam, ele lhe dava uma vantagem considerável e era divertido tentar ultrapassar seu melhor.

— Hoje não — disse ela, finalmente. — Não quero acidentalmente torcer um músculo ou tendão. — Ela precisava estar no pico de sua força quando chegassem a Lumia.

Girando sobre suas costas, Illium caiu antes de dar a volta para ficar ao lado dela. Raphael, entretanto, tinha ido para cima, sobre eles, sua sombra um beijo contra os sentidos de Elena.

Illium vem jantar conosco? Ela perguntou.

Achei que gostaria de ver seu Bluebell antes de partirmos. Faísca se juntará a nós também.

Com os lábios apertados, Elena disse, *sabe que Aodhan odeia esse apelido.*

Ah, mas é tão apropriado. Raphael caiu para o lado dela enquanto Illium falava do outro lado.

— Hum, Ellie. Você está brilhando.

Ela apontou um dedo para o anjo de asas azuis com os olhos maldosos dançando.

— Fique quieto. — Voltando-se para um Raphael que não estava fazendo muito para esconder sua diversão, ela bateu uma lâmina brilhante espelhada no nariz dela antes jogar em direção a ele. — Vou pegar você por isso. Logo quando pensar que está seguro, boom, estará coberto de chantily... Ou molho de tomate se estiver me sentindo má.

— Estou avisado. — Ele mergulhou sua asa e acenou com a cabeça para Illium. — Primeiro para o Enclave. Vá.

Gritando, Illium se transformou numa bala elegante enquanto mergulhava para aumentar a velocidade para a corrida. Raphael ficou no alto, mas foi tão rápido quanto, embora não parecesse que suas asas estavam batendo com mais impulso. Elena gostava de vê-lo se mover, ele era magnífico em vôo. Então ela estava com os olhos nele quando suas asas se tornaram chamas e, de repente, mesmo o lustroso e rápido Bluebell não teve chance de derrotá-lo.

Seu estômago se apertou.

Aconteceu o que todos sabiam que aconteceria.

A cascata não estava mais em pausa.



Capítulo 05

Raphael e Illium pousaram no gramado da casa no Enclave apenas na frente de Elena. Os dois tinham voltado para garantir que não estivesse sozinha no céu. Em seus rostos, ela viu a mesma percepção que a acabava de atingir.

Illium entreabriu os lábios para falar quando a terra começou a tremer sob seus pés.

Illium e Raphael, os dois decolaram instintivamente. Elena não conseguia reagir tão rápido, sua capacidade de decolagem vertical não era uma coisa rápida. Mas neste caso, isso não importava. Raphael tomou um de seus braços, Illium o outro, levantando-a do chão com eles enquanto isso tremia e balançava. Abaixo dos penhascos do Enclave, o rio se agitava, as ondas quebrando contra os rochedos com força brutal.

Quando ela se virou para olhar para Manhattan por cima do ombro, viu os prédios balançando na luz borrada do pós-sol. Um frio na barriga. Havia tantas pessoas nesses edifícios, tantos de seus amigos.

Mas, mesmo enquanto seu coração estava torcendo-se num nó emaranhado, o Hudson acalmou, o tremor parou tão abruptamente como começou. Soltando a respiração presa em seus pulmões, ela disse:

— Temos que voltar, contabilizar os danos.

— Illium.

Illium soltou seu domínio sobre ela e, em seguida, Raphael a tinha em seus braços e estava voando para o alto. Ele não tinha necessidade de lhe dizer o que fazer. Ela dobrou suas asas para reduzir a resistência até que estavam suficientemente elevados que pudesse soltá-la. Espalhando suas asas quando caiu, ela vôou rapidamente para Manhattan numa elevação menor do que seu Arcanjo, Illium já um ponto azul ao longe.

Não pouse, Elena, Raphael disse a ela. Dmitri tem pessoas saindo para verificar os danos causados ao solo. Devemos fazer um levantamento aéreo.

Entendi. Ela foi para a esquerda quando ele foi para a direita, companheiros anjos fazendo varreduras em outras áreas da cidade. *Nenhum edifício colapsado desse lado, alguns pares de janelas estilhaçadas.*

Eu tenho o mesmo.

Eles voaram por uma hora, descobriram que sua cidade resistiu ao terremoto com apenas pequenos danos. Algumas batidas de carro, mais janelas quebradas, mas nenhum edifício entrou em colapso, nenhum trem descarrilou. O pior dano parecia ser o grande navio no porto que tombou para o lado de sua amarração. Raphael também recebeu relatórios similares de menor dano, a partir de outras partes do território.

Mas, é claro, não era sobre o dano à propriedade.

Elena conseguiu enviar uma única palavra de texto para Sara enquanto estava no ar — *OK?* — Recebeu uma mensagem que sua melhor amiga e sua família, bem como todos os caçadores da região estavam seguros. Beth ligou quando Elena estava prestes a ligar. Ela estava ofegante.

— Shh, Bethie, — Elena disse, muito amor e dor em seu interior. — Eu estou bem. — Ela sabia que era o que Beth precisava ouvir, sua irmã caçula tinha uma personalidade tão ensolarada, mas ultimamente, tendia a entrar em pânico quando

não podia alcançar Elena, o pesadelo de seu passado subindo até sufocá-la sem aviso.

Como se com o nascimento de sua filha viesse um medo que Beth não podia se livrar.

Acalmando uma vez que sabia que Elena estava bem, Beth lhe disse que ela não ouviu falar de Jeffrey ainda, mas que todos os outros em sua família estavam bem.

Elena desligou para ver Raphael voando ao seu lado.

— Não há relatos de mortes, — ele disse a ela, diminuindo sua preocupação com Jeffrey.

Elena e seu pai podiam ter um relacionamento quebrado, mas ele sempre seria seu pai.

— Será que o terremoto mudou nossos planos para amanhã?

— Seria preciso um grande desastre para os Luminata cancelarem uma reunião. Não podemos saber até ouvirmos o que aconteceu em outras partes do mundo.

Porque, com a Cascata em pleno vigor, era altamente improvável que o terremoto de Nova York tenha sido um incidente isolado.

— Para casa, então? — Dmitri parecia ter a situação sob controle aqui, e se havia uma chance de uma partida ao amanhecer para Lumia, os dois teriam que descansar.

Concordando, Raphael fez uma grande volta para que ela tivesse mais espaço para manobrar, e eles voaram de volta, em linha reta através do rio ondulando tranquilamente sob a primeira borda da noite. Montgomery estava esperando por eles, terno preto de mordomo e uma camisa branca tão intocada como sempre e sua expressão num silêncio bonito.

— Sire. — Ele inclinou a cabeça numa curva respeitosa. — Dmitri está no dispositivo na biblioteca.

O "dispositivo na biblioteca" era uma tela de parede. Elena, às vezes, esquecia que Montgomery era um vampiro de séculos de idade, então ele escorregava e usava termos como esse e os fatos se encaixavam bruscamente de volta ao foco: embora o

vampirismo tinha efetivamente congelado seu corpo e rosto no tempo que sua aparência era de um homem de trinta e poucos anos, ele viveu por muito mais tempo.

— Obrigado, Montgomery, — disse Raphael. — Illium e Aodhan vão se juntar a nós para o jantar.

— Vou me preparar. — Montgomery sumiu, sem dúvida, para informar à chef, Sivya, que também era sua esposa. Os dois tinham se casado numa cerimônia tranqüila e bonita no ano anterior.

— Dmitri, — Raphael disse quando entrou na biblioteca. — O que você soube?

Olhando para cima de algo que estava lendo na tela de um computador de mão, sua expressão desprovida de qualquer coisa, exceto a concentração no olhar severo, Dmitri disse:

— Eu ouvi de Dahariel.

Elena não se surpreendeu com a notícia. Dahariel podia ser um bastardo cruel com bom gosto inexplicável em mulheres, mas também era um segundo experiente a quem Dmitri respeitava como um igual.

— O território de Astaad experimentou uma série de pequenas ondas desencadeadas por terremotos submarinos, — Dmitri disse a eles. — Apenas pequenos danos. — Ele fez um gesto com a mão. — A mídia confirmou terremotos em todo o mundo, mas até agora, não há relatos de danos significativos, exceto para os edifícios que já estavam fracos por outras razões.

O telefone de Elena tocou.

Afastando-se da tela quando viu o nome de Sara no visor, ela andou fora, no gramado para que sua conversa não sobrepusesse a de Raphael.

— Sara, — disse ela. — O que aconteceu? Alguém na Assossiação se machucou, afinal?

— Não, mas acabei de ouvir que seu pai estava num carro na cidade que foi atropelado por um caminhão.

A mão de Elena cerrou em seu telefone, seu estômago se apertou.

— Lesões? — Ela sabia que sua melhor amiga teria a certeza de obter essa informação para ela.

— Jeffrey tem um braço quebrado, mas está de outra maneira bem. Nem um arranhão em cada motorista. — Sara disse-lhe o nome do hospital onde seu pai estava sendo tratado. — Sei que vocês não têm um relacionamento agradável e vago, mas achei que gostaria de saber.

— Obrigado, Sara. — Olhando para fora em direção ao horizonte reluzente de Manhattan, milhares de pequenas janelas iluminadas contra a noite, Elena perguntou o que Jeffrey Deveraux estava pensando neste momento, sabia que ela nunca poderia prever seus pensamentos ou ações.

— Droga, — Sara murmurou. — Esse é outro idiota.

Elena sabia exatamente o que tinha sua amiga e chefe da Sociedade dos Caçadores tão perturbada. Era uma distração bem-vinda pensar sobre um pai que nunca mais seria o *papa* que ela tanto adorava.

— Quantos vampiros decidiram fazer uma pausa disso na confusão após o terremoto? — Era por isso que a Sociedade existia, porque nem todo vampiro queria cumprir seu contrato de cem anos.

Elena tinha ouvido todas as histórias sangrentas, mas fato era fato: para se tornar um vampiro, você tinha que concordar em servir cem anos sob os anjos. E não era como se os anjos fizessem algum esforço para esconder que esse serviço poderia envolver dor e tortura, e tratamento tão duro que poderia te quebrar. Nem todos os anjos eram brutais, mas o suficiente havia se cansado por séculos ou milênios da vida, a ponto de punições sádicas e muitas vezes sexuais, serem uma fonte de prazer doentio.

Vivek não queria se tornar um vampiro, por isso mesmo, mesmo sabendo que o vampirismo acabaria por curar sua medula espinhal.

— Cem anos de escravidão para ter o uso de meu corpo, — ele sussurrou. — Cem anos à mercê de algum imortal aleatório que pode decidir tratar-me como um cão de estimação.

Elena tinha prometido a ele que não iria estar sob o comando de um "imortal aleatório", que seria supervisionado por qualquer um dos Sete, que estivessem no comando da Torre na época.

Muito além de que Raphael era inteligente: ele nunca desperdiçaria as competências de Vivek, atribuindo-o à uma tarefa servil.

Quanto ao contrato de Vivek, enquanto isso poderia ser permitido uma maior flexibilidade por causa de sua amizade com Elena e suas circunstâncias únicas, seu colega caçador foi inflexível sobre completar seus cem anos de serviço.

— Eu *quero* pagar da minha maneira, — ele disse a ela, sua mandíbula apertada. — Tanto quanto estou preocupado, um século de serviço é um pagamento justo para o tratamento médico permanente que é o vampirismo.

Isso era mais verdadeiro no caso de Vivek do que em outros, mas todos os vampiros ganhavam o potencial para milênios de vida em tornar-se quase imortais. Mais de um caçador poderia apontar vampiros lamentando que tinham violado seu contrato, mas não havia nenhum ponto em chorar sobre isso depois que já tinha aceito o presente com os olhos abertos. Não era como se pudesse devolvê-lo.

— Tento dizer a mim mesma que deveria estar feliz, — Sara respondeu num tom despeitoso. — Porque, enquanto houver idiotas, haverá uma Sociedade, mas honestamente, a safra recente de coelhos não parece ter um único cérebro completo entre eles. — Ela soltou um suspiro. — É melhor eu ir. Tenho relatórios vindo dos colares.

Elena mal tinha desligado quando o telefone tocou novamente. Desta vez, era Marcia Blue, chefe de operações da Blood-for-Less. Isso começou com um pequeno café sangue e era agora uma próspera cadeia de três cafés em toda a cidade. E Elena era a CEO oficial. Isso a chocava a cada momento.

Ransom e Demarco acharam isso tão engraçado que tinham impresso brilhantes cartões de visita pretos para ela com *Elena Deveraux, Caçadora da Sociedade, CEO Anjo* na parte dianteira e uma silhueta de um anjo fêmea vestindo terno e armada com uma besta na parte de trás.

Espertinhos.

— Ei, Marcia, — disse ela. — Nossos negócios ainda estão de pé?

A vampira, outrora tímida, respondeu com uma voz cálida, mas eficiente e elas conversaram sobre uma série de assuntos, incluindo planos de expansão.

— Estou saindo da cidade, — disse Elena depois de ouvir o que Marcia tinha a dizer, — mas converse com Jonas, consiga as finanças. — Jonas era um vampiro e gerente financeiro de Elena. — Vou dar o parecer final, uma vez que ele me der todos os números.

— Oh, com certeza. — O entusiasmo de Marcia inflou. — Jonas é ótimo para trabalhar.

Os olhos de Elena se arregalaram. *Humm ...*

— Tenho que ir agora, Marcia, — ela disse enquanto Raphael saía para se juntar a ela, — mas vamos conversar quando eu voltar.

— OK, claro. Boa noite.

Desligando, Elena deslizou para longe seu telefone.

— Arcanjo, acho que minha parceira de negócios e meu gerente financeiro podem ter um zing¹ entre eles.

— Zing?

Virando-se, ela tocou o dedo em seu peito, sentiu inflamar uma faísca, aquecendo sua barriga.

— Zing.

Raphael fechou sua mão sobre a dela.

— Isso é excelente. Talvez Marcia possa roubar Jonas totalmente do anjo a quem é leal para que eu possa, em seguida, roubá-lo de você e Marcia.

— Ei, sem espionagem industrial, enquanto estou criando meu conglomerado. — Elena deu-lhe a melhor careta antes de voltar ao assunto em questão. — O que mais Dmitri tinha a dizer?

Quando o azul devastador dos olhos de Raphael foi para um metálico em sua frieza, sabia que a notícia não seria boa.

¹O amor da sua vida.. Isto foi usado em "Hotel Transylvania" entre Mavis Dracula e um Humano. É um sentimento brilhante em todo o seu corpo quando você encontrar quem você deveria estar para sempre. Até que a morte os separe.



Capítulo 06

— Ele recebeu um relatório de Jason enquanto estávamos falando, — Raphael disse à sua consorte, raiva gélida em suas veias para as possíveis implicações das informações de Jason. — Os tremores no território de Lijuan foram semelhantes ao que sentimos. Mas Xi não enviou soldados adicionais para verificar o dano.

— Como se precisasse dessas tropas para estar em outro lugar? Proteger sua senhora louca, talvez? — Elena cruzou os braços, pés amplamente separados.

— Ou dar essa impressão. — Se Lijuan disse a Xi para cobrir sua longa ausência enquanto ela está segura em seu lugar de Dormir, então ela deliberadamente expôs seu território a uma anarquia sangrenta.

A outra opção era a de que a Arcanjo da China *tinha* apenas recentemente entrado em Sono, mas que esteve com problemas por um longo tempo após extrapolar suas habilidades dadas pela Cascata. Claro, havia uma terceira opção.

— Lijuan poderia estar jogando um jogo letal, na esperança de ter o Cadre num lugar ao mesmo tempo para seus próprios fins.

Estreitando seus olhos, Elena concordou.

— Realmente não importa, não é? Não quando não atender a reunião poderia levar a uma guerra.

— Não... temos que ir para Lumia. — Raphael arrumou suas asas, que estavam mais uma vez tensas. — Aconteça o que acontecer, teremos uma resposta após essa reunião. Lijuan pode montar um cerco. Se não o fizer, e também não está Dormindo, então não permitirá que suas terras sejam divididas e jogadas na guerra enquanto Xi tenta manter o território contra o poder do resto do Cadre.

— Sim. Ela é psicopata, mas leva a coisa de deusa acima de suas pessoas a sério.

— Sim. — Isso não impediu sua companheira Arcanjo de transformar muitas de suas pessoas em bamboleante renascidos, uma zombaria da vida que cheirava a morte, mas a ideia de qualquer outra pessoa tomando o controle do que era dela? Não, isso ela não permitiria.

— Acha que o Cadre também vai discutir a coisa toda de Alexander-Favashi?

— A questão é discutível se Lijuan se retirou do mundo. — Alexander, o ex-Arcanjo da Pérsia, subiu inesperadamente e, como um antigo, tinha muito mais poder e influência que Favashi, a Arcanjo que tinha sido a Arcanjo da Pérsia em sua vigília.

Como resultado, a Pérsia estava dividida em duas.

Alexander manteve o título, enquanto Favashi era agora a Arcanjo da Suméria. As relações pareciam calmas entre os dois, mas Raphael sabia que nenhum dos dois estava satisfeito, tensões ferviam sob a superfície que acabaria por explodir em guerra. Alexander queria todas as suas terras de volta, e Favashi estava furiosa com o que viu como um rebaixamento.

— Certo, — Elena murmurou. — Vai ser um Cadre de dez de novo, tem territórios suficientes para que nenhum dos dois Arcanjos fique acima um do outro.

— Isso seria o melhor cenário; a situação atual é perigosamente instável. — Porque se Lijuan *estiver* viva e acordada, serão *onze* Arcanjos ativos no mundo. Nunca houve mais de dez de cada vez. Menos, sim, mas nunca mais. Isso abala o

equilíbrio crítico que impede os seres mais poderosos do mundo de matar um ao outro.

— Posso ver porque é uma ótima idéia colocar todos esses partidos que odeiam uns aos outros numa pequena área juntos. — O tom de sua consorte era amargo. — E esqueça um cerco... Lijuan está, provavelmente, rastejando ao redor de sua forma não corpórea, pronta para deixar cair uma das suas bombas de veneno preto abaixo sobre o resto de vocês.

Raphael inclinou-se para rodeá-la com suas asas.

— Ah, mas ela é uma deusa, Caçadora da Sociedade, e como tal, precisa de alguém para adorá-la. E ela quer tributos de alguns dos seus colegas Arcanjos, pelo menos. — O Arcanjo da China queria ser uma deusa para seus companheiros Arcanjos, também, ser a Rainha das Rainhas.

— Certo, como eu poderia esquecer? — Envolvendo seus braços ao redor dele, sua caçadora apertou sua bochecha contra o peito, as asas de guerreira arqueando sobre os ombros. — Não morra, Raphael, ou juro que vou te caçar na outra vida.

— Eu não ousaria, Minha Elena. — A vida mantinha muita promessa, nunca poderia tornar-se cansado com a honestidade feroz de Elena e o espírito incendiário em sua vida. — Agora, — ele agarrou uma mão em seu cabelo, sua mandíbula contra sua testa — me diga por que sua coluna está tão rígida e seus olhos assombrados.

Tom sem emoção, ela compartilhou a notícia da lesão de seu pai, mas não importava o quanto tentasse, ela não conseguia esconder as emoções cruas que ainda a vinculavam à Jeffrey Deveraux. Raphael sabia muito bem que o amor de uma criança por um pai, que já tinha sido tudo que um pai deveria ser, não poderia ser apagado... ele tentou odiar sua mãe depois de suas atrocidades; ele falhou.

Assim, apesar de seu desdém por seu pai, não disse nada, apenas segurou a forte consorte com o coração mortal, que sentia tão profundamente.

Ficaram abraçados um ao outro enquanto as cores finais do crepúsculo desapareciam para dar lugar a um verdadeiro escuro, a Torre do Arcanjo, uma lança de luz que dominava o céu. Illium pousou num flash vistoso não muito tempo

depois, Aodhan o seguiu muito mais tranquilamente. Mas o melhor amigo de Illium chamava a atenção quisesse ou não.

Cada filamento de suas asas e cada fio de seu cabelo parecia ser revestido com jóias esmagadas que refratavam a luz, enquanto sua pele era de mármore branco. Não frio, no entanto. Não, era quente, convidava ao toque, a única coisa que o anjo talentoso e poderoso não podia suportar. Apenas Illium tinha a liberdade de tocar Aodhan quando desejava, embora Aodhan tinha se curado o suficiente para aceitar uma pequena quantidade de contato com um número limitado de pessoas.

Inclusive da guerreira nos braços de Rafael.

A dor antiga mantida dentro dela recuou, e seu sorriso foi glorioso.

— Venha, vamos ver o que Sivya preparou para nós.

* * *

Raphael sentou ao lado de Elena na mesa na biblioteca, onde faziam a maioria de suas refeições, a sala de jantar formal era usada somente quando muitos dos seus sete e/ou a guarda estavam presentes, ou se tinham outros convidados. Neste instante, sua consorte estava rindo com um dos seus Sete que se sentava em frente a ela.

Era Illium, naturalmente, o seu favorito.

Outro homem poderia ficar com ciúmes de seu relacionamento, poderia estufar uma amargura que destruiria todos os laços que amarravam cada um deles um ao outro. Raphael, no entanto, tinha visto o anjo de asas azuis crescer, visto seu poder e sua personalidade se desenvolvendo; sabia que tinha a lealdade inabalável de Illium.

Bluebell cortaria suas próprias asas, em vez de considerar duplicidade de qualquer tipo.

E Elena. Sua caçadora não tinha noção de traição. Quando Elena amava, era com cada fibra do seu ser. Ela andaria com ele para a morte sem hesitação, sua impetuosa consorte.

Seus olhos se encontraram naquele instante, o brilho prateado neles um sinal físico de sua imortalidade crescendo.

Você é muito ridiculamente bom de olhar. Uma carranca. Pare com isso.

Ele sentiu seus lábios se curvarem.

Seu Bluebell discordaria.

Sim, ele é bonito. Então, Aodhan também. Mas você é você.

Ela era música em sua cabeça, precisa e limpa e como uma lâmina perfeitamente equilibrada.

Ele se perguntou se ela percebeu que sua voz mental estava ganhando força. Sua consorte estava amadurecendo, em termos de sua imortalidade, muito mais rápido do que qualquer um esperava. No entanto, havia apenas até certo ponto que seu corpo, outrora mortal, poderia avançar com o tempo que tinha passado; ela permanecia um anjo recém-nascido, muito mais fácil de machucar do que ele ou qualquer um dos seus Sete.

E você, Elena, é você.

Uma guerreira até os ossos. Sua guerreira.

— Sire, há alguma coisa que eu deveria saber antes de sair? — A voz de Aodhan era profunda, tranquila, mas hoje detinha o toque fraco de uma terra distante onde passou parte de sua juventude. Ele esteve a serviço de Rafael na época, tinha ido para a Irlanda para estudar com um mestre artista. Porque Raphael sempre tinha entendido que, para Aodhan, criar a arte era algo vivo, respirando.

Durante dez longos anos depois que o resgatou do inferno, Aodhan não tinha criado nenhuma arte e Raphael tinha pensado que o tinham perdido para sempre. Até que Illium acidentalmente viu seu amigo num rio perto do refúgio. Aodhan tinha desaparecido no momento que Illium retornou de sua tarefa como mensageiro, mas no lugar de seu amigo, tinha encontrado uma pilha delicada de pedras que lançava uma surpreendentemente e intrincada sombra, e uma estaca colocada para que não fosse levada quando o rio enchesse novamente.

Raphael ainda podia lembrar as lágrimas nos olhos de Illium, com a voz trêmula quando relatou seu achado.

— Aodhan não se foi. — A grossa voz rouca. — Ele ainda está vivo por dentro. Nós apenas temos que esperar que ele encontre o caminho de volta para nós.

Hoje à noite, Raphael vislumbrou manchas fracas de tinta amarela e azul no cabelo de Aodhan.

— Acho que você pode adivinhar que as facas estarão fora, — disse ele em resposta à pergunta do anjo, — todas prontas para nos apunhalar pelas costas — Ele tomou um gole do seu vinho, acenando com a cabeça em agradecimento a Montgomery, que enchia os copos até o topo. — Esta é uma reunião de víboras, Aodhan. Sua tarefa será a de manter Elena segura.

Elena jogou um rolo na cabeça de Raphael.

Ele pegou isso, chocado.

— Elena, você acabou de jogar um rolo de pão no Arcanjo de Nova York?

— Senti que deveria jogar minha maior lâmina, mas me contive, — foi a resposta. — Não está orgulhoso de mim? — Um sorriso excessivamente doce.

Illium engasgou com o riso, enquanto Aodhan conseguiu manter o rosto inexpressivo, os espelhos quebrados de seus olhos, de repente profundamente interessados na pequena peça central da mesa. Montgomery estava prestes a deixar a biblioteca, hesitou, depois cedeu à sua melhor natureza e formação, e saiu.

Mudando para a conversa mental e privada depois de colocar abaixo o rolo agressor, Raphael disse:

Você tem que estar ciente de que precisa de proteção. Michaela provavelmente vai trazer Riker como sua escolta apenas para te irritar.

E o macho vampiro queria um pedaço de Elena.

O fato que Raphael tinha rasgado o coração de Riker fora do peito, perfurando a mão nua através da caixa torácica de Riker para agarrar o órgão pulsante, poderia segurá-lo, ou talvez não. Porque Riker não estava são depois de tanto tempo a serviço de Michaela. Não depois das coisas que ela fez... e quem ele tinha sido antes que se tornasse seu vampiro animal de estimação.

Eu posso lidar com esse imbecil.

Elena esfaqueou sua refeição com o garfo.

Haverá outros, você sabe disso.

Ela olhou para cima, seus olhos seguravam não fúria ou mesmo irritação, mas algo mais, algo mais profundo, mais importante.

É claro que sei isso, Arcanjo. Tenho sido sua consorte durante mais de três anos, e durante esse tempo, muitas pessoas tentaram arrancar minha cabeça, rasgar-me membro a membro, me esfaquear, você pegou a dica.

Seu sangue congelou, sua ira não dirigida a Elena, mas para aqueles que tinham tentado prejudicá-la. A maioria deles estavam mortos.

Eu peguei a dica, Consorte, disse a Elena quando ela levantou uma sobrancelha.

Seus lábios levantaram para cima com seu tom nervoso, mas seus olhos permaneceram sérios.

Também sei que vai se concentrar melhor na reunião se Aodhan estiver comigo. Gosto de Faísca. Não me importo de sair com ele enquanto está reunido e lidando com o Cadre.

Sendo Elena sua Consorte por vários anos, Raphael era um Arcanjo com uma consorte. Então sabia que, agora, estava sendo chamado a prestar contas.

Talvez eu devesse pedir para Illium e Aodhan saírem.

Os dois membros de seus Sete estavam conversando calmamente entre si, totalmente à vontade apesar das faíscas irregulares no ar... porque esta era sua casa, também.

Tornou-se assim depois que Elena se tornou de Raphael. Seus Sete sempre iam e vinham da casa do Enclave, ficavam aqui algumas vezes, mas nunca estiveram tão em casa aqui. Era sua caçadora que fez com que isso acontecesse e não foram apenas os Sete que ela afetou. Não foi coincidência que Montgomery tinha começado a cortejar Sivia somente após Elena ter começado a viver aqui por algum tempo.

Ela trouxe vida com ela, trouxe coração.

Eles podem ficar. Elena tomou um gole de vinho. *Não vou para sua garganta, não até depois da sobremesa de qualquer maneira. Montgomery assumiu a cozinha com a permissão de Sivia e fez algum tipo de coisa chamada pavlova que parece uma nuvem com morangos sobre isso e eu realmente quero comer.*

Ombros desfazendo e a tensão diminuindo a partir dos músculos das asas tensas em prontidão para uma batalha privada, Raphael recostou-se na cadeira, suas pontas das asas deitadas contra o tapete grosso.

Então, se entende a necessidade, então por que me atacou com um pão?

Posso ter isso de volta, aliás? Realmente gosto dos rolos de Sivya.

Arremessando-o para ela, Raphael observou-a pegá-lo com facilidade sem esforço. *Obrigada.* Ela fez uma cara severa para Illium quando seu Bluebell disse:

— Vocês dois terminaram sua discussão?

— Shh, os adultos estão falando.

O anjo de asas azuis sorriu.

— Você pode terminar antes da sobremesa? Eu não quero um prato de ansiedade com minha sobremesa.

— Coma seu prato principal, — Elena ordenou antes de olhar para Raphael, seus olhos luminosos.

Aqui está a coisa, Raphael. Nos últimos dois anos, enquanto todos esperávamos que a merda batesse no ventilador, as coisas têm sido bastante pacíficas, esta é a primeira vez que vamos voltar para o perigo.

Raphael inclinou a cabeça em acordo silencioso.

É por isso que estou te dando alguma folga. Ela tomou outro gole de vinho, sua garganta esbelta se movendo quando engoliu. *Você necessitava de reforço positivo sobre como discutir essas questões com sua consorte.*

Raphael bebeu um pouco de seu próprio vinho.

Acredito que a minha consorte agora está se divertindo.

Só um pouco. Seu sorriso se aprofundou. *Lembra-se do nosso primeiro desacordo? Envolveu meu sangue, caso você tenha esquecido.*

Tratava-se de uma mulher com coragem sem fim.

Deixando de lado seu copo de vinho, aquela mesma mulher prendeu seu olhar com o dele mais uma vez, tão corajosa e tão destemida, como sempre.

Você tem o costume de pensar em mim como fraca e que necessita de proteção. Em vez de reconhecer que não sou mortal agora. Nunca fui uma mortal comum de qualquer maneira.

Não, ela nasceu caçadora. Mais forte, mais rápida, mais mortal. Deixando de lado seu próprio vinho, ofereceu-lhe uma lâmina que ele carregava em si mesmo, porque Elena a tinha dado a ele depois de uma briga meses atrás.

Seu consorte aceita os seus erros, Caçadora da Sociedade. Não deveria ter dito as coisas como fiz, não deveria, de fato, ter pensado em tal padrão.

Elena aceitou sua oferta de paz, deslizou-a com um sorriso.

Não se preocupe. Você é meio velho.

Muito engraçado, Elena.

Em termos imortais, ele era jovem, o anjo mais jovem a se tornar um Arcanjo.

Vamos lá, você se colocou nisso, ela disse com uma risada.

E aquele riso era um incêndio em seu sangue. Era vida.

— Aodhan, você vai estar com Elena durante as reuniões do Cadre. Vou deixar para vocês dois decidirem a melhor forma de utilizar seus recursos.

Os olhos de Elena se arregalaram. Colocando sua mão sobre sua coxa debaixo da mesa, ela disse:

Ei, não queria uma declaração pública. Sei que é importante os Sete vê-lo como seu Sire.

Sim, a caçadora ainda tinha o coração mortal, que o amava quando isso não estava nem um pouco a seu favor. Ela estaria muito mais segura se nunca o tivesse conhecido. Mas Elena nunca viveu uma vida segura.

Isso não vai mudar se me virem aceitar o ponto da minha consorte. Eu seria um Arcanjo estúpido se não valorizasse o meu maior tesouro.

Expressão suave de uma forma que era só para ele, Elena levantou a taça de vinho.

Knhebek, Arcanjo.



Capítulo 07

Elena falou as palavras de amor na língua de sua avó, e sentiu a resposta de Raphael no olhar que ele lhe deu. Era fogo azul e uma ternura furiosa.

Quando ela se virou para encarar Illium e Aodhan, percebeu a tristeza nos olhos de Illium. Era velha essa tristeza e vinha da perda da mortal que ele uma vez amou, uma mulher por quem perdeu suas penas em castigo e que lamentava até hoje.

Então, Aodhan se inclinou para murmurar algo contra sua orelha. O rosto se iluminou com o que seu melhor amigo disse e Illium riu.

— Sire, — o anjo brilhante disse depois, seu perfil uma pureza de linhas limpas. — Tenho feito mais pesquisas sobre os Luminata.

Intrigada, Elena se concentrou no anjo que era mais luminoso do que qualquer um desses Luminata poderia ser.

— O líder deles, Gian — prosseguiu Aodhan, — manteve sua posição por quatro séculos. Isso é incomum entre os Luminata. São destinados a rodar a

liderança através de sua participação a cada cinco décadas para garantir que a política e o poder não distraiam ou corrompam a busca de um membro pela luminescência.

Raphael, que estava imóvel ao lado de Elena, disse:

— Como sabe disso, Aodhan?

— Sim. — O tom de Illium era duro como pedra. — Os Luminata não anunciam exatamente seus trabalhos internos.

Elena percebeu que estava perdendo alguma coisa, tanto que havia tanta agressão no ar que poderia ser cortada com uma faca.

Aodhan quebrou o contato visual com Raphael para encontrar o olhar de Illium. As palavras que falava eram mais ásperas do que ela jamais ouvira de Aodhan.

— Não sou mais uma boneca quebrada que precisa ser protegida daqueles que podem me danificar.

Vacilante como se tivesse sido esbofeteado, Illium empurrou a cadeira para trás e deixou a biblioteca pelas portas que estavam abertas para o gramado.

Elena.

Ela já estava se movendo.

Entendi.

Se não tivesse ouvido aquele tom na voz de Aodhan antes, não teria visto aquela expressão no rosto de Illium, tampouco. Tão furiosamente irritado e, ainda, ferido. Profundamente machucado.

Seguindo o anjo lá fora, esperava que ele não tivesse levantado vôo. Porque, se Illium quisesse superá-la, não teria nenhuma chance no inferno de alcançá-lo. Mas ele estava de pé na própria borda da propriedade, nos penhascos que olhavam para as águas escuras do Hudson, o horizonte de Manhattan à distância. Anjos pousavam em varandas da Torre enquanto ela observava, mas hoje, mesmo aquela visão não tinha o poder de manter sua atenção.

Caminhando para ficar ao lado de Illium, ela deliberadamente deslizou sua asa sobre as dele, firmemente presas; um toque que lhe dizia que não estava

sozinho, mas que não fazia exigências. As palavras nem sempre eram fáceis quando as coisas importavam.

O vento estava silencioso contra seu rosto esta noite. Empurrava os cabelos de Illium suavemente, aqueles fios pretos mergulhados em azul que simplesmente cresciam assim, para revelar as linhas de um rosto que possuía uma beleza masculina pura. Por mais lindo que fosse, não foi sua aparência, mas a brincalhona maldade de Illium que atraiu Elena, aquela luz que ele tinha, e que era uma vela brilhante e alegre contra a escuridão.

Hoje, a luz estava apagada, seus olhos dourados estranhamente achatados - como se estivesse se segurando com tanta ferocidade que tinha enterrado a melhor parte de si mesmo. Elena não podia suportar. Ela pegou a mão dele, entrelaçou seus dedos com os dele. Não respondeu por um segundo, dois... Então, afinal, seus dedos se enrolaram nos dela.

Sua pele se aqueceu nos minutos que se seguiram, a horrível insipidez se afastando de seu olhar.

— Sabe o quão ferido Aodhan estava quando o encontramos? — As palavras tremiam. — Suas asas estavam quase apodrecidas, meros fios de tendões e ossos tão macios quanto argila, o que restava deles. Todas as suas belas penas desapareceram, a membrana estava em pedaços, a força roubada e o corpo incrustado em sujeira.

Horror agarrou o intestino de Elena com essa conversa sombria. Sabia que algo terrível acontecera com Aodhan, o suficiente para que o fizesse recuar da vida por duzentos anos. Ele se aprisionou no Refúgio, recusava contato físico com qualquer um, não ria, não interagia com as pessoas que o amavam.

Foi Illium quem o alcançou, Illium, que era seu melhor e mais próximo amigo.

— Ele estava tão ferido, Ellie, — Illium continuou, sem esperar por uma resposta. — Não apenas do lado de fora. — Ele bateu sua mão livre contra seu coração. — Isso, a parte que faz de Aodhan quem ele é, estava tão danificado que pensei que tinha perdido meu amigo para sempre. — As lágrimas brilhavam em seus olhos.

Olhando para longe, para Manhattan, ele mantinha um foco tão duro que ela sabia que estava lutando contra essas lágrimas. Sua garganta se moveu, sua mandíbula uma linha brutal.

Isso a atingiu forte, porque, beleza e brincadeiras de lado, Illium era um dos lutadores mais poderosos entre as pessoas de Raphael. Ele não tinha misericórdia, era um guerreiro que voaria de cabeça num esquadrão inimigo se um ataque impiedoso fosse necessário.

— Ei. — Ela flexionou seus dedos ao redor dele, puxando levemente até que ele se virou para encará-la. — Posso aguentar, Bluebell. O que quiser descarregar. — Ela sorriu. — Não pode ser pior do que a vida amorosa de Ransom antes que Nyree tivesse piedade dele.

O desespero sombrio que o apertava parecia como se fosse derrotar os laços de sua amizade, mas então seus lábios puxaram um pouco. Levantando as mãos entrelaçadas, ele deu um beijo em seus nós dos dedos. E era seu Bluebell novamente, bonito e selvagem e com o poder zumbindo em suas veias. Tanto poder.

Ela respirou fundo, percebendo de repente que podia ver cada veia no corpo de Illium - em seu pescoço, em seus braços, em seu rosto. Elas brilhavam, como se seu sangue fosse ouro derretido. Seu coração bateu forte, impulsionado por memórias da luz ardente que tinha saído dele há dois anos.

Quase morreu naquele dia.

— Illium.

— Não é nada perigoso. Vem e vai. — Um encolher de ombros. — Não há nenhum aumento de poder. — Um sorriso súbito. — Sou apenas um brilho no escuro por um minuto ou dois. — O sorriso desapareceu tão rapidamente como veio, junto com a luz dourada em suas veias.

Conscientemente, tomando uma respiração profunda, então outra, Elena levantou uma mão para escovar seu cabelo para fora de sua testa. Seu coração era um cavalo de corrida no peito, mas isso não era sobre ela.

— Aodhan te machucou.

— Está mais para ele estar se machucando. — Ele olhou para Manhattan novamente, mas não estava mais segurando suas asas em suas costas com

implacável aperto. Abrindo-as uma fração, ele permitiu que suas penas deslizassem contra as dela.

Muitas pessoas veriam isso e achariam intimidade. E era. Uma entre amigos. Raphael chamava Illium de seu favorito. Isso também era verdade. Mas ele não era seu amante, nunca iria ter essa posição, porque essa parte de Elena pertenceria sempre ao seu Arcanjo. Era por isso que podia segurar sua mão, por isso que podia deslizar sua asa sobre a dele, por isso que podia beijar os nós de seus dedos.

— Durante sua recuperação, — disse Illium, — bem no início, quando Keir estava basicamente tentando colocá-lo de volta, Aodhan não falou, não encontrou os olhos de ninguém. — Tanta dor em sua voz. — Ele apenas olhava para qualquer pesadelo que existisse em sua mente, uma boneca quebrada.

O uso dessas palavras, Elena compreendeu, foi deliberado por parte de Aodhan.

— A pessoa que o descreveu assim foi um anjo chamado Remus. — A mão de Illium apertou a de Elena com tanta força que seus ossos doeram.

Ela não disse nada, apenas ouviu.

— Remus era assistente de Keir na época. — Ele soltou um suspiro, aliviou seu aperto. — Sinto muito, Ellie.

— Sou uma caçadora, Bluebell. Um pequeno aperto não me fará nenhum mal. — Com o peito subindo e descendo num ritmo irregular, Illium disse:

— Remus era um membro fracassado dos Luminata. — Ele se moveu para caminhar na direção da estufa, puxando-a junto com ele.

Ela foi, a estrutura de vidro um farol de luz daquele lado do quintal. Eram as lâmpadas de calor do lado de dentro, aquelas que nutriam suas plantas.

— Remus foi expulso de Lumia?

A satisfação de Illium estava em sua voz quando respondeu.

— Sempre pensei que ele também deveria ter sido expulso, mas Remus insistia que saiu porque percebeu que ainda não tinha terminado de viver sua vida no mundo exterior. Ele deu a entender que seria capaz de voltar para Lumia a qualquer momento.

— Esse cara, Remus, não é mais assistente de Keir.

— Não. — Uma palavra tão cortante que o ar sangrou. — Remus não tinha nada a ver com o emprego de curandeiro. — Parando ao lado da estufa, Illium olhou para as portas abertas da biblioteca. — Ele passou muito tempo com Aodhan enquanto Aodhan estava na Medica. Eu estava lá também, assim como os outros de nós que estavam com Raphael naquela época, bem como o próprio Raphael. Minha mãe. Os pais dele.

Ele engoliu em tom audível.

— Eu teria vivido no Medica, se Keir tivesse permitido. Não podia suportar ter Aodhan fora da minha vista depois do que aconteceu. — Suas asas se mexeram, inquietas, seus dedos apertando os dela novamente. — Mas, de vez em quando, Remus nos dizia que, como aprendiz de curandeiro, podia ver que Aodhan estava ficando tenso com companhia constante, que precisava de um pouco de tempo para encontrar sua própria paz. Nós nunca quisemos machucá-lo, então partimos.

Os cabelos se arrepiaram no pescoço de Elena, um sentimento ruim no estômago.

— E esse cara, Remus, ficou sozinho com ele?

Illium assentiu.

— Voltei cedo um dia. Planejei sentar do lado de fora do quarto de Aodhan até que Remus dissesse que estava tudo bem para entrar novamente. — Ele soltou as mãos das dela, se afastando, um som de raiva crua irrompeu de sua garganta. — Mas a porta estava parcialmente aberta, — ele disse sem se virar. — Por causa disso, entrei, para o caso de Remus ter liberado as visitas... E ouvi alguém sussurrando. Era Remus. Ele estava dizendo para Aodhan que era uma boneca quebrada e que as bonecas quebradas precisavam de mestres.

Os olhos de Elena ficaram quentes de fúria.

— Desgraçado.

— Não precisei ouvir mais nada. Era óbvio que Remus estava usando sua posição para abusar de Aodhan, quebrar qualquer coisa que permaneceu dentro dele para que pudesse possuí-lo. — Raiva e lágrimas disputavam espaço na voz de Illium. — Todo mundo quer possuir Aodhan. Ele é uma bela jóia e o mundo não

pode suportar apenas olhar para ele e admirar sua beleza. Querem quebrá-lo, prendê-lo.

— O que fez com Remus?

— Eu o joguei para fora da sala e depois tentei espancá-lo até a morte, — Illium respondeu num tom tão frio que causou arrepios sobre sua pele. — Teria conseguido se Aodhan não tivesse falado por fim. Estava tão quieto, tão suave, mas ouvi. Ele disse, Bluebell. — Illium soltou uma respiração áspera. — Foi como um tiro dentro da minha cabeça. Eu deixei cair o saco de ossos quebrados que era Remus e corri para o quarto de Aodhan.

Ele cortou suas palavras, como se a lembrança desse momento fosse demais para suportar.

Deslocando-se para ficar ao lado dele mais uma vez, Elena passou a mão suavemente sobre sua asa, suas penas sedosas e quentes sob a palma da mão. De perfil, contra a luz da estufa, ele era uma estátua de granito, sua mandíbula apertada com força agonizante.

Quando falava, cada palavra era uma lasca de pedra.

— Remus estava caído, sangrando e quebrado do lado de fora quando Raphael chegou. Ele não me perguntou nada naquele momento, apenas atirou Remus numa sala de tratamento e alertou Keir de que uma de suas pessoas precisava de sua ajuda.

— Ele sabia que você devia ter tido uma boa razão.

— Quando estava finalmente calmo o suficiente para falar, depois que Aodhan caiu num sono natural, eu disse a ele o que ouvi. — Ele passou uma mão pelo cabelo. — Até hoje, não sei o que Raphael disse à Keir, mas Remus foi banido da Medica pela duração de sua vida imortal. Se for ferido, deve esperar lá fora e esperar que alguém vá ajudá-lo.

Elena pensou em seu tempo no Refúgio, mas a mente estava em branco.

— Nunca ouvi falar dele.

— Ele é um paria. — Satisfação áspera percorreu a voz de Illium. — As pessoas respeitam Keir, sem importar sua afiliação política. Que ele tenha banido Remus foi o suficiente para a maioria evitá-lo; nenhum de nós falou publicamente

sobre a razão pela qual ele foi banido. — Afastando os cabelos novamente com mão áspera, ele disse: — Nós nos recusamos a dar a esse bastardo a satisfação de ter os outros olhando para Aodhan com piedade. Ele sobreviveu ao inferno, Ellie. Ele merecia nada além de elogios por sua coragem. Nunca pena.

Elena conectou os pontos e soltou um suspiro.

— Merda. Aodhan obviamente falou com ele de novo. — Ela pôde ver por que tanto Illium quanto Raphael reagiram tão mal à idéia. — Não está preocupado que Remus tenha sido bem sucedido na lavagem cerebral, está?

Um tremor imediato da cabeça de Illium.

— Naquele dia, quando Aodhan acordou pela primeira vez, me disse que Remus não era nada, era um verme. Aodhan o apagou da mesma maneira que fez com o resto do mundo até que me ouviu com muita raiva, batendo em Remus até a morte.

A voz de Illium falhou.

— Aodhan estava preocupado comigo. Ele foi quebrado, seu corpo e alma feridos ao ponto de ruptura, e estava preocupado comigo. Isso é o que o trouxe de volta para nós, sua preocupação comigo. E ele me chuta porque estou preocupado com ele agora?

Sua dor era tão profunda e violenta que Elena sentiu seu próprio coração doer.

— Ele está acordando mais e mais, — disse ela, lutando contra sua própria resposta furiosa à idéia de Aodhan se expor a danos. — Tem sido um longo processo para ele. — O anjo ficou trancado dentro de si mesmo por uma eternidade antes de decidir vir para Nova York, abrir suas asas novamente. — Ele vai reagir mal a quem questionar sua capacidade de cuidar de si mesmo.

A mandíbula de Illium flexionou.

— Então não tenho permissão para me preocupar com meu amigo? — Sua asa se afastou enquanto ele se virava para encará-la, e balançou a cabeça novamente. — Sabe o que aconteceu comigo quando o perdemos? Nos quase dois anos que ele se foi?

Sem dizer mais uma palavra, abriu as asas e saiu com uma rajada de vento que chicoteou o cabelo de Elena pelo rosto. Tão rápido e alto que tudo o que ela podia fazer era vê-lo desaparecer nas estrelas.



Capítulo 08

Raphael, Bluebell está no céu. Acho que precisamos deixá-lo ir. Não estava disposto a ouvir ninguém agora.

Vou avisar Dmitri para vigiá-lo.

Voltando à casa, Elena entrou na biblioteca para encontrar Aodhan ainda em seu assento. Ele não parecia ter comido nada desde o momento que ela saiu, e quando entrou, seus olhos foram imediatamente para trás dela.

— Onde ele está? — Perguntou no instante que se deu conta de que Illium não estava prestes a aparecer.

Elena deu de ombros e apontou para cima.

Com o rosto endurecido, Aodhan olhou para o prato.

— Ele está bem? — A pergunta soou como se tivesse sido arrancada dele.

Elena decidiu ser honesta.

— Irritado e ferido em medidas iguais.

Com o rosto enrubescido, Aodhan empurrou sua própria cadeira.

— Sire, estou indo.

— Te vejo ao amanhecer, Aodhan. Obrigado pela informação sobre os Luminata.

Um aceno rápido mais tarde, Aodhan se foi numa cascata de luz acendendo suas penas. Tão extraordinário, tão bonito.

Todo mundo quer possuir Aodhan. Ele é uma bela jóia e o mundo não pode suportar apenas olhar para ele e admirar sua beleza. Eles querem quebrá-lo, prendê-lo.

Tomando seu lugar enquanto as palavras apaixonadas de Illium ecoavam em sua mente, Elena virou meio copo de vinho antes de virar seu corpo para encarar Raphael.

— Illium me contou sobre Remus. — Ela teve que lutar para manter a voz estável. — Posso ver por que ambos reagiram mal à ideia de que Aodhan deve ter falado com ele. Por que não matou o bastardo naquela época?

Com as asas descendo numa queda de ouro branco, seu Arcanjo recostou-se em sua cadeira, seus olhos difíceis de ler.

— Isso teria levantado muitas perguntas sobre exatamente o que ele fez para merecer tal punição.

Expondo o que o idiota tentou fazer com Aodhan.

— Aodhan está certo, — acrescentou Raphael, depois de uma longa pausa. — Ele não é mais quem era, quem há tanto tempo estamos acostumados a pensar como sendo ele. Fez o que era necessário em sua capacidade como o guerreiro que nos acompanhará até o santuário interno dos Luminata.

Elena franziu o cenho.

— Por que escolheu Aodhan para a viagem a Lumia? Tinha que saber que isso traria à tona um momento ruim de sua vida.

— Receio que as lembranças do seu consorte a decepcionaram — disse Raphael, com uma expressão de escuridão que ela podia ler muito bem; era uma raiva antiga e envelhecida. — Antes desse momento em que Remus subiu ao primeiro plano de minha mente, vi Aodhan apenas como ele é agora - um membro

poderoso dos meus Sete que lutou para salvar minha cidade e que faz arte cheia de mistério. Lidei com Remus séculos atrás, tinha esquecido-o há muito tempo.

Elena assentiu.

— Sim, posso ver isso. Aodhan tem sido tão forte. Ele se recuperou de suas lesões de batalha mais rápido do que alguém esperava e está muito mais sociável nos dias de hoje. — Não em comparação com a maioria das pessoas, mas para Aodhan. — Não admira que tenha esquecido.

Bebendo o último gole de vinho, Raphael colocou o copo de volta na mesa.

— Enquanto estava lá fora, Aodhan me disse que estava satisfeito com a tarefa, satisfeito com o reconhecimento silencioso de que eu não o achava tão danificado para assumir essa missão.

— Ah. — A resposta furiosa de Aodhan a Raphael e Illium teve, de repente, ainda mais sentido. — Então vocês dois estragaram isso trazendo seu passado à tona. — Ela sacudiu a cabeça. — Como consertou isso?

— Não tenho certeza de ter conseguido. — Raphael se levantou. — Caminhe comigo, Minha Elena.

Levantando-se, ela enfiou a mão na dele.

— Aodhan ainda irá conosco, certo?

— Claro. Cometi um erro de julgamento ao interrogá-lo, mas não iria piorar tudo mudando sua atribuição quando ele permanece mais do que capaz para ela.

— Bom. Então vamos descobrir as coisas durante a viagem. — Aodhan podia estar com raiva agora, mas era um dos mais equilibrados dos Sete. Ele se acalmaria... Mas, novamente, Elena não conheceu Aodhan antes de ser ferido, de modo que, de repente, percebeu que não tinha idéia do que estava falando.

— Ele tinha um temperamento antes de ser levado? — Enquanto ela não sabia exatamente o que aconteceu, entendia o suficiente para saber que foi sequestrado e mantido em cativeiro. O resto, como com Illium e seu pai, ela não tinha o direito de saber a menos que Aodhan escolhesse dizer a ela.

A risada de Raphael era um som quente e rico na escuridão noturna.

— Ele é um artista talentoso, Elena, um dos maiores da raça angelical, embora não goste quando falamos assim.

— Temperamento artístico? Ok. Sim, isso eu não imaginei.

— Ele raramente se entrega a isso. Illium foi sempre o mais volátil dos dois, mas Aodhan teve seus momentos.

Elena trabalhou a idéia de um Aodhan de cabeça quente e começou a sorrir.

— Bem, ele pode ficar chateado, mas sabe o quê?

— O que?

— Isso significa que Faísca realmente está voltando. Temperamento artístico e tudo.

— Sim, — Raphael disse com um sorriso lento, — você está certa. Nosso Faísca realmente está voltando para nós. — Ele levantou a cabeça para olhar para as estrelas. — Me pergunto, quanto tempo seu Bluebell levará para entender isso?

* * *

Mau humor artístico ou não, Aodhan estava calmo mesmo à luz da madrugada cinzenta na manhã seguinte, quando encontrou Elena e Raphael para o vôo de avião que iria levá-los para o Marrocos. A bagagem já tinha sido enviada na frente, com Montgomery tendo tomado total carga dessa tarefa.

— Vai precisar de vestidos, — disse o mordomo à Elena. — Os Luminata se sentiriam insultados se andasse por seus corredores em trajes de caçadora.

Elena tinha franzido o cenho tão forte que sua mãe, sem dúvida, a advertiria que seu rosto congelaria naquela expressão se não tivesse cuidado.

— Sou quem sou.

— Mesmo os Arcanjos respeitam os costumes dos Luminata.

Bem, isso a fez ficar quieta. Quem diabos era ela para desconsiderar as regras que o próprio Cadre respeitava?

— Porra, o que diabos eu levo?

A expressão do mordomo era tão fechada como de costume, mas ela tinha captado um brilho de humor.

— Vou cuidar disso, Caçadora. Também vou garantir que tenha um vestido no avião para trocar antes de aterrissar em Lumia.

Elena não tinha idéia do que faria sem Montgomery. Provavelmente insultaria todos ao seu redor sem perceber.

— Tenho que usar traje formal, também? — Ela perguntou à Aodhan agora.

O outro anjo estava atualmente vestido com couro de guerreiro de um ouro batido que se adequava à sua coloração tão lindamente, que sabia que foi feito para ele, somente ele. — Uma vez que chegarmos a Lumia, quero dizer. — Agora, ela estava vestindo jeans, botas, camiseta e um suéter fino com tiras de couro que cruzavam seu torso.

— Sou sua escolta, — ele respondeu. — Espera-se que esteja com couros ou outras roupas adequadas a um guerreiro.

— Eu te odeio, — Elena disse sem calor.

Seus olhos, aqueles olhos estranhos e assombrosamente bonitos de traços cristalinos azul-esverdeados com uma pupila obsidiana, aqueceram-se.

— Vou deixar você segurar minhas espadas, se for boazinha.

— Muito engraçado, Faísca.

Suas sobrancelhas se juntaram com a referência ao apelido que ele estava tentando fazer todos esquecerem.

— Vou matar Illium, — disse ele, não pela primeira vez. Mas seus olhos viraram-se para cima, como se estivessem procurando nos céus asas de azul e prata.

Essas asas não apareceram no momento que saíram do Enclave. E, apesar das provocações de Aodhan, Elena tinha todas as suas armas. Raphael lhe dissera que, como guerreira e consorte, deveria ter armas nela.

— Se Hannah aparecesse armada até os dentes, isso levantaria algumas sobrancelhas, mas todos estão cientes do fato de que minha consorte é uma caçadora.

Isso a animara. Especialmente desde que Montgomery tinha feito um ponto ao dizer-lhe que os vestidos que embalou eram tais que ela não seria impedida em uma luta, se tal luta se tornasse necessária.

Era uma coisa boa que tivesse praticado com vestidos nos últimos dois anos. Seus amigos caçadores achavam que era uma piada para se divertir com ela

enquanto estava fascinada, mas os lunáticos a ajudaram a aperfeiçoar sua técnica. Era Ransom, com sua pele de cobre dourado, olhos de verde irlandês, e habilidade de um lutador de rua, que deu a ela um pequeno canivete.

— Mesmo se não puder usar qualquer outra lâmina abertamente, pode esconder isso em algum lugar e usá-lo para abrir fendas no seu vestido para que possa correr e encontrar uma arma.

Elena tinha mostrado a perigosa arma para Raphael.

— Não se preocupe com outro homem me dando uma lâmina, — ela ordenou. — Ransom está muito feliz e casado, e gosto dessa belezinha.

Seu Arcanjo não dissera nada, mas a lâmina de Ransom havia desaparecido misteriosamente dois dias depois, para ser substituída por uma versão ainda mais mortal.

Seu Arcanjo realmente não gostava quando alguém, a não ser ele, lhe dava uma lâmina, ela pensou, com um sorriso, enquanto todos os três levantavam vôo, Elena voando do penhasco e descendo até o Hudson antes de planar para se juntar a Aodhan e Raphael.

Acenando para Montgomery quando viu o mordomo perfeitamente parado no verde exuberante do gramado, ela luxuriou-se no ar frio que correu sobre as suas asas e puxou as mechas de cabelo que tinham escapado de sua trança apertada. Aodhan ia no alto, como preferia, mas Raphael estava voando nas proximidades. E suas asas, eram um fogo branco perigoso.

Ele poderia tê-la ultrapassado num piscar de olhos, mas permaneceu no mesmo ritmo, e, quando ela olhou para ele, ele olhou para trás com um sorriso que era apenas para ela. Eles não falaram nada; não havia necessidade disso, os dois estavam em perfeita harmonia quando mergulhavam, se inclinavam e cavalgavam ao longo dos ventos. Ela sentiu como se tivessem chegado ao aeroporto rápido demais.

Pousando primeiro, Raphael esperou que ela se juntasse a ele, então os dois assistiram Aodhan descer. Ele era uma ruptura de luz tão brilhante, mesmo sob a luz do sol pálido, que Elena tinha que colocar óculos de sol para continuar a assistir. Cada parte dele parecia brilhar quando pousou na frente dela e dobrou as asas para trás.

O capitão desceu os degraus do avião naquele instante.

— Sire. — O vampiro inclinou a cabeça.

Elena estava na Torre tempo suficiente para pegar as sutilezas nas saudações que Raphael recebia. Dmitri nunca inclinou a cabeça, a amizade dos dois era muito profunda e sua confiança bem cimentada para precisar disso. Como a reverência do capitão foi sutil, significava que era um vampiro poderoso que mantinha a confiança e respeito de Rafael.

Elena sorriu para o homem de altura média, que parecia um tanque, todo músculo e poder.

— Ei, Mack.

Dougal Mackenzie dirigiu-lhe um olhar reprimido.

— Consorte.

Ele era todo tão correto, que tornava tendenciosa todas as suas idéias sobre lairds escoceses. Ok, tudo bem, ela não tinha realmente nenhuma idéia sobre lairds escoceses antes de conhecer Dougal, mas parecia errado que fosse tão certinho. Talvez ainda estivesse com dor de cotovelo porque seu clã disse que não poderia ser um laird por mais tempo do que o período de uma vida humana natural. Não era justo para as gerações vindouras ter um laird vampiro que poderia viver por milhares de anos.

Claro, ela estava apenas especulando desde que Dougal nunca tenha se dignado a satisfazer sua curiosidade. Hoje, ele se encontrou com os olhos de Raphael e disse:

— Estamos prontos para decolar assim que você mandar.

Dougal voltou para dentro depois de Raphael reconhecer a declaração, enquanto Elena ergueu os olhos para o céu mais uma vez.

Vamos, Bluebell. Você sabe que ele precisa de você.

Aodhan poderia estar ficando cada vez mais forte, mas ainda permitia que apenas Illium o tocasse livremente.

Ele não rejeitaria o toque de Elena ou o de Raphael, mas tampouco o aceitaria. Estava mais para suportá-lo. Não, isso não estava certo. Ele segurou a mão dela quando ela precisou, dando conforto. Para dizer melhor, ele podia passar

por cima de seu trauma para fazer contato. Somente com Illium essa barreira não existia.

Isso contou a Elena muito sobre até que ponto Aodhan ainda tinha que ir.

— Raphael, sabe o que aconteceu com os dois ontem à noite? — Ela perguntou quando o outro anjo removeu suas espadas duplas e peitoral, e levou-os para dentro do avião, onde estariam ao alcance do braço.

Raphael sacudiu a cabeça.

— Dmitri me disse que os dois ficaram fora a noite toda, só isso.

— Do jeito que Aodhan olhou para o céu antes de entrar no avião — disse Elena, levantando os olhos de novo — Tenho a impressão de que não encontrou Illium. Você acha...

— Não sei se seu Bluebell virá, — disse Raphael. — Illium raramente se ofende, mas quando acontece, geralmente passa num segundo. Ele perdoa mais generosamente do que qualquer outro anjo que eu conheça.

Isso se encaixava em tudo que Elena sabia sobre Illium.

— Então, por quê?

— Por que isso, *hbeebti*, não é apenas raiva.

Ela pensou em como Illium lutou para não chorar, com o corpo rígido.

— Ele estava realmente ferido. — Olhando sobre seu ombro enquanto Aodhan voltava para ficar ao lado do avião, ela mudou para a comunicação mental.

Podemos esperar um pouco mais?

Os olhos de um azul desolador pousaram no anjo que brilhava como uma estrela sob a luz do sol.

Receio que não.

A voz de seu Arcanjo era o frio vento da montanha contra seus sentidos.

— Não há mais tempo.

Eles subiram os degraus do avião no encalço de suas palavras.

Aodhan foi o último a subir, e manteve os olhos voltados para a janela quando o avião começou a se mover na pista. Ele não desviou o olhar, mesmo depois de estarem nas nuvens... Não até que tivessem ido longe demais até mesmo para Illium alcançá-los.



Capítulo 09

Essa parte do Marrocos era um marrom e dourado de paisagem árida quebrado apenas por flores silvestres resistentes, ondulações de gramíneas, e bosques ocasionais de árvores com raízes profundas que forneciam um beijo inesperado de verde para a paisagem, mas era espetacular em sua nudez.

Elena estava ansiosa para banquetear os sentidos no que era Marrakech, barulhento e lotado, e seu tipo de lugar, mas desembarcaram ainda mais para o interior, numa pista privada a uma distância considerável da cidade com a qual ela era mais familiar. De lá, voaram com suas asas sobre e para as montanhas do Atlas e para um pico inclinado sobre o qual havia uma fortaleza que era toda curvas graciosas e arcos.

Lumia era formada por milhares de pequenos tijolos cor de areia que se misturavam com a paisagem, e ao invés de ser um grande bloco, era um reduto se alastrando com uma miríade de caminhos e seções que fluíam para a outra, dando

ao lugar um ar delicado e quase etéreo. Ela também vislumbrou duas cúpulas ao longe, uma das quais parecia de vidro, a outra era opaca.

— É como o Taj Mahal, — ela disse a Rafael quando ele voou perto o suficiente. — Esta coisa enorme de alguma forma tem um ar de bela fragilidade. — O Taj, também, parecia flutuar contra o céu.

— Lumia foi concebida nos princípios da perfeita serenidade, como implícito pelos Luminata. Cada tijolo, cada percurso no jardim, tudo isso.

Enquanto os jardins do pátio que ela podia ver a partir do ar pareciam ser bem cuidados e verdes, com posicionamento preciso de folhagem, flores da montanha cobriam as encostas que iam abaixo para prados de um lindo dourado onde ao que parecia nenhuma construção já tinha ocorrido.

Mas para o complexo Luminata, não havia outros edifícios ou estradas dentro da vista. Nenhum veículo. Nem mesmo pessoas com menos meios modernos de transporte. Ela não podia sequer vislumbrar a fronteira fortificada que Rafael tinha dito a ela, que protegia Lumia em três lados. Não havia nenhuma parede do lado sobre o qual voavam, as montanhas proporcionando um baluarte natural.

— Quando disse que os Luminata gostavam da sua privacidade, realmente quis dizer isso. São as fronteiras patrulhadas?

Raphael manteve sua posição ao seu lado com uma mudança em seu balanço de asa.

— A seita tem um pequeno complemento de guardas que garantem que ninguém viole a paz de Lumia, mas na maior parte, as pessoas aqui, mortais e imortais sabem que estas terras são proibidas para todos, exceto por convite.

— Eles têm um monte de terra, se não podemos ver os muros.

— Não tanto no esquema das coisas. Talvez uma hora de vôo das montanhas até a fronteira, no máximo. — Os olhos de azul insondável encontraram os seus. — É tudo o que imaginou?

Elena deu outro olhar para o composto se aproximando com cada batida de asa.

— Não tenho certeza. Acho que estava esperando algo mais parecido com a Biblioteca do Refúgio. — Imponente e com um pesado sentimento de idade sobre

ele. — Ou talvez um sóbrio monastério. Isto é mais grandioso de alguma forma. Pacífico e calmamente adorável, mas com a consciência da sua própria beleza.

Ela deliberadamente o "cutucou" com uma asa, suas primárias mal ralando.

— E você? É como se lembra?

* * *

Raphael não tinha voado asa a asa com ninguém por um longo tempo antes de Elena. Sorrindo profundamente por dentro com o contato lúdico, a juventude que uma vez tinha subido à tona, ele a cutucou cuidadosamente para trás. Ele era muito mais forte que Elena, e enquanto ela tinha incrível graça no ar, ela só tinha estado em vôo por um mero piscar de tempo.

Rindo quando sua cotovelada a girou para a esquerda, ela disse, "Whoop!" E virou de costas por um momento que fez seu coração bater contra suas costelas, enquanto se preparava para pegar seu frágil corpo ainda não-totalmente imortal.

Se ela atingisse a Terra desta altitude, ela quebraria. Ela morreria.

Mas ela inclinou a cabeça para baixo numa curva suave, seu corpo seguindo, e estava do seu lado direito novamente numa questão de segundos.

— Vou matar seu Bluebell, — disse ele, deixando diminuir para que eles estivessem asa a asa novamente.

Um sorriso.

— Como sabia que ele me ensinou isso?

Raphael apenas levantou uma sobrancelha.

Rindo de novo, sua consorte impenitente soprou-lhe um beijo.

— Não mate Bluebell. Ele está me ensinando a fazer um aspiral descendente no momento.

— Claramente, Aodhan não é o único que sofre de tédio. — Raphael sentiu seus lábios puxarem acima, a pontada de medo se retirar sob a onda de memória, um menino intrépido com asas de um azul extraordinário. — Ele disse-lhe quem lhe ensinou a espiral descendente?

A boca de Elena caiu.

— Foi você! — Ela adivinhou.

— A Colibri não falou comigo por um mês depois, — Raphael admitiu com um sorriso de sua autoria. — Quanto a Lumia, a fortaleza não parece ter mudado no tempo desde que sobrevoei isso, e o esplendor da paisagem, sim, se encaixa com o que conheço do caminho Luminata. — Ele nunca tinha realmente pensado muito sobre a seita, mas quando o fez, foi para vê-los como separados da vida, mas não ascéticos como os monges que Elena tinha referenciado.

— Quando era muito jovem, — ele disse a Elena, uma memória de um longo tempo atrás provocando outra, — uma vez conheci um místico mortal, como você conheceu o santo homem. Ele era magro, somente tendões e músculos sobre o osso, sem gordura. Apenas o suficiente de carne para sustentar seu corpo mortal. — Raphael lembrou de se perguntar como alguém poderia sobreviver em tal estado. — Ele tinha uma longa barba cinza, e sua pele estava curada pelo sol por todas as horas que tinha andado pela paisagem, mas sua alma, isso emanava perfeito contentamento.

Raphael era um anjo jovem e arrogante na época, semelhante a um jovem mortal que saísse de casa pela primeira vez, mas, naquele instante, se sentiu humilhado.

— Senti que ele sabia muito mais do que eu jamais poderia imaginar, embora sua vida não pudesse ter mais que seis décadas para a minha de duzentos anos naquele momento.

Ele tinha acabado andando com esse místico por milhas, curioso e respeitoso e consciente pela primeira vez em sua existência que imortais não eram necessariamente o auge da existência.

— Infelizmente, as lições que aprendi em meus dias de caminhada ao seu lado não se mantiveram no milênio que se seguiu. Eu tinha esquecido até este instante.

— Não se aborreça Arcanjo. — A voz de sua consorte continha seu espírito guerreiro e seu amor feroz por ele. — Aprendi coisas quando adolescente e jovem caçadora que esqueci nos anos que se seguiram. A vida não é estática, e, por vezes, não nos damos conta do valor do conhecimento ou até mesmo das pessoas, até mais

para a frente do caminho, quando estamos maduros o suficiente para realmente entender.

Às vezes, a caçadora consorte de Raphael o surpreendia com sua percepção sobre ambos, mortais e imortais.

— Os Luminata, — ele respondeu, — eles não são e nunca foram como meu místico ou o homem santo. Seus membros se juntam depois de pelo menos mil anos de existência, ninguém mais jovem é permitido para se tornar um iniciado. E nessa fase, estão acostumados a um determinado modo de vida.

— Entendo. — Elena se moveu abaixo em uma corrente de vento, sua alegria em voar uma luz incandescente que podia quase tocar. O azul profundo do vestido sem mangas brilhava ao sol, quase tão brilhante como a lâmina que brilhava com jóias em seu braço.

Seu cabelo era uma bandeira brilhante de seda quase branca.

Montgomery fez bem, tendo escolhido um vestido com uma silhueta elegante e apertada que não segurava o ar e criava muita pouca resistência, exceto as saias que Elena poderia soltar para os lados uma vez no chão, liberando seu passo. Havia também uma astuta abertura no alto de sua coxa à direita. Era apenas de três polegadas e poderia ser fechada com botões minúsculos que pareciam decorativos.

Mas quando aberto, permitia que Elena usasse sua besta amarrada à sua coxa, como estava fazendo agora. Para não mencionar as luvas no antebraço que seguravam suas lâminas de arremesso, bem como um número limitado de flechas de besta, a longa faca que usava contra sua coluna sob o vestido, e a arma escondida num coldre de tornozelo que usava sobre suas botas.

A Caçadora da Sociedade, Elena Deveraux, Consorte do Arcanjo Raphael, aterrizaria no Lumia não como um acessório bonito como alguns anjos mais velhos estavam aptos a esperar, mas como uma mulher mortal em seu próprio direito.

Raphael sorriu de satisfação cruel.

Os Luminatas desistiram do mundo, sua consorte guerreira disse em sua mente, mas sua versão de desistir da tentação é uma versão imortal e confortável comparada a uma versão austera e mortal.

Exatamente.

Raphael moveu-se para juntar-se a Elena em sua fuga serpenteando sobre a paisagem em torno de Lumia. Tinha certeza absoluta que eles estavam sendo observados, pela guarda dos Luminata, pelos Luminata em si, por qualquer Arcanjo que chegou antes deles, mas o que ele tinha a esconder? O mundo sabia que o Arcanjo de New York amava sua consorte.

Que voava com ela por nenhuma razão, então voar com ela não dava uma munição extra. Isso não significava que baixasse a guarda. Não aqui. Não com os Luminata, uns desconhecidos, e o Cadre, um perigo que ele conhecia muito bem.

Aodhan, ficar no alto. Avise-me de qualquer abordagem.

Eu vejo outras asas no céu ao longe. Uma pausa. Asas prateadas. Prata sólida. Alexander.

Ninguém mais na raça angélica tinha asas como as do Antigo que já era novamente o Arcanjo da Pérsia.

Ele está sozinho?

Não. Vejo outros dois pares de asas. Vou precisar me aproximar para identificá-los.

Fique com a gente.

Ele queria que quaisquer observadores ficassem cientes de que sua Consorte nunca estaria sozinha, porque enquanto ele sabia que Elena podia se defender, também sabia que imortais tinham uma tendência para ver seu coração mortal, em primeiro lugar, suas armas em segundo.

Os encontraremos em breve.

Então ele subiu alto, apenas para cair abaixo ao lado de Elena num mergulho duro, rápido, que exigia precisão.

— Exibido. — Admiração brilhava em seus olhos.

E ele sentia-se jovem de novo, como se sentia apenas com Elena. Não o Arcanjo responsável por milhões de vidas, mortais e imortais, mas um homem com sua amante. Raphael com Elena.

— Não devo decepcionar nosso público.

— Bom ponto. — Elena puxou a besta livre, pegou uma flecha da luva no antebraço que Deacon modificou para que pudesse transportar cinco flechas nela

quando era impossível ela usar uma aljava cheia. — Que tal um jogo, uma vez que estamos adiantados de qualquer maneira? — Ela lançou uma flecha em direção à terra, sem aviso prévio.

Raphael dobrou suas asas, caiu como uma bala... e pegou a flecha. Em seguida, ele correu para pegar uma segunda, que ela lançou atravessando o céu, e depois passou para o lado para pegar uma terceira.

A voz que veio à sua mente quando ele pegou a última, que ela tinha atirado tão perto que quase roçou sua asa, era familiar. Antiga e dominante e com mais de um toque de arrogância.

Meu neto acabou de se apaixonar pela sua consorte, Raphael. Ele me diz que quer uma amante que atira para ele, também.

Lábios curvados, Raphael voou seu caminho para Elena, para devolver suas flechas para ela. Quando ela as pegou, já tendo amarrado sua besta com a facilidade de longa prática, ele disse a ela o que Alexander tinha dito. Ela sorriu, o vento varreu o cabelo para trás de seu rosto.

— O menino tem bom gosto.

Alexander e seu neto, chamado Xander, em homenagem ao seu avô, eram agora visíveis à distância. O cabelo dourado e a asas prateadas de Alexandre o marcavam bem antes do Antigo chegar perto o suficiente para o rosto ser visível. Quanto a Xander, era uma mistura de seus pais, mas também era muito claramente o neto de Alexander.

Seu cabelo era um rico marrom escuro, a pele de um castanho tão claro que era ouro escuro, e suas asas de um preto profundo, que desapareciam num escuro marrom com toques de ouro, mas abertas, essas asas tinham o lado inferior da mais pura prata.

Seu neto voa bem, disse a Alexander. *Estou surpreso que o trouxe com você.* Com duzentos anos, Xander era jovem, verde e Alexander já havia perdido seu filho.

Sire, Aodhan disse no mesmo instante. *Terceiro com Alexandre. Eu o reconheço. Valerius.*

O nome era familiar para Raphael: Valerius foi um dos generais angelicais mais leais de Alexandre, um homem que foi fiel à descendência da família por tanto tempo que pensar em Valerius era pensar em Alexander.

Você quebra as leis do Luminata?

Alexander estava perto o suficiente para que Rafael pudesse ver o aceno de cabeça.

Os filhos do Cadre são sempre permitidos a qualquer reunião, contanto que tenham menos de dois séculos e meio de idade. Raiva e tristeza endureceu suas feições. *Meu filho está morto, então meu neto está autorizado a participar.*

Raphael não sabia dessa regra, mas, também, nunca precisou saber disso.

Está certo de que ele estará seguro?

Não respondendo, Alexander veio para flanquear Elena, mantendo um respeitável metro de distância entre suas primárias. O antigo era nada se não tradicional.

— Consorte, — disse ele em saudação.

— Arcanjo Alexander, — Elena respondeu, já que ela e Alexandre não tinham uma relação de informalidade, como ela agora tinha com Titus. — Sem ofensa, mas por que trouxe essa linda criança? — Ela acenou para o jovem macho, que tinha caído para voar baixo sobre a paisagem.

Alexander poderia ter apontado que Xander tinha duzentos anos, mais ou menos um ano ou dois a mais ou menos, enquanto Elena mal tinha passado a marca de três décadas, mas todos sabiam que imortais não envelheciam como mortais faziam. Xander não era realmente o garoto que Elena o tinha chamado, mas também não era considerado adulto. Era um rapaz em torno de vinte, talvez vinte e um anos de idade em termos humanos.

Para anjos, seu terceiro século de vida tende a ser o momento decisivo entre a infância e a idade adulta. Alguns anjos eram considerados verdadeiros adultos depois de dois séculos e um quarto, outros precisavam de um pouco mais de tempero. Pelo que ele sabia da linhagem de Alexandre, Raphael apostava que o rapaz faria a transição para a vida adulta num piscar de olhos vivazes. Meras décadas no máximo.

Mas hoje, neste momento, ele permanecia um jovem.

* * *

— Me encanta que ambos, você e sua consorte perguntem sobre a segurança do meu neto, — disse Alexander. — Talvez haja esperança para o Cadre.

Sabe que eu não o traíria, a menos que faça o mesmo primeiro, Raphael disse, ligando Elena na conversa através de sua própria mente. *Você é a razão de um dos meus Sete atualmente ser capaz de viver livremente com sua companheira.*

Ah, a criatura selvagem. Os lábios de Alexander se curvaram. *Quanto a Xander, posso cuidar da segurança de meu neto melhor do que ninguém, e quando eu não estou lá, Valerius está. Xander vai ser melhor protegido do que se estivesse em casa.*

Raphael não tinha tanta certeza.

O mundo mudou desde seu último despertar, Alexander. Leis foram quebradas, linhas cruzadas. Sabe disso melhor do que ninguém.

Olhos de prata pura encontraram os de Raphael, as linhas do rosto de Alexander brutais em sua dureza.

Qualquer um que tocá-lo vai morrer por minha mão, Raphael. Eu, então, aniquilarei suas terras e descendentes até que nenhum vestígio permaneça de seu sangue. Esta é uma promessa de que todos irão em breve tornar-se conscientes.

Elena olhou para Raphael, mas não falou, não até que ele disse: *Estamos em privado agora, Caçadora da Sociedade.*

Ele não vai mudar de ideia, ela disse. *E não acho que é arrogância, ele perdeu seu filho, quer seu neto em sua linha visão para que possa protegê-lo.*

Raphael compreendeu, mas também entendia que Alexander não poderia estar sempre com Xander.

Está disponível para ser babá?

Elena sorriu.

Ah, que diabos. Ele vai me impedir de sentir falta de Izzy.

O membro mais jovem da guarda de sua consorte estava mais perto de cem que duzentos anos, mas não era uma lacuna tão grande quando se tratava de crescimento angelical. A diferença entre um jovem mortal de dezoito ou dezenove anos e um de vinte, vinte e um.

— Seu neto é bem-vindo para fazer companhia para minha consorte e Aodhan, — Raphael disse em voz alta. — Ele vai, naturalmente, se apaixonar mais por Elena, mas o rapaz terá que arriscar um coração partido se deseja aprender a dançar com uma consorte guerreira. Ela pode até disparar flechas para ele se manter entretido.

A risada de Alexander foi inesperada, um som quente, vigoroso que fez seu neto se virar e voar acima em direção ao seu avô.

— Raphael, eu invejo você. — Com isso, ele mergulhou para encontrar seu neto, e os dois se inclinaram em direção à Lumia.

Ele não se ofendeu com a oferta, Raphael disse à Elena. *Assim, pode muito bem encontrar-se com um novo filhote ao seu lado. Valério é um general antigo, um pouco rígido pessoalmente, mas brilhante em estratégia. Onde Xander vai, ele está apto a estar perto.*

Elena franziu a testa.

Aodhan está bem com Valerius?

Vou perguntar.

Quando Aodhan desceu para se juntar a eles, em sua varredura lenta em direção a um patamar, ele disse:

— Só tive contato menor com Valerius através dos séculos, mas ele sempre me pareceu honrado. Não prevejo nenhum problema.

Em seguida, estavam pousando no que parecia ser um pátio central, os pavimentos de uma pedra mais leve do que as paredes de Lumia, as plantações ao redor do pátio, gramíneas simples mantidas impiedosamente no controle.

Alexander e Xander já desceram; Valerius aterrissou junto com Aodhan. Quando o general estendeu seu braço no jeito dos guerreiros, Raphael sentiu Elena tensa, tocou-a suavemente na parte de trás.

Não é nenhuma tentativa de tomar a frente ou insulto, mas sim o contrário, ele disse a ela. Dada a lacuna nas suas idades, Valerius provavelmente não está ciente do repúdio de Aodhan pelo toque.

Aodhan não hesitou. Ele respondeu apertando a mão sobre a luva que cobria o antebraço do geral, enquanto o general fez o mesmo, fechou sua mão sobre a luva de couro de Aodhan. Só alguém que conhecia muito bem Aodhan teria percebido a rigidez de suas asas, o alívio que coloriu seus olhos quando o contato terminou.

— Consorte. — Alexander veio assim que Elena terminou de soltar os lados da metade inferior de seu vestido o suficiente para permitir sua livre circulação. — Permita-me apresentar oficialmente meu neto. Xander, esta é Elena.

O sorriso do jovem macho era tímido e isso fez Raphael pensar em Izak ou Izzy como Elena o chamava.

— Consorte. — Xander baixou a cabeça como um jovem de sua idade deveria na presença de uma consorte arcangélico; o fato de que era neto de um Antigo não fazia diferença. Guerreiros ganhavam sua própria posição e Raphael conhecia Alexander bem o suficiente para entender que o Antigo esperaria nada menos de seu sangue.

Mesmo Rohan, seu amado filho, tinha atravessado a mesma formação que qualquer jovem soldado. Quando se fez, foi através de sua própria habilidade e esforços.

— Xander. — Elena estendeu seu antebraço.

O jovem macho pareceu atordoado por um segundo antes que ele respondesse ao apertar seu antebraço.

— Você me honra.

Elena sorriu.

— Finalmente, alguém que vê minha grandeza. — A risada seca em seu tom fez os lábios de Alexander se curvarem para cima.

Elena tinha acabado de soltar o antebraço de Xander, o jovem ainda mais seu escravo, se sua expressão era qualquer indicação, quando os Luminata sussurraram fora das paredes em torno deles.



Capítulo 10

— Uma ilusão bem executada, — disse Raphael à sua consorte, sua voz tão baixa que chegaria a apenas ela.

Seus olhos se estreitaram.

— Eles são bons nisso, — ela respondeu com o mesmo volume. — Não ouvi ou vislumbrei-os até que quisessem ser notados. — Ela passou a asa sobre a dele, o contato próximo deslizou sob o radar das pessoas que poderiam estar assistindo. *Não sei o que estes Luminata usaram para convencer os da raça angélica qual é seu propósito e objetivo, mas eles se movem como tendo treinamento de combate.* — Estou começando a pensar que são mais monges guerreiros que filósofos na estrada para a iluminação.

Raphael teve que concordar com ela agora que viu a forma como os Luminatas se moviam, a graça em seus corpos, a força contida sob as vestes pálidas e marrom dourado que os cobriam do pescoço aos pés. Incluindo mais de suas asas. Isso era extraordinário, nenhum anjo gostava de suas asas confinadas.

No entanto, quando um leve vento levantou a bainha de uma das vestes, viu que a túnica tinha três seções na parte de trás. O tecido era pesado o suficiente para não se separar sobre as asas num movimento comum, mas se um dos Luminata desejasse voar, poderiam puxar suas asas para fora sem problema. Apesar disso, o efeito era sutilmente perturbador para um anjo. Não apenas suas silhuetas pareciam deformadas, mas cobriam muito do que definiam sua identidade.

Suas cabeças estavam descobertas, mas Raphael podia ver os capuzes que estavam em suas costas, entre as arcadas cobertas de suas asas. Uma vez puxado para cima, aqueles capuzes iriam sombrear seus rostos, transformando um indivíduo em muitos anônimos.

Isso, ele percebeu, era o objetivo.

E enquanto tal anonimato poderia ter feito sentido num mosteiro mortal, isso não acontecia aqui, com todos esses imortais com um milênio de idade. Cada um deles era mais como um indivíduo, e nada que Raphael sabia sobre os Luminatas sugeria que defendiam a conformidade de pensamento. O caminho para a luminescência, como explicado a ele, sempre foi uma viagem feita por um sozinho, embora outros Luminatas possam fornecer orientação ou apoio.

— Bem-vindos. — A palavra foi dita por um homem extraordinariamente bonito, de estatura mediana, com olhos de um verde pálido quase como o olhar quebrado de Aodhan, e o cabelo de um marrom brilhante e espesso que ecoava em suas penas primárias, as asas do macho de outra forma branco puro - isso porque de todos os Luminata no pátio, só ele não usava uma veste projetada para esconder suas asas.

Fora isso, estava vestido de forma idêntica aos outros.

— Sou Gian. — Sua pele brilhava um branco fresco impecável na luz do sol. — Meus irmãos me honram em me chamar de Luminata.

Você não disse que isto era um negócio só de homens.

Eu não sabia, Raphael respondeu, tomando nota quando os olhos de Gian permaneceram em Elena por mais tempo que poderia ser simples curiosidade sobre uma nova consorte, mas Raphael não aceitava nada tão facilmente. *Raça angélica*

raramente delimita linhas de gênero. Qualquer demarcação é geralmente ligada à idade e poder.

— Estou contente por tê-los aqui, — disse Gian. — Por favor, deixe-nos mostrar seus quartos para que possam se refrescar. — Seu sorriso pareceu manter a serenidade mais pura, como se ele já não estivesse muito no mesmo plano da existência. — Favashi e Neha chegaram uma hora mais cedo, e me disseram que as asas de Caliane foram vistas no horizonte. Os outros não podem estar muito longe.

Ele girou a mão suavemente para a esquerda, o movimento tão gracioso como uma espada perfeitamente equilibrada cortando através do ar.

— Meus irmãos irão guiá-los. Por favor, não se ofendam que não faça eu mesmo, devo permanecer aqui para receber o restante do Cadre.

Há uma estranha paz em ouvi-lo. A voz de Aodhan na mente de Raphael, a sensação de cor e luz que acompanhavam as palavras, um eco mental de sua forma física.

Sim. Uma estranha paz é uma boa descrição, Raphael respondeu, assim quando Elena disse:

Esse cara é assustador. Não horripilante. Assustador.

Raphael esperou para responder até que estavam seguindo sua escolta em silêncio por um corredor exterior aberto, a luz entrando pelas aberturas curvas em ambos os lados que mostravam a beleza surpreendente da paisagem em torno de Lumia.

Qual a diferença entre assustador e horripilante?

Horripilante é Lijuan. Nenhuma outra explicação era próxima, ou necessária. *Assustador pode ir pelos dois caminhos. Sabe o homem santo que conheci? Estava tão em paz que era assustador. Como se tivesse se tornado algo diferente de todo o resto de nós neste planeta. Mas por outro lado, assustador pode significar uma mente apenas muito perigosa, porque uma pessoa que não faz parte deste mundo não significa que o mundo que ele seja parte não seja um lugar muito louco.*

Você acredita no que Gian mencionou?

Um pequeno encolher de ombros.

Não tenho nenhuma razão para... honestamente, estaria um pouco desapontada se monges imortais acabassem por ser normais. Tem que se esperar um pouco de estranheza de pessoas que conscientemente isolam-se durante séculos ou milênios, seu objetivo tão difícil que deve ser como tentar encontrar um sonho.

Raphael considerou suas palavras quando Alexander, seu neto e a forma atarracada de Valério foram levados através de um corredor fechado para a direita, que parecia não ter fim a partir dessa perspectiva.

Estão nos posicionando longe um do outro.

Isso é bom, certo? Linhas se formaram entre as sobrancelhas de Elena enquanto passavam a entrada para aquele corredor e os três desapareciam de vista. *Uma vez que é perigoso quando estão muito perto?*

Não faz diferença quando estamos todos dentro da mesma região.

O Cadre poderia permanecer em estreita proximidade por um curto número de semanas antes que as coisas comessem a ficar catastroficamente erradas.

O mundo não foi projetado para permitir uma coexistência próxima de tanto poder. Isso começava a crescer e crescer dentro dos Arcanjos até que a única maneira de tirá-lo era atacar uns aos outros, independentemente do que a parte sadia de sua natureza pudesse argumentar contra tal ação.

Mesmo os pais de Rafael, não importando seu amor um pelo outro, foram incapazes de ficar sempre juntos. Nadiel, não por escolha própria, ficava desaparecido desde a infância de Rafael por longos períodos. Pelo menos até Raphael ter idade suficiente para viajar ocasionalmente para o território de seu pai durante os momentos que seus pais tinham que estar separados. A alegria de Caliane em seu retorno era sempre uma música deslumbrante que fazia doer o coração de Raphael com a felicidade de que seus pais estavam juntos novamente.

Mas você tem razão, acrescentou, quando Elena virou uma cara preocupada para ele, *a separação é provável que seja uma simples cortesia. Os Luminata podem tomar a opção mais segura, uma vez que não sabem quais do Cadre são inimigos um do outro e quais são aliados.* Raphael fez uma nota de sua rota, no entanto, juntamente com quaisquer outros corredores e portas que passaram ao longo do caminho.

Ele sabia que sua caçadora e Aodhan estavam fazendo o mesmo.

— Arcanjo. Consorte. Sou Gervais. — A voz da escolta era mais áspera do que a de Gian, com o rosto longo e sombrio sob a pele de um mogno escuro. — A sua suíte. — Com uma mão, abriu a porta de madeira de uma suave cor de mel que era polida a um alto brilho de tal forma que parecia como pedra.

Era idêntica a todas as outras portas que passaram.

— O jantar será anunciado pelo uso do sino central, — disse o homem alto, magro, sua presença espelhando a de Gian - não tão estranhamente calmo, mas com uma confiança interna que dizia que o mundo exterior não importava a ele tanto quanto sua jornada pessoal. Certamente não havia nenhuma indicação de que estava intimidado por estar na presença de um Arcanjo.

— Colocamos bebidas dentro da sua suíte. Por favor, descanse e explore como quiser. Os Luminata não têm segredos. — Se movendo atrás com uma inesperada reverência leve, indicou que o quarto no hall era de Aodhan, em seguida, desapareceu pelo corredor num sussurro do manto marrom e dourado desbotado que se misturava com a pedra de Lumia, suas asas escondidas sob a pesada roupa.

Elena franziu a testa atrás do irmão Luminata, mas não disse nada até que estavam atrás da porta fechada da sua suíte.

— Há algo estranho sobre este lugar, — ela murmurou. — Tirando a estranheza de Gian, a sensação de paz que eu esperava está faltando. — Ela esfregou as mãos sobre os braços. — Sabe, como quando você anda num lugar de culto? Pode não ser uma religião à qual seguimos, mas há sempre essa reverência silenciosa sobre o lugar.

— Não sou mortal, Elena. Religiões mortais não são meu estilo.

— Certo. Bem, pense em seu místico, como estar perto dele o fez se sentir.

Foi há muito tempo, mas a memória estava na superfície de sua mente após sua conversa anterior.

— Entendo o que quer dizer, — disse ele, andando pela sala da frente, densamente acarpetada e passando para uma área de estar de móveis pintados de branco com almofadas de veludo cinza; seu objetivo era a parede atrás, definida com uma pequena janela de vitral.

Quando a abriu, foi para se encontrar olhando não para encostas exteriores, mas um corredor interno idêntico ao qual eles caminharam.

— Não é simplesmente uma falta de paz psíquica. De dentro, Lumia parece mais como a fortaleza do Refúgio de outro Arcanjo.

A reverência leve de sua escolta que não ganhou esse direito, o fato de Gian falar os nomes do Cadre, sem acrescentar "Arcanjo" na frente, os Luminata que estavam os observando das sombras, com os rostos escondidos sob as capas de suas vestes, nada daquilo era como deveria ser.

Elena veio ficar ao lado dele quando fechou a janela.

— Talvez seja apenas porque são imortais que estiveram sozinhos por muito tempo. — Balançando a cabeça para a janela, ela disse, — Eles nos enterraram.

— Sim. — Raphael considerou sua rota para a suíte. — Notou algo sobre a arquitetura?

— Sim, não é exatamente conveniente para um povo com asas. Os tetos são relativamente baixos para quartos angelicais, e uma vez passado o pátio, não há quaisquer aberturas para decolar. — Ela olhou ao redor, viu um bloco de notas de papel creme espesso numa pequena mesa de trabalho branca. Ao lado, havia uma caneta.

Tomando ambos, começou a desenhar.

— Estes são todos os pátios que vimos a partir de cima.

— Você os memorizou? — Ele poderia explodir através da pedra, se necessário, mas sua consorte não era poderosa o suficiente para abrir caminho para fora.

— Sim, mas vou precisar fazer alguma exploração, ter uma idéia das distâncias envolvidas. — Deixando de lado o mapa, Elena olhou para a porta através da qual entraram. — Os corredores são tão circulares e sinuosos que é difícil descobrir quanto tempo vai demorar para ir a qualquer lugar.

Raphael fechou a mão em torno do lado de seu pescoço.

— Fique com Aodhan tanto quanto puder. Esse lugar... ele tem uma escuridão que pode ser simplesmente um resultado do sigilo e longo isolamento, mas não vamos arriscar.

Elena levantou-se na ponta dos pés para escovar os lábios sobre os dele, as mãos em seus ombros.

— Não vou largar meu guarda. Quero dizer a sério, mesmo que os Luminata sejam apenas estranhos, porque gastam muito tempo sozinhos aqui fora, ainda há Michaela, Charisemnon, e os outros com que se preocupar. — Ela torceu seus lábios... mas sua expressão desconfiada se transformou de repente num sorriso. — Acha que Astaad trará Mele?

— Ele sabe que vocês são amigas, então talvez. — Astaad também favorecia Mele acima de todas as suas outras concubinas. — Mas Mele é uma bela e frágil flor, ele não pode levá-la numa situação tão perigosa. — Astaad tinha seus defeitos, mas seu cuidado com suas concubinas não era um deles. — Você ainda terá Hannah. — A consorte de Elijah era tão frágil como uma flor assim como Mele, uma artista mais feliz com um pincel que com uma lâmina, mas o costume ditava que ela estaria ao lado de Elijah para este encontro.

— Nós já fizemos planos para nos encontrar. — Onde Elena queria explorar os cantos e recantos de Lumia e entrar em seus arquivos históricos, Hannah estava louca para olhar através do repositório de arte angelical guardado em confiança pelos Luminata.

— Acho que se ficarmos entediadas, Hannah me ensinará sobre a arte para que eu possa ter uma saída esnobe se for necessário, — ela levantou o nariz para o ar e apertou os lábios como um orgulhoso antiquário que conheceu uma vez durante uma caçada — e eu posso ensiná-la a atirar facas com mais precisão. Facas em forma de pinceis é claro, uma vez que é sua arma de escolha.

A risada de Raphael envolveu em torno dela como o mar batendo.

— Tenho certeza que Elijah será muito grato. A mira de Hannah deixa muito a desejar, e com os pumas que a seguem como animais de estimação, ela está começando a contar com eles para sua segurança pessoal durante as vezes que está por conta própria.

Elena balançou a cabeça, consciente que Elijah tinha tentado ensinar habilidades defensivas por anos para Hannah.

— Ela é teimosa à sua própria maneira.

— Todas as consortes que valem seu peso sabem como manter-se firmes.

— Conversa doce. — Suas palavras eram leves, mas a pele de Elena arrepiou; não gostava de quão pouco sabia sobre este lugar, viu a mesma inquietação nas linhas duras da expressão de Rafael. — Quer olhar em volta?

O aceno de Rafael foi curto.

— Mas, primeiro, coma alguma coisa. Energia é finita e seu corpo ainda está queimando uma quantidade incrível à medida que cresce ainda mais em sua imortalidade.

Tendo começado a sentir as dores afiadas de uma fome que parecia não ter fim nos dias de hoje, o corpo dela com tanta fome por combustível que estava comendo uma caixa de barras energéticas entre as refeições, Elena não discutiu, apenas pegou um punhado grande de nozes e frutas secas. Se era combustível que seu corpo precisava para se tornar mais forte, mais resistente, então beberia todo shake energético que Montgomery fazia, mastigaria as intermináveis barras energéticas, comeria como um maldito zagueiro.

Quanto mais forte fosse, menos as pessoas a olhariam como uma presa tão vulnerável - e menor a chance de um inimigo atingir seu Arcanjo a ferindo. Quando ela colocou uma das frutas secas nos lábios de Raphael, ele tomou a oferta com uma escovada de seus lábios em seus dedos. Um beijo doce. Isso a fez sentir como uma adolescente boba, mas, então, ela nunca foi isso. Talvez devesse.

— Tente isto. — Raphael a alimentou com um pedaço de queijo que tinha um sabor rico, cremoso. — É uma iguaria, destina-se a ser uma parceria com estas pimentas.

Elena fez uma careta.

— Não, obrigado. Vou ficar apenas com o queijo nu.

Quando ela se inclinou para a frente, ele lhe deu outra mordida, comeu a segunda metade ele mesmo.

— Certifique-se que Aodhan coma também. — Ela sabia que anjos mais velhos podiam sobreviver por longos períodos sem comida, mas tinha um impacto eventualmente. — Ele não comeu nada no avião. — Ela sabia que não tinha que dizer a Raphael o porquê estava preocupada com o outro anjo.

O pensamento a fez lembrar de outra coisa.

Deslizando para fora seu telefone, mandou uma mensagem para Beth de sua chegada segura, viu que ela não tinha recepção. Raphael pegou o telefone, quando ela murmurou baixinho, sacudiu a cabeça.

— Muitos do Cadre próximos, — ele disse a ela. — A energia pode causar grande interferência.

— Droga. Não pensei sobre isso. — Pondo longe seu telefone, ela apertou a mão fechada contra seu abdômen. — Sabe como Beth é. Vai ter um ataque de pânico se...

— Está tudo bem, Minha Elena. — Seu Arcanjo segurou-lhe o rosto, acariciando o polegar sobre sua bochecha. — Sei que sua irmã é uma jóia facilmente quebrável, deixei instruções com Dmitri para garantir que ela receba uma nota da Torre com a confirmação da nossa chegada segura, independentemente de Dmitri ouvir isso de nós.

Olhos calorosos, ela tocou os dedos no queixo deste ser imortal que compreendia sua alma.

— Obrigada.

— Não há necessidade. Beth é como a Colibri, requer um pouco de delicadeza extra, — disse ele, justo quando houve uma batida na porta. — Aodhan. Eu o convidei.

Não restando nenhum nó em seu intestino, agora que sabia que Beth não estaria mergulhada num pesadelo horrível até seu retorno, Elena moveu-se para abrir a porta.

— Bom plano. — Acenando para Aodhan, ela disse: — Estamos lanchando antes de explorar este lugar. Venha pegar alguma coisa.

— Comi os queijos e nozes em meus aposentos, — Aodhan respondeu então, como se pegando seu ceticismo, disse: — Minha tarefa é ser outra espada em suas costas. Não posso fazer isso se estiver fraco.

Não havia nenhuma maneira de Elena poder acreditar nele. Fazer isso seria questionar sua força mais uma vez.

— Venha de qualquer maneira. Diga-nos o que você acha deste lugar.

Aodhan entrou, fechando a porta atrás de si.

]— Não é o que eu esperava, — disse ele, enquanto Elena continuava a reabastecer com um único foco.

Raphael fez companhia comendo petiscos ocasionais, que ela lhe dava.

— A própria Lumia é uma construção de beleza e graça, — Aodhan continuou. — Mas há uma ressonância estranha embaixo.

Elena percebeu que ele estava mantendo a voz baixa, só então percebeu que ela e Rafael faziam o mesmo, uma vez que entraram nesta suite. Como se todos acreditassem que as paredes poderiam ter ouvidos.

— Os quartos são o que poderia esperar na casa de qualquer anjo com mais de seiscentos ou setecentos anos. — Aodhan acenou para os móveis sofisticados, o tapete de luxo. — Mas a arte está em falta.

Elena engoliu o queijo na boca, em seguida tomou água.

— Isso não seria mantido em algum tipo de galeria? — É o que ela assumiu quando Hannah falou sobre a arte que pretendia ver no Lumia.

Raphael foi quem respondeu.

— Algumas delas podem estar sim. Mas as paredes da própria Lumia são destinadas a ser decodas com a arte, uma nova maravilha em cada esquina. — Ele reassentou suas asas e ela não pode deixar de passar os dedos sobre suas primárias num gesto carinhoso que era abertamente possessivo.

Ainda a deixava muda às vezes, ele ser dela.

O engraçado era que ele tinha a mesma resposta para ela.

A eternidade não significaria nada sem você. Por nenhum poder sobre a terra eu iria trocá-la, Minha Elena.

A memória de suas palavras cruas era uma seta de besta em seu coração a cada momento.

— Os Luminata, — Raphael acrescentou, — tem recolhido arte por eras incalculáveis. Artistas ofereceram suas maiores obras, porque ser exibidos nas paredes do Lumia é uma grande honra.

Então, onde, Elena pensou, estava toda essa arte? Por que os Luminata preferiam corredores sem identidade em que todos pareciam iguais? Por que

andavam tão secretamente e assistiam seus visitantes de recantos escondidos? Elena podia ter perdido o primeiro número dos Luminata até que aparentemente surgissem das paredes, mas aprendeu com seu erro. Então, sabia que este lugar tinha olhos.

E aqueles olhos levantavam todos os pêlos em seu corpo.



Capítulo II

Os cabelos na parte de trás do pescoço ficaram arrepiados quando saíram da suíte.

Como já haviam notado, as paredes tinham uma uniformidade perfeita que tentava enganar os olhos e confundir a mente, sua cor, de pedra arenosa extraída das montanhas vizinhas, as portas colocadas nessas paredes idênticas. Tecnicamente, era calmante e adorável, mas...

— É como estar num filme de terror, — Elena murmurou. — Como aquelas cenas onde uma vítima corre freneticamente pelos corredores de um hotel onde tudo é igual e não há saída.

— O que é um filme de terror?

Elena sorriu para a pergunta de Aodhan.

— Vou te mostrar uma vez que chegarmos em casa. — Só depois que as palavras foram ditas percebeu que não sabia qual horror poderia ser do próprio Aodhan.

Raphael, vai ter que examinar os filmes.

Primeiro você joga pão na minha cabeça e agora espera que eu seja um crítico de cinema, foi a resposta exterior ativa, mas passou os dedos contra os dela. É para a sua honra que você cuida de seu coração. Vou lhe dizer o que ele pode e não pode suportar.

A semelhança misteriosa sofreu uma mudança dramática uma vez que atingiram um conjunto de corredores externos, o cenário deslumbrante por toda Lumia emoldurado por arcadas de pedra delicada. A partir deste ponto de vista, era possível ver todo o caminho para as montanhas sobre as quais haviam voado, nada no caminho, apenas flores silvestres, e, mais perto dos picos, as formas escuras de árvores projetadas para sobreviver nesta paisagem árida.

— Os padrões são surpreendentes.

Elena e Raphael viraram-se para encarar Aodhan.

Claramente lendo sua total falta de compreensão, ele sorriu aquele sorriso calmo que sabia fazer com que homens e mulheres se aproximassem o suficiente para vislumbrar, para desmaiar.

— Olhe. — Ele se aproximou de uma parede e traçou linhas sobre ela.

Elena ainda levou mais de um minuto para ver o que ele estava apontando, as impressões sobre a pedra eram tão finas. E então os viu em toda parte. Padrões intrincados e delicados cobriam as paredes, o teto arqueado, o chão.

— Uau. — Ela literalmente pressionou seu nariz contra uma parede num esforço para ver exatamente como os padrões foram criados. — São todos diferentes?

— Não, não nas paredes, pelo menos — disse Aodhan. — Eles se repetem dentro de cada corredor, mudando apenas após um turno ou uma vez que passamos a entrada para outro corredor.

Raphael passou o dedo sobre a pedra.

— Um auxílio de meditação possivelmente?

— Evidentemente, não estou mentalmente suficientemente esclarecida para este lugar. — Elena seguiu uma linha intrincada com o olho, perguntando-se pela

paciência que tinha levado a esculpir com tanta delicadeza. — Nunca teria visto os desenhos sozinha.

— Então também não estou suficientemente esclarecido, Caçadora.

— Claro que não. Por que mais teria tido a má forma de se apaixonar por uma mortal?

A risada de Raphael fez os lábios de Aodhan encurvarem-se num sorriso profundo que era tão raro, que fez o coração de Elena perder uma batida.

— É menos iluminação e mais uma questão de treinamento artístico, — disse ele. — Uma vez que você vê, não pode deixar passar.

Agachando-se, suas asas uma varredura graciosa em suas costas e as dobradiças de suas lâminas duplas atraindo seu olho, ele rastreou formas quase invisíveis no chão.

— Acho que é um mapa, uma maneira de navegar por Lumia. — Ele tocou seus dedos na parede mais próxima. — Ainda não decodifiquei o mapa, mas o que entendi me leva a acreditar que as paredes podem dar em alguns lugares.

Elena assobiou, agachando-se no lado oposto a ele para examinar as linhas.

— Não me admira que os Luminata possam parecer como fantasmas. — Como se pudessem caminhar pelas paredes. — Boa maneira de colocar as pessoas com o pé trás.

— Estou começando a acreditar que os Luminata gostam de ter conhecimento sobre os outros, — disse Raphael enquanto se levantavam para explorar mais, os três caminhando lado a lado com Elena no meio. — Sempre foram secretos ao extremo.

— As coisas apodrecem na escuridão, — Elena murmurou, mas, mesmo enquanto falava, sabia que provavelmente estava sendo injusta — sua vida passou sob seus olhos. Só porque os Luminata eram um pouco estranhos não significava que eram de alguma forma perigosos. — Aodhan, acha que consegue decifrar completamente o mapa?

Ele concordou, os diamantes esmagados que pareciam cobrir as mechas de seu cabelo pegando a luz do sol vindo do lado de fora para lançar uma luz cintilante nas paredes. — Parece ter sido projetado mais para sentidos angélicos comuns do

que para aqueles com treinamento artístico extensivo e um sentido espacial de nascença.

— Entendo.

Aodhan parecia tão desconcertado com a resposta inexpressiva de Rafael que Elena deu uma cotovelada em seu consorte.

— Ele está brincando com você, Aodhan, — ela disse, tendo vislumbrado o riso muito bem escondido no azul.

O anjo criado de luz olhou para o outro antes de sua expressão aquecer, seu próprio sorriso aberto e inesperado e — *Uau. Faísca é muito lindo.* Ela sempre viu sua beleza, mas hoje, realmente entendeu por que as pessoas o cobiçavam.

Quando não está quebrado, Raphael disse, *ele é uma estrela cadente.*

A tristeza no tom de Raphael a fez entrelaçar os dedos nos dele.

Ele está voltando, ela lembrou ao Arcanjo. *E é poderoso o suficiente para arrebentar quem o ataca. Ninguém o quebrará novamente.*

Raphael fechou os dedos com os dela.

Depois que foi liberado da Medica, Aodhan deixou claro que queria ficar sozinho. Honramos seus desejos no início, mas, quando percebemos que estava se tornando recluso, tentamos tudo ao nosso alcance para tirá-lo do abismo. Todos nós. Incluindo Galen.

Ele aparecia na casa isolada de Aodhan e recusava-se a sair até que Aodhan treinasse com ele. No final, Aodhan cedeu e se apresentou às sessões na sala de armas, de modo que Galen o deixasse em paz - nas piores épocas, eram geralmente as únicas vezes que saía de casa. Eles treinavam quase todos os dias durante a residência de Aodhan no Refúgio. Era sempre sem qualquer contato físico, mas o contato social forçou Aodhan a permanecer no mundo, pelo menos parcialmente.

Sim, havia um inferno de muito mais para Galen do que Elena já tinha percebido durante seu tempo sob sua instrução. Se Aodhan foi forçado a se manter contra Galen por duzentos anos, então provavelmente era muito mais bem treinado do que praticamente todos os outros na Torre. Raphael e os outros, eles tiveram que libertá-lo.

— Aodhan — disse em voz alta. — Raphael acabou de me dizer que Galen o perseguiu por duzentos anos.

— Galen é como uma tempestade que tem que lutar ou render-se, — disse Aodhan. — E se você se render porque não se importa, a tempestade fica cada vez mais forte até que os uivos ameaçam deixá-lo louco e você deve pegar a espada só para ter um pouco de paz.

Os ombros de Elena sacudiram-se com a descrição.

— Ficou acabado algumas vezes?

— Até que eu parecesse com a comida que sua irmã caçula gosta. Panquecas.

Um ronco ameaçou escapar quando ela cedeu ao seu riso. Elena enxugou as lágrimas.

— Mas aqui está você.

— Galen não aceitava nada menos. — Com aquela simples declaração que mostrava o mais profundo respeito, Aodhan fez uma pausa, olhou para o chão por três longos segundos antes de acenar com a cabeça e continuar.

Quando pensou que ele tinha acabado de falar, ele tocou uma mão nas lâminas duplas que usava.

— Galen me deu isso quando me julgou apto para a batalha. Minhas originais estavam... perdidas.

Elena não tinha necessidade de perguntar quando ou como, não com as sombras nos olhos de Aodhan e a repentina tensão em Raphael.

— Maldição, — ela murmurou mal-humorada, chutando o chão. — Galen nunca me deu nenhuma arma.

Com as sombras desaparecendo, os olhos de Aodhan se encheram de uma rara luz.

— Demorou cem anos de treino diário para ganhar essas. Você ainda tem tempo.

— Talvez devêssemos ir ao Refúgio se você estiver tão ansiosa para ver Galen — murmurou Raphael.

— Eu te avisei sobre esse senso de humor, Arcanjo — disse Elena num tom sombrio, enquanto Aodhan lutava para esconder um sorriso.

Caminharam por uma hora, mas não chegaram perto da biblioteca, onde Jessamy dissera à Elena que encontraria os arquivos históricos; nem descobriram o que aconteceu com a arte. De volta à sua suíte, Aodhan sentou-se e começou a desenhar para que todos pudessem aprender o mapa.

Sua mão se movia forte e segura, as linhas fluíam de sua caneta sem falhas.

— Isso deve nos dar um bom começo, — disse ele depois de terminar. — Para voltar para a suíte, se ficar desorientada, siga este símbolo neste agrupamento. — Os olhos de Elena se encontraram com os traços de verde e azul que saíam de uma pupila negra. — Há outros símbolos que ainda não entendo. Exploraremos Lumia juntos, descobriremos seus segredos.

Elena assentiu, esperando mais uma vez que o que estivesse oculto dentro de Lumia fosse um pequeno pedaço de conhecimento que pudesse resolver o mistério de sua ascendência. E parecia como se estivesse procurando por uma maneira de encontrar sua mãe através do tempo... Era uma coisa terrível?

* * *

— Quero tomar um banho, — Elena disse após Aodhan voltar para seu próprio quarto até o jantar. — Sinto-me empoeirada pelo vôo sobre as montanhas. — Apesar das palavras de seu consorte e embora já tivesse removido suas armas e botas, ela hesitou em se despir.

Raphael estendeu a mão.

Quando a tomou, levou-a para a câmara de banho e fechou a porta. Não havia chuveiro, mas alguém já tinha parcialmente preenchido a grande banheira de pedra com água fria, minerais rodopiando no líquido claro. Era uma cortesia angelical normal para garantir que os hóspedes não tivessem de esperar muito tempo para a banheira encher.

Encontrando o identificador - velho, mas funcional - que fazia a água quente jorrar para fora de um bico na parede, Raphael ligou.

No momento que enchesse até o topo, seria a temperatura correta.

Então ele jogou seu glamour em torno de ambos; agora estavam efetivamente invisíveis para qualquer olhar que tentasse assistir. Seus instintos não formigaram neste espaço particular na suíte, mas, independentemente disso, ninguém iria ver o que era dele e apenas dele.

— Vamos fazer “poof”?

Com as bochechas enrugando-se, porque fazia isso com ele, e sua capacidade de se divertir ganhando vida, ele acenou, concordando.

— Mas deve ficar perto de mim para o glamour encapsular você.

— Que terrível sofrimento. — Virando-se, tirou o cabelo do pescoço, expondo a suave pele de sua nuca. — Pode me desabotar?

Havia apenas dois botões, ambos no topo de suas asas, sendo o vestido projetado para ser colocado pela cabeça, com as asas deslizando pelas fendas criadas para elas, e então o vestido encaixava no lugar. Raphael sabia disso porque viu o vestido de sua consorte, e a viu puxar o tecido sobre a calcinha de renda preta que usava debaixo.

Não havia sutiã, o apoio para os seios era embutido no vestido. Então quando desfez os botões e ela começou a deslizar o vestido pelos quadris, ele, é claro, teve que curvar seus braços ao redor de seu corpo e acariciar seus seios.

— Só ajudando a mantê-los no lugar, — disse ele, beijando seu pescoço.

Riso rouco.

— Realmente é um amante muito útil. — Outro empurrão e o vestido se juntou a seus pés.

Ele continuou a beijá-la no pescoço, com as mãos possessivas nos seios.

Tremendo, ela se inclinou para ele, levantando os braços para prendê-los em volta da nuca.

— Você faz meus ossos derreterem.

Ele sorriu contra sua pele, movendo uma de suas mãos de seu peito, para baixo, na curva lustrosa e forte de seu abdômen, passando pelo umbigo, e pela calcinha. Ela engasgou com a intrusão repentina, sua respiração vindo em lufadas rápidas à medida que ele usava os dedos para deixá-la em frenesi, sua carne delicada e lisa sob seu toque.

Segurando-a ali, ele disse:

— Vire a cabeça. — Disse com uma voz decida.

Ela inclinou a cabeça para ele, e encontrou seu beijo com uma fome primordial - e ele a empurrou. O corpo se arqueou quando os estremecimentos de sua libertação a balançaram, Elena nunca quebrou o beijo. E, quando os olhos se abriram, eles dançavam com fogo selvagem.

— Raphael. — Um sorriso preguiçoso e saciado. — Você é melhor do que um chuveiro. Muito melhor.

Ele sorriu de novo.

Pegando-a em seus braços, ele a colocou na banheira, que estava quase cheia, então ficou bem ao lado dela enquanto se despiu. Sua excitação era pesada e espessa, e, quando entrou no banho depois de fechar a água, ela correu para seu colo, seus braços ao redor de seu pescoço e suas asas meio flutuando na água.

Este beijo foi doce, dois amantes que tinham confiança total no outro aproveitando o momento. Deslizando as mãos pelos lados de seu corpo, ele a levantou e a desceu em seu colo. Se Elena não quisesse que fizesse isso, ela teria deixado claro. Mas ela sorriu contra seus lábios, e, quando seu pênis cutucou seu calor, ela colocou as mãos em seus ombros e se abaixou.

Desta vez foram as costas dele que se arquearam, a garganta dele foi beijada, o corpo dele foi acariciado e acarinhado. Ela se moveu sobre ele de forma lenta e sinuosa, os músculos lisos flexionando sob seu toque. Mas, havia apenas um tanto que o Arcanjo podia tomar. Segurando seu quadril apertado com uma mão, a outra mão agarrando seu cabelo, ele assumiu a dança íntima.

E sua consorte, com os olhos de fogo selvagem, sorriu um sorriso perverso e se inclinou para beijá-lo profundo e quente, e sem restrição quando seu corpo apertou em torno dele numa provocação que poderia ter apenas um fim. Enquanto sua espinha se fechava sob um beijo de desejo saciado, sentiu que a marca da Legião estava ativa, sentiu suas asas se transformarem em fogo branco.

Elas enrolaram ao redor de sua caçadora até que os dois queimassem no coração do fogo.



Capítulo 12

Uma hora depois do banho compartilhado, uma Elena vestindo apenas uma toalha já tinha secado o cabelo usando o secador que Montgomery tinha embalado. Como mostravam as luzes elétricas na suíte e nos corredores, Lumia tinha sofrido um certo nível de modernização em algum ponto, então havia uma tomada elétrica que a caçadora poderia usar para o secador.

Assim feito, e ainda protegidos por seu glamour, Raphael sentou-se na borda da banheira a poucos centímetros de onde ela estava em frente ao espelho, ele a viu vestir um dos vestidos mais formais que Montgomery enviou. Ela fez ele sair e pegar o vestido, dizendo se sentia estranha de se vestir ou se despir em qualquer outra parte da suíte.

Ele pegou sua própria roupa ao mesmo tempo e a vestiu, antes de se acomodar para assisti-la.

Não era uma tarefa difícil encontrar qualquer um dos itens, uma vez que Montgomery embalou tudo num padrão com o qual Raphael era muito familiar

depois de ter o mordomo por tanto tempo em sua casa. Sua bagagem chegou enquanto ele, Elena e Aodhan estavam explorando Lumia, tendo sido levada do aeroporto por uma pequena unidade da guarda angélica dos Luminata carregando uma rede para esse fim.

Ninguém tocou nela desde então, conforme o protocolo.

Os Arcanjos podiam estar acostumados com esse tipo de trabalho, mas também estavam acostumados à privacidade.

O vestido que Montgomery embalou para o jantar formal desta noite era azul meia-noite e tinha dois pedaços largos de tecido que cobria os seios de Elena antes de se agarrar à sua cintura, caindo numa saia que ficava rodada em torno de seus pés.

A parte de trás era aberta, e tinha apenas uma corrente fina que segurava o topo do vestido e a longa linha da faca que Elena deslizou numa bainha decorativa de metal preto e dourado. Porque, claro, ele teve que buscar as armas dela antes de qualquer outra coisa. Ela usava o arnês debaixo do vestido, não porque tivesse uma aparência esteticamente agradável, mas para que ninguém pudesse arrancá-lo sem primeiro rasgar seu vestido.

— Prioridades, — disse a ele quando questionou os perigos de ter couro e metal esfregando contra a pele. — E o Deacon forrou o couro do arnês, para que eu pudesse usá-lo contra minha pele sem problemas.

Essa lâmina letal não era sua única arma.

Ela usava uma arma numa bainha de coxa, uma faca de caça na outra. Ambos as quais poderia alcançar através de fendas invisíveis embutidas na saia de seu vestido. Todos os vestidos de Elena tinham tais ajustes.

Raphael ficou satisfeito.

Não queria que a faca fosse a única escolha dela: as armas não matariam anjos fortes, mas uma bala rasgando a carne machucaria até o anjo mais poderoso, pelo menos um pouco. Daria a ela um segundo ou dois para entrar numa posição defensiva melhor se todo o inferno fosse liberado.

— Pode alcançar sua arma?

Elena a tinha na mão quase antes de vê-la se mexer.

Um sorriso afiado, então ela levantou seu pé nu e colocou-o em sua coxa. Circulando seu tornozelo com uma mão, ele a observou subindo por seu vestido para colocar a arma de volta no lugar na bainha que usava na coxa.

— Montgomery faz o alfaiate fazer maquetes de meus vestidos e eu me movo nas maquetes para ter certeza que as adaptações funcionam.

Deslizando a mão pela pele lisa de sua coxa, Raphael fez uma promessa de que seria ele quem tiraria a bainha esta noite.

— Estou com sua lâmina.

Ele permitiu que ela escorregasse seu pé, então se levantou para fechar e enfiar as suaves correias de couro da bainha em seu braço. Aquela bainha cintilava com jóias, as fivelas de ouro brilhante. O punho da própria lâmina estava incrustado de jóias, uma arma de exibição, adequada para uma consorte comum.

Elena não era comum.

E a lâmina que lhe dera poderia separar o pulso de um braço sem o menor problema.

— Vai usar seus pauzinhos de cabelo? — A princesa de Jason deu os pauzinhos para Elena, e Raphael os trouxera com o vestido.

Em troca do presente de Mahiya, Elena deu à outra mulher uma besta feita especialmente para a princesa, e que foi projetada para sustentar seu estilo pessoal. Segundo Jason, Mahiya a usava todos os dias, não querendo que suas habilidades se tornassem enferrujadas.

— Sim — disse Elena. — Quero ter meu cabelo para cima para a longa faca em minhas costas ficar visível. Os pauzinhos me dão outra arma escondida. — Ela torceu o cabelo com mãos rápidas e experientes e deslizou os pauzinhos para segurar o cabelo torcido no lugar.

Disposta a sair do banheiro e do escudo de glamour, finalmente, ela caminhou para seu quarto e encontrou uma bolsa de cosméticos antes de voltar para o banheiro.

— Isso só deve levar alguns minutos.

Raphael adorava ver Elena pronta para o mundo. Ainda mais, adorava que, enquanto pudesse passar dez minutos procurando a posição certa de uma arma, realmente só levava um ou dois minutos para pintar o rosto - como ela dizia.

— É uma arma, também, sabe, — ela disse enquanto se concentrava em varrer suas pálpebras com uma cor finamente cintilante. — O rosto, quero dizer. Distrai e ofusca. Levou um tempo para entender isso.

Raphael admirava as asas de sua caçadora de um azul meia-noite mais profundo e do amanhecer e tantas sombras do preto ao ouro branco.

— Michaela é uma especialista nisso. — A arcanja há muito tempo aprendera a usar sua extraordinária beleza para cegar os outros para seu poder e ambição.

— Sim, ela é boa. — Elena pegou um pequeno disco plano que abriu para revelar algum tipo de pó duro. — Sara tem me ajudado a aprender coisas de um nível além da minha rotina habitual.

— Não pensava que a chefe da Sociedade dos Caçadores se importaria muito com essas sutilezas.

— Está brincando? Sara tem que lidar com imortais poderosos todos os dias.

E aqueles imortais, Raphael percebeu, muitas vezes colocavam muita ênfase na beleza e na estética, esquecendo da habilidade de um caçador, que era sua maior arma.

— O que sua amiga ensinou?

— Vou te mostrar num minuto. Mahiya me ensinou algo também, a última vez que ela e Jason vieram. — Uma pausa. — Não olhe para mim no espelho. Quero surpreendê-lo.

— Em vez disso, vou admirar as curvas do seu corpo. — E ele o fez, particularmente as longas e quase nuas costas que se movimentavam.

Não muito tempo depois, ela colocou na bancada um pequeno pote e virou-se para ele: uma princesa guerreira que olhava para ele com olhos de prata selvagem que pareciam enormes contra a pele de ouro escuro de seu rosto, as maçãs do rosto afinadas e sua garganta uma longa linha.

— Gosta disso?

— Gosto de você com todos os seus rostos, caçadora. — E sabia que não importava o rosto que usasse, continuava sendo uma guerreira em primeiro lugar.

Parecendo desapontada, Elena pôs as mãos nos quadris.

— Vamos, fiz um esforço especial com essa meleca.

Levantando-se, ergueu-lhe a mandíbula e olhou-a nos olhos.

— O kohl é de Mahiya.

— Sim. — Ela ergueu a ponta de um dedo manchada de preto. — Deixe-me lavar isso. Mahiya disse que há lápis que eu poderia usar, mas ela sempre usou um minúsculo pote de kohl e seu dedo mindinho e isso também funciona para mim.

— Pensei que você era uma princesa guerreira quando veio para mim. — Ele a beijou nos lábios que ela deixara sem pintar.

Agarrando o couro preto de seu antebraço, ela abriu a boca para ele, enquanto ele reivindicava a dela. Quando se separaram, seus olhos brilhavam, sua pele ruborizada sob o belo escudo de cosméticos.

* * *

Elena lavou os restos fracos de kohl no dedo mindinho da mão direita, em seguida, olhou para o rosto no espelho antes de passar o batom que fazia seus lábios parecerem um pouco mais cheios. Terminando com o embelezamento - arma, se lembrou, é uma outra arma - ela entrou na sala de estar para ver que Raphael estava colocando suas botas.

Uma vez que suas próprias botas levavam apenas alguns segundos para colocar, ela se inclinou na entrada e apenas observou. Ele estava indo de “guerreiro formal” e ela aprovou sua escolha de roupas. Luvas pretas cobriam cada um de seus antebraços, da mesma cor que suas calças e camisa. Aquela camisa não tinha mangas e estava modelada em couros de combate; duas finas tiras pretas de couro percorriam seus ombros e, em vez do decote sem gola dos couros de luta, este tinha uma gola fechada à direita com um pino preto de aço com a marca da Legião.

Fechando num lado de seu peito em vez de no meio, a camisa não tinha botões visíveis, mas não só cabia perfeitamente em seu peito, ele fazia o mesmo em torno de suas asas.

Além do pino, que só se tornava visível de perto, havia apenas um único ponto de ornamentação em seu corpo - o anel de platina e âmbar que ele usava como símbolo da reivindicação de Elena. Elena usava seu próprio âmbar na orelha e na lâmina presa ao braço. Levou meses depois de ganhá-la para perceber que havia pedaços de âmbar altamente polido embutido entre as pedras preciosas.

Seu Arcanjo era levemente possessivo.

Sorrindo, ela se aproximou dele quando se levantou. O negro escuro de sua roupa colocava o azul brilhante de seus olhos e a marca da Cascata num foco brutal.

— Você se parece com um guerreiro primitivo meramente contido. — A sofisticação estava lá, mas tinha uma borda dura que lembraria a todos de suas origens como um homem aperfeiçoado em combate.

— Bom. — Raphael observou em silêncio enquanto ela colocava as botas longas de festa, porque Elena não usava saltos. — Pronta?

— Vamos mostrar a eles como os novaiorquinos fazem as coisas.

* * *

A primeira pessoa que Elena viu quando entrou no teto de vidro do Átrio - como era chamada a enorme sala com teto alto pelo guia que a deixou na porta - foi Michaela. A Arcanjo que uma vez fora conhecida como a Rainha de Constantinopla e agora controlava a vasta maioria da Europa, bem como parte do que já fora território de Uram, estava usando um vestido verde escuro que abraçava cada curva e tinha um decote que mergulhava quase até o umbigo.

Num mundo mais justo, isso a teria feito parecer inútil.

Este não era um mundo justo: a Arcanjo de Budapeste, Michaela, usando seu título atual da cidade onde mantinha sua corte, parecia a encarnação da beleza. Sua pele não tinha manchas, suas curvas eram o catalisador de um milhão de sonhos molhados, seu rosto tinha todas as linhas limpas unidas com perfeição assombrosa

e seus olhos eram de um intenso verde, uma jóia sem falhas, apenas o anel de um verde ácido, mais leve, que, às vezes, aparecia sem aviso em torno de suas íris.

A mancha de Uram.

O ácido não estava presente hoje. Michaela também tinha colocado seu cabelo num penteado complicado que deve ter levado uma hora para criar. Isso revelava a elegância de cisne de seu pescoço.

Em seguida, havia as asas impressionantes de bronze delicado que ela mantinha acima do chão com controle muscular, sem nenhum esforço.

Havia uma razão pela qual Michaela era conhecida como a mulher mais bonita da existência.

Além dela, passando pelos sofás de cor creme dispostos em áreas de estar, e a mesa de jantar meticulosamente colocada, bem contra a parede do lado muito distante do Átrio, estava seu vampiro psicótico de estimação, Riker. Elena tinha captado seu perfume chocantemente evocativo quando entrou na sala: cedro com gelo. Naturalmente era bonito, também, com cabelos louros e olhos castanhos escuros, seu corpo de ombros largos e magro como um modelo. Psicótico não significava ser feio, não entre mortais ou imortais.

E Elena não achava que Michaela tolerasse a imperfeição física.

Ao ver seu olhar, Riker sorriu... E passou a língua sobre seus lábios.

Sinistro.

Ela não lhe deu o benefício de uma resposta, concentrando sua atenção em sua amante.

Michaela estava olhando para Titus e rindo de algo que o Arcanjo guerreiro estava dizendo. Grande e fortemente musculoso, sua pele brilhando, seu sorriso uma coisa deslumbrante e suas asas poderosas, Titus não era um novato no departamento de olhares, seu apelo sexual era o que mais impactava as mulheres. Obviamente, mesmo Michaela não estava imune.

— Não acho que já tinha visto antes Michaela realmente rir, — ela disse a Rafael, os dois estavam longe e a sala era grande o suficiente para que ninguém pudesse ouvi-los. — Não quando não está fazendo um ato. — Isso fazia a outra mulher ainda mais extraordinariamente bonita.

E Elena podia ver como os homens se apaixonariam por ela.

— Pelo menos Titus tem cérebro suficiente para não cair em qualquer encanto que ela jogar nele, — foi a resposta de Raphael. — Ele tem visto o que ela realmente é por eras.

— Boa. Realmente gosto de Titus. — O grande anjo dizia o que queria dizer e significava o que ele disse. — Não vejo Dahariel.

— Astaad provavelmente deixou seu segundo responsável em casa, como fizemos com Dmitri.

— Certo, continuo esquecendo que, enquanto Dahariel pode ter dormido com Michaela, sua lealdade é para Astaad. — Isso bagunçava sua mente. — Não sei se poderia dormir com um homem que não fosse leal à mim.

O vento quebrando, o mar salgado da voz de Raphael invadiu sua mente.

Isso nunca será um problema, consorte. Já que só vai dormir comigo.

Rindo daquela resposta gelada, ela se virou para alinhar seu olhar com o dele.

— Só não esqueça que isso vale nos dois sentidos. Vou usar a bonita lâmina que me deu para cortar a cabeça de qualquer mulher que te tocar.

Seus lábios curvaram-se.

— Claro. — Sem tirar os olhos dos dela, ele disse: — Parece que Gian está intrigado por você.

— Posso sentir a parte de trás do meu pescoço pinicando. Imaginei que fosse Michaela atirando-me veneno com os olhos. — Elena voltou-se para os outros, mantendo os movimentos naturais, como se estivesse simplesmente entrando na sala mais uma vez. — Gostaria muito de falar com o cara, ver qual é a dele.

— Esta é uma boa oportunidade. Pode ser nada mais que curiosidade, mas, se está interessado em testar a força de uma caçadora mortal transformada em consorte, estará mais segura aqui do que se ele te pegar sozinha.

Elena tentou não franzir o cenho.

— Acha que ele é perigoso?

— Acabei de me lembrar de onde eu conheço esse nome.



Capítulo 13

Raphael se inclinou para falar contra seu ouvido, um Arcanjo e sua consorte partilhando uma piada privada.

— Gian foi o segundo de um Arcanjo que dormiu desde antes da ascensão de Neha. Ele tem pelo menos cinco mil anos de idade e é perigosamente forte.

Sorrindo para manter a ilusão de uma conversa privada entre amantes, Elena disse:

— Entendi. Vou me cuidar.

— Ele também tinha uma reputação de ser um homem que gostava dos prazeres da vida e que tinha muitas amantes, todas mulheres. — O tom de Raphael ficou pensativo. — Desde que este é um lugar de masculinidade, é uma progressão incomum.

— Não sei, às vezes as pessoas fazem um balanço de sua vida e não gostam do que vêem. Poderia ser o que aconteceu com Gian. — Ela olhou por cima do ombro para verificar Aodhan.

O anjo tinha tomado uma posição contra a parede do Átrio mais perto da porta, ao lado de vários de seus companheiros de escolta. Um desses acompanhantes, Elena viu, era uma mulher bem armada e linda com uma franja contundente de cabelo negro contra a pele de um macio marrom e estava olhando diretamente para Aodhan, um convite em seu sorriso.

A atenção de Aodhan, no entanto, estava em Elena.

Virando-se ao redor após seus olhos se encontrarem numa comunicação silenciosa que estava tudo bem até agora, ela perguntou a Raphael sobre a mulher, em seguida, levantou uma mão.

— Espere, deixe-me adivinhar. Hmm... A escolta de Neha?

— De Titus, — Raphael disse a ela com um sorriso. — Ele adora mulheres macias, femininas, mas também tem um poderoso contingente de mulheres guerreiras. Estou bastante certo que a mulher é a quarta em sua estrutura de comando.

Lembrando-se que todos os Arcanjos eram multidimensionais, viu que Michaela e Titus ainda estavam conversando, enquanto Gian permanecia em outra área, numa conversa com Astaad. Mele estava longe de ser vista, mas Elena vislumbrou Hannah e Elijah no canto oposto do Átrio. Alexander e Xander estavam com o casal, Alexander vestido com calças pretas, botas, e um peitoral de prata estampado com uma imagem que Elena não conseguia distinguir desta distância.

Estavam faltando Neha, Favashi, Charisemnon e Caliane.

— Você teve contato com sua mãe?

— Ela está prestes a chegar. — Raphael começou a se mover, Elena movendo-se com ele.

— Vamos esperar, cumprimentá-la, — disse Elena depois de um pensamento. — Nenhum dano se todos aqui souberem que vocês dois são uma unidade. — Caliane pode ter sido uma vez uma insana assassina em massa, mas parecia sã agora e cheia de remorso pela atrocidade que cometeu em sua loucura. E ficou do lado de Raphael desde o instante em que despertou de seu longo sono.

Raphael sacudiu a cabeça.

— Não sou filho de Caliane, neste momento... Eu sou o Arcanjo de Nova York. Não espero por ninguém.

Droga de políticas arcangélicas, Elena pensou consigo mesma. Ela aprendeu muito, mas inúmeras coisas ainda podiam fazê-la tropeçar. Porque Raphael estava certo, ele não podia ser visto esperando sua mãe chegar. E o que diabos ele estava fazendo agora?

— Está indo em direção a Michaela? — Ela perguntou *em voz baixa*. — Meu Deus, por quê? Se quiser alguém para apunhalá-lo pelas costas, tenho uma abundância de facas.

A risada dele chamou a atenção de Michaela, sua cabeça inclinando em direção a eles.

— Titus e Michaela são os mais próximos de nós, — ele murmurou. — É simples cortesia, e pensei que poderia apreciar a oportunidade de examiná-la mais de perto.

— Infelizmente, não acho que possa dizer só de olhar para alguém se deu à luz um ano atrás. — A ideia de Michaela gerando um filho ainda era duro para ela aceitar. — Isso foi provavelmente apenas um jogo, ou talvez estivesse dormindo para botar para fora o veneno de Uram. — Essa era uma possibilidade que Elena não tinha considerado anteriormente e fazia tanto sentido como o nascimento em segredo de um bebê que podia ou não ter sido impactado pelo mesmo veneno. — Sua figura certamente não mudou.

Em seguida estavam muito perto para arriscar uma discussão mais aprofundada. Meros segundos depois, Titus recebeu Raphael com um abraço e um tapa nas costas que deixou claro para a sala em geral que considerava Raphael um aliado. Então, enquanto Elena apertava os dentes, Raphael estendeu a mão para Michaela num cumprimento educado entre o Cadre.

Titus, enquanto isso, estava segurando o antebraço de Elena no modo de guerreiros, apesar dele ter segurado sua força, provavelmente como resultado de um lembrete mental de Raphael. O Arcanjo guerreiro aceitou Elena como uma companheira guerreira e às vezes, esquecia que ela não era tão forte fisicamente como um Arcanjo.

— Ellie, — disse ele, usando o apelido que ela lhe pediu para usar. — Quando será sua próxima festa de rua?

Sua voz potente encheu a sala, seu entusiasmo fazendo-a sorrir.

— Talvez depois de resolver esta possível situação de sede de sangue em massa, — ela disse e, agitou o antebraço, forçando-se a virar para Michaela. — Arcanjo Michaela, — ela disse educadamente. — Tem sido muitas luas. — As palavras eram uma frase do estoque que Jessamy ensinou. Sentiu-se acrescentando: *Espero que passem muito mais luas até nossa próxima reunião.*

— Caçadora da Sociedade, — Michaela respondeu.

A outra mulher, provavelmente pensava estar entregando uma sutil intenção de humilhação, referindo-se à ocupação de Elena, em vez de seu status como consorte de Raphael, mas Elena nunca seria insultada por ser referida como uma caçadora.

E Rafael nunca seria insultado em seu nome.

— Suas marcas são surpreendentes, Raphael, — disse Michaela num tom muito mais caloroso, sua voz sensual apenas na medida. — Confesso que não tinha idéia de seu impacto ao ver as imagens transmitidas pelos meios de comunicação.

Deixando Raphael lidar com Michaela, bem ciente que seu Arcanjo nunca mais teria o mau gosto extremo de ser seduzido por essa víbora, Elena focou em Titus.

— Estava ansiosa para ver suas próprias marcas, Titus.

O Arcanjo da África do Sul tinha desenvolvido marcações douradas em seu peito enorme, mas esta noite, essas marcas estavam cobertas por um peitoral de ouro, os desenhos gravados no peitoral quase tão complicados como as esculturas que decoravam os corredores e paredes deste complexo. Tal como Alexander, a parte de trás da peça era feita de couro espesso, mas flexível.

— Ellie, para você, qualquer coisa. — Titus estava de novo usando o tom mais suave que conscientemente adotava em situações sociais. — Espero que não estejamos sempre em reuniões. — Sua carranca deixou sua opinião sobre reuniões clara. — Se assim for, vou treinar com Rafael. Você pode assistir.

Antes, Elena poderia ter tomado essa permissão, como condescendência. Agora, entendia que Titus treinaria com ela também, se não tivesse tanta certeza que arrancaria seus braços quando tomado pela fome da batalha.

— Vou lembrá-lo disso, — disse ela. — Galen ainda fala de tudo que aprendeu em seus exércitos.

Enquanto Titus sorria com a menção do mestre de armas de Raphael, houve um movimento perto da entrada. Caliane entrou, uma mulher com assombrosos olhos azuis e cabelos negros, o modelo a partir do qual Raphael tinha sido criado. Seu cabelo fluía abaixo de suas costas e estava adornado pela mais fina tiara de diamantes, as pedras preciosas e brilhantes como gelo em chamas, e ela usava um vestido branco glacial que a transformou numa rainha de gelo e fogo.

No entanto, não foi sua sogra que pegou e segurou a atenção de Elena.

Tasha tinha entrado atrás de Caliane, e agora tomava posição entre as escoltas.

Cabelos escarlates e olhos oblíquos de um verde vívido, suas asas um cobre rico, a estudiosa e guerreira olhou para a multidão. Seus lábios curvados quando pousaram em Raphael, o Arcanjo que uma vez foi seu colega e seu amante.

Independentemente do fato que a relação de Raphael e Tasha não tinha durado, Elena não estava imune a uma pontada de irritação. Por que diabos Raphael tinha tão bom gosto em Exs?

— Ellie.

Virando ao som daquela lírica voz feminina, Elena sorriu.

— Hannah. — Ela abraçou a outra mulher com calor aberto.

Ela e Hannah tinham feito o primeiro contato, porque eram as únicas duas consortes no Cadre, mas seu vínculo tinha se transformado numa verdadeira amizade ao longo do tempo: duas mulheres muito diferentes que encontraram um terreno comum.

Afastando do abraço depois de um longo momento, Hannah disse:

— Você está linda e feroz.

— Montgomery, — disse Elena, admirando como Hannah tinha tecido um colar de pérolas negras iridescentes através do coque elegante no qual ela usava o cabelo. — Ele é meu consultor de moda.

A risada de Hannah estava rouca.

— Eu iria roubar seu mordomo, Elena, exceto que ele é tão apaixonadamente dedicado a você e ao seu Sire.

— Você não precisa da ajuda de Montgomery, sempre está linda. — Isso não era um exagero. Hannah tinha olho de artista e sabia as cores que pareciam boas contra o ébano de sua pele. Que, honestamente, eram praticamente todas as tonalidades sob o sol.

Hoje, ela estava num cobre cintilante que a fez brilhar e destacar os acentos cor de pêssego em suas asas. O vestido tinha um pescoço alto e sem mangas, arrastava pelo corpo dela numa coluna com uma fenda de um lado. Elegante e simples, mas para o toque na parte superior da fenda: a imagem do tamanho da palma da mão de um puma agachado em pedras preciosas que variavam da clareza dos diamantes aos pardos esfumados do topázio.

Elena aprovou o lembrete sutil de Elijah do dom dado pela Cascata... a capacidade de comandar aves de rapina e grandes gatos selvagens.

— Como estão os pumas?

— Sabem que não devem invadir meu estúdio a menos que eu os convide — disse Hannah num tom muito severo. — Com toda a honestidade, acabei me importando com essas criaturas... como não poderia quando meus favoritos esperam fora do estúdio por mim, daí se enrolam no sol e em seguida observam enquanto faço meu trabalho. — Ela balançou a cabeça. — Elijah continua me dizendo que estou os estragando, que precisam ser bestas ferozes, e não animais de estimação, mas sei que eles me protegeriam até a morte caso se resumisse a isso.

Elena tinha que concordar, viu gravações dos pumas e eles eram definitivamente animais selvagens. Que adorassem Hannah era um reflexo do amor de Elijah por ela.

— Então não está interessada em aprender a atirar facas em forma de pinceis agora que tem uma guarda de pumas? Eu disse a Raphael que levantaríamos o caos.

O sorriso de Hannah se transformou em riso, uma expressão que Elena nunca tinha pensado que veria no rosto da elegante consorte quando se encontraram pela primeira vez. Isso foi antes dela perceber que enquanto o rosto particular de Hannah incluía seu lado elegante, a outra mulher também tinha um lado brincalhão e malvado nela.

Isso fez Elena perguntar o que ela não sabia sobre Elijah.

Porque o homem que ganhou o coração de Hannah teria que ter um toque de jovialidade nele, também. E isso era um fato que simplesmente não combinava com sua visão de Elijah, ele era mais como um sólido irmão mais velho, se esse irmão mais velho fosse um Arcanjo brutalmente poderoso.

— Oh, gosto da idéia de causar caos. — Inclinando-se mais perto, Hannah sussurrou: — Vamos sequestrar Tasha e arrancar fora suas penas?

— Não coloque ideias na minha cabeça.

— Consoite. — A voz era a mais pura beleza, assim como a mulher que falou.

Virando-se para cumprimentar sua sogra, sem cortar Hannah da conversa, ela inclinou a cabeça *exatamente* a quantidade certa para reconhecer sua relação sem diminuir a posição de Elena como consorte de Raphael. O engraçado foi que não Jessamy, mas Caliane quem ensinou essa precisa reverência - um pequeno exercício de ligação entre sogra e nora, - quando Caliane percebeu que ninguém sabia como lidar com o protocolo entre uma sogra Antiga e a consorte de seu filho arcangélico.

Curiosamente, essa situação em particular nunca teve antes oportunidade para aparecer.

— É bom vê-la, — disse Elena, agora, saindo além do script a partir da saudação porque ela e Caliane tinham progredido nas visitas curtas e furtivas que Caliane fazia a Nova York, e Raphael e Elena para Amanat, durante os últimos dois anos. — Conhece Hannah, é claro.

— Hannah, minha querida. — Caliane fechou as mãos sobre uma de Hannah, se inclinou para beijar a outra mulher na bochecha.

A diferença de cumprimentos não era um insulto. Elijah foi um dos generais leais de Caliane antes de sua ascensão a Arcanjo, e mesmo depois, ele nunca a traiu. Em vez disso, cuidou de seu filho.

— Lady Caliane. — O sorriso de Hannah carregava um calor infeccioso enquanto usava o mesmo título que Elijah continuava a usar para Caliane, um igual que escolheu reconhecer a história que dividia com Caliane.

Elijah podia fazer isso sem repercussões, tinha idade suficiente para sair disso sem maiores consequências. Raphael tinha que trilhar um caminho muito mais cuidadoso. Sua relação com Caliane nunca foi de igual quando era mais novo, ele não poderia remontar a isso sem também lembrar o resto do Cadre do menino que foi. Mais, ele era Arcanjo por cerca de 500 anos, uma gota no oceano em tempo angelical.

— Estou quase terminando a peça que esbocei em Amanat, — Hannah disse, as palavras um sussurro para que os outros não ouvissem da visita de Hannah e Elli à cidade de Caliane, aprendendo que eles deixavam seu território, às vezes. — Tenho grandes esperanças de mostrá-la a você dentro dos próximos seis meses.

— Vou aguardar a revelação com antecipação, — Caliane respondeu calorosamente antes de voltar sua atenção para Elena... apenas para o olhar patinar passando por Elena, o olhar neles mudar para um amor penetrante que só aparecia quando olhava para uma pessoa.

— Raphael, meu filho. — Ela aceitou o beijo de Raphael na bochecha em saudação, tocou seus próprios dedos no seu rosto em troca.

Ainda era um choque para o sistema de Elena vê-los lado a lado. Aparentavam perto da mesma idade, embora Caliane fosse mais velha por muitos, *muitos* milênios. Inesperadamente, Caliane, em seguida, falou com Elena.

— Consorte, ficaria contente se andasse comigo amanhã antes do jantar. Gostaria de ouvir sobre a casa de meu filho, saber como seu povo está indo.

Por que não está pedindo para você?

Elena disse a Rafael, mesmo quando aceitou o convite de Caliane.

Seu Arcanjo colocou a mão sobre a pele nua de suas costas, sua mãe moveu-se para falar com Alexander. Hannah, também, foi arrastada por Elijah, que tinha sorrido um Olá a Elena, Raphael e os outros Arcanjos já conversando.

Ela está antecipando aqueles que podem acreditar que podem conduzir uma cunha entre nós usando o fato de você não ser a consorte que minha mãe teria escolhido para mim.

Raphael moveu os dedos nas costas dela. *E ela sentiu falta de falar com você, eu acho. Ela me disse que você a faz lembrar o que era ser jovem e destemida.*

Combatendo arrepios de prazer, Elena disse:

Tem certeza que não é o código para jovem e estúpido?

Os lábios de Rafael puxaram para cima num canto.

Não é o mesmo?

Elena não podia exatamente argumentar, dado a algumas das acrobacias que ela fez como caçadora novata.

— Falou com Astaad? — Ela podia ver as asas distintas do Arcanjo, as negras penas como noite, onde cresciam à sua volta, mas desaparecendo lentamente para cinza claro nas pontas, como uma aquarela feita por uma mão especialista.

— Não, vamos fazê-lo agora.

Quando o fizeram, Astaad confirmou que tinha deixado Mele em casa.

— Ela quis me acompanhar, mas é muito suave, sem armas próprias. — Seus olhos, uma sombra escura perto de ônix, golpeando contra o branco frio de sua pele, esquadrinharam a sala. — Neha chegou.

O Arcanjo da Índia entrou no Átrio com uma graça régia, seu sari de seda bordado de amarelo escuro incomum com partes de azul-ouro e seu cabelo preto puxado atrás em seu habitual nó arrumado. Ela estendeu suas asas do chão com uma força não-forçada, as penas branco-gelo com filamentos de cobalto nas primárias. Seus olhos castanhos eram da rainha que era: inteligentes e acostumados com o poder.

Próximo de seus calcanhares vinha Charisemnon.

O Arcanjo da Doença... Elena de longe preferia esse nome sobre seu título oficial... estava de volta à saúde plena e fisicamente muito bonito, o cabelo todo

castanho e pele de um profundo dourado, seu corpo com fluidez musciosa e seus olhos de um dourado mais escuro com manchas de marrom em suas profundezas.

Ele ainda fazia seu estômago revirar.

Neha podia odiar Elena, mas Elena gostou da Arcanjo da Índia ao dar à Charisemnon uma recepção distintamente gelada quando os dois trocaram saudações.

Continuo esquecendo que Neha é uma guerreira também, ela disse a Rafael, *e então ela faz algo assim e lembro que ela tem zero simpatia por pessoas que considera covarde.*

Raphael não respondeu; não era necessário. Ele foi o único que contou a ela sobre a habilidade de Neha com a lâmina curva do kukri, contou suas histórias de luta com o Arcanjo da Índia. Ela sabia que ele perdeu o relacionamento que teve com Neha antes por executar sua filha assassina.

Favashi entrou segundos depois, um anjo de características suaves com asas de marfim rico e cabelo de um brilhante mogno contra a pele cor de creme beijada pelo sol, sua beleza luxuriantemente feminina e seu poder o epítome de uma mão de aço numa luva de veludo que tanto Elena tinha ouvido. Ela usava um vestido intrincado e frisado de um opulento creme com acentos cereja cintilantes, as mangas compridas presas nos pulsos e a saia exuberante vindo um pouco acima de suas panturrilhas. Abaixo disso estavam leggings apertadas de algodão do mesmo cereja e sandálias douradas simples.

— Então, estamos todos aqui, — Astaad murmurou. — Quem acha que vai tentar matar quem primeiro?



Capítulo 14

Elena estava mais interessada nos Luminata na sala que estava no Cadre - pelo menos no momento. Os cabelos minúsculos em sua nuca mantinham-se em pé enquanto as pessoas circulavam e ela estava quase certa que era Gian olhando para ela.

Depois de advertir seu Arcanjo, deliberadamente se separou de Raphael, queria tornar mais fácil para os Luminata se aproximarem dela, falou um pouco com Titus novamente, então um Luminata acadêmico que acabou por ser o bibliotecário-chefe. Ela estava prestes a perguntar como poderia acessar os arquivos quando ele se desculpou com um murmúrio... e de repente ela estava cara a cara com o líder deste bando estranho.

Maças do rosto afiadas, cabelo castanho escuro que brilhava com saúde, esses incríveis olhos claros que a faziam pensar numa criatura que caçava no escuro, elegante e inteligente, Gian era um homem que jamais se misturaria na multidão, apesar do fato de sua altura colocá-lo pelo menos cinco centímetros mais baixo que

Elena em suas botas. Os mantos de cor parda do Luminata serviam para destacar, em vez de minimizar a atratividade física de Gian.

Mas Elena não estava afetada pela beleza. Vivia com Raphael e ele soprava qualquer outro homem do planeta para fora da água. Porque seu Arcanjo não era só fisicamente magnífico, ele tinha um coração. Ele tinha começado a ficar frio ao longo de séculos e séculos de imortalidade, mas acordou com uma vingança e era tão magnífico como seu corpo e rosto.

Ela não estava tão certa se o imortal mortalmente bonito na frente dela tinha um coração, mas iria dar-lhe o benefício da dúvida. Arrogância não correspondia a maldade ou feiúra do coração, especialmente entre os imortais que viveram durante milênios. Muitas vezes era um quase inevitável subproduto da idade e poder.

— Consorte, — Gian murmurou, os dois sozinhos de um lado do Átrio, ambos com copos de vinho na mão. — Devo admitir que estou intrigado por você. Tanto é assim que fui rude e a observei durante a maior parte da noite até agora.

Surpresa que ele admitisse tão francamente observá-la e gostando dele mais por isso, ela disse:

— Oh? Sou apenas uma caçadora.

Seu sorriso era um flash ofuscante de luz, de repente, um brilho deslumbrante.

Elena viu naquele instante como Gian poderia ganhar amantes em grande quantidade. Ela não estava atraída por ele, no mínimo, mas conseguia entender. Este homem tinha a capacidade de usar o charme, fazer as pessoas esquecerem o tipo de poder que tinha nas mãos. Ninguém ficou líder de um grupo de anjos tão velho e forte como os Luminata sem ser um político implacável.

Mais uma vez, no entanto, isso não o fazia ruim em qualquer sentido: isso só queria dizer que era inteligente e gostava de poder. Existia um monte de gente assim no mundo que também doavam para caridade e fundos de bolsas de estudo para crianças carentes.

— A primeira anjo feita em uma eternidade, — disse Gian em uma voz que era cristalina, sem ser macia. — Uma verdadeira consorte amada por seu Arcanjo. E com tal beleza rara.

Elena mentalmente revirou os olhos para esse último. Sim, desempenhava bem, mas era mais caçadora que uma beldade, estava numa sala com Michaela, Neha, Hannah, Tasha, e muitas mais.

— Bajulação não o fará chegar a qualquer lugar comigo, Gian.

Seu riso era o maldito tilintar dos sinos.

É este indivíduo real ou está mexendo com minha cabeça?

É real, Raphael respondeu de onde estava conversando com Favashi. *Minha mãe me diz que Gian sempre teve uma voz surpreendentemente clara, que usava para preencher Colosseums nas raras ocasiões quando recitava poesia em público.*

Poesia? Sim, Elena podia ver o líder dos Luminata em pé na frente de uma multidão e mantendo-os cativo com sua presença. Ele tinha aquela coisa de carisma acontecendo. Raphael tinha, também, como tinha o resto da Cadre... parecia vir no pacote ao tornar-se um Arcanjo, mas com Gian, era um brilho que ele usava na vanguarda da sua pele.

— Eu não bajulo, — disse Gian com sinceridade em cada sílaba. — Falo a verdade. A beleza está nos olhos de quem vê, dizem... e meus olhos vêem a atribuição das suas características, o contraste de seu cabelo com sua pele, a forma como se move, é extraordinária.

— Esqueceu as armas, — ela apontou, pensando que ele ou era um bom mentiroso ou realmente queria dizer isso, e estranhamente, parecia ser o último. Seus olhos tinham quase um pouco demais de admiração.

Um pequeno encolher de ombros em resposta à sua declaração, seu sorriso triste.

— Ah, mas sou um homem tradicional. Prefiro minhas belezas sem lâminas.

— Acho que Neha, por exemplo, iria zombar da ideia de ser tradicional. — Tanto quanto Elena sabia, a raça angélica sempre se vangloriou das guerreiras, bem como dos guerreiros.

— Verdade. Talvez eu precise de outra palavra para isso. Seria Neanderthal adequado?

Surpresa até a gargalhada com a declaração auto-depreciativa, Elena encontrou-se reavaliando suas impressões sobre Gian. Sim, era um pouco

demasiado perfeito com aquela voz e aquele rosto, e ele, sem dúvida, tinha um pouco de complexo de Deus, mas não era insuportável e tiveram uma boa conversa nos minutos que se seguiram. Ela também descobriu o que havia acontecido com a arte.

— Muitas das peças foram se tornando muito danificadas pelo tempo, pela poeira e mudanças de temperatura, — Gian disse a ela. — Conforme nosso mandato de preservar a arte de nosso povo, a Galeria foi criada para abrigar a arte num ambiente mais adequado para a preservação.

Elena podia ver a lógica nisso.

— Então, não tem nenhuma aqui fora? — Parecia-lhe que as esculturas de pedra não apodreciam ali fora, mas o que ela sabia? Teria que perguntar a Aodhan sua opinião sobre a explicação de Gian.

— As peças mais antigas daqui são pelo menos um pouco resistente a danos do tempo. — Ele balançou a cabeça para um grande mosaico numa tapeçaria que separava a parte do Átrio em duas seções semi-independentes. — Mas uma vez que tínhamos a Galeria, parecia um desperdício deixar outras peças no ambiente comum, onde começariam a degradar. — Um sorriso profundo. — Eu ou qualquer um dos meus irmãos ficaria feliz em mostrar-lhe o caminho para a Galeria.

— Obrigada, — disse Elena. — Posso também perguntar-lhe sobre sua biblioteca?

Seus olhos nunca se afastaram dela - e percebeu que nunca o faziam. Sua pele esticou. Ok, isso era mais que um pouco assustador, mas ele não cruzou todas as linhas e ela tinha que lembrar que esteve isolado aqui com um monte de outros Luminata por centenas de anos. Boa maneira de oxidar suas habilidades sociais.

— Nós o chamamos de repositório de conhecimento, — ele disse, ainda olhando para ela com enervante foco. — E claro. Pode me perguntar qualquer coisa.

— Me disseram que você coleta informações. — Ao seu aceno, ela disse, — Mantém quaisquer registros sobre as crianças humanas-vampiro?

Uma cintilação em seus olhos, e foi-se tão rapidamente que ela poderia ter imaginado.

Só que ela não tinha.

— Não, — ele disse com um aceno de cabeça, os olhos se movendo para sua taça de vinho quando ele tomou um gole. — Por que pergunta?

— Tenho certeza que uma das minhas amigas foi gerada por um vampiro que depois fugiu. Sabe, a costumeira história de pai morto, só que era um vampiro. — Ela mentiu porque o instinto lhe disse para mentir. — Prometi a ela que procuraria por ele, para que ela tivesse um fechamento sobre sua história.

— Um objetivo digno. — Os olhos de Gian levantaram para os dela novamente, o branco frio de sua pele sem nenhum traço de cor. — Espero que possa ajudá-la.

— Eu também. Tenho uma pergunta sobre mim, também, — disse ela, acrescentando um meio sorriso para ele, como se não estivesse levando muito a sério seu inquérito. — Meu cabelo e pele são realmente incomuns. Talvez já ouviu falar de qualquer outra pessoa que se parece comigo?

Sem hesitação. Nada além de um olhar firme quando Gian riu.

— Você é única, Consorte. Nunca vi uma mulher como você.

Droga. Isso soava verdadeiro.

— Ah, bem, — disse ela. — Vou ver se tenho mais sorte em seu repositório de conhecimento.

— Você será mais que bem recebida pelo Luminata no comando.

Mais uma vez nada, exceto cordialidade, mas quando se separaram um ou dois minutos depois, Elena pensou de novo naquela cintilação em seus olhos e se perguntou. Por que seus instintos reagiam com uma mentira plausível? Por que ela não queria que Gian soubesse que estava ciente de que ela poderia ter um ancestral vampiro?

Ela ainda estava mastigando essas perguntas quinze minutos mais tarde, quando ouviu dois Luminata dizer alguma coisa para o outro que fez suas orelhas arderem. Ela só ouviu o comentário porque estava olhando para o mosaico que Gian tinha apontado, mergulhada em pensamentos, e estava parada em pé durante pelo menos cinco minutos, quando percebeu que havia pessoas do outro lado da tapeçaria.

Tal como as outras tapeçarias em ambos os lados do grande espaço central do Átrio, não era fechada em cada extremidade. Em vez disso, funcionava como uma

partição que permitia que as pessoas se reunissem em diferentes seções do Átrio, para que pudessem formar pequenos grupos íntimos mantendo-se a parte de um todo maior.

Dada sua posição e imobilidade, e o layout da sala, parecia que os dois homens do outro lado não tinham percebido que ela estava lá. Porque Elena, definitivamente, não deveria ouvir esta conversa.

— A semelhança é extraordinária, não é? — Uma voz masculina, não particularmente distinta.

— “Misteriosa” é a palavra que eu usaria. — Outro homem, este com um tom mais profundo de voz. — Parece que um fantasma assombra Lumia.

Elena ouviu parte de sua conversa com um canto periférico de sua mente, não prestando realmente atenção a isso.

Em seguida, o primeiro orador disse:

— A forma de seu rosto e aquele cabelo quase branco contra a pele dourado escuro... *Sua* pele era mais escura, mas além disso, poderiam ser imagens espelhadas uma da outra.

Toda a atenção de Elena se agarrou a conversa. Porque não havia uma única pessoa na sala que tinha o cabelo quase branco.

— Não é bem assim, — o segundo orador respondeu. — Os olhos não são os mesmos. Os dela não eram prateados. Sempre achei que davam a ela uma aparência felina.

— Sim, você está certo.

Uma pausa, enquanto o coração de Elena trovejava.

— Gian não disse nada.

— Nem dirá e você *não* irá mencionar isso. — As palavras eram duras, uma ordem. — Ou esqueceu como ele ficou depois de sua traição?

— Um louco... ou tão próximo a isso. — Um sussurro de asas, como se o Luminata estivesse mexendo suas penas. — Vou espalhar a palavra de que não é uma questão a ser discutida.

Houve mais sussurros, asas e mantos se movendo. Elena tomou uma decisão rápida e virou-se para ir na direção oposta aos movimentos do outro lado. No

momento que os dois Luminata surgiram por trás da separação, ela estava de pé ao lado de Raphael, longe o suficiente para que não houvesse como suspeitar dela ter ouvido a conversa.

As malditas vestes que escondiam suas asas tornavam todos de forma anônima, mas, pelo menos, os capuzes estavam para baixo hoje à noite. Ela tomou nota das duas pessoas: uma era um homem alto com a pele de mogno que tinha mostrado a ela e Raphael no primeiro dia a sua suite, o outro mais baixo, mais quadrado que parecia ter o cabelo louro sedoso. Sua pele parecia ser um não-tão-tocada-pelo-sol branco com um leve rubor vermelho.

Caçadora da Sociedade, enquanto Astaad parece acreditar que você está apenas sendo uma consorte que me apoia por estar ao meu lado sem dizer uma palavra, eu te conheço. A asa de Rafael espalhou um pouco sobre a dela. *O que é?*

Vou te dizer mais tarde, ela disse, tentando seu melhor olhar interessado na conversa que Raphael estava tendo com Astaad no nível audível. *Apenas ouvi algo tão interessante que meu pulso está dando cambalhotas. Preciso de um minuto para organizar meus pensamentos.*

O polegar de Raphael escovou sobre sua espinha quando ele respondeu a Astaad com indicação zero que perdeu alguma da conversa. Ela não sabia como ele fazia isso, ter uma conversa física e mental, ao mesmo tempo. Ela não percebeu que perguntou isso sobre o nível mental até uma mordida áspera de vento varrer sua mente.

Tive mil e quinhentos anos de prática, hbeebti.

Ele virou-se para sorrir para ela.

E seu coração sobrecarregou, disparou. Porque seu olhar sustentava o carinho, amor e tantas outras coisas que ela nunca poderia ter imaginado na primeira vez que olhou para aqueles olhos de azul ardente.

— Ah, você me faz sentir falta da minha Mele.

As palavras de Astaad fizeram Elena virar-se para o outro Arcanjo, mesmo quando se inclinou um pouco mais perto de Rafael, precisando sentir seu calor, a batida forte de sua vida. Quanto mais tempo passava em Lumia, mais se sentia

como se este lugar congelasse até os ossos, e não em temperatura, mas em sua alma.

Por um tempo, falando com Gian, quase começou a questionar seus pontos de vista iniciais sobre o lugar, mas agora que sabia que ele era um mentiroso, era fácil ver toda a teia de charme que tinha construído na frente dela. Isso foi feito com tanta habilidade que parcialmente a pegou, mesmo quando ela se acreditava em pé observando com críticos olhos.

Elena não estaria cometendo esse erro uma segunda vez.

— Sinto falta dela, também, — ela disse para Astaad. — Queria que nós não víssemos tão distantes uma da outra.

Astaad inclinou a cabeça.

— E esses tempos de guerra tornam as viagens difíceis. Mele gostou de seu tempo em Nova York no início deste ano. Obrigado por hospedá-la.

— O prazer foi meu. — A outra mulher era uma estudiosa em vez de uma caçadora, mas ela e Elena se conectaram a partir do primeiro momento. — Mahiya também adorou passar tempo com ela. Espero que ela vá nos visitar novamente.

— Ela ficaria encantada em fazê-lo, — disse Astaad, — mas acho que é difícil tê-la longe de mim. — Suas feições alteradas, tensão cantarolando debaixo de sua pele quando sombras obscureceram seus olhos. — Tenho fé em sua honra, Raphael, mas não tenho tanta fé em todos os nossos irmãos... eu posso vê-los prejudicando Mele para chegar até mim. Muitos sabem que de todas as minhas concubinas, ela é a mais favorecida.

— Eu gostaria de poder discordar, — disse Raphael no tom mais sombrio. — Mas a honra não é mais o que era antes.

Astaad acariciou seu cavanhaque preto, balançando a cabeça lentamente em silêncio.

O sangue de Elena esfriou sem aviso, isso enrijeceu sua espinha. Ela pegou um sensual e o profundo perfume no próximo segundo. Não muito grosso, não era enjoativo. Na medida.

Enrolando os dedos na palma da mão para acalmar a coceira de agarrar uma arma, manteve sua expressão neutra com pura força de vontade quando Michaela veio ficar ao lado Astaad.

— Como está Dahariel? — Perguntou ao outro Arcanjo. — Não o vi nestes muitos meses.

Isto é interessante.

Arcanjo, você tem um talento para eufemismo.



Capítulo 15

Astaad levantou uma sobrancelha preta fina.

— Meu segundo está tão forte e saudável como sempre foi. Não sucumbiu a uma doença misteriosa, enlouqueceu com a toxina, ou teve um acidente.

Michaela jogou a cabeça atrás e riu, e foi um som requintado. Seus olhos brilhavam quando olhou para Astaad novamente, sua diversão aparentemente genuína.

— Ah, sabe como me ferir, velho amigo. — Deu a Raphael um olhar afetuoso. — Nem todos os meus amantes chegaram a terríveis resultados.

A implicação era clara, mas Elena não era uma consorte nova facilmente manipulada por farpas venenosas.

— Se me desculpar, — disse a Astaad antes de sorrir para Raphael, — vejo Hannah me chamando.

Raphael segurou-a no lugar com uma suave pressão das pontas dos dedos na parte inferior de suas costas.

— De fato, se puder nos desculpar — disse ele a Astaad e Michaela. — Preciso falar com Elijah antes do jantar começar, sobre um assunto relacionado com nossa fronteira em comum.

— Claro. Vamos conversar de novo. — Astaad ergueu a mão de Elena nos lábios num adeus que parecia com ele. Ela tinha percebido que o Arcanjo das Ilhas do Pacífico tinha um lado decididamente romântico. E podia ver porque Mele e suas outras mulheres o adoravam.

— Cuidado, Raphael, — murmurou Michaela, com um toque de malícia em seu tom, — ou vou começar a pensar que você não gosta de mim.

— Há algum homem nascido que não gosta de você?

A pergunta de Rafael pareceu deliciar a Arcanjo feminina. Ela estava radiante quando saíram e não pareceu perceber que Raphael tinha simplesmente levantado a pergunta, não a respondeu.

— Então, — Elena disse, uma vez que estavam fora de alcance, — a rainha cadela ainda está decidida a atingir você.

— Infelizmente, ela permanecerá para sempre insatisfeita. Não durmo com as aranhas que comem seus companheiros depois do sexo.

Elena riu um pouco, não conseguiu controlar, quando Raphael se inclinou para dizer:

— Prefiro mulheres com facas.

Com o riso ondulando, ela o beijou rápido, e, quando recuou, viu Favashi e percebeu a interação do Arcanjo da Sumeria com Neha. Havia algo triste no rosto encantador de Favashi naquele instante, uma terrível e profunda tristeza. Desapareceu um segundo mais tarde, para ser substituído pela impassibilidade angelical.

— Disse que Favashi e Rohan foram próximos uma vez.

— Muito, — Raphael respondeu. — Ele ficaria ao seu lado se o tivesse aceitado, mas Favashi nunca ficou satisfeita. Ela queria o mais forte, o mais poderoso. O filho de Alexandre era um general poderoso, mas não era suficiente para ela.

— Acho que está lamentando essa escolha. — Seu coração doeu pela outra mulher. — Ele teve uma boa vida antes que Lijuan o assassinasse, não é?

— Ele tinha uma vida que muitos desejariam — Raphael a tranquilizou. — A evidência disso está ao lado de Alexandre.

— Sim. — Xander era jovem e verde, mas, era óbvio, mesmo por um breve conhecimento, que fora profundamente amado e tinha conhecido a estabilidade durante toda a vida. O assassinato de seus pais não o quebrou. Tinha o abalado um pouco, mas se recuperou, especialmente porque tinha seu avô ao seu lado.

— Hannah, — ela disse, após terem alcançado a outra mulher e seu consorte. — Sinto muito, mas usei você como desculpa para escapar de uma certa conversa. Por favor, fale comigo.

Passando o braço pelo de Elena, Hannah sorriu.

— Pode me usar como uma fuga de Michaela quando quiser. — Seus lábios torceram-se numa expressão não muito característica dela. — Sabe que ela tentou seduzir Elijah uma vez? Depois de um século!

O queixo de Elena caiu.

— Não.

— Ela aparentemente pensou que ele já teria se cansado de sua “pequena artista”. — Um olhar arqueado. — Infelizmente para ela, Elijah tem uma apreciação surpreendente pela arte.

Elijah sorriu lentamente para as provocações de sua consorte, seus cabelos dourados brilhando sob as luzes que caíam dos candelabros acima e suas asas uma varredura de branco puro.

— Tem sido sempre sobre a arte, — disse ele, num tom solene que fez os olhos da sua amante dançarem. — Sou o patrocinador mais dedicado de Hannah.

— Falando em arte, — disse Hannah depois de enrugar o nariz para Elijah de uma maneira que era muito adorável, — venha ver isso. — A outra mulher levou-a a uma seção do Átrio escondida atrás de uma parede suspensa.

— Uau. — Respiração saindo dela, Elena apenas olhou fixamente.

A obra de arte era outro mosaico, mas era muito mais intrincado do que aquele que tinha olhando mais cedo. Cada quadrado minúsculo tinha sido

elaborado perfeitamente para criar a imagem impressionante de um anjo caindo, uma lança através de seu coração que saía no outro lado de seu corpo. Suas asas eram brancas, salpicadas com o vermelho sangue, os cabelos castanhos e os olhos fechados, impossibilitando a visão.

Ainda ...

— Parece Gian, exceto pelas asas.

— Não tinha visto isso, mas sim, está certa. Talvez ele tenha sido o modelo do artista?

— Talvez, — ela disse, pensando na conversa que tinha na cabeça, sobre a “traição” que os outros dois Luminata haviam se referido. A flecha através do coração não era exatamente uma imagem sutil e o que isso significava, que Gian tivesse permitido que isso ficasse aqui em cima por quem sabe quanto tempo? — É uma coisa estranha para ficar aqui. Os Luminata não são tudo sobre a paz interior?

— Os imortais nunca são tão simples, Ellie. O potencial para a violência vive no mais poderoso de nós sempre. Temos muito poder para ser diferente disso.

Elena pensou em todas as mortes que viu desde que se tornou um anjo, em comparação com a violência que experimentou em sua vida anterior, e encontrou-se acenando com a cabeça. Imortais levavam a violência para o próximo nível.

— Há uma assinatura nesse canto.

— Onde? — Hannah franziu o cenho. — Oh, como viu isso? É minúsculo.

— Não sei. Meu olho apenas foi para ele. — Ela tentou trazer a assinatura em foco, mas estava muito alto no mosaico. — Um artista tímido.

— Como Aodhan. Ele muitas vezes esconde sua assinatura.

Elas ficaram na frente do mosaico por algum tempo, vendo os detalhes intrincados enquanto Elena tentava encontrar uma pista na arte. Ela não viu nada que já não tinha visto, mas, então, Gian veio para ficar ao lado dela e percebeu que ele deve ter estado observando-a novamente. Não era como se ela e Hannah fossem facilmente visíveis da seção principal do Átrio.

— Esta peça fala com você?

Elena disse a coisa esperada.

— Sim. — Ela se virou para olhar para Gian, aconchegando-se para ser o foco de seu olhar perturbadoramente intencionado... E ainda tinha que apertar o estômago para não trair sua surpresa de quão perto ele estava.

Suas asas estavam quase tocando as dela, uma violação de etiqueta que poderia ser mortal para ele. Porque, enquanto Gian era poderoso, Raphael era um Arcanjo. E Gian não era um dos seus Sete, a quem confiava para estar tão familiarizado com sua consorte. Elena não era tão sensível nas asas como os anjos normais, mas isso era inadequado o suficiente para que ela quisesse pegar sua faca, colocá-la em sua garganta e dizer-lhe para recuar.

Dando um pequeno passo para longe dele, usando a desculpa de incluir Hannah em sua conversa, ela disse.

— Você conhece o artista?

— Um coletivo mortal. Morto há muitos séculos agora.

— Oh, não queria ouvir isso, — Hannah murmurou. — Tal talento é raro.

Gian encolheu os ombros e Elena esperou que dissesse algo ao longo das linhas habituais sobre como os mortais nasciam e morriam, apenas para mais nascerem. Em vez disso, ele disse:

— Grande beleza e grande talento estão dentro dos mortais. Acredito que são mais intensos em ambos por suas vidas serem mais curtas.

O som prateado de um sino quebrou a estranha tensão no ar.

— Está na hora do jantar — disse Gian, acenando com a mão. — Por favor. Eu seguem a frente.

Elena foi em frente com Hannah e, o tempo todo que tinha Gian em suas costas, estava morta de certeza de que ele estava olhando para ela. Ela esperava que não visse suas costas nuas, mas a faca que usava ao longo de sua espinha.

* * *

A caçadora de Raphael não disse nada até que seu acompanhante deixou-os na porta para sua suíte após o jantar. Então, ela disse:

— Eu quero voar.

— Estava prestes a dizer o mesmo. — Raphael precisava de ar limpo e fresco, não contaminado pela política ou pelos segredos. — Aodhan, quer se juntar a nós?

— Sim.

A resposta simples dizia muito sobre a necessidade de liberdade de Aodhan.

— Me dê dois minutos para me trocar. — Elena entrou na suíte. — Tenho zero desejo de mostrar minha roupa de baixo para os Luminata.

Os lábios de Rafael curvaram-se. Nenhuma outra consorte ou amante angelical diria essas palavras. Apenas sua Elena.

— Gostaria de um escudo de glamour?

— Não, acho que o banheiro é seguro, não desencadeia nenhum dos meus instintos. O que você acha?

— Acho que mesmo se os Luminata nos observam de alguma forma, espionar a câmara de banho iria contra regras de comportamento tão arraigadas, o que simplesmente não poderia ser justificado por anjos tão velhos.

— Boa.

Decidindo esperar por ela onde estava, no corredor do lado de fora da porta aberta para sua suíte, ele olhou nos olhos de Aodhan, o anjo a pouco mais de um metro de distância, e falou com uma voz que só ficaria entre os dois.

— As paredes estão impactando você? — Ele tinha aprendido a ser franco com Aodhan, o anjo era bom demais para receber o contrário.

Aodhan espalhou e depois reassentou suas asas. Os filamentos brilhavam mesmo na luz relativamente fraca do corredor.

— Sim, — ele respondeu, depois de uma longa pausa, sua voz quase inaudível. — Mas continuo capaz de realizar a minha tarefa.

Mesmo antes de surgir a questão com Remus, Raphael tinha assumido um risco calculado ao atribuir a Aodhan o apoio de Elena, o anjo tinha problemas em ficar em lugares fechados por muito tempo, mas, de todos os Sete além de Jason, era o melhor em detectar as correntes subterrâneas em qualquer situação. Porque, mesmo antes de chegar a Lumia, Raphael tinha calculado que qualquer perigo aqui seria uma coisa de sigilo.

Quando Aodhan olhou para a esquerda, com os ombros rígidos, Raphael percebeu que precisava ser ainda mais brando.

— Não teria feito de você o guarda de Elena se não confiasse em você para manter a linha até a morte, se necessário. Sabe o que ela é para mim. Tudo.

O outro anjo encarou-o mais uma vez, sua coluna não mais tão rígida.

— Sire, — ele disse, um mundo de coisas não ditas nessa única palavra.

Depois de olhar para o corredor, como se para garantir que permaneciam sozinhos, Aodhan ficou com o discurso vocal. Raphael sabia que ele já havia checado o corredor e as suítes por quaisquer paredes falsas ou passagens escondidas onde alguém pudesse se esconder. As suítes de cada lado deles estavam vazias.

Elena tinha procurado por dispositivos tecnológicos antes de seu banho hoje mais cedo, deduziu que os Luminata não tinham aceitado tanta modernização assim, então parou. Luzes elétricas e água quente, sim. Qualquer tipo de satélite ou antena, não. Nem pareciam ter telefones de qualquer tipo. Então qualquer espionagem que fizessem seria não tecnológica, usando o conhecimento superior de Lumia.

— Estou perturbado pelo quão interessados os Luminata estão em Ellie.

— Explique. — Embora estivesse ciente da posição de Elena na sala a cada segundo, Raphael foi forçado a manter a maioria de sua atenção sobre os outros Arcanjos, em vez dos Luminata, a política do Cadre atualmente um mar perigoso.

— Os irmãos a observam quando acham que há pouca ou nenhuma chance de que seu interesse seja detectado. Nem todos, mas todos aqueles que estavam no evento desta noite, e são todos altos membros da seita, de pelo menos quinhentos anos.

O sangue de Raphael congelou, não com medo, mas numa determinação tão cruel quanto perigosa.

— Há uma ameaça em seu olhar?

— Não, mas não é simples curiosidade por um anjo feito. Há algo mais.

Raphael considerou todas as opções.

— É possível que os Luminata não sejam mais neutros como sempre foram. Ela pode ser um alvo.

— Vou continuar a assistir e a ouvir, — disse Aodhan. — Se há uma ameaça, dada a maneira que os Luminata agem e o segredo que os rodeia, será a lâmina de um assassino na escuridão em vez de uma batalha aberta.

Tal ataque não poderia ferir Raphael, mas Elena era vulnerável. Em muitos aspectos, ela era mais fraca que um vampiro comparativamente jovem.

— Vou avisá-la. — Ele não conseguia impedir que sua caçadora fosse quem era, não cortaria as asas dela, mas poderia lhe dar as armas que precisava para sobreviver.

Ela apareceu na porta naquele pensamento, vestida em jeans pretos e uma camiseta simples cinza escuro, as fendas das asa fechadas com pequenos botões na parte inferior. Ela tinha puxado o cabelo atrás num rabo de cavalo e, embora sua maquiagem permanecesse, era mais uma vez a caçadora por quem ele tinha caído pela primeira vez, sua lâmina de festa substituída por luvas de antebraço que seguravam suas facas de arremesso e sua besta e arma usadas abertamente nas coxas. Em sua parte traseira estava a bainha fechada que prendia um quiver cheio dos setas.

Sim, a amava em todos os seus rostos, mas esse rosto, era o mais verdadeiro.

Eles se moviam em silêncio pelos corredores. E, quando o fizeram, Raphael contou-lhe as observações de Aodhan, avisando-a do possível risco para ela.

— Acho que é outra coisa — respondeu ela. — Isso é o que eu queria falar com você. — Ela parou de falar quando avistaram um Luminata andando pelo corredor.

Vamos falar no ar, ela acrescentou, mente para mente.

Mantendo o silêncio até chegarem ao pátio em que haviam desembarcado, Raphael passou os braços pela cintura de Elena.

— Deixe-os supor que você não tem a habilidade para uma decolagem vertical, — ele murmurou de encontro à sua orelha. — Isso te dá mais uma arma em seu arsenal.

Um pequeno aceno de cabeça de sua consorte enquanto ela envolvia seu braço ao redor de seu pescoço e se levantaram no ar, seu peso nada comparado à força de

Raphael. Aodhan levantou voo atrás deles, ficando lá embaixo para cuidar de suas costas. Diferente da sua preferência habitual, hoje ele permaneceu baixo enquanto subiam.

Soltando Elena uma vez que estavam a uma altitude suficientemente alta para que pudesse planar numa posição estável sem dificuldade, ele voou ao lado dela enquanto se dirigia para as montanhas ao longe. Estavam mais distantes do que aparentava e os três só chegaram ao pico mais próximo após cerca de vinte e cinco minutos de voo.

Aterrando, Elena soltou um suspiro.

— Cara, isso foi bom!

Ela acenou para Aodhan, que continuou a deslizar pelo céu.

O anjo mergulhou suas asas para mostrar que a vira.

Sorrindo, Elena caminhou até a borda de um penhasco e sentou-se, as pernas penduradas sobre a borda e as asas espalhadas sobre a superfície pedregosa atrás dela. Raphael sentou-se ao lado dela. Exceto pela mudança do dia para a noite, a visão era semelhante à quando eles haviam chegado a Lumia. A fortaleza estava em sua linha direta de visão, todas as curvas graciosas sobre uma colina suave, suas janelas brilhando com luz.

— Beleza e paz em luminescência, — ele murmurou. — Esse é o lema deles de acordo com os poucos Luminata que eu falei antes do jantar.

— Besteira total, — Elena franziu o cenho. — Aquele lugar ferve. Essa é a palavra certa. Ferve. Há todo um material abaixo da superfície e é algo feio.

Era uma reação profunda à uma fortaleza e uma seita que ela descreveu anteriormente apenas como assustadora.

— Diga-me.

Assim ela fez, mostrando a conversa que tinha ouvido sobre uma mulher de cabelos quase brancos e pele de ouro escuro. Ela estava certa, os dois Luminata poderiam ter falado apenas sobre ela. Ninguém em todo o mundo imortal tinha a mesma aparência de Elena. Ninguém.

— Parece que você pode ter tropeçado acidentalmente num antepassado.

Elena suspirou.

— Parece que é isso, não é? — Os olhos se estreitaram e ela disse: — Coisa engraçada, não acha?

— Ou não é uma coincidência — murmurou Raphael. — O mundo inteiro viu fotos de você depois da batalha em Nova York. — As imagens mais emblemáticas foram tiradas por pessoas no chão quando ela caía com seu corpo partido em seus braços, seus cabelos pálidos e suas asas comidas pelo fogo de anjo.

Seu peito ainda se espremia quando pensava em quão perto esteve de perdê-la, perdendo a chance de construir esta vida que fez a imortalidade um presente.

— Os Luminata tinham que saber que eu iria trazer você comigo se chamassem para uma reunião.

Resmungando, Elena disse:

— Não tenho delírios de grandeza, acho que não convocaram uma reunião do Cadre só para me ver de perto, mas acho que pode ser um bom benefício. — Sua garganta se moveu. — Mas está claro que Gian estava envolvido com alguém que se parecia comigo. Quais são as chances de que poderia ter sido minha avó?



Capítulo 16

Raphael pensou no que tinha vislumbrado nos olhos do líder Luminata quando ele cumprimentou primeiro Elena. Gian não passou por cima de nenhuma linha, e era por isso que ainda estava vivo. Mas havia uma admiração masculina distinta em seu olhar.

— Não podemos saber até que tracemos sua linhagem familiar e descobramos se a coloração incomun é forte na linhagem, ou se sua avó foi a primeira.

Com os lábios se torcendo, Elena olhou para Lumia.

— Quem quer que seja a amante de Gian, esses caras poderiam me colocar no caminho para encontrar a verdade sobre esse lado da minha história, mas tenho a sensação de que ninguém vai responder minhas perguntas, se eu perguntar.

— Os anjos que ouviu, você deve descobrir quanto há tempo são Luminata.

— Por quê?

— Porque, a menos que conhecessem Gian no mundo exterior, é possível que Gian já fosse Luminata quando esteve envolvido com a mulher desconhecida. E não apenas um irmão, ele tem sido o Luminata durante séculos.

Elena respirou fundo.

— Ele teria quebrado seus votos. Merda, se é verdade, não admira que seja proibido discutir isso.

Agarrando seus instintos protetores numa apreensão feroz, Raphael espalhou suas asas para que sua asa esquerda estivesse deitada em suas costas.

— Se a reunião do Cadre se arrastar como espero, você terá vários dias para explorar Lumia e tentar descobrir a verdade. Mas nunca se esqueça: segredos angélicos podem ser mortais.

Elena passou os dedos pelos dele.

— Posso sentir você apertando os dentes, Arcanjo.

Raphael virou-se para olhar para ela, erguendo uma única sobrancelha. Era um olhar que Elena tinha mais de uma vez chamado de “pura arrogância angelical”.

Em vez de responder com um sorriso perverso como fazia tantas vezes, seu consorte inclinou-se e beijou-a na bochecha com uma doçura inesperada, a sombra de sua asa sombreando-os.

— Não significa que não aprecio o esforço. — O sorriso saiu fácil.

Nenhuma mulher o tratara com afeição tão irreverente. Somente sua guerreira.

— Provocar um Arcanjo pode ser um jogo perigoso.

— Não para mim — disse Elena, presunçosamente, apoiando a cabeça em seu ombro. — Não quando esse Arcanjo é o Arcanjo ridiculamente belo de Nova York.

— Ridiculamente belo?

— Esses olhos, esse cabelo, esses ossos. — Ela balançou a cabeça. — Quero dizer, não é justo para todos os outros homens do planeta.

— E por que está pensando em outros homens?

Rindo, ela levantou suas mãos ligadas à boca, pressionando um beijo em seus nós dos dedos.

— Só percebi o quão difícil deve ser um homem namorando em Nova York, quando todas as mulheres estão loucas por você.

— A maioria das mulheres têm medo de mim. — Só Elena via o homem diante do impiedoso Arcanjo de Nova York.

— Hmm. Bom ponto. — A asa dela se moveu sob a dele. — Lembra quando eu fiquei apavorada com você?

— Você nunca teve medo de mim.

— Hah! Está de brincadeira? Eu estava com medo na minha pele, mas eu ainda pensava que você era quente. Sou obviamente um pouco perturbada.

Raphael não riu.

— Estou feliz que tenha superado o terror, — disse ele calmamente. — A idéia da eternidade sem você é minha visão pessoal de inferno.

— Raphael. — Com os olhos na noite, Elena tocou em seus dedos no queixo dele. — Este é o meu céu. Você é o meu céu.

E ela era dele.

— Cace, Elena — disse ele. — Desenterre segredos. Mas fique segura.

— Não sou eu que vou ficar presa numa sala com os seres mais perigosos do planeta — disse ela com uma careta antes de acrescentar — eu prometo ter cuidado. — Ela segurou o cabelo dele num punho. — Agora você me promete o mesmo.

— Feito.

Seu beijo era um selo impiedoso e apaixonado da promessa.

* * *

Na manhã seguinte, Raphael separou-se de Elena de madrugada, era habitual para os Luminata começar o dia com o sol nascente, e o Cadre decidiu aderir a essa rotina para acabar com isso o mais rápido possível.

— Quanto mais rápido conseguirmos, mais rápido podemos voltar para os nossos territórios, — disse Raphael à sua caçadora enquanto se vestia à primeira luz, com os couros desgastados de uso e um símbolo para seus colegas Arcanjos que

não estava aqui para brincar. — Mas, rápido para Imortais ainda é lento, Elena. Você terá tempo suficiente para procurar a verdade.

Ela respondeu mente a mente, os dois na sala de estar, para onde tinham deslocado sua cama na noite anterior. Ao contrário do quarto, que apoiava-se numa parede compartilhada pela suíte do outro lado, esta sala tinha corredores em dois lados, a parede para a câmara de banho à esquerda, e a parede do quarto à direita. Não deixava nenhuma maneira para qualquer um espiá-los sem estar abertamente num dos corredores.

Não deixe o Cadre te deixar louco.

Vou tentar manter minha sanidade, embora possa ser uma coisa difícil.

Eles saíram juntos.

Elena e Aodhan caminharam com ele até o Átrio, seu ritmo era de um passeio, como se o estivessem acompanhando ao café da manhã porque estavam perdidos. Na verdade, os dois continuavam a tomar nota de quantos corredores e portas como podiam. Aodhan também estava tentando detectar quaisquer passagens ocultas.

É estranho que eu esteja animada mesmo estando frustrada, também?

Raphael sorriu.

Você é uma caçadora, Elena. E você tem um perfume.

Deus, você me “pegou”, Arcanjo.

Levantando-se na ponta dos pés quando chegaram ao Átrio, onde Raphael iria entrar numa câmara de debate interna barrada para todos, exceto o Cadre, sua consorte beijou-o na boca, uma de suas mãos ao redor de seu pescoço.

Me marcando caçadora?

Raphael disse enquanto fechava as asas ao redor.

Ela mordeu o lábio inferior antes de quebrar o contato, seus olhos brilhando como prata.

Eu só queria um gostinho de você.

Ele reivindicou um gosto dela também para levar ao longo do dia. Depois, enquanto dobrava suas asas, vislumbrou alguma coisa sobre seu ombro.

Tasha está prestes a entrar no Átrio. Talvez vocês duas acabem ficando amigas depois de ficarem presas em Lumia durante a reunião.

Elena mostrou-lhe os dentes.

Acho que está indo muito longe com essa coisa de senso de humor.

Raphael riu e foi nesse momento que sua mãe entrou no Átrio, tendo passado pelo corredor com Tasha ao seu lado.

* * *

Uma voz assustadoramente clara invadiu a mente de Elena, o uivo da idade tão pesado que teria cambaleado se ainda não tivesse as mãos de Raphael sobre as dela.

Você faz meu filho rir, consorte. O mais puro amor naquela voz assustadora e antiga, um brilho de lágrimas que falava de alegria incandescente. Nunca pare de fazer isso.

Elena?

Engolindo para molhar uma garganta seca enquanto seu corpo ameaçava começar a tremer incontrolavelmente, Elena olhou nos olhos de um azul de tal claridade, sua beleza era quase dolorosa de suportar.

Sua mãe estava falando comigo.

Ela já fez isso antes. Raphael a apertou com mais força. Você não foi afetada.

Acho que ela estava protegendo sua voz ou algo assim. Seu coração batia tão forte que o sentiu em sua boca. Isso é tão puro que é como o céu e o inferno ao mesmo tempo.

Faíscas de incêndios floresceram através da marca da Legião de Raphael, sua mandíbula uma linha dura.

Vá sentar-se em algum lugar por alguns minutos depois que me deixar. Confie em mim, Elena. A voz verdadeira da minha mãe é potente mesmo para os Arcanjos. O impacto aumenta, como uma música num crescente. Não esteja em seus pés quando ela bater.

Entendi. Posso ficar agora.

Suas pernas estavam um pouco geladas, mas elas agüentavam.

Raphael levou seu tempo liberando-a, fazendo parecer que estavam simplesmente se entregando a uma pequena demonstração pública de afeto.

— Mãe — disse em voz alta depois, virando-se para cumprimentar Caliane. — Posso acompanhá-la para dentro?

O sorriso de Caliane era alegre.

— Não amaria nada mais, meu filho. — Apesar de suas palavras, seu olhar era cuidadoso... Mesmo um pouco hesitante. — Está certo disso?

Elena não entendeu a pergunta até que Raphael disse:

— Com o Cadre, sempre devo ser um Arcanjo primeiro, seu filho depois. — Suas palavras eram duras e políticas, seu tom suave para a mãe que usava o amor por seu filho assim abertamente. — Mas isso não significa que não podemos ocasionalmente lembrar aos outros que somos a única linhagem com dois lugares no círculo.

Deslizando a mão ao redor do antebraço de Raphael com um sorriso nascente, Caliane inclinou a cabeça para Elena. Então os dois Arcanjos se moveram para a sala de reunião localizada fora do Átrio, suas asas se sobrepondo, e embora Caliane fosse a mais antiga, era a asa de Raphael que estava protetora no alto.

Eles não pararam na mesa de café-da-manhã. Raphael já havia dito a Elena que o Cadre tomaria café da manhã mais tarde, anjos de sua força não precisavam comer com tanta frequência.

Mesmo quando suas asas desapareceram de vista atrás das portas de metal pesado da câmara interna, o mar caiu em sua mente.

Sentada, Elena. O mais cedo possível. Uma pausa. É considerado uma honra ouvir a verdadeira voz de Caliane.

Não acho que sou forte o suficiente para isso.

Você será. Confiança absoluta no tom de seu Arcanjo. Agora vá. Eu avisei Aodhan da necessidade de velocidade.

Elena virou-se para sair do Átrio, Aodhan ao seu lado, e encontrou Tasha em seu caminho.

— Elena, — a outra mulher disse, com um grande sorriso. — É bom ver você novamente. Vamos tomar o café da manhã juntas?

Elena pensou em como Tasha tinha lutado por Nova York e estendeu o braço na saudação dos guerreiros. Tasha segurou-a enquanto a mão de Elena se fechava sobre seu próprio antebraço. E, uma vez que Elena tinha um senso de urgência em seu cérebro, seus joelhos avisando que estavam prestes a se curvar, ela decidiu ser sincera.

— Nós nunca vamos ser amigas, Tasha, mas eu te respeito. Espero que você esteja bem.

O sorriso de Tasha se transformou em riso, o verde de seus olhos cintilando.

— Ah, Elena. Você faz com que seja difícil não gostar de você. Talvez possamos treinar enquanto estamos aqui?

— Não vamos nos deixar levar. Não tenho certeza de que confio numa de nós num anel. — Mudando de um pé para o lado quando Tasha riu novamente, ela disse: — Desculpe te cumprimentar e correr, mas já tinha um compromisso antes.

— Claro.

— Sabe, — disse Elena a Aodhan enquanto andavam pelo corredor, — seria muito mais fácil não gostar dela se não fosse forte, corajosa e honrada. — Elena sabia que Tasha morreria para proteger Caliane.

A resposta de Aodhan foi inesperada.

— Ela ainda observa Raphael com olhos de uma amante. Isso facilita?

— Sim. — Elena mostrou os dentes. — Definitivamente. Obrigada.

— De nada. — Ele inesperadamente tocou seu ombro. — Vá para a direita e depois para a esquerda.

Apertando a mandíbula para manter-se erguida, Elena seguiu suas instruções quase no piloto automático enquanto o crescendo uivava na parte de trás de sua cabeça. A luz natural bateu nos olhos depois do segundo giro, fez ela piscar rapidamente para se adaptar, os dois num corredor externo que ficava de frente para um pátio.

Aodhan acenou com a cabeça para uma janela que oferecia uma vista para o pátio; não havia nenhum vidro nela, o arco curvado esculpido fora da pedra. Depois

do arco, um par de Luminata praticava algum tipo de arte marcial lenta nos pavimentos de pedra do pátio, seus movimentos convincentes.

Percebendo que não só tinha Aodhan encontrado um lugar seguro para se sentar, mas que ela realmente tinha uma desculpa para fazê-lo, Elena se sentou na janela com as pernas para fora no pátio e cruzou os tornozelos, o tecido azul-gelo do vestido dela deslizando sobre suas botas. Este vestido tinha uma saia de fluxo, mas era um pouco recortado, do pescoço reto à forma como abraçava seu tronco até os quadris, ao fecho de correr prateado ancorado em seu quadril direito e dividido na diagonal sobre o tecido.

Elena não foi capaz de descobrir uma maneira de usar sua besta com ele, mas tinha acesso a outras armas, incluindo as facas de arremesso em suas bainhas de pulso, a arma amarrada ao tornozelo e a faca longa por sua espinha. Com o cabelo torcido com os pauzinhos de Mahiya, também usava uma pulseira que poderia abrir para se tornar um garrote.

Ainda...

— Odeio vestidos. — Especialmente num lugar que fazia seus instintos se eriçarem.

— Você os usa com graça perigosa, — disse Aodhan enquanto ele se aproximava ao lado dela por fora. Juntos, observaram os dois Luminata praticarem os movimentos lentos e graciosos. Eles usavam suas vestes mesmo para isso, capuzes puxados sobre suas cabeças para obscurecer seus rostos, mas suas asas para fora.

Um conjunto de asas era um branco familiar com marrom escuro.

A intensidade bateu nela. O impacto da voz de Caliane. Um rugido de som quebrando-a, ameaçando explodir seus tímpanos e fazer seu pulso rugir, seu sangue trovejando. Ela manteve-se sem reagir, apenas agarrando a borda da pedra sobre a qual se sentou e mantendo seu olhar cegamente focado nos dois Luminata no pátio.

E sabia que ia fracassar.

Caliane era uma Anciã, Elena um anjo que mal tinha sido feito. Ela simplesmente não tinha a capacidade de processar tanto poder.

Raphael.

Eu estou aqui.

Uma onda intensa de um poder diferente, que provava o mar e o vento e a fúria de uma tempestade de luz e escuridão, empurrou de volta o eco da voz de sua mãe.

Minhas desculpas, hbeebti. Receio ter crescido com a voz de Caliane. Esqueci como ela é muito poderosa.

Capaz de respirar agora, Elena inalou tremulamente e exalou. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Seu peito ainda doía, mas seu coração não estava mais em perigo de estourar numa confusão sangrenta.

Ouviu-a quando era bebê?

A idéia era assombrosa.

Aparentemente, nasci com uma espécie de imunidade.

Elena obrigou-se a soltar a pedra, duas linhas vermelhas escuras em suas palmas das mãos, o único sinal de quão duro ela tinha se segurado.

Tenho as coisas sob controle. Sei que precisa se concentrar na reunião.

Ainda não começou, estamos esperando por Michaela.

Claro. Ela gosta de fazer uma entrada.

Sua atenção voltou para o Luminata no pátio quando Raphael saiu de sua mente alguns minutos depois, e Elena percebeu que seu pulso ainda estava errático.

— Aodhan, posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim, Ellie?

— O que acha que aconteceria se Caliane decidisse cantar novamente?

Uma longa pausa.

— Seria um sinal de grande alegria de sua parte, ou o retorno de sua insanidade.

— Sim. — Elena assentiu em silêncio, sua pele de repente esfriou. — Isso é o que eu penso também. — Ela queria que fosse o primeiro, mas estava aterrorizada que poderia acabar como o último. Porque se o fizesse, então Raphael teria que

tentar matar sua mãe uma segunda vez. Nenhuma criança deveria ter que passar por isso.

Na frente dela, a dança lenta do Luminata começou a acelerar... e acelerar.



Capítulo 17

Elena sentou-se com interesse quando percebeu que os dois Luminata tinham puxado suas armas... longas varas com que dançavam uma dança marcial intrincada. Substitua essas varas com espadas, pensou, e seriam assassinos. Nenhuma surpresa, dado o que ela já tinha levantado a partir do modo como os Luminata mais velhos se moviam pelos corredores.

E não obstante as outras coisas assustadoras sobre esse lugar, o fato dos Luminata serem guerreiros, não negava imediatamente seu objetivo declarado de luminescência. Havia contemplação no físico também. Em uma nota mais pragmática, esses caras tinham desistido de sexo, dinheiro, outros vícios e pecados. Eles tinham que se livrar de toda essa testosterona, de alguma forma.

Por que não em combate?

... é possível que Gian já estava nos Luminata quando se envolveu com a mulher desconhecida. E não apenas um irmão, ele tinha sido o Luminata durante séculos.

As palavras de Raphael reverberaram em sua mente com o pensamento de votos e vícios.

Logo em seguida, Gian fez um movimento particularmente suave que a fez soltar um assobio silencioso. O capuz caiu para trás no final do movimento, o cabelo castanho escuro exposto ao sol da manhã.

Os dois homens se afastaram alguns segundos depois e curvaram-se um para o outro, varas baixadas ao lado. O macho ainda com capuz saiu através do corredor externo para a esquerda, mas Gian virou diretamente para Elena, dizendo-lhe que ele tinha conhecimento de sua presença o tempo todo.

— Consorte, — disse ele formalmente.

Indo com o instinto, Elena sorriu.

— Só Elena. — Se queria descobrir os segredos de Gian, tinha que ganhar sua confiança.

Um sorriso em resposta que transformou o líder dos Luminata de bonito para devastadoramente lindo.

— Quando estamos sozinhos, Elena então.

Algo em sua declaração levantou os minúsculos pêlos em seus braços, fez seus dedos coçarem por sua longa faca, mas ela manteve um sorriso no rosto e ficou de pé.

— Como é chamada? A arte marcial que estava praticando.

— Contemplação. — Seus olhos, pálidos e marcantes, seguravam os dela. — Essa serve ao seu propósito, nos colocar num espaço mental onde temos absoluta pureza de pensamento.

Obrigando-se a sacudir sua reação negativa ao ser observada com tal concentração irritante, Elena sorriu.

— Sim, e às vezes, não luta apenas sem nenhuma razão em particular.

A risada de Gian era profunda, a de um homem que estava encantado com sua parceira de conversa.

— Ah, mas esse é nosso segredo. — Ele estendeu a vara, de repente, apenas um anjo bonito que passou a desfrutar de sua companhia. — Gostaria de aprender? Leva centenas de anos para dominar, mas posso mostrar-lhe o básico.

Fechando a mão sobre a madeira lisa, Elena a encontrou inesperadamente pesada.

— Estou sempre pronta para aprender a usar novas armas.

Gian manteve distância escrupulosa entre eles quando pegou outro pedaço de madeira e mostrou-lhe o que chamou de "o primeiro caminho". Dado o peso da vara, os movimentos eram difíceis, mesmo em baixa velocidade. Mas Elena não era uma consorte comum ou uma mortal, era nascida Caçadora e treinada pela Sociedade. Pegou os movimentos com uma fluidez rápida que fez Gian dar-lhe um olhar que dizia que não poderia decidir se estava encantado ou desconcertado.

Ah, mas sou um homem tradicional. Prefiro minhas belezas sem lâminas.

Dada sua opinião sobre as mulheres, Elena meio que esperava que ele pedisse uma parada no exercício, mas ele aumentou os movimentos e a velocidade. Sua respiração começou a ficar mais difícil, mas ela não vacilou. Ela tinha visto os movimentos de Gian, sabia que ele poderia empurrá-la para uma velocidade onde ela simplesmente não poderia manter-se... ela não era tão imortal ainda, mas ele trouxe as coisas a uma suave parada bem antes dela chegar à beira de sua resistência.

— Você tem habilidades, — disse ele, com o rosto corado do exercício. — Até mesmo um Neanderthal pode aceitar a beleza de tal graça guerreira.

Como complemento, foi uma boa. Ainda melhor foi o sorriso auto-depreciativo que o acompanhava. Só que já não soou verdadeiro para Elena. Eram os olhos. Os olhos de Gian nunca mudavam, não importava o que o resto do seu rosto fazia. E aqueles olhos observavam como se ele estivesse tentando descascá-la até o osso.

Não tanto admiração masculina, mas um cientista com um inseto.

— Obrigada, — disse ela, se perguntando se estava apenas vendo essas coisas negativas nele porque sabia que ele mentiu, mesmo que apenas por omissão. — Mas você é um mestre nisso.

— Estarei feliz em dar-lhe aulas durante seu tempo aqui, — o Luminata respondeu com aparente sinceridade. — Tenho certeza que uma caçadora vai começar a se irritar por estar presa num lugar tão quieto. Não há vampiros desonestos aqui para você caçar.

— Atividade sempre é bem-vinda, — ela respondeu, entregando-lhe a vara que tinha emprestado. — Vejo você amanhã de manhã, então?

Um aceno de cabeça de Gian.

— Vai ser um prazer. — Ele olhou para Aodhan, uma decepção gentil em seu olhar quando olhou para ela. — Você não precisa de um guarda comigo, Elena.

— Aodhan não é um guarda, — disse Elena. — Ele é um amigo e se eu tivesse que adivinhar, diria que está compondo uma pintura em sua mente. — Ela não tinha essa convicção, mas sabia que Aodhan iria apoiá-la.

A expressão de Gian foi subitamente inundada de luz.

— Ah, claro. Este é um ambiente novo para ele. Todos os artistas absorvem o novo. — Ele olhou interessado para onde Aodhan permanecia junto à parede, fora do alcance de sua conversa. — Será que vai começar a criá-la aqui? Temos suprimentos, alguns dos meus irmãos preferem procurar luminescência através da arte, em vez de contemplação marcial.

— Vou perguntar a ele, — disse Elena. — Mas sei que ele passa muito tempo pensando antes de começar a criar. — Aodhan tinha dito a ela uma vez, quando estava sentada em seu estúdio na Torre lendo um boletim atrasado da Sociedade enquanto ele apenas olhava para os céus tormentosos além.

Primeiro eu preciso ver, Ellie. Só então posso criar.

— Vou pedir ao meu irmão Natal para vir aqui amanhã de manhã durante a nossa prática, — disse Gian, e novamente, de repente ele parou muito mais perto do que deveria, o movimento tão quieto que ela não pegou isso. — Ele e Aodhan têm muito em comum.

Independentemente do sentimento rastejando através de sua pele, Elena ficou no lugar. Sabia que Aodhan estaria com ela num piscar de olhos, se ela desse a menor indicação de problemas, mas queria ter um controle sobre Gian. Segredos e mentiras de lado, ele era tão estranho porque era velho? Ou era algo muito mais perigoso?

— Está conduzindo seus irmãos por um longo tempo, — disse ela. — Não está cansado disso?

Um ligeiro balançar de sua cabeça.

— Você perguntou sobre mim? — Seus olhos se enchendo de luz, suas asas saindo um segundo antes de fecharem novamente.

— Você é o Luminata. Eu estava curiosa.

— Sim, claro que estaria curiosa. Isso está em seu sangue, — disse Gian quase distraído.

As palavras eram pedras jogadas numa lagoa imóvel.

Elena queria as agarrar, arrancar as respostas que precisava. Mas não podia mostrar isso. Ainda não. Não quando estava tropeçando no escuro.

— Sim. Sorte de ser nascida caçadora, acho.

Gian piscou, olhou para ela por um segundo, como se ela não fosse quem ele esperava, depois sorriu.

— Sim. — Um olhar para o sol. — Infelizmente, devo ir. É hora da minha primeira meditação, mas estou ansioso para nos encontrarmos de novo.

Dizendo suas despedidas, Elena andou até Aodhan enquanto Gian saía da mesma forma que seu parceiro anterior.

— Só para saber, — ela disse, — você está contemplando a criação de uma nova obra de arte.

— Você não mentiu, Ellie. Este lugar me interessa num nível artístico. — Olhos de luz encontraram os dela. — Gian estava muito perto de você.

— Acha que é porque está aqui há centenas de anos? — Ela cutucou a cabeça e caminharam pelo corredor. — Suas habilidades sociais podem estar apenas enferrujadas.

— Não. — A resposta de Aodhan era firme. — Ele só faz isso com você, ninguém mais.

Elena pensou em como Gian olhou para ela de forma tão estranha no final.

— Eu o lembro da mulher que ele estava envolvido. — Ela tinha atualizado Aodhan com aquele pedaço de informação após sua fuga na noite anterior. — Provavelmente encararia também se eu conhecesse um homem que se parecesse com Raphael. E se o rompimento foi ruim, se a amante de Gian o traiu, isso explica por que ele não a mencionou.

Aodhan assentiu, mas ela viu que não estava convencido. Nem Elena: ela estava apenas forçando-se a olhar por todos os ângulos possíveis. Não podia permitir-se ser indevidamente influenciada por esses minúsculos pêlos na parte de trás de seu pescoço? Eles tremiam em pé o tempo todo que estava com Gian.

Um vento repentino assobiou através do pátio.

Elena estremeceu, ouvindo dentro dele o gemido desolado de uma mulher.

* * *

Raphael sentou ao lado de sua mãe na câmara interna. Não havia nada nesta sala exceto mais de dez poltronas dispostas em círculo. À sua direita estava Titus, ao lado de Titus sentava Elijah. Alexander tinha tomado o assento em frente a Caliane. Próximo a ele sentou Michaela de um lado, Favashi no outro. Charisemnon tinha o assento entre Michaela e Elijah, enquanto Neha sentou ao lado de Caliane do outro lado dela, Astaad ao lado de Neha.

A Cadre dos Dez estava em sessão só que havia onze Arcanjos do mundo, pela primeira vez na história conhecida.

— Nós não deveríamos estar aqui, — disse Charisemnon no silêncio quebrado apenas pelo farfalhar do sari prata salpicado de marrom de Neha quando a Arcanjo da Índia cruzou as pernas.

O cabelo de Neha estava em seu habitual nó elegante e ela usava um bindi em forma de lágrima em azul entre as sobrancelhas.

Raphael sabia que mesmo Neha tendo parado de vestir branco de luto, ela nunca iria esquecer ou perdoar a morte de sua filha. Independentemente de quanto ele a respeitava, ou o quanto ele sentia falta da relação que uma vez tiveram, nunca poderia esquecer esse simples fato.

Vingança definia Neha.

E foi ela quem respondeu a Charisemnon.

— Então, com certeza, Charisemnon... você já teve contato com Zhou Lijuan?
— Sua voz era de graça venenosa, mas o veneno não era malicioso, Neha era a

Rainha das serpentes e venenos, afinal. Então, novamente, dada a forma como ela estava olhando para Charisemnon, talvez fosse muito de propósito.

Como Elena tinha apontado, Neha não padecia de covardes.

E, tanto quanto Raphael estava preocupado, Charisemnon era um covarde que trouxe vergonha para a raça angélica e que precisava ser apagado da existência. O Arcanjo da África do Norte ganhou a capacidade de criar doenças imortais na Cascata, e usou isso em ataques contra Titus e nos territórios de Raphael. No caso de Raphael, isso levou à Queda, quando anjos caíram do céu para serem quebrados e destruídos.

Centenas ficaram horivelmente feridos.

Cinco morreram.

Foram assassinados.

Incluindo o jovem Stavre, um jovem promissor em sua primeira colocação.

Os caídos foram levados para casa de Nova York por uma guarda de honra de anjos, seus caixões do funeral cobertos de flores, enquanto viajavam pela estrada do céu, tão amados em vida. Quando os guardas de honra passaram pelas terras de Neha a caminho para o Refúgio, foram acompanhados por outro esquadrão. O novo esquadrão levou lanternas para iluminar o caminho, essas lanternas clarearam todo o caminho para a casa final dos caídos nas montanhas, onde cada um deles nasceu.

A Arcanjo da Índia era uma mulher complicada.

— Se eu tivesse tido contato com Lijuan, — Charisemnon disse com um sorriso que escorria charme, — teria falado quando esta convocação ridícula foi enviada em primeiro lugar. — Ele permaneceu quieto como um gato em seu assento, um homem bonito com pele impecável. Nenhum sinal restava da doença que o tinha devastado quando suas habilidades se voltaram contra ele; era mais uma vez um Arcanjo que atraía amantes em massa e que tinha um gosto por carne jovem em sua cama. Muito jovem.

Esse aí sempre foi cheio de si mesmo, mesmo quando menino.

A voz de sua mãe, aquela sinfonia impressionante de som, interrompeu os pensamentos de Rafael.

Às vezes, disse ele, esqueço que você conheceu todos aqui quando eram crianças. Como era Alexander quando menino?

Seus olhos se encontraram por um instante fugaz, a chama azul incandescente queimando com a memória.

Tão ambicioso e tão nobre como é hoje. Ela virou-se para os outros mais uma vez. *Embora agora, ele carrega uma fúria violenta profundamente dentro dele.* Tristeza em seu tom. *Espero que não permita que isso o envenene.*

Xander está ajudando.

Lijuan havia assassinado o único filho de Alexander, bem como a mulher de Rohan, mas o filho deixou atrás, um filho seu.

Alexander não pode se afogar em tristeza quando tem um menino para criar.

Como Elena era adorada por Izak, Xander necessitaria de força, precisava de uma mão firme orientadora enquanto crescia em suas asas e aprendia sua própria força.

Sim. A concordância de Caliane era suave. *Mas é uma coisa dura viver mais que seu filho. Alguns nunca se recuperam. Eu já vi isso na minha eternidade da vida.*

Raphael não poderia dizer nada sobre isso; sua mãe tinha vivido tantos anos que nunca pode saber exatamente quando ela nasceu, quando deu seus primeiros passos. Em frente a ela, Alexander ergueu as sobrancelhas levemente e ele teve a sensação de que os dois antigos estavam falando um com o outro.

Charisemnon, entretanto, ainda estava tentando convencer o resto deles para dissolver esta reunião e dar à Lijuan mais tempo para vir para a superfície.

Raphael decidiu que era hora de trazer as coisas de volta aos trilhos; não tinha intenção de ficar preso em Lumia por semanas. Especialmente quando o Luminata observava Elena das sombras, sua intenção desconhecida.

— Não podemos cancelar esta reunião, — disse ele quando Charisemnon parou para respirar. — A Sede de sangue já foi atingida.

— Incidentes isolados. — Astaad acariciou seu cavanhaque, tinha o hábito de fazer isso quando imerso em pensamentos. — Como todos sabem, acredito que vampiros devem ter uma mão rigorosa sobre eles, independentemente da idade, e é uma grande coisa depor um Arcanjo. Nós *devemos* ter certeza.

Neha inclinou a cabeça, seu tom muito menos venenoso em resposta a Astaad.

— Compartilho uma fronteira significativa com Lijuan. Quaisquer surtos de sede de sangue poderiam transbordar para as minhas terras e ainda assim eu não iria declará-la negligente em seus deveres ou desaparecida, ou Dormindo, sem provas irrefutáveis.

Nenhuma das declarações surpreendeu Raphael. Astaad era um aliado, Neha uma desconhecida neste momento, mas ambos eram Arcanjos que acreditavam na tradição sobre a mudança.

— Os incidentes não são mais tão isolados, — disse ele na pausa que se seguiu à sua troca.



Capítulo 18

Um silêncio penetrante.

— Jason falou comigo antes do amanhecer esta manhã.

— Como? — Charisemnon sentou-se em seu assento. — A tecnologia Mortal não pode penetrar atualmente em Lumia e as fronteiras da fortaleza são fortemente patrulhadas.

Ele poderia muito bem ter chamado Raphael de mentiroso.

Estrangulando a raiva gélida que iria interromper a reunião e dar a Charisemnon uma vitória, ele deu de ombros e falou para a sala em geral, em vez de se dignar a responder a um Arcanjo que planejava matar assim que se tornasse viável. No que lhe dizia respeito, Charisemnon era uma barata, um flagelo sobre a terra.

— Jason não é conhecido como o melhor espião do mundo por nada. — Foi uma deliberada declaração, Charisemnon uma vez tentou atrair Jason prometendo-lhe suas terras para governar.

O outro Arcanjo nunca entendeu que, para Jason, tal oferta não era a liberdade: era uma gaiola.

— Não me importo como sua sombra de asas negras deu a notícia para você, Raphael, — disse Titus. — Quero saber o que ele disse.

Um certo número dos outros assentiram, embora o rosto de Charisemnon estava rígido, a cor de um tomate maduro demais e tão atrativo quanto.

— Um momento. — Alcançando sua bota, Raphael recuperou o mapa finamente enrolado que foi deslizado sob a porta da suíte dele e de Elena durante as primeiras horas desta manhã. Raphael teria questionado sua veracidade, exceto que Jason estendeu uma mão com sua mente para confirmar sua presença, antes que o espião desaparecesse de volta do jeito que veio, uma sombra entre as sombras.

Ele já não estava em qualquer lugar perto de Lumia, tendo voado de volta na direção da China um instante depois de passar o mapa e as informações. Suas palavras de despedida, no entanto, não foram o que Raphael esperava de seu sempre silencioso mestre dos espiões.

Espero que resolva isso rápido, Sire. Quero voltar para casa, para Mahiya.

A princesa de Jason compreendia quem e o que ele era, aceitava que precisava viajar para terras distantes, mas sentia falta dele desesperadamente. Tanto é assim que, quando Jason estava fora, Elena, Honor e aqueles dos Sete localizados em Nova York, assim como todos os outros amigos que fez, trabalhavam em conjunto para mantê-la com companhia o maior tempo possível.

A última vez que Mahiya visitou o Enclave, disse a Elena e Raphael que estava treinando para que pudesse acompanhar Jason em missões que não exigissem a discrição que só Jason poderia ter.

Sua princesa está pensando em se juntar a você, ele disse ao outro homem. *Não nesta jornada. Outras.*

A resposta de Jason foi tão séria que Raphael riu... O mestre dos espiões não tinha soado tão "real" há uma eternidade.

Sim, estamos em discussões sobre seus planos. Ela se recusa a ouvir a razão, então parece que devo ensiná-la a ser uma espiã.

A memória dessa interação inesperada desapareceu quando desenrolou o mapa, em seguida, levantou-se e usou uma mera varredura de seu poder para fundir as bordas na pedra da parede atrás de sua poltrona. Ele mostrou o território de Lijuan em detalhe. A fina maré de vermelha que lambia a fronteira nordeste da China não precisava de explicação... a linha era quase ininterrupta.

Um suspiro de som, saído de mais de uma garganta.

— Certamente isso não é verdade. — O tom de Michaela foi, pela primeira vez, puro Arcanjo, nenhum tom de sedução ou maldade. — Seu espião observou casos de sede de sangue ao longo de toda aquela região? Nós teríamos ouvido se fosse assim.

— Os surtos têm apenas aumentado nas últimas quarenta e oito horas, — Raphael disse, batendo num ponto vermelho no mapa. — Um ponto deste tamanho indica uma ou duas mortes. — A grande maioria dos pontos eram desse tamanho.

— Quebras esporádicas, — Elijah murmurou, dois sulcos profundos entre as sobrancelhas. — Isso acontece em todo o mundo. A coisa preocupante é o quão perto os surtos estão uns dos outros.

Ficando de pé num farfalhar de seda, Neha veio examinar o mapa mais de perto, as pregas na frente da abertura de seu sari fechando com graça tranquila enquanto ela andava.

— Raphael, você está certo?

Ele ignorou a borda cortante, irregular dela.

— Você conhece Jason, Neha.

Um suspiro, um aceno de cabeça.

— Sim, conheço Jason. Ele não iria relatar isso a menos que confirmasse duas vezes.

As asas prateadas de Alexandre refletiram a luz, quando se inclinou para a frente, sua expressão sombria.

— Temos tempo ainda, mas não tanto como esperávamos.

— Me recuso a acreditar nisso até eu ver com meus próprios olhos, — Charisemnon combatia, saltando para seus pés. — Lijuan merece isso de nós. Ela era a mais velha entre nós, até Caliane acordar.

— Eu concordo, — disse Titus, assim como Astaad assentiu. — É uma decisão titânica e não podemos confiar apenas na palavra até do melhor espião do mundo. — Seus olhos escuros encontraram os de Raphael. — Você entende.

— Sim. — Não simplesmente por razões de honra e tradição. — Se cometermos um erro e colocarmos dois Arcanjos ativos no mesmo território, corremos o risco de inflamar uma guerra catastrófica. — O Cadre tinha que estar definitivamente certo que Lijuan foi para o Sono.

Favashi falou pela primeira vez.

— A maré de sangue é preocupante, mas é esporádica ainda. Digo que devemos chegar a uma decisão quanto ao que seria o melhor curso de ação se Lijuan estiver realmente em sono, *em seguida*, fazer a nossa inspeção. Dessa forma, provado que Lijuan desapareceu, o Arcanjo ou Arcanjos no comando de seu antigo território podem assumir de uma vez.

Michaela bateu um dedo no braço da cadeira.

— Por que perder tempo discutindo um cenário “e se”? Digo que devemos ir para a China agora, assustar os vampiros para um bom comportamento, investigar, em seguida, tomar nossa decisão.

Raphael não tinha o hábito de concordar com Michaela, mas ela estava certa: por que perder tempo e energia se não havia nenhuma razão para isso?

— Não há nenhuma *decisão*, — Favashi disse, sua força se mostrando. — Estamos todos dançando em volta do grande elefante na sala. — Seus olhos foram para Alexander. — Você e eu estamos tentando compartilhar um território que deveria pertencer a apenas um. Se Lijuan está morta, eu assumiria suas terras e você manteria a Pérsia. Essa é a única opção viável.

Tendo retomado seu lugar depois que Neha tomou o dela, Raphael esperou por um dos mais com fome de terra dos Arcanjos disputar o ponto de Favashi. Mas ninguém fez. *Não esperava tal acordo rápido*, disse ele mente para mente, para Elijah.

Acho que a possibilidade de uma guerra está nos pensamentos de todos, e agora, Favashi e Alexander estão maduros para isso, você não pode colocar essas duas potências agressivas um ao lado do outro e esperar paz.

Ainda assim, Raphael respondeu, Charisemnon parece do tipo que iria encorajar uma guerra que iria dizimar seus inimigos.

Vejo seu ponto. Os olhos de Elijah pairavam sobre o Arcanjo da África do Norte. Não devemos esquecer, Raphael, que apesar de todos os seus defeitos, Charisemnon governou por dois mil anos. Ele pode ter mais bom senso nele do que imaginamos.

Michaela acenou com a mão languidamente.

— Sua solução é simples, Favashi, — ela disse com um sorriso que era uma maravilha da beleza física. — No entanto, há uma razão para Lijuan ser a Arcanjo da China, e não é porque era a terra de seu nascimento. Seu território inclui também uma porção significativa do que foi outrora a de Uram.

Astaad assentiu.

— Michaela está certa. Lijuan tem um dos maiores territórios fisicamente.

— O território de Michaela é grande agora, — Favashi combateu. — Ela também controla uma porcentagem considerável do que foi de Uram uma vez.

— Mas aquelas terras contêm áreas que são em grande parte desabitadas, e a população em geral nas terras de Michaela é na mesma vizinhança de Astaad, — disse Neha com o pragmatismo nítido. — A China, em comparação, tem o maior número de vampiros na população, e Lijuan foi a mais poderosa entre nós por um longo tempo.

Isso era um muito, muito bom ponto.

— Está insinuando que não posso controlar os vampiros sob meu comando? — O chicote em forma de pergunta de Favashi foi dirigido, não para Astaad mas para Michaela.

Titus explodiu uma resposta, sua voz ecoando na pedra antes que ele controlasse isso... *após isso*, ele tinha a atenção de todos.

— Somos todos Arcanjos, — disse ele.— Mas estou bastante preparado para aceitar que alguns de nós têm mais poder que outros e Lijuan provou isso várias vezes. Você é a mais nova membro do Cadre, Favashi. Seria irresponsável entregá-lhe as terras da China associadas a Lijuan.

O rosto de Favashi ficou tenso, seus ossos empurrando-se contra o creme de sua pele, mas foi Michaela a próxima que falou... e por muito estranho esse comportamento para ela, ela não pediu um pedaço do bolo para si mesma, ou sugeriu redesenhar as fronteiras de todos os territórios do Cadre.

— Lady Caliane, — ela disse, com tom respeitoso. — A resposta mais fácil é você assumir uma seção maior do território de Lijuan, enquanto Favashi supervisiona o resto.

A expressão irritada de Favashi desvaneceu-se em consideração.

— Uma solução manejável — disse finalmente. — E suas terras, Lady Caliane, são atualmente as menores do Cadre. Tal não é respeitoso com seu status como uma Antiga.

A verdade era que Caliane não queria mais nada. A única razão que tomou o Japão foi porque ela e seu povo precisavam de uma casa.

— Tomei a minha decisão, criança — disse Caliane e, partindo dela, "criança" não era nenhum insulto. Neste círculo, unicamente Alexander era seu compatriota. — Ao contrário de alguns dos meus amigos — um olhar para Alexander que assentiu secamente — Não tenho nenhum desejo de voltar atrás nessa arena. Eu gostaria de viver em paz com meu povo. O Japão é o suficiente para mim.

— Acho que não tem escolha, velha amiga. — Alexander se inclinou para a frente novamente, musculosos antebraços apoiados sobre as coxas. — Há uma razão por que nós dois fomos acordados, e acho que é, em parte, por causa disto. O mundo não precisa de onze Arcanjos. Ele precisa de dez para um equilíbrio ótimo.

As asas de Caliane brilharam com o poder. O mesmo fez Alexander.

Se qualquer outro Arcanjo no círculo fizesse isso durante uma reunião, seria um sinal de agressão. Com os Antigos, tornou-se claro que essas coisas eram muitas vezes acidentais. Tinham tanto poder correndo em suas veias que derramava deles sem seu conhecimento consciente.

— Alex, — Caliane disse suavemente, — não acha que devemos deixar o mundo para os jovens?

— Callie, sabe que não podemos. Eles fizeram uma bagunça.

Todos os outros no círculo sentados em silêncio atordado. Mesmo Raphael foi surpreendido. Da mesma forma que às vezes esquecia a idade de sua mãe, ele também nunca pensava nela como jovem. Mas uma vez, ela deve ter sido. Uma vez, foi simplesmente Callie, não Lady Caliane.

Agora, ela riu, o assombroso som de música que fez vários Arcanjos fechar os olhos e apenas ouvir.

— Tanta arrogância, — ela disse a Alexander. — Nós fizemos nossas próprias bagunças e as limpamos. Devemos deixá-los para limpar a deles.

O sorriso de Alexander estava aberto, não contendo nenhum sinal da distância tantas vezes nele quando falava com Arcanjos mais jovens.

— É o momento da Cascata, — ele respondeu. — As regras normais não se aplicam.

Suspirando, Caliane deu um aceno relutante.

— Talvez esteja certo. — Sua expressão ficou em silêncio por um longo momento, a calma de eras passadas. — Eu vou ajudar a jovem Favashi a manter a ordem e quando ela tiver idade suficiente, vou liberar as terras para ela. Será que isto vai satisfazer o Cadre?

A expressão de Favashi era abertamente surpreendida, Arcanjos não eram conhecidos por desistir de territórios que tinham reivindicado. Recuperando-se rapidamente, ela disse:

— Agradeço-lhe, Lady Caliane.

Você vai realmente ser capaz de trabalhar com ela, Favashi? Raphael perguntou. *Está acostumada com controle total.* Como ele. Como qualquer outro Arcanjo no Cadre.

Favashi não olhou para ele quando respondeu. *Sim. Ela não é um de nós, ela é uma Antiga. E ao contrário de Alexander, ela realmente parece querer ser deixada em paz. Você acredita que ela vai, de repente, desejar governar de novo?*

Raphael pensou na tristeza que pesava no coração de Caliane, as perdas que ainda a marcavam, o cansaço que vislumbrou em seus olhos muitas vezes, e disse:

Não. Contanto que você não invada o pequeno território que ela reivindicou como seu próprio, minha mãe vai ajudá-la como ela declarou e a deixará sozinha o resto do tempo.

— Bem, — disse Elijah, — Isso encerra o assunto... Juntas, Favashi e Caliane são fortes o suficiente para controlar o território de Lijuan — Enquanto ele falava, Raphael percebeu que o outro homem era um dos Arcanjos que não viam primeiro Caliane como Antiga; para ele, ela seria sempre a guerreira que uma vez tinha servido. — A única questão é se temos ou não o direito de dispor desse território.

— Há outra questão, — Astaad disse, parecendo um pouco desconfortável. — Se Lijuan *está* ainda acordada e viva, então temos um problema sério na Pérsia.

A tensão tomou conta de todos como um punho apertado, porque suas palavras eram um eufemismo da mais alta ordem.

— Onze Arcanjos, — Caliane murmurou. — Não é natural. Não há nenhuma maneira possível de manter as distâncias necessárias a longo prazo com onze.

Alexander olhou para Favashi.

— Não tenho nada contra você, mas *estou* acordado e quero meu território, um território que governei por eras antes de você nascer. Eu não vou desistir.

A resposta de Favashi foi curta.

— Você deixou isso bem claro, mas eu também sou uma Arcanjo. — Um lembrete de que ela não iria para baixo fácil. — Não importa ainda. Temos que resolver a questão de Lijuan em primeiro lugar. Nesse ponto, pode deixar de ser um problema, mas se houver, então vamos botar para fora uma solução, uma vez que o Cadre já estará num único lugar sem a necessidade de uma reunião separada.

— A lógica de Favashi é boa, — disse Astaad.

Neha assentiu, assim como Titus, em seguida, lentamente, todos os outros.

— Isso deixa apenas uma pergunta: — Neha murmurou. — Como devemos determinar se ou não, Lijuan *está* simplesmente se recuperando de uma lesão, ou se foi para o Sono, ou talvez... para a morte?



Capítulo 19

Elena e Aodhan vagaram deliberadamente sem rumo por Lumia naquela manhã, dando a qualquer pessoa que estivesse assistindo a impressão de que estavam apenas matando tempo, enquanto Raphael estava na reunião do Cadre. Quando avistaram Xander fazendo exercícios de voo com Valerius em outro pátio, esperaram até que tivesse acabado, então pediram a ambos os machos para se juntarem a eles.

— Vamos encontrar Hannah — disse Elena. — Ela disse que estaria na Galeria. — Eles conheceram a outra consorte uma hora antes por acaso.

Valerius inclinou a cabeça, os cabelos castanhos e loiros, bem enrolados, e as asas brancas arqueadas sobre as costas, com filamentos do mesmo loiro.

— Nós nos uniremos a você depois que nos limparmos. — Uma pausa. — Um jovem guerreiro deve aprender arte, bem como armas, ele deve ser um homem de força em todas as suas facetas.

— Isso soa como algo que a Colibri diria.

Nas palavras de Aodhan, o rosto severo de Valerius quebrou-se num pequeno sorriso que lhe trouxe calor aos olhos.

— Ela esteve presa no território de Alexandre uma vez por dois anos e passou esse tempo tentando trazer cultura para aqueles de nós muito mais familiarizados com a espada e a besta.

Tantas conexões sobre as eras vividas por um imortal, pensou Elena, tantas vertentes de vidas entrelaçadas. Nunca teria vinculado esse general, geralmente severo, com a frágil Colibri, mas, pelo sorriso que permanecia ainda no avelã esverdeado de seus olhos, essa conexão fora uma das que ele desfrutara.

Xander, com seu cabelo castanho escuro e úmido de suor, deu a Elena um pequeno sorriso quando Aodhan e Valerius entraram numa conversa tranqüila.

— Tenho um amigo mais novo na sua torre, consorte — disse ele. — Izak. Ele está bem?

— Izzy? — Elena não pôde evitar seu sorriso afetuosos. — Na última vez que o vi, estava decididamente aprendendo a disparar a besta com bastante precisão sob a tutela de alguns dos meus amigos caçadores.

Xander piscou, enquanto as sobrancelhas de Valerius caíam pesadamente sobre seus olhos, o general claramente mantendo uma orelha na discussão de seu encarregado com Elena.

— Um anjo sendo ensinado por mortais?

Nem todos os caçadores da Sociedade eram agora mortais, mas, como os tutores de Izak eram, isso era um não-tema.

— Os anjos podem sobreviver a um tiro de besta, — ela apontou. — Mortais, principalmente caçadores, não podem. Assim, devem aprender a ser muito, muito, muito bons em atingir primeiro o adversário. — O instinto de sobrevivência deu aos mortais uma vertente que os imortais simplesmente não possuem, especialmente quando jovens.

Valerius assentiu lentamente e, embora sua expressão permanecesse relutante, não era intransigente no caminho de alguns dos anjos mais velhos.

— Galen concorda com isso?

— Foi ele foi quem sugeriu isso. — Galen estava sempre ciente dos melhores recursos no território de Raphael, fosse mortal ou imortal, e os utilizava bem. — Nos vemos na Galeria?

Xander e Valerius acenaram antes de se dirigirem para um corredor à direita, Xander mais alto e mais magro em comparação à forma mais sólida e musculosa de Valerius. Viu o menino perguntar algo ao general, ouviu o estrondo profundo da resposta de Valério. Eles desapareceram de vista depois de fazer uma curva fora do corredor.

— Você conhece o caminho? — Perguntou Elena a Aodhan. — Esqueci de perguntar a Hannah.

Balançando a cabeça, Aodhan disse.

— Não trabalhei todos os símbolos. Mas há Luminata em toda parte. Podemos perguntar a um.

Elena tinha notado também que os Luminata estavam por toda parte.

— Acho que nem todos têm os mesmos tempos de meditação — disse ela, pensando no que Gian havia dito.

— Ou é usado como desculpa conveniente quando necessário.

Elena suspirou.

— Porra, Faísca. Não seja cínico comigo.

Encarando-a tão de perto como nunca fez antes, Aodhan disse:

— Illium é uma má influência sobre você.

— Do jeito que ouvi, ele tem sido uma má influência sobre você desde que era bebezinho.

Um sorriso profundo enrugou suas bochechas, sua beleza mais uma vez roubando seu fôlego.

— Nós nos revezamos.

Ao redor deles, Elena estava ciente de que os Luminata estavam imóveis, sim, o sorriso de Faísca teve um certo efeito.

— Vamos parar um dos irmãos que não está tentando ser furtivo. — Não havia razão para mostrar a esses homens que Elena e Aodhan estavam altamente conscientes de serem observados.

O Luminata de quem se aproximavam estava indo para o corredor em direção a eles. Mais ou menos da altura de Elena, seu rosto estava na escuridão por causa de seu capuz e suas asas estavam cobertas. No entanto, quando perguntaram sobre a Galeria, ele imediatamente empurrou para trás o capuz. E seu sorriso era uma coisa brilhante, os dentes brancos contra a pele de mogno escuro e seus cabelos pretos cortados perto de seu crânio, suas maçãs do rosto como navalhas, seus olhos um céu azul surpreendente.

Ela estava cercada de homens bonitos hoje.

— Se não se importar com a companhia, — disse ele em uma voz suave, — eu ficaria feliz em guiá-la. — Sua expressão mudou, apologética. — A Galeria é bem dentro de Lumia, o caminho para ela é complicado. Nós protegemos nossos tesouros de todas as ameaças naturais possíveis.

— Adorariamos que viesse, — Elena disse. — Este lugar é um labirinto. Diversão para explorar, mas posso ver como nós poderíamos acabar andando em círculos.

— Sim, levou um ano para aprender a navegar — admitiu o guia. — Eu costumava acabar constantemente fazendo minhas meditações de irmandade nos corredores porque não conseguia voltar para meu quarto a tempo.

Uma campainha prateada soou no ar.

— O sino do café da manhã para nós, — seu guia falador disse, começando a andar. — Vou lá depois de levá-la para a Galeria. O café aqui dura muito tempo, com irmãos indo e vindo enquanto terminam suas meditações escolhidas pessoalmente.

Elena tinha a guarda tão alta que mal conseguia enxergar sobre ela e, ainda assim se sentia desejando gostar desse anjo que parecia um livro aberto.

— Não suponho que tenha um mapa histórico de Lumia que pudéssemos ver? — Ela perguntou porque, inferno não? — Seria interessante ver como o lugar mudou ao longo dos anos.

— Não sei de nenhum — disse o Luminata lentamente, — mas procurarei no Repositório de Conhecimento para você. — Um sorriso tão honesto e inocente que Elena de repente teve medo por ele. — Sou Ibrahim, Consorte.

— Elena. — Ela olhou para a esquerda. — Conhece Aodhan?

— Nós não nos conhecemos, mas sim. — Ele e Aodhan se reconheceram. — Nós carregamos peças de sua arte na Galeria.

Aodhan inclinou a cabeça para o lado.

— Teria pensado que minha idade me desqualificaria?

— Não, meus irmãos que estão no comando do arquivo de arte julgam apenas os méritos do trabalho, e você é um aluno da Colibri. — Um sorriso que guardava tímida admiração. — Sou apenas um iniciado aprendendo arte, mas, na minha opinião, você é o melhor aluno que ela já teve. Você levou seus ensinamentos ao coração, mas não tentou imitá-la. Você é Aodhan, assim como ela é a Colibri.

Talvez fosse uma lisonja vazia destinada a deixar Aodhan à vontade, mas, apesar de Elena não ser uma especialista em arte, concordou com Ibrahim. Aodhan e Colibri eram ambos espantosamente talentosos, cada um era único no que criavam.

— Você tem muitas das peças dele aqui? — Ela perguntou a Ibrahim.

— Todas as que conseguimos adquirir. — Sua expressão tornou-se triste. — Seu trabalho é amado por aqueles afortunados o bastante para ter obtido uma parte. Não muitas passarão por eles, mesmo que os Luminata desejem apenas manter sua arte segura para as gerações futuras.

E mantê-la fora da vista do mundo, pensou Elena, em particular. Não era como se esta galeria fosse um museu que qualquer um poderia visitar. Na verdade, pareceu-se mais com a arrepiante “Sala de Coleta” de Lijuan, onde ela aparentemente capturava anjos mortos com belas asas: um tesouro secreto.

Enquanto Aodhan e Ibrahim trocavam mais comentários, ficou claro que Ibrahim não era apenas um estudante de arte, mas também um praticante.

— Sou um desconhecido, em nenhuma parte perto de seu nível de habilidade, — ele disse modestamente quando Aodhan perguntou sobre seu trabalho. — Mas isso me dá alegria. — Um sorriso suave. — É a minha contemplação.

— A maior arte, — respondeu Aodhan, — vem de grande alegria e grande desespero.

O sorriso de Ibrahim desapareceu.

— Eu penso na Colibri, como se transformou em outra séculos atrás.

O comentário ecoou dentro de Elena. Havia uma tristeza tão terrível na Colibri agora, mas ela viu um trabalho na fortaleza do Refúgio de Rafael que a mãe de Illium havia criado há dois milênios, queimava com tanta alegria radiante que olhar para ela dava vontade de sorrir.

No entanto, mesmo enquanto pensava na arte, mesmo quando Ibrahim contou-lhes sobre suas obras favoritas na Galeria, ela estava observando cada passo que tomavam, criando um mapa mental desse labirinto que se alastrava. A pedra da própria Lumia começou a mudar à medida que se aproximavam do coração secreto da fortaleza. Esculturas feitas com tempo e cuidado se tornaram visíveis nas paredes, enquanto o chão sob seus pés se transformou numa delicadeza de mosaicos.

Aqueles mosaicos eram tonificados e gentis no começo, mas os azuis turquesa pálido e vermelhos desvaneciam lentamente e fluíam em tons de jóia tão brilhantes que Elena se perguntou como as cores foram capturadas com tal profundidade. E nas paredes, as esculturas se transformaram em pinturas de grandes eventos na história angélica.

— Quem pintou isso? — Aodhan perguntou, parando na frente de uma peça de tirar o fôlego que mostrava um anjo em chamas. Seu tom era perigosamente quieto.

Um segundo mais tarde, Elena notou que, enquanto o cabelo do anjo era dourado, seu rosto tinha linhas profundamente familiares. Ela sempre pensou que Raphael favorecesse fortemente sua mãe, mas o rosto que olhava para ela da pintura era dele. Mude o cabelo dourado para o meia-noite, os olhos igualmente dourados para um azul muito puro para ser mortal, e estaria olhando para um retrato de seu Arcanjo.

— Espere. — Seus olhos não são dourados. — E o cabelo chicoteando em seu rosto era nascido da chama.

— Não. — Respondeu Ibrahim. — Seus olhos mostram o fogo de anjo queimando-o de dentro para fora. — O corpo inteiro de Ibrahim pareceu afundar. —

O artista é um dos irmãos. Ele já foi um curandeiro, mas agora escolheu a reclusão e a arte. Mas, esta é a única cena que ele sempre pinta. De novo e de novo.

— Ele era amigo de Nadiel? — Porque Elena tinha certeza, sem qualquer dúvida, de que estava olhando para uma imagem do pai de Rafael nos momentos antes de sua morte.

— Ele nunca disse. — Ibrahim enfiou as mãos nas mangas de seu manto. — O mais velho Luminata me diz que ele veio até nós em silêncio e em silêncio ele permaneceu para sempre. — Pausando, o homem de olhos azuis parecia estar prestes a dizer algo mais, mas então simplesmente balançou a cabeça.

Erguendo os dedos, Elena riscou as linhas do rosto de Nadiel. Era estranha a semelhança... Mas, mesmo que os cabelos e os olhos fossem diferentes, ela nunca confundiria um com o outro. Havia algo em Raphael que estava faltando neste homem, e havia algo em Nadiel que ela nunca viu em Raphael.

Uma quebra. Uma loucura sutil que era visível até mesmo nos últimos momentos de sua vida.

Magnífico, mas quebrado, aquele era o pai de Raphael. E esta pintura capturou sua morte, quando sua amada consorte foi forçada a executá-lo para que não encharcasse o mundo em sangue vermelho com sua insanidade.

— Ele nunca fala? — Disse ela a Ibrahim. — O irmão que pintou isso?

— Nunca com sua voz. Estava mais curioso do que deveria ter sido, — Ibrahim acrescentou, — e olhei seu registro no Repositório. Ele certa vez recebeu o nome de Laric, mas meus irmãos passaram a chamá-lo de Quietude.

Poético e triste.

E uma eliminação.

Elena sabia de uma outra pessoa que desistiu de seu nome. Sorrow escolheu esse nome em desespero sobre as mudanças que devastavam seu corpo, por isso não foi exatamente uma escolha livre, mas fez sua escolha. Não parecia que esse artista curandeiro tivesse feito qualquer escolha.

— Onde Laric vive em sua reclusão?

— Na torre norte. — Ibrahim assentiu nessa direção. — Não quero dizer que ele nunca sai. Ele o faz. É simplesmente que raramente interage conosco, e assim carrega sua reclusão com ele.

As asas de Aodhan cintilaram, um movimento surpreendente de um anjo que sabia ficar quieto, até que quase pudesse esquecê-lo, apesar de sua alteridade.

— Eu iria encontrá-lo.

Ibrahim olhou para Aodhan por um longo momento.

— Você também ficou em silêncio por um longo tempo — disse ele inesperadamente, antes de inclinar a cabeça. — Ele parece sair para o pôr-do-sol com mais frequência. — Uma pausa. — Ando com ele às vezes. Não sei se me intrometo em sua reclusão, mas ele nunca deu qualquer indicação de que desejasse que eu partisse. — Uma preocupação hesitante mas muito real em seu tom por esse irmão que vivia na solidão.

— Obrigado. — A voz de Aodhan.

Forçando-se a se afastar da perturbadora, mas atraente pintura de Nadiel, ela disse:

— Sabe quando Laric veio pela primeira vez aqui?

— Não estava nos discos que vi. — Ibrahim encolheu os ombros, então estremeceu. Foi seguido por um suspiro. — Sou novo na irmandade. Só no primeiro passo para meu caminho para a luminescência. — Um sorriso torto que era infeccioso. — Não vai denunciar meu comportamento?

Quanto mais tempo passava com esse homem, mais gostava dele. E mais ela se preocupava que era um cordeiro infeliz entre os lobos.

— Seu segredo está seguro conosco. Certo, Aodhan?

— Nós somos cofres.

Um sorriso real se formou antes que Ibrahim parecesse se lembrar de si mesmo e, de repente, voltou a ficar calmo e contemplativo.

— Quem fez o trabalho na Galeria? — Elena perguntou por curiosidade. — Quero dizer, os Luminata são uma seita fechada e, sem ofensa, mas não consigo imaginar seus irmãos aprendendo habilidades de construção.

Ibrahim estremeceu de novo.

— Acho que não tenho a intenção de falar sobre isso.

— Deixe-me adivinhar, as regras se curvam de vez em quando?

Um gesto sutil.

— Como você diz, há certas coisas que precisamos que não podemos fornecer para nós mesmos. E, aqueles do esquadrão angélico que patrulham nossas fronteiras também precisam de suprimentos, então Lumia tem certos laços com a cidade mais próxima.

— E quanto ao abrigo para o esquadrão e seus amantes ou famílias? — Ela não tinha visto nenhum soldado em Lumia.

— Ninguém que tenha família é convidado a servir aqui, — respondeu Ibrahim. — Aqueles que vivem em quartéis localizados na parede oriental, e durante a sua rotação em Lumia, mantêm sua castidade. — Corando quase imediatamente com o salto dessas palavras surpreendentes, Ibrahim disse: — Eu falo demais. Gian está no desespero para eu alcançar algo próximo à luminescência.

— De acordo com os anjos que conheço — disse Elena — até mesmo cem anos fazendo algo dificilmente o tornam competente, então tem alguns milhares de anos, pelo menos, para descobrir a luminescência.

O rosto de Ibrahim enrugou-se num sorriso com seu tom seco.

— Sim, é assim mesmo. Mas aqui, rodeado de tanta paz, desejo apressar minha jornada.

— Já pensou que talvez não queira ser Luminata? — Para Elena, ele era muito bom para este lugar.

— Claro, — disse Ibrahim imediatamente. — Isso faz parte do caminho, todos nós que desejamos tornar-nos Luminata recebemos um século para tomar nossa decisão. É raro um iniciado escolher sair. — Uma tranquilidade que para ele, de repente, fez Elena acreditar que este homem alcançaria a luminescência que buscava. — Mil e duzentos anos de aventura, excesso, riqueza... Nada naquela vida me alcançou como os antigos ensinamentos sobre os quais Lumia é construída.

Ciente de Aodhan ouvindo com foco concentrado, mesmo enquanto ele mantinha seus olhos em seus arredores, Elena tinha a preocupante idéia de que ele poderia estar considerando este lugar... Então mentalmente sacudiu a ideia para

fora de sua mente. Aodhan deixou claro que queria viver, queria experimentar a vida em cores vibrantes depois de se separar do mundo por duzentos anos.

Ainda assim, ela perguntaria a ele, certificaria-se. Não estava convencida de que ainda não estava abalado depois da briga com Illium.

— E o amor? — Perguntou Elena a esse iniciado, que parecia não ter planos ocultos, e era muito novo para ter sido introduzido na sociedade secreta dos Luminata.



Capítulo 20

— Amor?

— Ellie quis perguntar se não havia uma pessoa ou pessoas que você amava?

— Aodhan disse para o silêncio. — Ser Luminata é deixar para trás tais laços, não é?

Em vez de responder à pergunta, Ibrahim ofegou.

— Chama a consorte de seu Arcanjo por um diminutivo?

— Ele é meu amigo, — disse Elena, orgulhosa do fato de ter ganho a confiança de Aodhan. — E eu nunca serei como as outras consortes, sempre terei um coração mortal.

É a sua maior força.

Palavras que Keir falou para ela da última vez que ele visitou Nova York. O curandeiro tinha colocado a mão sobre o coração enquanto falava. Vindo de outro homem, poderia ser uma cantada, uma invasão de seu espaço pessoal, mas Keir era... Keir. Ela sabia que era um ser sexual, tinha visto evidências claras disso, mas

ele nunca interagiu com ela dessa forma. Para ela, ele era um curandeiro, sábio e dotado. E suas mãos seguravam apenas a gentileza de um curandeiro.

Nunca perca seu coração, Elena. Não importa se o mundo diz que isso te deixa fraca. Os imortais têm tanto poder. É bom ter uma fraqueza.

Elena não estava certa de que concordava com o último, especialmente quando se tratava de Raphael. Ela nunca se esqueceu de que era a maior fraqueza de Raphael, e isso tanto a enfurecia quanto assustava. Ela não queria que seu Arcanjo tivesse qualquer fraqueza, não quando ele nadava com as víboras do Cadre numa base regular.

Mas, em uma coisa, Keir estava certo: seu coração mortal a fez quem era. Se perdesse isso, poderia muito bem deitar e morrer.

— Um coração mortal. — Ibrahim fez uma pausa num corredor inundado de cor, as telhas se tornando cada vez mais vivas passo a passo, os mosaicos bastante intrincados, e as pinturas nas paredes eram expressionistas com salpicos de pigmento. — Você diz isso com orgulho e ainda assim a mortalidade é uma coisa passageira sem qualquer esperança de luminescência. — Em vez de arrogância, suas palavras continham confusão e uma pergunta.

— Deixe-me contar uma história, Ibrahim, — Elena disse enquanto começavam a andar novamente. — Sobre um homem santo que conheci três anos depois de me tornar uma caçadora.

A história era de paz, de transcendência, de consciência de que a mortalidade era apenas uma concha e que a alma voava livre numa imortalidade que os anjos não conseguiam entender.

— Você me ensina — disse Ibrahim mais tarde, os três numa parada diante de portas de pedra esculpidas em padrões complexos. Sua expressão continha igual quantidade de temor, perplexidade e consideração. — E eu sou humilde.

Aqueles olhos azuis se encontraram com os dela.

— Entendo agora: Mil anos ou dez mil anos de vida não oferecem automaticamente mais sabedoria. É justo que eu aprenda isso, perdoe-me por minha audácia, de uma consorte que é um bebê em termos angélicos.

Elena sacudiu a cabeça.

— Não sou sábia, Ibrahim. — Ela era imprudente com mais freqüência do que deveria, não tinha feito as pazes com as memórias que a assombravam, e tinha tantos outros defeitos. — Mas alguém que é sábio me disse uma vez para valorizar minhas fraquezas. Elas são o que nos fazem quem somos.

Ao lado dela, Aodhan estendeu a mão para abrir uma das portas de pedra. O ar que sussurrava era notavelmente mais frio do que o ar externo, embora não tão frio.

— Obrigado por nos mostrar isso aqui.

— Foi um prazer — Ibrahim curvou-se. — Se eu não estiver sendo intruso, consorte — disse ele ao levantar-se, — gostaria de conversar de novo com você.

— Só se me chamar de Elena — disse ela.

O sorriso de Ibrahim foi daqueles abertos e estranhamente inocentes.

— Então voltarei a vê-la em breve, Elena. — Ele levantou o capuz quando se virou, mas fez uma pausa para acrescentar: — Não me esqueci da promessa de procurar um mapa.

— Obrigada, Ibrahim. — Elena não disse mais nada até que ela e Aodhan estivessem dentro do que parecia ser algum tipo de antecâmara, uma sala relativamente pequena, ricamente acarpetada num azul mais profundo e com pequenas obras de arte penduradas. Na outra extremidade havia outra porta. — Uma câmara de ar?

— Não conheço essa palavra — respondeu Aodhan.

Quando ela explicou, ele acenou com a cabeça.

— Sim, creio que sim. Para garantir que o ar de dentro e de fora não se misturem e desestabilizem a temperatura constante necessária para as obras de arte mais delicadas. — Ele indicou as peças nas paredes. — Estas são relativamente novas, criadas há apenas duzentos anos, no máximo. Não precisam de cuidados extras.

Empurrando o polegar por cima do ombro, ela disse:

— E as coisas lá fora?

— Os mosaicos foram criados *in situ*, provavelmente com esse propósito, e as pinturas são brilhantes, mas não me pareceram raras.

Elena lembrou o que Ibrahim disse sobre a pintura compulsiva de Laric naquela cena. O que lhe lembrou:

— Não está sendo seduzido pela idéia de luminescência?

— A idéia, sim — respondeu Aodhan. — Este lugar, não.

— Ufa. Porque iria arrastá-lo para fora se perdesse sua mente e se juntasse a este culto. Embora Illium provavelmente fosse me bater.

Aodhan olhou para o chão.

— Acha que ele está bem?

— Jason teria nos dito se algo estivesse errado. — Ela foi tocar uma mão em seu antebraço, parou a tempo. — Quer olhar essas pinturas ou vamos entrar? — Ela imaginou que Xander e Valerius os encontrariam facilmente quando chegassem.

— Não, estou ansioso para ver os trabalhos mais antigos. — Um pequeno sorriso iluminou seu rosto. — Illium está sempre brincando comigo sobre meu gosto por relíquias velhas e mofadas. — O sorriso desapareceu tão rapidamente quanto tinha aparecido.

— Vocês dois são amigos há séculos, — ela lembrou. — Brigas acontecem.

— Assim não. Não assim que ele não viesse me ver antes de uma longa viagem.

Elena sacudiu a cabeça.

— Você está errado. Sara e eu não nos falamos uma única vez por três semanas inteiras. Ainda dói pensar naquele tempo, no quanto senti falta da minha melhor amiga, uma mulher que é uma família por escolha. Foi um desentendimento estúpido que se arrastou, nós duas muito jovens e muito orgulhosas para pedir desculpas primeiro, mas, mesmo com tudo isso, sempre soube que ela estava lá por mim, assim como ela sabia que eu estava lá por ela. Duvida disso sobre Illium?

— Não, nunca. — Ele olhou para longe dela, para a porta na frente deles. — Illium nunca esteve tão zangado antes. Ele não fica bravo. Não comigo.

— Mas você está com raiva, também, — ela apontou. — Nenhum ponto é ganho ignorando isso ou vocês dois vão brigar novamente. Quando voltarmos, saia com ele. — Ela tocou uma faca entre os dedos. — Recomendo começar com espadas e ir fundo.

Os olhos de Aodhan eram tão difíceis de ler, mas quando ele a encarou de novo, pensou que poderia estar rindo.

— Talvez você esteja certa. Eu estive... fechado por muito tempo. Acho que Illium esqueceu quem eu era antes de quebrar.

Puxando a porta final com uma das mãos, Elena descobriu que não podia movê-la. Ela acenou para Aodhan.

— Então, lembre-o, — disse ela, enquanto levantava. — Mas não se esqueça que todo o tempo que se tornou recluso, ele também estava crescendo e vivendo sua vida. Ele também não é a mesma pessoa.

Aodhan não respondeu, mas sabia que absorveria e pensaria nas palavras dela. Aodhan sempre ouvia e considerava.

— Merda. — Sua boca se abriu.

Em sua mente, pensou que a Galeria seria como um museu, as paredes pendentes com obras de arte, esculturas habilmente dispostas ou iluminadas em pequenos cubículos. Ela esperava um teto alto por causa da segunda e opaca cúpula que viu quando sobrevoaram Lumia, mas nunca poderia ter esperado isso.

A cúpula fazia parte da Galeria. Era uma exibição surpreendente acima de sua cabeça, o lado de baixo pintado com atenção requintada ao detalhe e iluminado suavemente para mostrar a arte final. Mas, a cúpula era apenas o começo. Ela e Aodhan estavam numa passarela de cerca de três metros de largura que percorria toda a sala. No centro da sala havia um buraco imenso que parecia sem fundo. No centro daquele buraco pendia uma escada que serpenteava para baixo com caminhos que se partiam em vários lados para levar os espectadores a outras seções.

A galeria era um nome impróprio. Esta era uma torre de galerias.

Os designers tinham deixado espaço suficiente para que se pudesse voar para baixo se não quisesse pegar as escadas. Mas se pegasse as escadas, veria muito mais da arte, mesmo se não pisasse em todos os níveis. Por outro lado, levaria uma eternidade para descer, porque, embora ela estivesse pendurada o máximo que podia, sem se desequilibrar e cair no buraco, Elena não conseguia ver o fim da Galeria.

Continuava indo e vindo, até desaparecer no que parecia brilho de ouro. Como se estivesse olhando para o coração de um sol distante.

— Quão profundo é? — Ela sussurrou, não esperando realmente uma resposta.

Tendo se inclinado sobre a borda com ela, Aodhan disse:

— Vamos descobrir? — A exaltação em seu tom lembrou-lhe o que Raphael disse: havia uma razão para que Illium e Aodhan se tornassem amigos de toda a vida.

Ela sorriu para ele em resposta, mas não saltou imediatamente.

— Não podemos ir direto para baixo, a escada e os caminhos para os diferentes níveis criam obstáculos. Vamos ter que ir para o chão e andar. — Se preparando, ela fechou o zíper diagonal no topo de seu vestido, o que parecia ser nada além de um detalhe decorativo. Ele fechou o plissar do tecido extra para dentro, tornando seu vestido confortável o suficiente para que não voasse para cima. Ela realmente tinha que dar créditos a Montgomery e os adereços do alfaiate por pensar além.

Aodhan apontou para seu primeiro ponto de pouso, então os dois - ela sorriu, nunca viu aquele olhar no rosto de Aodhan - deram um passo para fora da borda. Uma onda de ar fresco se tornou um pouco mais fria por seu ímpeto e eles estavam no segundo nível mais baixo. Era todo de esculturas de mármore independentes, as peças, sem dúvida, inestimáveis. Elena, entretanto, estava muito mais interessada em explorar até que ponto os Luminata cavaram a Galeria na terra.

— Aquele ponto a seguir. — Ela apontou para dois níveis. — Sem obstruções.

Aodhan pulou.

Rindo, ela o seguiu, a luz quebrada de suas asas uma visão gloriosa abaixo dela quando ele parou num lugar que lhe deu muito espaço para aterrissar. Seu coração batia forte quando ela olhou ao redor. Dois Luminata estavam nesse nível, seus capuzes para baixo. Eles pareciam estar falando muito calmamente sobre um livro encadernado em couro que estavam segurando.

Vendo Elena e Aodhan, ambos franziram a testa. Foi um “silêncio na biblioteca”.

Elena tentou parecer adequadamente castigada antes de acenar com a cabeça no ponto seguinte para Aodhan e estavam caindo. Desta vez, desembarcaram em uma galeria de retratos, um número interminável de imagens deslumbrantes em exibição. Tanta beleza pura.

— A raça angélica realmente ganhou na loteria genética, — disse ela a Aodhan. — Não é de admirar que estejam tão cansados. — Quando isso era normal, era difícil admirar alguém ou qualquer coisa.

— Não são todos anjos. — Aodhan apontou para um retrato em sua linha de visão. — Ela é uma vampira. Nove mil anos de idade e considerada uma beleza rival para Michaela.

Isso chamou sua atenção.

A mulher na imagem tinha a pele de um creme puro surpreendente. Sem manchas, nada além de uma luminosidade impecável. Seu nariz era aquilino, seus olhos um água-marinha enormes e macios, e suas cascatas de cabelo de um vermelho brilhante. Verdadeiro vermelho. Não vermelho-alaranjado. Não vermelho ferrugem. Não castanho avermelhado. Vermelho.

— Fale sobre ganhar a loteria genética. — A beleza da vampira era do tipo que chamava a atenção e prendia, com o cérebro tentando descobrir como essa pessoa foi criada, já que era tão perfeita em todos os sentidos.

Elena havia sido pega no laço de Michaela uma vez, antes que visse o coração tóxico da Arcanjo feminina.

— Mas... Há algo faltando. Alguma coisa que Michaela tem e esta vampira não tem. — Ela não pôde colocar o dedo nisso, mas Michaela apenas brilhava de um modo mais brilhante. — Não é poder, ou não só isso.

Aodhan lhe deu um olhar de aprovação.

— Você vê. E embora não goste de Michaela, não favorece imediatamente Renate.

Renate. Parecia o nome certo para essa beleza.

— Fato é fato, — disse ela com um encolher de ombros. — E, obviamente, Michaela sabe que Renate não ganha dela num segundo olhar, ou Renate teria encontrado um acidente infeliz muito antes de chegar a nove mil anos de idade.

— Acho que está correta. — Aodhan olhou a imagem novamente, seu olho clínico. — A culpa não é da obra - a artista a capturou perfeitamente. O que falta é a centelha da inteligência. Renate tem ar na cabeça.

Elena piscou.

— Um pouco duro, Aodhan.

— Não estou sendo cruel, — disse ele. — Fato, como você diz, é fato. Em nove mil anos, Renate não procurou melhorar sua mente de forma alguma - até mesmo foi sugerido que talvez ela tivesse sido prejudicada quando foi feita, mas, uma vez ouvi um curandeiro falar. — Ele baixou o tom, a cabeça inclinada para ele próprio. — O mestre original de Renate fez testes com ela e descobriu que ela não foi prejudicada. Ela simplesmente não tem esse fogo interior que move uma pessoa a buscar o conhecimento. Ela também não tem nenhuma ambição.

Empurrando para trás seus cabelos que caíram sobre sua testa, a luz acendendo os fios caídos, ele acrescentou:

— Se não fosse tão bonita, teria tido uma vida dura como vampira. Como é, é um animal de estimação amado e eu digo isso no verdadeiro sentido da palavra. Seu amante dos últimos quinhentos anos a adora, mas não a considera como uma parceira.

Elena assobiou.

— Nove mil anos e não está entediada por apenas existir?

— Minha irmã me diz que ela penteia muito o cabelo.

A boca de Elena se abriu. Girando sobre seu calcanhar, ela olhou para ele.

— Desde quando você tem uma irmã? — Ela sibilou em voz baixa. — Legal de você compartilhar isso comigo.

Ele realmente parecia um pouco envergonhado.

— Não costumo pensar nela — admitiu. — Imalia tinha setecentos anos quando eu nasci. Só nos vemos um ao outro quando nossos pais nos convidam para casa. — Um encolher de ombros. — Ela é quase uma estranha, embora não seja

cruel. Se fosse pedir sua ajuda, ela daria sem hesitação. Mas nascemos muito distantes no tempo para sermos verdadeiros irmãos.

Elena sentiu que sua raiva começava a desaparecer. Setecentos anos era uma lacuna de idade insana.

— Entendo, — ela disse. — Tenho apenas dezenove e dezesseis anos além de minhas duas meio-irmãs, mas se Eva não estivesse treinando para ser caçadora, também não teria muito em comum com elas.

Dessa forma, nunca chegou a falar com Amy. A adolescente tinha recusado qualquer contato com Elena por lealdade à sua própria mãe. Elena compreendia. Como a mais velha das meias-irmãs de Elena, Amy tinha uma compreensão muito mais profunda do relacionamento de seus pais do que Eve - ela descobriu que Jeffrey Deveraux nunca amaria sua mãe como amou a de Elena.

— Você e Imalia têm os mesmos pais?

Aodhan assentiu com a cabeça.

— Tais lacunas não são incomuns entre as famílias angélicas. Embora as crianças sejam presentes raros, não há nenhum fim conhecido para a fertilidade.

— Huh, acho que faz sentido. — Ela apontou para a próxima queda, quando, por cima deles, veio um aguçado, — Shh.

Eles caíram... Para encontrar Hannah olhando fascinada para algo em uma vitrine, sua escolta vampírica, Cristiano, inclinado preguiçosamente contra a parede não muito longe. O macho bonito com a pele da cor do mais escuro caramelo e olhos de um castanho chocolate dava uma impressão de graça líquida, que era estranhamente felina. Isso intrigou Elena, que uma das pessoas mais confiáveis de Elijah ecoaria a espécie dos pumas que vieram ao chamado do Arcanjo.

— Ellie, — Hannah disse suavemente, acenando. — Venha ver isso.

Cruzando a curta distância entre elas depois de sorrir para Cristiano, Elena viu que a outra mulher estava fascinada pelo que parecia ser um mapa desenhado sobre o que parecia ser um esconderijo de animais. Era tão frágil que estava em pedaços e um arquivista tinha cuidadosamente colocado ao lado do outro, como um complexo quebra-cabeças.

— É o Refúgio, — ela disse, — mas o desfiladeiro está desaparecido. — Esse desfiladeiro cercava a fortaleza angélica, não tinha como não vê-lo.

— Isto é do tempo que os tremores de terra criaram o desfiladeiro. — Os olhos de Hannah brilharam. — Mas não é simplesmente a idade do mapa, veja a arte do trabalho em si. Aodhan, você vê?

Tendo chegado a ficar ao lado de Elena, sua asa apenas roçando a dela, Aodhan acenou com a cabeça.

— É de Tarquin. Sua mão é inconfundível.

Elena franziu o cenho; tinha ouvido esse nome antes.

— Ele era um Arcanjo da época de Caliane e Alexander — disse Hannah antes que pudesse perguntar. — Um Ancião que dormiu há cinquenta mil anos. — Os dedos esbeltos e elegantes da artista tocaram o vidro. — Isto foi descoberto muito depois de sua descida ao sono, o dano já grande, mas os Luminata conseguiram surpreendentemente mantê-lo bem inteiro.

Elena tentou ficar muito interessada, decidiu que era uma causa perdida.

— Esteve no fundo da Galeria?

— Não, demoraria muitos meses para chegar lá, — sussurrou Hannah, remexendo um cacho que escapara do nó intrincado na parte de trás da cabeça. — Pulei todos os níveis acima para chegar a este. Foi tão difícil escolher quais tesouros ver primeiro. — Seus olhos escuros se encontraram, a súbita risada de Elena inundando o temor em sua expressão. — Xô. Vá explorar e depois volte e me diga se devo ir a um determinado nível.

Sorrindo, Elena cutucou a cabeça de Aodhan, que tinha ido falar com Cristiano. Eles continuaram a mergulhar. Cada parte da Galeria continha infinitos tesouros. Um dos favoritos de Elena foi o nível de vidro. Cheio de vidro finamente fundido, criado por ambos - mortais e imortais - os itens frágeis foram protegidos com segurança atrás de escudos de vidro muito mais rígidos, suas cores deslumbrantes brilhando sob luzes estrategicamente colocadas. Neste nível ela poderia imaginar passar horas dentro, perdida na viagem iridescente de cores.

Aodhan tinha outro favorito - um estranho nível cheio de “obras de arte” que faziam pouco sentido para Elena.

— O que você vê? — Ela perguntou.

— Esta é a exibição de possibilidades, — disse ele. — As peças que nunca foram terminadas, ou aquelas que foram encontradas pela metade após a morte do artista. As histórias ainda não estão completas e, portanto, há futuros infinitos para explorar.

Elena tentou pensar através dessa lente, captou o menor vislumbre do que ele queria dizer. Mas o que mais a impressionou foi que ele tinha feito uma interpretação positiva sobre o negativo. Porque poderia ter dito que esta era a exibição de sonhos perdidos. Nenhuma dessas peças nunca seria concluída, nenhuma esperança nelas.

Elena não era uma curandeira, mas não precisava ser uma para saber que a interpretação de Aodhan era um sinal de cura para sua alma.

— Quer ficar aqui?

— Mais tarde talvez. Primeiro, devemos chegar ao fundo - Illium nunca nos perdoaria do contrário. — Um olhar determinado. — Vou fazê-lo me ouvir depois que voltar e depois vou contar-lhe sobre a nossa aventura.

Acenando com a cabeça em aprovação, Elena voou até um ponto de aterrissagem, a asa de Aodhan escovando a dela novamente quando ele pousou um pouco perto demais. Suas penas eram impossivelmente macias quando contrastadas com a maneira como brilhavam, como se fossem revestidas com vidro quebrado. Ele não pediu desculpas pelo contato e ela não queria um pedido de desculpas.

O contato breve era comum entre amigos... Mas era uma coisa que Aodhan teria tentado evitar a todo custo quando se conheceram pela primeira vez.



Capítulo 21

Elena engoliu o nó na garganta, olhou ao redor. Os trabalhos a este nível eram da terra... argila e pedra e outros materiais naturais. Mais uma vez, ela pensou que isso seria uma exposição que ela iria gostar, mas eles tinham lugares para estar. Em seguida veio uma exposição de metais preciosos e pedras preciosas, tiaras colocadas ao lado de colares e próximas a anéis tão deslumbrante que ameaçaram ofuscar Aodhan.

Atraídos pelo deslumbramento, ela e Aodhan pararam para olhar mais de perto uma série de peças. Ao lado, a maioria tinha cartas com letras que ela não entendia.

— Consegue ler isso?

Aodhan olhou para as letras, linhas se formavam entre as sobrancelhas.

— Eu deveria ser capaz... aprendemos isso na escola. Mas faz um tempo desde que eu os tenho usado. — Ele examinou o texto novamente. — Estou bastante

confiante de que diz que este anel é um item emprestado, e não uma parte permanente da Galeria. O proprietário emprestou-o para Lumia.

Elena fez uma careta.

— Eu poderia entender isso, se este fosse um museu público, — disse ela. — Mas por que dar para pessoas que só vão escondê-lo?

— Acredito que há um certo prestígio em ser capaz de dizer que uma obra de arte que você possui foi considerada aceitável para os arquivos de Lumia.

— Ah. Direito de se gabar. Entendi. — Ela olhou para um colar que eram cordas de pérolas brancas brilhantes colocadas sobre um fundo azul de veludo, pensou que Sara teria gostado de vê-lo. Sua melhor amiga gostava de pérolas e, embora agora tivesse a coisa real, ainda usava a pulseira de pérolas de imitação que Elena deu a ela por seu vigésimo primeiro aniversário.

— Pronta para o próximo nível?

Ela assentiu para a pergunta de Aodhan.

Esculturas de metal, pinturas de qualquer natureza, esboços de lápis e carvão, uma coleção de penas que abrangia todas as tonalidades do branco puro a brilhante obsidiana... e incluía uma pena do mais profundo magenta que estava certa que veio a partir da curva interior das asas de Jessamy, as exposições continuaram a surpreendê-los, deleitando-os.

— Será que eles têm uma das suas penas? — Ela perguntou a Aodhan, não tendo descoberto, em sua rápida passagem.

— Eu não sei. Talvez... se alguém pegou uma e entregou.

E então, finalmente, estavam no fundo da galeria.

Sem acreditar que fizeram isso, Elena olhou ao redor, mas definitivamente não havia mais escada. Apenas um piso com filigrana de ouro ao longo do mármore branco, paracendo raios de sol, o projeto tão espetacular que Elena soltou o zíper em seu vestido para que pudesse se mover mais livremente e desceu em um joelho para correr os dedos sobre a arte disso.

Quando olhou para cima, foi para ver que as asas de Aodhan tinham virado ouro, suas penas refletindo o ambiente. Tapeçarias brilhantes com fios de ouro, esculturas criadas de ouro, pinturas feitas em tons de ouro, lâmpadas antiquadas

com tripas de ouro, um sofá esculpido com graciosos estofados em veludo dourado e com uma moldura de madeira dourada, e espelhos emolduradas que refletiam o ouro para transformar todo o espaço numa explosão de luz do sol.

— Isso é felicidade, — Elena sussurrou. — Será que isso soa estranho? Esta exposição, do jeito que está configurada, parece como felicidade. Viva.

— Arte destina-se a evocar a emoção, mas a emoção não é necessariamente o mesmo de pessoa para pessoa. Onde você vê alegria, vejo um sastifeito orgulho. — Suas asas roçando o chão quando ele deliberadamente baixou-se, como se para experimentar todos os aspectos desta sala, Aodhan olhou para uma pintura que era toda espessa e texturizada, os tons de ouro dentro disso sem fim.

Embora a pintura não tinha estrutura, lembrava Elena do mar, uma onda batendo sob um céu brilhando com esperançosos tons do nascer do sol.

— Vamos olhar para isso, Ellie.

Ergendo-se para se juntar a ele, ela ergueu os dedos para tocar a pintura, e a encontrou tão grossa como parecia.

— Acha que há ouro real nesta pintura?

— Sim. — Os olhos de Aodhan, a luz quebrada deles, brilhou com reflexos intermináveis quando se virou da pintura para olhar para cima. — Mas isso não é o que eu queria que você visse.

Ela seguiu seu olhar, e engasgou. Ela tinha notado os lustres ligados aos fundos de cada parte da escada, bem como os caminhos que levavam a cada exposição, mas o efeito geral estava só agora aparente. Todos esses lustres criavam uma chuva de luz brilhante, espalhando uma chuva deslumbrante sobre eles e transformando esta sala ainda mais como um sonho.

— Ok, — ela sussurrou, — os Luminata podem acumular arte, mas com certeza sabem como apresentá-la, também.

Deixando Aodhan com sua contemplação de uma tapeçaria intrincada que prendeu seu olhar, ela andou em torno tentando absorver o máximo possível. Era improvável que tivesse chance de voltar, porque, aberto como isso era a todos os Luminata, não via os membros mais velhos da seita escondendo algum segredo aqui. E mesmo esta beleza não poderia comparar a necessidade de Elena para

descobrir a verdade sobre a mulher com cabelo quase-branco que parecia tanto com ela que o Luminata achou a semelhança misteriosa.

Parece que um fantasma assombra Lumia.

Pele aquecida, ela decidiu que ela e Aodhan deveriam dirigir-se à biblioteca próxima. Embora como Gian e Ibrahim a tinham chamado? O repositório de conhecimento, era isso. Isso, também, era um espaço público, mas com tantos milênios de conhecimentos lá, era possível que havia segredos que poderiam cair através das rachaduras, pequenas pistas que ela poderia ser capaz de encadear para formar uma imagem coerente.

Ainda não, no entanto. Sair da Galeria muito rapidamente trairia sua impaciência, levantaria suspeitas. E Aodhan estava gostando disso. Feliz em esperar por ele, ela finalmente encontrou-se olhando para um armário de vidro no qual havia uma confusão de obras de arte de ouro em miniatura. Esculturas minúsculas, pinturas, jóias, tudo isso dimensionada para bonecas.

Encantada, tirou seu telefone... que ela carregava em torno por hábito... para tirar algumas fotos para Eva. Sabia que sua irmã mais nova iria desfrutar de dar zoom para ver todos os diferentes objetos. Foi só depois que guardou seu telefone que percebeu que este lugar provavelmente era "Fotografia não permitida", mas oh bem, pelo menos ela não tinha usado o flash.

Inclinando-se mais perto, ela sorriu para a maneira alegre que este espaço tinha sido organizado. Alguém nos Luminata teve uma sensação de alegria, entendia que a arte nem sempre tinha que estar em linhas perfeitas. Ela estava prestes a passar para o outro lado da caixa quando seu olhar caiu em algo meio escondido debaixo de um pequeno busto de um homem com nariz de gavião. Era a borda do que parecia ser uma pequena pintura.

O envoltório estava envelhecido em dourado, mas não havia uma tela em miniatura dentro, e pelo que ela podia ver, a pintura era de alguém com o cabelo longo quase branco. Poderia não ser nada, uma Arcanjo realmente Antiga ou vampiro, ou apenas uma mulher loura cuja imagem se desvaneceu com o tempo, mas o coração de Elena trovejou. Não podia ir embora sem vê-la. Mas não importa quão cuidadosamente olhasse, não podia ver uma maneira de abrir a caixa.

Ela não percebeu que Aodhan tinha notado a preocupação dela até que ele surgiu ao seu lado, suas asas sobrepostas e a pele nua de seus bíceps quase tocando seu próprio braço.

— Ellie, o que é?

Elena olhou ao redor antes de sussurrar.

— Acha que este lugar tem câmeras de segurança? — Não tinha havido nenhuma em suas suítes, ou nos corredores, mas esta galeria mantinha tesouro após o tesouro.

— Apostaria minhas asas que não, — disse Aodhan. — Muitos anjos acreditam que tais intromissões tecnológicas desrespeitam o espaço contemplativo necessário para a arte. Os Luminata provavelmente se enquadram nessa categoria.

A respiração vindo um pouco demasiado rápida e superficial, ela tocou seus dedos na caixa.

— Há uma pintura em miniatura na parte inferior direita com um retrato interior que eu quero ver.

— Qual?

Ela bateu o dedo no vidro para indicá-lo.

— Sob o busto.

A expressão de Aodhan aguçou quando ele percebeu o que prendeu seu interesse.

— Posso quebrar o selo. — Seu tom era tão tranquilo como o dela tinha sido. — Mas o dano seria óbvio.

Balançando a cabeça, Elena olhou para cima, as luzes dos lustres agora frustrantes porque a cegavam para quem poderia estar olhando para eles, ou quem poderia estar escondido nesse nível.

— Não, — ela disse, depois de olhar de volta para baixo, manchas de luz negra dançando por trás de seus olhos. — Não podemos nos arriscar que os Luminata se tornem suspeitos, se descobrirem que estou procurando informações sobre a mulher desconhecida, acho que enterraram quaisquer outras pistas que poderiam ter sido inadvertidamente deixadas em torno. — Ela estava bastante certa que a miniatura,

se *era* uma pista, foi esquecida, porque era muito pequena e parte de um amontoado de outros objetos.

Os olhos de Aodhan permaneceram dourados, refletindo todas as superfícies metálicas aqui. Como fogo cintilante. E mais uma vez, lembrou-se das palavras de Illium sobre as pessoas que queriam possuir Aodhan.

— Dê-me um minuto, — ele murmurou. — Qualquer caixa como esta terá uma forma oficial para abri-la para que o arquivista possa reorganizar os objetos dentro.

Embora quase fisicamente machucasse fazê-lo, Elena desviou o olhar da caixa para uma coleção de espelhos de mão com cabo de ouro que Aodhan apontou para ela. Se alguém estivesse observando-os, pareceria como se ela tivesse ido de um objeto fascinante para outro. Nada incomum. E demorar neste nível não poderia ser inesperado, era uma sala projetada para cativar.

Os cabelos minúsculos em sua nuca se arrepiaram todo o tempo, a pele tensa, por isso, quando Aodhan falou o nome dela em voz baixa, ela quase explodiu. Virando com preguiça deliberada, ela caminhou até ele.

— Sucesso?

— Preciso de uma lâmina muito fina, a mais fina que tiver, com a ponta mais estreita.

Mahiya, pensou Elena, *te devo uma*.

Alcançando o cabelo que tinha torcido num rolo na parte detrás de sua cabeça, ela removeu um dos pauzinhos em forma de lâmina. Ela teve o cuidado de manter os movimentos normais, nada mais que uma mulher ajeitando o cabelo. Escondendo o pauzinho quando se apresentou para deslizá-la de volta, ela passou-o para Aodhan, colocando-o na extremidade da caixa, perto do aro de metal espesso. Então virou-se e, bloqueou a caixa e as mãos de Aodhan com suas asas, apontou os entalhes na parte inferior da escada a este nível.

— Olhe para isso. — Ela não teve que fingir estar maravilhada. — Eles utilizaram toda a superfície. — Porque as esculturas não estavam na área, estavam anexadas a ela.

Um ligeiro movimento contra suas asas, como se a caixa estivesse sendo levantada... logo quando a silhueta de um par de grandes asas apareceu contra as luzes dos lustres acima. Uma rajada de vento atingiu o rosto quando um dos Luminata chegou numa aterrizagem dura e firme no chão.

Dobrando as asas cinza escuro dispersas com penas pontilhadas branco com cinza, o macho corpulento com a pele pálida bronzeada com o dourado da luz parecia mais do que um pouco envergonhado.

— Minhas desculpas. — Ele fez um cumprimento, seu denso cabelo prateado caindo sobre um rosto que parecia mais velho do que ela própria. — Não teria pousado com tanto entusiasmo se soubesse que estavam presentes.

Elena forçou um sorriso com seu coração trovejando.

— Este lugar não incentiva os pousos entusiasmados, — disse ela, dando um passo um pouco para a frente. — Aodhan e eu pousamos lá.— Ela apontou para o extremo na sala e a cabeça do homem girou nessa direção como ela esperava.

Elena não podia olhar atrás, para Aodhan, verificar se tinha acabado. Em vez disso, foi para o lado do Luminata.

— E, — ela disse, — Tenho certeza que as pontas da minha asa direita quase escovaram uma das pinturas. *Shh*. — Um dedo levantou para seus lábios.

Os olhos cinzentos escuros do Luminata estavam calorosos quando se encontraram com seu olhar, seu rosto não tradicionalmente bonito na maneira angelical, mas compelia ao mesmo.

— Você é realmente diferente de qualquer consorte que já conheci.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Já conheceu muitas? — Atualmente, havia apenas duas: Hannah e Elena.

Um pequeno aceno de cabeça.

— Sou tão velho quanto Lumia, às vezes penso. Meu cabelo é um traço de família, mas nos dias de hoje, também diz a verdade dos meus anos nesta terra. — Enfiando as mãos nas largas mangas da túnica como Ibrahim tinha feito, ele sorriu. — Mas dessa vez não sou o mais velho neste lugar. Não com Caliane e Alexander no encontro.

Um ligeiro farfalhar anunciou que Aodhan se movia, mas ele não falou e o Luminata não interrompeu. Provavelmente por respeito à contemplação silenciosa da arte. Baixando a voz, como se ela também estivesse sendo respeitosa com a absorção aparente de Aodhan numa peça, ela se fez continuar a conversa, apesar da impaciência arranhando em seu interior.

— *Estava vivo quando Lumia foi construída?*

Um riso suave, um aceno de cabeça.

— Não, não sou tão velho. Um exagero da minha parte mais cedo. — Ele fez uma pausa, linhas marcavam os cantos de seus olhos. — Nasci no mesmo ano que a Arcanjo Lijuan. — Ele soltou um suspiro. — Fomos colegas uma vez, no entanto, esse tempo está envolto nas brumas nebulosas da memória.

Elena sentiu seus olhos se arregalarem.

Intelectualmente, sabia que Lijuan deve ter sido, uma vez, uma criança. Emocionalmente, no entanto, era difícil aceitar esse fato.

— Como ela era, então? — Ela murmurou e, quando o rosto do Luminata ganhou uma tensão sutil, acrescentou: — É apenas... Tenho dificuldade em imaginá-la como qualquer coisa, exceto a Arcanjo que é agora. — Insana, sedenta de poder e terrível em seus delírios de divindade.

A expressão de seu companheiro suavizou, ficando um pouco distante, ao mesmo tempo.

— Foi há muito tempo, Consorte. — Sua voz era lírica, a de um contador de histórias. — Lembro-me, era uma menina pequena. Uma das menores na nossa classe. E tão inteligente. Uma mente ágil.

Estranhamente, Elena podia ver isso. Ninguém jamais poderia dizer que Lijuan era nada, exceto ferozmente inteligente.

— Será que você sabia quem ela um dia se tornaria? Já ouvi pessoas dizer que Raphael queimava com poder desde o instante em que nasceu.

— Essas pessoas estão certas, — o Luminata de cabelos grisalhos confirmou, — mas talvez seja também verdade que ele foi observado muito mais de perto por sinais de energia do que outros bebês angelicais, pois era o filho de dois Arcanjos. — Os olhos cinza escuros bloquearam com os de Elena, e ao contrário da paz inocente

de Ibrahim, esse segurava uma sabedoria mais escura, mais velha. — Deve saber Consorte, tal emparelhamento está além de raro, geralmente durando apenas por um curto período. Mais raro ainda é uma criança nascida de tal emparelhamento.

— Jessamy me disse. — Ninguém sabia de qualquer outra criança nascida de pais que eram ambos Arcanjos. Elena tinha perguntado à Legião, e recebeu... para a Legião... uma resposta excepcionalmente simples:

Ele é o único. Seu nascimento ressoou por todo o mundo, até ouvimos falar disso em nosso longo sono.

— Ah, a historiadora. — Carinho e respeito no tom do Luminata. — Ela faz justiça à vocação.

Juntos, os dois caminharam para olhar um pequeno quadro que era todo de ouro branco e curvas complexas.

— Sou Donael, — ele murmurou. — Minhas desculpas pela introdução tardia. Não é muitas vezes que conheço novas pessoas em Lumia.

— Posso imaginar, — disse Elena, enquanto impaciência gritava nela.

— No mundo exterior, — disse Donael, os olhos mais uma vez sobre a pintura, — conheci o artista que criou esta. Ele era velho, mesmo naquela época, pode ter ido para o Sono agora. — Uma longa pausa antes de falar novamente. — Lijuan era como eu, como todos os nossos outros amigos. Nada nela indicava que um dia se tornaria um Arcanjo. Ela não era precoce de qualquer maneira particular... ah, eu tinha esquecido isso. — Ele sorriu. — Eu lhe ensinei a voar melhor. Ela era tão instável como um bebê de pássaro.

— Isso, — Elena disse secamente: — não posso imaginar, não importa o quanto eu tente.

Uma risada suave.

— Mas pense nisso, Consorte... em dez mil anos, você vai ser mais racional e forte e haverá jovens anjos que não poderiam imaginar você como um anjo inexperiente, e os mortais não conseguirão compreender que você foi uma vez um deles.

Elena apenas olhou para ele.

— Droga, este é um pensamento assustador. — *Dez mil anos*. Inferno. Quem ela se tornaria em dez mil anos?

— Não acho que precise temer o futuro, — foi a resposta de Donael. — Você nunca vai percorrer o caminho sozinha.

— Não, você está certo. — Seu Arcanjo estaria sempre ao seu lado; ele a puxaria de volta se ela vacilasse e ela faria o mesmo por ele. — Quem anda com o Luminata?

— Somos irmãos, mas cada caminho é único. — O sorriso de Donael era beatificado, nenhum indício de que ele encontrou sua escolha solitária. — Você vai contemplar esta parte da Galeria hoje?

Segurando sua agitação com esforço consciente, Elena não podia mais lutar contra sua urgência.

— Não, receio que tenho que correr... Prometi passar tempo um com Xander e Hannah e estive aqui todo esse tempo. Vou ver você de novo?

O Luminata parecia contente de ser perguntado.

— Eu aparecerei. Espero que não me ache presunçoso, Consorte, mas dá-me prazer falar com alguém tão jovem. Você não está marcada pela vida.

Elena sentiu seu rosto mudar para linhas duras, uma resposta que ela não podia controlar.

— Uma falsa impressão, — ela disse, sua mente cheia com o gotejamento, o som do gotejamento de sangue caindo no chão do corpo mutilado de Belle. — Estamos todos marcados pela vida. E mortais morrem onde os anjos se recuperam.

Um momento de silêncio pesado antes de Donael lançar um longo suspiro.

— Sou tolo. Um mortal vive uma vida imortal num mero século ou menos. As suas cicatrizes são mais rápidas em se formar, mas não faz essas cicatrizes menos dolorosas.

Não, pensou Elena. Não fazia. Zangada com este homem por agitar o pesadelo que vivia sempre dentro dela, ela, no entanto, sabia que sua opinião não era um caso isolado. A maioria dos imortais mais velhos simplesmente não "via" os mortais.

Ela se obrigou a colocar uma expressão mais agradável porque pelo menos Donael estava disposto a aceitar que ele poderia estar errado.

— Estou ansiosa para falar com você de novo. — Juntando-se a Aodhan com essas palavras, ela disse: — Estou subindo para ver se Xander chegou. Você quer vir?

Seu gesto foi imediato.

— Acho que absorvi muito desta sala. Devo limpar os meus sentidos para apreciar plenamente mais uma vez.

Quando ele abriu as asas, Elena pensou em fazer uma decolagem vertical, mas percebeu que estaria enfraquecendo a si mesma por nenhuma razão.

— Nós poderíamos tomar as escadas para depois voar, — sugeriu. — Vai deixar-nos olhar um pouco para as galerias que voar passando no meio do caminho.

Aodhan fechou suas asas num acordo silencioso, em seguida, os dois caminharam para as escadas, enquanto Donael parecia perdido na reflexão artística. Mas quando olhou para baixo dois lances de escadas depois, ela o viu olhando para cima, como se atento a seguir seu caminho.

Calafrios ondulavam sobre sua pele, arrepios aparecendo em seus braços.



Capítulo 22

— Você sabe alguma coisa sobre Donael? — Ela perguntou a Aodhan após outro vôo. — Ele disse que tem a mesma idade que Lijuan.

— Sim — Aodhan murmurou. — Só sei porque... me foi dito uma vez. — Ele não acrescentou mais nada durante quase um minuto, e ela não teve que se esforçar muito para perceber que deve ter sido Remus quem sussurrou esse fato enquanto o tentava quebrar.

— Foi-me dito que existia um anjo com muitos milênios de idade, que tinha o poder suficiente para ser o Luminata, — disse ele, por fim. — E não só isso, foi-me dito que havia um anjo que estava tão adiantado no caminho para a luminescência que foi mantido separado pelos outros.

Elena não tinha tanta certeza sobre este último fato. Donael parecia confiante e sereno em sua escolha para ser Luminata, mas ela não sentiu nada de outro mundo ao seu redor.

— Então, como é que Gian é o chefe?

— Porque Gian é melhor em fazer política. — O tom de Aodhan possuía uma mordida incomum de cinismo. — Mesmo neste lugar que existe para se encontrar as verdades mais profundas da existência, tal manipulação pode transformar as mentes dos homens.

— Sim, posso ver isso. — Ela olhou por cima da borda da escada pendurada, sem corrimão para a impedir de avançar, mas Donael estava muito longe para se ter um vislumbre dele. — Um homem que viveu tanto tempo, — disse ela depois recuando, — é provavelmente muito bom em controlar suas expressões.

— Sim. Não confiaria em seus sentidos com ele ou qualquer um dos Luminata.

Elena assentiu. Podia só ser um anjo “novato”, mas aprendeu lições de sua vida mortal que a ajudavam no mundo imortal. Uma dessas lições era que, às vezes, o pior perigo usava uma face “confiável” ou bonita. Slater Patalis foi tão bonito como o pecado.

Com o peito apertado enquanto subiam noutro vôo, ela disse.

— E daí?

A única resposta de Aodhan foi um ligeiro aceno de cabeça.

Expirando rapidamente, Elena abriu as asas.

— Ok, já tive o suficiente de subir escadas. — A partir dessa altura e configuração dos níveis de exposição e escadas, poderia cair abaixo e, em seguida, voar seu caminho de volta para cima, fazendo parecer como se ela estivesse simplesmente levando-se para um nível mais baixo antes de voar para cima.

Aodhan esperou que ela abrisse suas asas e descesse, antes de a seguir. Ele tinha claramente descoberto o que ela planejava fazer, imitando-a a perfeição, como se, como seu acompanhante, tivesse sido avisado da sua intenção. Eles voaram para cima batida a batida, sem correntes de ar para os ajudar a subir. Alcançando a exposição onde tinham originalmente encontrado Hannah, viram que ela ainda estava lá, apenas estava do outro lado da escada.

Xander estava ao lado dela, Valerius tomou um assento num banco de madeira lindamente esculpido, não longe dali. Era clara a intenção de oferecer um

lugar de onde se pudesse contemplar uma determinada peça de arte, mas o general estava polindo sua espada, que ele normalmente usava em suas costas.

Cristiano estava sentado no chão, jogando uma faca através de suas mãos enquanto conversava com Valério.

Elena sentiu seus lábios puxar para acima nos cantos. Sim, ela só conseguia aguentar museus e galerias até um certo ponto, também.

— Xander, — ela disse enquanto se aproximava. — Você aprecia a Galeria?

O jovem macho corou um pouco, lembrando-lhe, mais uma vez de Izak.

— Receio que seja mais afeiçoado às artes ligadas ao físico. — Ele ficou vermelho quase tão logo as palavras saíram.

Levou a Elena um momento para descobrir o porquê.

Rindo, ela deu-lhe um tapinha no braço.

— Não se preocupe, garoto, nesta companhia, entendemos que estava falando sobre facas, espadas e punhos. — Michaela, por outro lado, teria provavelmente o comido vivo por este deslize. — Mesmo Hannah tem sua arma especial.

— Minhas facas de pinceis, — Hannah disse com orgulho. — Agora, posso cortar a jugular com uma.

Xander olhou para a mulher elegantemente vestida como se lhe tivesse crescido outra cabeça.

— Mas você é uma consorte.

Carrancuda, Hannah acenou com a mão esbelta para Elena.

— Como ela.

— Sim. Mas, primeiro ela era uma caçadora. Você é uma artista.

Elena apenas apontou para Aodhan, famoso por sua arte, mas um guerreiro também.

Engolindo, Xander assentiu.

— Não quis ofender.

Tão jovem, pensou Elena, atingida mais uma vez pela forma como um ser poderia viver cem anos e ainda ser um jovem. Sendo ela um anjo criança - Crianças Angélicas, veio a aprender, se desenvolviam num ritmo diferente dos demais anjos, as crianças anjos permaneciam crianças durante décadas, seus cérebros e corpos

amadureciam mais devagar que os mortais devido à eternidade que estavam destinados a sobreviver.

Doce Sameon, a quem ela conheceu logo após acordar e com quem ela falava, pelo menos, uma vez por semana, ainda havia muito do mesmo menino apesar de vários anos se passarem. Iria levar até dez anos para ele mostrar um desenvolvimento relevante. Isso fazia de Elena uma anomalia, pois ela viveu menos de que qualquer jovem angelical, e ainda assim era uma adulta.

As vidas humanas queimavam mais quente, mais rápido.

— Sem problema — disse Aodhan, enquanto Hannah acrescentou: — Na verdade, há alguns anos atrás, você teria razão, eu não acreditava que precisava de armas. Mas — tristeza era uma nota pesada em sua voz — o mundo está mudando. — Ela estendeu a mão para tocar com os seus dedos uma das mãos de Xander, suas unhas pintadas de um tom translúcido que chamava a luz. — Sabe disso melhor do que ninguém.

Xander olhou para longe, piscando rapidamente.

Elena sentia por ele. Ele tinha perdido a mãe e o pai num único golpe. A descoberta que seu avô estava acordado podia amortecer essa perda, mas não era o suficiente, nunca seria suficiente. Algumas feridas eram para sempre.

Deixando-o para ter controle sobre si mesmo, porque o orgulho era orgulho e tristeza nem sempre precisava de audiência, ela moveu-se para ficar ao lado de Hannah.

— O que está olhando agora?

— Um manuscrito ilustrado. — Ela traçou a beleza do texto gracioso através do vidro. — Impressionante, não é?

— Hmm. Já vi melhor.

Hannah olhou para ela.

— Quando vou chegar a ver o Grimoire?

— Quando for para o refúgio. — A única razão porque Elena tinha visto o livro antigo que Naasir encontrou para Andromeda foi porque o casal foi à Nova York no ano anterior. Normalmente, o Grimoire estava sob os cuidados de Jessamy na

Biblioteca do Refúgio, mas como Naasir foi quem descobriu o livro, Naasir tinha exercido seu direito de viajar com ele.

De acordo com ele, ele teve que “lutar” com Jessamy por isso... no final acabou por roubá-lo debaixo do seu nariz e deixou uma nota em seu lugar prometendo seu retorno.

Jessamy ameaçou estrangular Naasir.

Ele ficou presunçoso e assinalou que o Grimoire era de Andrômeda, e que esta o emprestou à Biblioteca. Andi, por sua vez, disse-lhe para se comportar, apesar de rir o tempo todo. A memória da presunção sem vergonha de Naasir e do beijo possessivo e selvagem que tirou de Andi, deixando sua companheira ofegante, deixaram Elena sorrindo apesar da tensão em seu intestino.

— Ei, — ela cutucou o ombro de Hannah com o seu, quando sua amiga fingiu a ignorar — pelo menos não está enterrado em Lumia, acessível apenas para o mais raro dos raros. — Com o canto do olho, notou Aodhan falando com Xander, viu que o jovem macho estava prestando atenção.

Valerius ficou em seu assento, sua atenção, aparentemente, sobre sua espada, mas Elena não tinha dúvida que estava ciente de cada possível ameaça no quarto. Aqueles olhos não perdiam nada.

Cristiano parecia mais relaxado, mas Elena chegou a conhecer o vampiro durante sua amizade com Hannah, sabia que era tão perigoso quanto Aodhan. O homem podia emanar uma vibração de preguiçoso, podia ter-lhe dito, uma vez, que o que mais gostava era de apanhar sol como um gato, mas podia mover-se muito rápido quando era necessário.

— Sim. — Hannah olhou ao redor, sulcos formando-se em torno de sua boca. — Aprecio a ideia que levou à construção da Galeria. Se ela não existisse, muitos dos tesouros do nosso povo estariam perdidos ou danificados sem a administração dos Luminata, mas não posso concordar com a natureza do acesso limitado a ela.

Os pinos das jóias cravados no apanhado elaborado que ela tinha no cabelo brilhavam, faiscando à luz.

— Quando crio obras de arte, faço isso porque é parte de mim e eu *devo* criar. Mas depois, quando o trabalho está feito, espero que vá falar com as pessoas, que vá

abrir seus corações e suas mentes. Isso não pode acontecer se a arte é enterrada por questões de segurança.

— É uma espécie de vício de acumulação, de obsessão em juntar, você não acha? — Elena murmurou. — Os Luminata renunciam ao sexo, às posses mundanas, tudo isso, mas têm esse arquivo dos tesouros que lhes pertence.

— Ele pertence a todos os anjos.

— Concordo Hannah, mas é complicado achar que todos terão acesso. — Elena olhou para todas as exposições abaixo deles, sem vida. — Se um anjo qualquer, sem poder, subir e pedir para entrar na galeria, acha que ele ou ela seriam admitidos?

Hannah mordeu a curva exuberante de seu lábio inferior, mas apesar do seu ato hesitante, parecia mesmo uma consorte, naquele instante. Contida e elegante, e com uma postura que mostrava uma força pura inquebrável.

— Quero pensar que sim Ellie, — ela disse suavemente, — mas estar aqui, sentindo o pulso deste lugar. Isto... não está certo.

— Segredos têm uma maneira de destruir fundações quando essas fundações são destinadas a ser construídas baseadas na verdade e na honra. — O olhar dela queria ir para Aodhan, sua alma coçava para olhar para a miniatura que ele tinha recuperado.

Forçando sua paciência, manteve sua atenção sobre Hannah.

— Está pronta para sair, tomar um ar?

A outra mulher parecia dividida.

— Com uma peculiaridade no ar ou não, há aqui tanto para eu ver. Eu não sei quando Elijah e eu seremos capazes de retornar, não com a turbulência no mundo. — Ela colocou os dedos no vidro novamente. — Vai ficar muito zangada se eu ficar?

— Claro que não. É disto que você gosta.

Hannah suspirou.

— Receio que esteja sendo uma amiga ruim nesta viagem.

— Também seria se você me jogasse numa sala cheia de armas através dos tempos. — Ela fez uma careta. — Falando nisso, onde estão as armas? Sei que, pelo menos, uma das peças de Deacon nunca foi usada mas foi comissionada para ser

exibida pela sua beleza. — O marido de sua melhor amiga podia ser mortal, mas sua habilidade era reverenciada por vampiros e anjos, bem como pelos seres humanos. Se não fosse tão fiel à Sociedade, poderia ter trabalhado apenas para os imortais e utilizado o dinheiro que receberia pelas suas peças como papel de parede.

Assim, os caçadores da Sociedade sempre vinham em primeiro lugar para Deacon. Quando questionado sobre sua escolha, dizia que os caçadores precisavam de suas armas para se manter vivos. Ele reparava essas armas, criava novas quando necessário e, em seguida, trabalhava em peças para os imortais. Em primeiro lugar, as armas eram feitas para serem usadas em combate. Em último lugar, vinham as peças de “arte” comissionadas, ou aquelas que ele adivinhava que foram feitas para ser exibidas.

— Eu construo as minhas armas para serem usadas, não devem ser guardadas brilhantes, limpas e sob o vidro, — ele disse a ela, na última vez que estiveram juntos, quando jantaram. — Só faço as peças para exibição, porque isso significa que o imortal envolvido me deve um favor, o que significa que ele ou ela deve à Sara um favor. — E a chefe da Sociedade dos caçadores ocasionalmente precisava desses favores.

Raphael que tinha ido com ela ao jantar, tinha acenado para o raciocínio de Deacon. Os dois homens tornaram-se amigos ao longo dos últimos dois anos. Não o tipo de amizade que Raphael dividia com os Sete - era muito cedo para isso - mas não era simplesmente uma familiaridade superficial. Foram forçados a se encontrarem por causa do relacionamento de Elena e Sara depois de Elena ter declarado que o Arcanjo da New York passaria a estar presente em todos os eventos sociais que ela fosse convidada. O que causou uma certa ondulação.

O mais engraçado foi o dia em que aterrou na academia da Sociedade para uma festa e Raphael aterrou ao lado dela. As mandíbulas de todos caíram. A única pessoa que apostou que Rafael iria aparecer naquela noite - Ransom - fez uma fortuna. Claro, seu Arcanjo não ficou muito tempo, consciente que seu poder absoluto alterava o equilíbrio da situação, colocava todo mundo no limite.

Foi diferente com Deacon e Sara: embora eles também sentissem o impacto do seu poder, não tinham temor dele. O viam, em primeiro lugar, como o homem de

Elena. Todo o resto acerca da sua pessoa, mesmo o fato de que ele governava a América do Norte, ficava em segundo lugar.

— É como quando conheci Dmitri, — Raphael lhe disse, depois de seu terceiro jantar com o outro casal. — Sabia que tinha encontrado um amigo e sofrimento encheu minhas veias por saber que ele iria embora num mero piscar de olhos.

Exceto que Dmitri foi feito vampiro contra sua vontade, enquanto Deacon estava disposto a viver uma vida mortal. Elena sabia por que ela perguntou, tanto à sua melhor amiga como ao marido de Sara, se queriam ser testados para ver se poderiam se tornar vampiros. Nem todo mundo tinha a biologia certa para isso. Beth não tinha a biologia adequada para ser transformada.

Sara a abraçou, sorriu, depois balançou a cabeça.

— Estamos felizes em ser mortais, Ellie.

Seu abraço tinha dentro um amor feroz; Sara entendeu que Elena estava aterrorizada pelo dia que Sara não estaria mais lá. A outra mulher fez Elena ver que sua própria vida era tão perigosa, que era possível que Sara fosse sobreviver a ela, mas o que nada poderia mudar era que Elena estava se tornando cada vez mais imortal e sua melhor amiga, a irmã do coração, não.

Quanto à filha de Sara e de Deacon, Zoe, ela adorava Raphael, não tinha medo dele. Elena tinha notado isso sobre o Arcanjo. Ele aterrorizava adultos, mas as crianças deslocavam-se em direção a ele, pequenas mãos dando tapinhas em suas asas, pequenos rostos sorrindo para ele. Ele costumava levar Zoe em seus braços e voar tão alto que Sara queixou-se de palpitações cardíacas. Mas Raphael sempre voltava com Zoe sã e salva e tão animada que não podia parar de dançar.

— Talvez as armas sejam exibidas numa área diferente? — A voz de Hannah interrompeu seus pensamentos, a confundiu por um segundo até que ela se lembrou que tinha perguntado sobre uma exposição de armas.

— Talvez, — respondeu ela. — Vou perguntar à Gian da próxima vez que o vir. — Isso lhe daria uma desculpa para falar mais com o Luminata. Ele era a chave para os segredos de Lumia.



Capítulo 23

Dez minutos depois, ela, Aodhan, Xander e Valerius estavam nos céus acima de Lumia, a miniatura ainda com Aodhan. Elena queria gritar de impaciência, mas conteve-se. Esta era uma coisa normal para os guerreiros fazerem quando presos num lugar onde tinham outros com eles - ficar forte, fazer algum exercício. E ela tinha de ser normal agora, porque as pessoas estavam assistindo. Poderia ser uma paranóia da parte dela, mas não pensava assim: as pessoas *estavam* assistindo.

Sempre.

Ao lado dela, Xander fez um mortal acrobático que a fez bater palmas.

— Quase tão bom quanto Bluebell, — ela gritou. Ele sorriu, bonito e arrogante. — Illium é famoso por suas habilidades.

Juntos, os quatro voaram por cerca de uma hora e, a determinada altura, ela estava ciente de Aodhan e Valerius voando asa a asa, discutindo algo. Não foi até que desembarcaram num grande pátio que Aodhan veio a ela. Inclinando-se para falar com os lábios perto de seu ouvido, seu hálito quente contra sua pele, ele disse:

— Valerius acredita que Xander está sendo monitorado.

— Por quê? — Sim, ele era neto de Alexander, mas certamente ninguém era idiota o suficiente para pensar em ir atrás dele? Alexander tinha mantido sua sanidade depois de perder seu filho, mas iria arrasar o mundo em raiva, se perdesse o neto.

— Provavelmente a mesma razão que estamos sendo monitorados, — Aodhan respondeu, sua mandíbula uma linha sombria. — Quero examinar de novo os seus aposentos, bem como os de Raphael. — Elena assentiu. — Ainda fico com arrepios so entrar no quarto para pegar coisas do guarda-roupa.

— Consorte. — Xander se curvou diante dela, o movimento inesperadamente elegante. — Você e Aodhan nos dão a honra, a mim e ao General Valerius, de nos acompanhar para o almoço?

— Só se prometer me chamar de Elena.

Suas pupilas dilataram-se para encher suas íris, enquanto um tímido contentamento aquecia sua pele por dentro.

— Obrigado, mas meu avô ficaria descontente.

Elena suspirou.

— Caçadora da Sociedade, então.

— Caçadora da Sociedade, — disse ele com um sorriso.

— Vamos almoçar. — Ela estava morrendo de fome depois de perder o café da manhã. O almoço foi colocado para eles na grande mesa de jantar no Átrio. A única outra pessoa na sala cavernosa agora era Riker, o vampiro de estimação de Michaela, encostado à parede junto da câmara interna. À espera de sua amante. Elena tinha um pressentimento que estava aqui desde que Michaela entrou.

Ignorando-o quando ele lhe soprou um beijo, ela entrou no quarto com a luz do dia. Ela notou a cúpula de vidro do teto, na noite passada, agora viu que o vidro foi esculpido com padrões complexos que dispersavam o sol nas paredes da sala, transformando a pedra numa obra de arte viva que mudava ao longo do dia.

— Uau, — disse ela. — Posso não ter arte em minhas veias, mas mesmo eu sei que é um trabalho incrível.

Aodhan também estava olhando embevecido para as paredes.

— Esta é uma das peças de Phelia. Ela era famosa por seu trabalho de luz.

— Ela está dormindo?

— Não sei, — disse Aodhan. — Ela estava muito longe do mundo no momento do meu nascimento, apenas sua arte foi deixada para trás para nos dizer de seu dom.

Um gemido de som, as grandes portas da câmara abriram-se. A primeira a sair foi Michaela, um tipo cruel de diversão em suas feições. Ela estava usando uma roupa no mais profundo vermelho, com uma saia da mesma cor que tinha uma grande divisão ao longo de uma coxa, que revelava sua perna, calçada com bota, a cada passo. Dando à mesa cheia com alimentos um olhar de desdém, e nem se preocupando em afiar as suas facas verbais sobre Elena, ela foi direto para a outra porta e saiu. Riker seguiu em seus calcanhares.

Astaad saiu depois, seguindo Michaela para fora. Sua expressão era mais dolorosa do que qualquer outra coisa, seus dedos esfregando as têmporas, como se para aliviar uma dor de cabeça.

Outros Arcanjos deixaram a câmara interna, um por um, e todos eles, todos e cada um, saíram do Átrio. Elena não podia culpá-los - ela teria marchado para fora para apanhar o ar fresco também - se estivesse presa por metade do dia.

Raphael surgiu após Titus, Elijah ao seu lado.

Arcanjo, ela disse. *Você quer voar?* Então ela percebeu que suas asas não eram mais sólidas. *Isso aconteceu na reunião?*

Não, apenas agora. Abriu as asas, para contentamento e admiração de quem nunca tinha visto antes essas asas de fogo branco. Mesmo Elijah parecia impressionado.

Caliane e Alexander saíram quando Raphael fechou suas asas. O rosto de Caliane ficou branco por um instante. Tudo o que ela disse a Rafael não era audível, e, em seguida, Raphael começou a virar-se para dizer alguma coisa para ela, sua cabeça inclinando-se para ela.

Mãe e filho, pensou Elena, era o que eles eram, neste momento, não Arcanjo e anciã.

Caminhando ao redor deles, Alexander foi direto para Valerius e Xander.

— Venha, — disse ele. — Eu preciso de ar fresco.

Elijah foi o próximo a passar.

— Assumo que minha consorte está na Galeria? — Disse ele, o poder dele empurrando contra os sentidos de Elena.

Às vezes, ela se perguntava como Hannah podia estar com alguém tão *outro*, então percebia que Raphael era exatamente o mesmo.

— Você está certo.

— Não, você não pode assumir isso, Eli. — A voz suave de Hannah por trás deles, um sorriso em seu tom. — Estava esperando que o Cadre se liberasse para uma pausa ao meio-dia. — Colocou as mãos no peito de seu consorte, levantou-se na ponta dos pés e roçou os lábios nos dele.

Eles ficavam surpreendentemente belos juntos, o cabelo dourado de Elijah brilhando à luz do sol que entrava pela cúpula e as linhas acentuadamente consideráveis de seu rosto olhando para Hannah, a pele dela brilhando com vida e sua elegância inata, com os olhos de um negro luminoso. O que os tornava ainda mais bonitos eram os pequenos sorrisos em seus rostos, os sorrisos de duas pessoas que se amavam há tanto tempo que, para eles, não era necessário fazer grandes declarações.

— Vou pintá-los, — Aodhan sussurrou para Elena. — Assim como estão agora, com a luz do trabalho de Ophelia espalhando um filigrana sobre seus corpos, e as asas de Eli desdobrando-se inconscientemente como se estivessem envolvendo Hannah.

— Ah, você deve me amar então, Hannahbelle. — O sorriso de Elijah cresceu mais profundo, o marrom dourado de seus olhos tão luminoso como o da sua consorte. — Para ter se afastado da arte da qual tenho ouvido falar desde o instante que ouviu sobre esta reunião.

A resposta de Hannah foi silenciosa, mas o que ela disse fez Elijah rir e deslizar uma mão na parte inferior das costas dela, enquanto caminhavam para fora, Cristiano juntou-se a eles na porta.

— Hannahbelle? — Ela perguntou ao Arcanjo, quando ele ficou na sua frente, Caliane passando por ele para atender Tasha, que acabava de chegar.

— Nunca ouvi ninguém chamá-la assim, — disse Raphael. *Mas nunca ouvi ninguém chamá-la de Minha Elena também, Hbeebti.*

Você tem um ponto. Ela ficou encantada que, mesmo depois de todos estes séculos, Hannah e Elijah podiam brincar um com o outro. *Sua mãe está bem? Ela não parecia bem.*

A expressão de Raphael era difícil de ler.

Ver minhas asas acendeu uma memória de dor - meu pai, ele morreu numa chama de fogo.

Sim, sobre isso. Ela lançou um olhar para Tasha. *Você pode alcançar Tasha com sua mente?*

Raphael levantou uma sobrancelha.

Sou um Arcanjo.

Elena não o provocou como normalmente fazia, havia uma tensão em sua voz que dizia que ele estava no fim de sua paciência. Não com ela, com tudo o que vinha acontecendo na câmara de reunião.

Diga a Tasha para se certificar de que não leve sua mãe por um caminho em particular, se vão visitar a Galeria. Aodhan pode dar-lhe o exato mapa mental - há uma pintura da morte de Nadiel lá.

As feições de Raphael ficaram tensas e frias. *Se houver, os Luminata deveriam a ter coberto como um sinal de respeito.* Seus olhos se encontraram com Aodhan e, em seguida, segundos depois, olhou para Tasha.

Foi só porque Elena estava olhando para ela que notou o muito ligeiro encolher de ombros de Tasha. Caliane estava de costas para eles, sua atenção em algo que Tasha estava dizendo, e não pareceu notar. Olhando para trás, para Elena, Raphael segurou seu rosto.

Obrigado por se importar com o coração da minha mãe, Elena. Mesmo ao ponto de me pedir para falar com Tasha.

— Vamos, Arcanjo, acho que você precisa um pouco de ar.

— Sire, ela só comeu duas barras energéticas hoje.

O queixo de Elena caiu. Girando para enfrentar Aodhan, ela disse.

— Você acabou de fazer queixa de mim?

Um pequeno sorriso, o riso escondido.

— Não levará muito tempo para reabastecer se você escolher os itens de alta caloria.

— *Elena*. — Arrastando-a para a mesa com um grunhido de som, Raphael pegou uma bandeja de carne e entregou a ela. — Coma.

— Ugh. — Ela colocou a bandeja para baixo, pegou um prato e começou a enchê-lo com suas próprias escolhas. — Se vocês dois vão ficar aí de pé vendo, vai me dar indigestão. Comam alguma coisa.

Eles fizeram isso, embora a maior parte de sua atenção estava em certificar-se que seu prato nunca estava vazio. Sentindo como se tivesse aumentado cinco quilos quando já não podia aguentar mais, ela gemeu e encostou-se em Raphael enquanto saíam.

— Definitivamente vou precisar de um impulso para entrar no ar.

— Isso, *hbeebti*, nunca é uma dificuldade.

Eles estavam no céu logo depois, Aodhan ao lado deles, o vestido de Elena apertado mais uma vez. Depois de lançar Elena, Raphael voou alto e numa direção onde não havia outras asas. A maioria dos Arcanjos devia ter-se retirado, mas a maioria já não estava em qualquer lugar à vista, embora ela pudesse ver reflexos de prata de Alexandre e bronze de Michaela.

Ela, Rafael e Aodhan apontaram para a montanha onde ela e Raphael haviam pousado na noite anterior. Quando ela começou a se cansar, ela e Aodhan pousaram no topo da montanha para esperar por Raphael que estava queimando sua energia. Ela não podia vê-lo agora, ele tinha ido tão alto, mas podia senti-lo. Ia pedir a Aodhan para ver a miniatura — *finalmente!* — quando algo a fez olhar para cima.

Apenas a tempo de cair no chão com um grito quando Raphael passou rasando sobre ela e a cabeça de Aodhan, tendo caído em silêncio a uma velocidade que não podia sequer imaginar.

— Raphael! — Ela gritou quando levantou, um Aodhan chocado ainda sentado no chão na frente dela. — Desce aqui agora, Arcanjo!

Raphael desembarcou numa glória de asas de fogo branco.

— Estava testando minha velocidade.

— Não, você não estava. — Cruzando os braços, ela bateu o pé. — Você deu um mergulho bombardeio em nós. Admita.

Com um sorriso de partir o coração, ele empurrou o cabelo para trás e se aproximou para estender a mão para Aodhan. O anjo tomou-a sem hesitação, o que permitiu a Raphael puxá-lo para cima.

— Foi possuído por Illium, Sire? — Ele perguntou em um tom incrédulo.

— Ele parecia ter muita diversão, então decidi tentar. — Soltando a mão de Aodhan, Raphael enfiou a própria mão no cabelo de Elena, enviando as restantes varas de lâmina para a terra, e trouxe sua boca para baixo em cima da dela.

O corpo dela suspirou, seu sangue aqueceu, e ela colocou a ponta de uma lâmina na garganta dele enquanto sua língua lambia sobre a dela. Ignorando isso, os lábios dele ainda se curvaram sobre os dela, ele apenas a beijou ainda mais profundo. E, desde que ela tinha zero defesa contra ele quando ficava assim, ela deslizou para longe a lâmina, e tomou o beijo. Ela o viu ao amanhecer, mas sentia como se sentisse falta dele desde sempre.

Sem fôlego quando finalmente a soltou, ela tentou colocar uma carranca.

— Você tem meu vestido todo empoeirado.

— Vou escovar a poeira. — Ele passou a mão sobre o peito, até a curva do quadril, a ação protegida da vista pela forma como ele curvou suas asas ao redor deles.

Os dedos dos pés dela enrolaram-se.

— Foi mais rápido do que rápido, — ela disse enquanto ele dobrava as suas asas. — Nem sequer senti o apito do vento passando sobre suas asas. — Olhando para onde Aodhan estava a alguma distância, dando-lhes privacidade e cuidando das ameaças, ela gritou: — Aodhan! Teve alguma ideia de que Raphael estava se dirigindo para nós?

Balançando a cabeça, Aodhan fez seu caminho de volta para eles através do capim dourado.

— Suas asas são de puro silêncio.

— Um inferno de vantagem. — Elena estendeu a mão para tocar com os dedos o fogo branco delas — pareciam sólidas em certo sentido, mas não havia penas. Não queimava, era frio ao toque, e. . . — Tem gosto de você. Como o mar batendo e o vento selvagem e poder que tinha gosto de *vida*.

Dedos ainda no cabelo dela, Rafael sacudiu a cabeça.

— Tem gosto de nós.

Os seus olhos arregalaram-se antes dela concordar.

— Sim. — O incêndio que vivia nele, que foi formado por ambos, uma estranha alquimia que ninguém sabia ou poderia entender. — Não acho que Lijuan poderia prejudicar suas asas se estas fossem suas asas durante uma batalha.

— Uma ideia intrigante, mas, infelizmente, não posso controlar quando elas vêm e vão. — Sua mandíbula ficou tensa. — Lijuan está muito à frente de mim, nesse sentido, parece ser capaz de tomar sua forma não corpórea à vontade.

Elena apertou seu estômago, Aodhan ficou imóvel ao lado deles.

— O Cadre decidiu que Zhou Lijuan está viva? — Perguntou.

Raphael sacudiu a cabeça.

— Não decidimos nada. — Foi uma declaração tensa. — As respostas estão todas lá, formuladas nos primeiros dez minutos. Favashi iria assumir o território de Lijuan com Caliane oferecendo assistência. Mas temos que ter consenso para esta decisão e Charisemnon se recusa a ceder. Ele insiste que deixemos Lijuan mandar no seu território como bem entender.

Elena mostrou os dentes; queria esfaquear o Arcanjo do Norte da África nos olhos.

— Infelizmente, — disse Raphael, movendo a mão para curvá-la em todo o lado de seu pescoço, — não podemos cortar a cabeça dele e apenas votar em seu nome até que ela cresça de volta, ou um de nós podia já ter tentado isso até agora.

— Charisemnon é o único contra? — Ela começou a passar a mão na parte de baixo de suas asas de fogo.

Um longo suspiro antes de Raphael dizer:

— Ele é o mais recalcitrante. Astaad continua a lutar com a interferência no território de outro Arcanjo, mas não está disposto a deixar as coisas continuarem como estão, especialmente tendo em conta as informações de Jason.

Sua marca da Legião acendeu como fogo branco, brilhante por um segundo, e quando a marca se estabeleceu, Elena sentiu penas sob seu toque. Suas asas eram de ouro branco mais uma vez, mas a asa esquerda tinha um surpreendente tom de ouro mais escuro, criado quando ela atirou nele durante o que poderia ter sido o momento mais assustador da sua vida. Ele tinha sangrado muito, este homem que não era capaz de ser ferido.

— Já chega. — Puxando-a para perto, deu um beijo em sua têmpora. — Vocês dois descobriram alguma coisa?

Elena esqueceu tudo sobre Lijuan, sede de sangue e esfaquear os olhos de Charisemnon.

— Aodhan.

Alcançando sob as tiras que cruzavam seu peito sobre seu couro, proporcionando uma cinta para as bainhas duplas das espadas que ele usava nas costas, Aodhan tirou primeiro o pauzinho lâmina que ela tinha emprestado e, em seguida, a miniatura. Ele manteve o primeiro, colocando o último na mão aberta que ela estendeu.



Capítulo 24

Como alguém poderia ter pintado Elena tão rapidamente?

Um instante após a pergunta ter passado pela cabeça de Raphael, percebeu que a mulher em miniatura não era Elena. Seus olhos eram de um azul-turquesa cintilante, sua pele um ouro mais escuro que Elena. Seu rosto também era mais estreito, mais falcão que caçador. Nada disso tirou sua beleza, ou sua surpreendente semelhança com a guerreira de Rafael.

— Acho que podemos dizer com segurança que está no caminho certo, Minha Elena.

Com a mão tremendo, Elena olhou para a pequena tela.

— Se me permite Ellie. — Alcançando a miniatura, Aodhan tomou-a, virou-a e, em seguida, levantou o pauzinho lâmina com a outra mão.

— Não a danifique, — Elena gritou.

— Prometo, não vou. Mas, às vezes, os artistas escrevem sobre os sujeitos nas costas destas peças em miniatura.

Uma inserção muito cuidadosa da ponta da lâmina, um levantamento experiente... e Aodhan tinha separado a miniatura do quadro. Franzindo a testa, ele olhou para a pequena escrita na parte traseira.

— Majda, — disse ele. — Eu acho que isso é o que diz.

Raphael pegou a miniatura, olhou para a escrita; estava dentro o mesmo texto que Elena tinha visto na Galeria.

— Sim.

Elena soltou um suspiro.

— Isso não soa nada como Elena. — Cruzando os braços, ela viu como Aodhan colocava o quadro e a imagem de volta juntos. — Minha mãe me disse que o apelido de minha avó era Elena.

— É capaz de ser mais do que isso, — Raphael disse, quando ela acenou para Aodhan para segurar a miniatura, o vestido dela não tinha muitos esconderijos. — Com este nome e a inicial E que sua mãe se lembrava de estar em seu cobertor de bebê, você tem vias de investigação para além de Lumia, começando com o município mais próximo.

Olhando para a fortaleza distante, ela jogou seu olhar ainda mais para a frente, mas a cidade que existia para além da fronteira não era visível.

— Não tenho certeza se quero que Aodhan e eu estejamos tão longe de você enquanto o Cadre está em sessão. — Não importava sua fome para desenterrar a verdade de sua ascendência, deixá-lo sem apoio não era uma opção.

— Se há de ser uma batalha entre os Cadre, Caçadora da Sociedade, eu prefiro que não esteja em qualquer lugar da vizinhança. Lembre-se de Pequim.

A cidade já não existia. A fumaça já tinha desaparecido, mas a cratera permanecia uma cicatriz brutal na paisagem e alguns diziam que havia partes dela que permaneciam quentes até este dia. Elena não tinha certeza se acreditava nesses relatórios ou não, porque a maioria das pessoas ficou longe, muito longe da evidência do que podia acontecer quando Arcanjos lutavam entre si.

— Estar na cidade não vai me proteger desse tipo de batalha, — disse ela sem rodeios. *E meu único medo é perder você.*

Raphael fechou sua mão sobre a dela enquanto Aodhan, mais uma vez, se afastou para lhes oferecer privacidade.

— Se mantiver seus movimentos erráticos, isso a protege.

Ela não podia discutir com isso. Vagar os intermináveis corredores de Lumia era uma boa maneira de ficar presa e distrair Raphael com preocupação. Ele não precisava de nenhuma distração, não quando estava cruzando espadas com os dez do Cadre.

— Talvez esta tarde, — ela disse, — Aodhan e eu possamos ir fazer um reconhecimento da cidade, ver se podemos ter uma sensação dela. Caliane e eu não devemos nos encontrar para nossa caminhada até tarde. — Ela se inclinou para Raphael, o calor dele uma queimadura que ela desejava. — Fique seguro, Arcanjo.

— Não tema, *hbeebti*. — A marca da Legião brilhava à luz do sol quando ele pressionou a testa na dela. — Não acho que alguém no Cadre está com vontade de ver uma repetição de Pequim. — Uma pausa. — Claro, se Lijuan decidir nos fazer uma visita, em seguida, o fim do jogo pode estar em cima de nós.

* * *

Ver Raphael retornar à câmara interna deixou seu intestino em nós, mas Elena se controlou, uma expressão casual em seu rosto, enquanto se forçava a morder um pouco do almoço distribuído. Poderia muito bem manter-se com o combustível desde que sua enorme refeição parecia ter sido digerida na velocidade da luz.

— Esteve em deficit de energia, — Raphael havia dito quando ela mencionou isso. — Lembre-se, cada célula do seu corpo está se transformando de mortal a imortal. Está avançando rapidamente através de um processo que leva a um menino angelical, pelo menos, cem anos.

Posto desta forma, não era de se esperar que ela estivesse comendo como um fisiculturista?

Com os olhos nas asas de ouro branco, consumiu nozes e frutas secas com uma eficiência sem sentido. Carne seca provavelmente seria melhor, mas Elena

tinha seus limites. Um pouco de carne seca na estrada? Ela poderia lidar com isso. Comê-la pedaço por pedaço? Não, obrigada.

Em seguida, as portas para a câmara interior se fecharam com um estrondo portentoso, selando Raphael com o resto do Cadre, mais uma vez.

Ele não estava sozinho, recordou-se. Junto com os inimigos, ele tinha aliados. E era um Arcanjo, porra.

— Também é o único que tem mostrado uma capacidade para manter Lijuan em cheque, — Aodhan murmurou para ela, claramente tendo seguido o caminho de seus pensamentos. — Só pelo auto-interesse, isso deve impedi-lo de ser atacado pelos outros. Ninguém quer Lijuan livre para provocar o caos.

— Exceto Charisemnon, — ela apontou, mais uma vez ignorando Riker, quando o vampiro tentou chamar sua atenção.

— Não sou especialista em política do Cadre, — disse Aodhan, — mas acredito que o Arcanjo do Norte da África tem poucos amigos no Cadre. Ele foi longe demais com a Queda.

— Covarde. — Ela mastigou um grupo de nozes com essa única palavra, lembrando-se que cada bocado que comia era mais um passo para a verdadeira imortalidade. Seus ossos estavam ficando cada vez mais fortes, seus tendões menos difíceis de partir, sua pele mais difícil de contundir.

Claro, tudo era relativo.

O vampiro caminhando em direção a ela era muito mais forte do que ela.

— Elena, — Riker disse com um sorriso que era cheio de charme psicótico, o cedro e gelo que exalavam dele fazendo ele cheirar irresistível como sempre. — Quer jogar? — Ele se aproximou o suficiente para que suas botas se tocassem.

O farfalhar de aço deixando uma bainha.

— Consorte, gostaria que eu cortasse a cabeça dele?

A pergunta sem tom de Aodhan fez Riker erguer o olhar, com os olhos apertados, mas o que ele viu nos olhos de Aodhan o empalideceu antes dele lhe dar espaço.

— Só estou sendo amigável.

Ela sentia como se estivesse sendo coberta com óleo preto viscoso a cada palavra que ele falou. Seria fácil deixar Aodhan tratar disto, mas ela era uma caçadora e era consorte de Raphael. Não se escondia de ninguém.

— Como está seu coração nos dias de hoje? — Ela perguntou com um sorriso afiado. — Não tive um olhar mais atento sobre ele recentemente.

Sibilando um suspiro, seus olhos vermelhos quente, Riker fechou suas mãos.

Ela quase desejava que ele dissesse algo que cruzasse a linha para que pudessem legitimamente cortar-lhe a cabeça e livrar o mundo de sua maldade, mas ele apenas mostrou suas presas e disse:

— Está dentro da minha caixa torácica, onde pertence.

— Deve tentar mantê-lo lá.

Um olhar fixo antes dele se virar e caminhar de volta para onde passava seu tempo à espera de Michaela.

— Não sabia que podia ser assustador o suficiente para aterrorizar os psicopatas genuínos, — ela disse para Aodhan.

— Galen me fez praticar.

Com os ombros tremendo com esta declaração fria, ela comeu mais das malditas nozes.

— Com fome, Elena? — A voz de Tasha, a anjo guerreiro deu uma volta pelo quarto para pegar uma uva da mesa e colocá-la em sua boca.

Elena estava feliz que não tinha tomado um assento na mesa. Estar sentada enquanto Tasha ficava de pé, teria irritado o inferno fora dela.

— Tudo isso de ficar olhando para a arte fica cansativo.

Tasha viu ela comer um pedaço de queijo de alta caloria.

— Sim, Lumia é um pouco de paz demais para mim, também. — Dando de ombros, ela tirou uma espada de uma bainha de coxa e, afastando-se da mesa, fê-la dançar através do ar.

— Aodhan, vai treinar comigo hoje mais tarde? Preciso de um pouco de atividade para aliviar meu tédio e Mau'lea de Titus já fez planos para treinar com a escolta de Astaad. — Um olhar sobre Elena. — Sei que a espada não é sua arma de escolha.

Não era, mas Elena estava aprendendo.

— Isso é uma lâmina mais pesada do que eu teria esperado que você usasse. — Sim, Tasha era mais forte do que ela, mas por que ir para uma lâmina mais pesada quando uma mais leve usava menos força e fazia o trabalho bem?

— É o que o meu treinador tem usado, — Tasha respondeu, deslizando a espada na bainha. Essa bainha não era uma decoração como a de Aodhan, Tasha estava vestida como guerreira, vestida como Elena desejava que ela pudesse estar vestida. — Acho que me acostumei com isso e é o que se sente bem na minha mão.

— Se vocês dois querem treinar, não me importo, — disse ela tanto para Aodhan como Tasha. — Talvez eu vá aprender alguns novos truques assistindo.

Os olhos de Tasha estreitaram.

— Não posso dizer se está sendo graciosa, ou se há um pouco de veneno aí. — Engolindo o último pedaço de um pouco de quiche que ela pegou, Elena disse.

— Veneno afunda no sangue e não quero acabar como Michaela um dia. — Não importa o quanto Tasha a incomodava, Elena não iria desperdiçar sua energia com inveja desnecessária.

O coração de Raphael era dela. Se alguma vez fosse perdido, não seria por causa de Tasha, mas porque algo deu errado catastroficamente entre ela e seu Arcanjo. Não podia sequer imaginar o que poderia ser.

— Odeio quando você faz sentido, Elena. — Caminhando para a mesa, Tasha comeu mais algumas uvas. — Aodhan?

— Hoje não, — ele respondeu. — Talvez amanhã. Hoje, Ellie e eu estamos planejando voar para o município mais próximo, esticar as asas.

Elena franziu a testa interiormente, por que Aodhan deu a conhecer os seus planos?

Com um brilho ao rosto, Tasha disse:

— Se importa se eu me juntar a você? Juro que vou perder minha mente se tiver que vagar por mais um corredor ou falar com mais um desses homens encapuzados. — Um sorriso de escárnio. — Todos têm medo de mulheres e o escondem sob o verniz de uma... irmandade.

Droga. Lá foi outra vez, dizendo algo que fez Elena querer sorrir.

— Claro, pode vir, — disse ela, uma vez que qualquer outra resposta teria sido estranha. — Talvez devêssemos perguntar a Xander e Valerius também. Sei que Xander está definitivamente entediado.

— Vi o menino no pátio mais próximo, — disse Tasha. — Vou falar com ele. Quando nos encontramos?

— Preciso me trocar, — disse Elena, com zero de intenção de explorar a cidade em seu traje Lumia. — Digamos vinte minutos?

— Feito.

Elena esperou para falar com Aodhan até que estavam fora do vestibulo e se dirigiu à suite dela e de Rafael.

— Por que disse a ela?

Ele se curvou, falou perto de sua orelha, sua respiração sussurrando sobre sua pele, mais uma vez, o toque de sua asa sobre a dela quase familiar.

— Podemos precisar ir à cidade múltiplas vezes. Seria altamente suspeito que sejamos apenas nós dois. Um grupo de escoltas aborrecidos, por outro lado...

Oh.

— Você é bom para as coisas sorrateiras, — disse ela com aprovação.

— Jason me fez praticar isso, — ele disse na mesma voz fria como antes. — Levou setenta e cinco anos antes dele declarar que eu seria aceitável como um espião se não brilhasse no escuro.

Rindo tanto que seu estômago doía, Elena tentou ver se ele estava brincando.

— Alguma vez o deixaram em paz? — Ela perguntou, quando pode falar novamente.

— Não, não importa o quão duro tentei. — Um sorriso que continha uma alegria inefável. — Estavam sempre lá, Ellie. Constantemente me transportavam de volta da beira do abismo uivando. — Ele engoliu. — Illium... ele costumava esgueirar-se em minha casa e deixar material de arte em todos os lugares, até que tive que começar a usá-los ou seria enterrado neles.

Elena ousou ligar os dedos aos seus por um segundo, sentiu um aperto no coração quando ele enrolou os dedos à volta dela.

— Tivemos sorte com as pessoas que nos amam, não foi, Aodhan?

Sua resposta foi um sorriso que iluminou até mesmo os sombreados corredores secretos de Lumia.

* * *

Tasha, Xander e Valerius não eram os únicos esperando por eles no pátio. A escolta de Titus, Mau'lea, também estava lá, como o General de Neha, Hiran.

Parecia que todos estavam prontos para uma viagem de campo.

Ao vê-la e a Aodhan, Tasha disse.

— Magnus já partiu. Ele vai por terra, nos encontrará na cidade.

Magnus, ela se lembrava, era o vampiro que Astaad trouxe como sua escolta. O outro homem chegou num garanhão preto brilhante que deixava à solta, chamando-o de volta com um assobio quando precisava de uma carona. Elena não tinha ideia de como conseguiram trazer o cavalo para o Moroccos, talvez a linda criatura tivesse vindo nos aviões.

— Cristiano? — Ela perguntou à Tasha.

— Vai ficar com Hannah, ela ainda está bebendo na Galeria.

Segundos depois, todos espalharam suas asas em preparação para subir, e então o céu estava cheio de asas quando partiram, um por um, com o cuidado de dar um ao outro espaço para se elevarem sem o risco do emaranhamento de asas.

Elena esperou até o fim, até que apenas Aodhan foi deixado para trás. Isso tornaria mais difícil para os outros no céu verem o quanto de esforço levava para alcançar a descolagem vertical. Quanto aos Luminata, esperançosamente, uma vez que estava no centro do pátio, eles estavam longe o suficiente para não pegarem nenhuma nuance traidora.

— Ellie, posso lhe dar um impulso.

Ela balançou a cabeça.

— Não, decidi que quero que os Luminata vejam agora que não serei uma presa fácil. — Havia um tempo para jogar jogos de discrição, e havia um tempo para mostrar suas armas para que seus inimigos pensassem três vezes mais antes de considerar qualquer ação hostil.

Que os Luminata não tenham feito nada ameaçador até agora não mudava o fato que sua pele se arrepiava com a consciência do perigo a cada instante que estava neste lugar. Mantendo o rosto inexpressivo, apesar de suas emoções, abriu suas asas, reuniu sua força, e lançou-se. A força familiar puxou pelos ombros, fez-se sentir no peito, enviou faíscas de sensação de tiro pelas costas.

Mas, então, estava no ar e capaz de deslizar sobre uma corrente de ar enquanto Aodhan vinha se juntar a ela.

— Vá alto, Aodhan, — ela disse a ele, sua camiseta preta justa e elegante contra o vento. — Vai ser melhor capaz de manter um olho nas coisas.

— Não posso protegê-la se estiver muito alto.

— Posso segurar alguém deste grupo até que você esteja aqui para me apoiar, — ela apontou, batendo na besta que ela tinha amarrado em cima dos seus jeans. — Prefiro ter os olhos em cima, assim pode acompanhar quaisquer movimentos estranhos.

Tão brilhante na luz do sol que era difícil olhar para ele, Aodhan assentiu e, em seguida, estava voando seu caminho para as nuvens, onde se transformou em um fragmento distante de luz, uma peça independente do sol.

Os outros estavam todos espalhados por uma vasta área, cada um voando de forma independente durante sua estada com o grupo mais amplo. Quando o general de Neha caiu atrás até que estava ao lado de Elena, ela teve que se impedir de verificar se a arma estava de fácil acesso.



Capítulo 25

— Consorte, — disse o anjo de cabelos negros com asas ocre escuro, uma cor que não tinha visto em nenhum outro anjo.

— General Hiran.

— Tenho instruções do general Rhys para perguntar sobre Mahiya, — o homem disse, sua expressão impassível. — Está bem?

Elena lembrou que Mahiya falou calorosamente de Rhys e sua esposa. Eles nunca a trataram mal.

— Sim, — respondeu ela. — Está encontrando suas asas. — Pela primeira vez em sua vida, Mahiya era livre para ser exatamente o que queria ser e era extraordinária.

— O espião mestre a trata bem? — Hiran deu um sorriso suave. — A questão é do general Rhys, ele diz que sabe que não é seu direito fazer tais perguntas, mas Mahiya não tem pai para vigiá-la.

Não, seu pai foi o consorte de Neha e um desperdício inútil de espaço pelo que Elena sabia.

— Ela tem uma mãe muito assustadora.

— Nivriti a ama, disso não tenho dúvida, — Hiran murmurou pensativamente, — mas acho que para Neha e Nivriti, não existe outro relacionamento mais importante. Mesmo no ódio, elas estão sempre ligadas.

Foi um comentário inesperado e perspicaz. Neha e a mãe de Mahiya eram gêmeas, mas não era essa ligação só que as unia. Foram séculos de emoção, de memória, de traição. Elena compreendia. A mesma confusão de emoções ligadas a ela por seu pai.

— Jason e Mahiya estão muito felizes, — disse ela, sabendo que ela não estava contando segredos.

O que não disse foi que o homem conhecido por sua escuridão impenetrável faria qualquer coisa por sua princesa. *Qualquer coisa*. Isso faria o espião mestre dolorosamente vulnerável se Mahiya não possuísse exatamente a mesma vulnerabilidade. Se Jason pedisse, Mahiya arrancaria seu próprio coração.

— Estou certo que o general Rhys terá prazer de ouvir isso, — Hiran disse com suficiente calor para que ela soubesse que ele respeitava muito o outro homem. — Sua companheira, Brigitte, enviou um presente para Mahiya. — Uma pausa. — Com a relação legal entre seu consorte e minha senhora, eles sentiram-se desleais para chegar até Mahiya, mas não podiam deixar passar esta oportunidade. Seria um grande favor se pudesse levar seu presente para ela.

— Posso fazer isso, — disse Elena, sabendo que ela também iria analisar o presente com um pente fino. De jeito nenhum, ia levar de volta para Mahiya algo que tivesse o potencial de machucá-la.

— Vou entregar a você antes de deixar Lumia. — Hiran inclinou a cabeça em um educado adeus e então estava deslizando, suas asas batendo poderosamente enquanto subia até Valerius.

Xander, enquanto isso, estava voando muito abaixo, observando de perto a paisagem dourada desta terra ensolarada, os filamentos de ouro em suas asas e a

prata na parte inferior em chamas enquanto mergulhava e subia com exuberância juvenil.

Lembrando-se de Izzy e Illium, Elena desceu para sua altitude.

— O que há de tão interessante? — Ela gritou quando estava perto o suficiente.

— Há animais abaixo! — Ele gritou de volta. — Cabras no cimo de tais bordas estreitas que não posso acreditar que não vão cair!

Elena se juntou a ele na observação das cabras. Não era uma atividade que tivesse algum dia considerado. Esta não era definitivamente New York. Mas entretinha os dois e Xander estava certo: algumas dessas cabras tinham que ter cola na sola dos seus cascos ou algo assim. A paisagem abaixo não era particularmente montanhosa, mas as colinas que existiam eram íngremes e desprovidas de vegetação densa.

— Magnus!

O cavaleiro com juba de leão abaixo deles olhou para o grito de Xander e acenou com a mão antes de se abaixar sobre o pescoço de seu garanhão preto de novo, um homem claramente em casa com esse meio de transporte, apesar dele viver numa área onde não era exatamente comum isso. Mas anjos e vampiros, como ela descobriu, tinham uma longa história. Magnus poderia muito bem ter nascido numa paisagem cheia com cavalos.

Quando ela, Xander e os outros, eventualmente passaram a fronteira murada de Lumia, o guarda aéreo mergulhou suas asas, mas não ficou em seu caminho.

A primeira coisa que notou foi a falta de qualquer guarda sem asas - vampiros não eram aplicáveis a Lumia, a qualquer título, aparentemente, nem mesmo como guardas. A segunda coisa foi o tamanho do esquadrão defensivo - e a defesa que estava vendo era apenas parte da força atribuída a esta seção da fronteira.

Raphael, sabe que Lumia tem um exército próprio?

Ela não tinha a força para “enviar” tão longe, mas Raphael podia ouvi-la a grandes distâncias.

A mordida do vento cortou através de sua mente um instante depois.

Quão grande?

Esta é apenas uma estimativa, Elena disse e, em seguida, deu-lhe os números.

Interessante. O tom de Raphael era frio, não Arcanjo frio, mas pensativo frio. *Lumia sempre teve um complemento de guarda alimentado por voluntários de todos os territórios arcangélicos. A não ser que um dos outros no Cadre tenha destacado um grande número de pessoas aqui, os Luminata devem ter recrutado além dos voluntários.*

Elena torceu os lábios.

Não posso ver qualquer um dos Arcanjos enfraquecendo suas defesas para fornecer uma guarda pesada para os homens que se destinam a ser um grupo de monges.

Pode ser que esses monges não sejam mais neutros e estão fornecendo serviço para um Arcanjo, Raphael apontou. *Pedi a Aodhan para manter uma vigia afiada em seu retorno, para ver se ele pode identificar qualquer um dos anjos no esquadrão. Veja o que pode descobrir na cidade,* ele adicionou. *Se os anjos e vampiros que vivem lá são agressivos, pode ser uma reação exagerada ou postura da parte de Lumia. Eu, por minha vez, tentarei evitar matar Charisemnon.*

Esse último não soou como uma piada.

O que aconteceu?

Nada. Mas olho para ele e vejo Stavre.

O anjo mais jovem a ter morrido na queda, seu esquife coberto com flores colocadas lá por seus irmãos guerreiros.

Vamos matar o bastardo maligno um dia, ela disse. *Melhor ainda, gosto de imaginar o seu poder causador da doença virando-se contra ele novamente, mas, desta vez, de uma forma lenta, tortuosa, mas eventualmente fatal. Não lhe dê sua energia.*

Sábios conselhos da minha consorte. Vou tentar segui-los.

Soprando-lhe um beijo mental, Elena voou a uma altitude ligeiramente maior quando os primeiros edifícios surgiram à vista no horizonte, um ramo de vida no meio de uma paisagem árida. Curiosamente, nada parecia muito mais alto do que edifícios de dois andares, anjos tendiam a subir quando construíram, embora habitações baixas não eram desconhecidas dependendo do clima e topologia de uma

área. Se Lumia foi graciosamente construída baixo junto à terra embora esteja localizada numa ascensão - talvez isso influenciou a arquitetura da cidade.

Elena queria ter uma visão geral do lugar antes de aterrar, ver o quão grande era a área que abrangia, adivinhar quantas pessoas estaria lidando com sua caça para descobrir a identidade da mulher na miniatura. Por tudo que sabia, aquela miniatura foi pintada séculos atrás, e ninguém teria a menor ideia, mas ela tinha que tentar.

As casas na periferia da cidade eram muito pequenas e coloridas em tons de terra, misturando-se com a paisagem. Então, vieram as árvores de frutos - figo e laranja talvez - seguidas pelo verde chocante de campos plantados com vegetais e irrigadas contra o forte sol e ambiente seco. Vacas olharam para cima placidamente, na sombra de asas que passavam sobre suas cabeças e crianças correram para suas casas.

Elena franziu a testa.

As crianças corriam sob as sombras angelicais em Nova York, também, especialmente no Central Park, mas sempre tentaram seguir as asas, e não desviar para longe delas. Poderia ser que Raphael estivesse certo e os anjos que viviam na cidade fossem agressivos e violentos. Não que ela pudesse ver qualquer um deles; as únicas asas no céu eram as de seu grupo.

Árvores e casas romperam as manchas de um verde luxuriante. As fazendas eram pequenas, cada campo facilmente transitável a pé. Quanto mais fundo voaram para a cidade, mais as casas começaram a se agrupar, a vegetação chegando em manchas menores que eram provavelmente jardins privados. Tons de terra permeavam por toda parte.

Não havia mansões. Não havia sacadas elegantes que pudesse detectar. Nada além de dois andares que ela tinha já observado. Alguns telhados planos que poderiam ser usados como pontos de desembarque, mas as pessoas que ela viu sobre eles não tinham asas. Mais e mais habitantes da cidade começaram a entrar em vista, alguns sentados sob as sombras das árvores, outros tratando do seu negócio com os rostos cobertos por lenços coloridos. Estes cachecóis eram necessários sob o calor implacável do sol. Elena tinha empurrado um num bolso

lateral, quando ela e Aodhan passaram pela suíte mais cedo; que era uma coisa roxa brilhante com fios de prata que ela pegou em sua última viagem ao Marrocos.

No vôo, o vento arrefeceu o beijo do sol e qualquer dano foi rapidamente reparado pela capacidade imortal para curar essas pequenas feridas superficiais, mas no chão, o calor podia ser punitivo. O grupo de Lumia, que não pensou em trazer lenços, faria provavelmente alguns dos comerciantes locais muito felizes, muito em breve.

O mercado central da cidade apareceu abaixo deles não muito tempo depois.

Elena tinha viajado o mundo como caçadora. Locais de comércio movimentados estavam entre suas partes favoritas de qualquer cidade ou vila, fosse esse mercado ao ar livre numa pequena ilha tropical, ou apenas um telhado de zinco mantendo fora as chuvas da tarde enquanto as pessoas discutiam, ou um situado no labirinto de ruas estreitas que era frequentemente o centro de uma cidade antiga.

Os shoppings não tinham o mesmo impacto, embora Times Square tivesse.

Era a imprevisibilidade que gostava, o não saber que tenda ou loja iria encontrar ao virar da esquina, ou que locais aleatórios veria. Como da vez que viu fios de seda sendo coloridos e esticados ao longo de uma parede, ou quando entrou num pequeno café numa cidade antiga e encontrou-se num estabelecimento com estrelas Michelin. Em seguida, houve aquela mulher vestida com fio dental em Times Square.

Nada muito incomum, exceto que a mulher humana estava vestida como Illium, totalmente mascarada, com uma peruca de cabelo preto mergulhado em azul, as lentes de contato de ouro, e asas falsas que usava com um arnês que mostrava os seios que ela pintou com um brilho de prata. Elena não sabia se devia ou não ficar horrorizada por causa do seu amigo se ele não tivesse sido o único a apontar a artista à ela, Illium pensou que era hilariante.

Ele pousou com a artista em êxtase, fez Elena tirar uma foto.

Pelo que podia ver, este mercado, tal como Times Square, era uma instalação permanente, pequenas lojas encostadas firmemente umas contras as outras, com telhados inclinados que se estendiam vários metros para fora para proporcionar sombra para os produtos exibidos na frente das lojas. A luz solar abarcava toda a

área, mas algum urbanista inteligente deixou espaço para um número de árvores de grande porte que davam sombra aos compradores, o que significa que estes poderiam demorar-se mais fazendo as compras.

Circundando a maior árvore, existia um banco de madeira em que ela vislumbrou homens e mulheres sentados e conversando, enquanto bebiam alguma coisa. Chá de menta fresca, ela esperava, sua boca com água pela memória do gosto que era um aspecto integral da sua impressão de Marrocos.

O mercado não era apenas uma única rua, mas estava implantado num círculo irregular, os raios com comprimentos diferentes. No fim da mais longa rua, aquela que ia para a borda muito ocidental da cidade e que não tinha casas em torno dela, ela vislumbrou - e pegou uma lufada de - um curtume. Outras lojas ou indústrias que criavam emanações ou cheiros nocivos estavam, provavelmente, também localizadas próximas da borda da cidade, mais próximas dos arredores, da mesma forma como grandes cidades separavam seus distritos industriais das áreas de varejo ou residenciais.

Todas as pessoas embaixo olharam para cima quando Elena e os outros passaram, mas ninguém acenou. Na verdade, pareciam estar estranhamente imóveis. Fascinação? *Não*, pensou Elena. Aqueles seres humanos que ficavam tão admirados com os anjos que ficavam como encantados num estado congelado eram muitos raros.

A reação podia ser apenas de surpresa: os Luminata não voavam muitas vezes - se é que algum dia voaram - nesta zona, uma vez que seu objetivo era encontrar seu caminho para a luminescência através da contemplação, enquanto envoltos em seu ambiente controlado intacto e imaculado. Regatear com os mortais e ser confrontado com as duras realidades da vida não se encaixava exatamente nessa busca, não importa como encarasse esta questão.

Tinha que ser o esquadrão de proteção que obtinha o fornecimento de bens e qualquer outra que Lumia pudesse precisar. Mas os guardas eram anjos também. Então, por quê esta reação perturbadora? E para onde foram os próprios anjos residentes da cidade?

Continuando a voar e deixando o mercado atrás, todo o grupo voou até à borda da cidade, onde mais uma vez, as casas tornaram-se mais distantes e os campos verdes tornaram-se maiores e eram o que mais se via. Tasha estava na vanguarda, e quando se virou, o resto deles seguiram o exemplo. Elena não tinha certeza se todos queriam pousar, mas não tinha intenção de sair daqui sem falar com os habitantes da cidade. Com isso em mente, tomou o caminho para o mercado, uma vez que este ficava mais perto do centro da cidade. Os voadores na frente dela continuaram seu caminho, antes que alguém olhasse para trás e começasse uma reação em cadeia. Quando ela aterrou sobre os pés no centro do mercado - a árvore cercada pelo banco de madeira - parecia que todo mundo tinha decidido se juntar a ela.

Elena olhou para o azul empoeirado do céu e esperou que Aodhan não se sentisse compelido a pousar. Ele podia aceitar pequenos toques daqueles que ele mais confiava, mas odiaria o mercado, ficaria ferido por isso. Melhor para ele ficar no ar e alertá-la se houvesse um problema.

Uma onda de som quando os anjos aterraram... e depois um silêncio gritante.

O fantasma que a estava assombrando caminhou sobre a sepultura de Elena novamente, dando-lhe arrepios. Porque não foi surpresa o que causou isso, essa sensação de tensão que vislumbrou nos rostos ao seu redor. Não, era uma emoção muito mais escura, que empurrou seus ossos contra a pele, que ia da sombra dos marrons mais profundos para ouros ensolarados, e que fez a respiração das pessoas vir em batimentos irregulares.

Medo?

As asas dobradas para trás, apertadas para ocupar o menor espaço possível, ela viu os outros anjos começar a explorar. Mais próximo da área de pouso, havia barracas de frutas e de especiarias, com outros bens espalhando-se por trás deles. Em vez de andar, Elena deslocou-se para debaixo da copa da árvore, com o banco ao seu redor, como se ela só quisesse estar fora do sol, e tentou entrar em sintonia com os sussurros ao seu redor.

Não sabia por que estava perdendo seu tempo, não falava ou entendia árabe marroquino para além das poucas palavras que sua mãe repassou a ela, palavras

que a própria mãe de Marguerite falou muitas vezes com ela. Que Marguerite se lembrasse dessas palavras era um milagre, dada a idade muito jovem em que ela ficou orfã.

Mas as palavras que a mãe de Elena se lembrava eram quase todas de amor, palavras carinhosas que uma mãe coruja diria à uma criança querida. Marguerite foi amada, profundamente, essa verdade uma memória distante, mas potente, que tinha permitido que a mãe de Elena sobrevivesse à orfandade com a alma intacta.

— ... Raphael...

Esta única palavra cortou através da sua preocupação.

Olhando para a esquerda, ela olhou para os olhos do adolescente delgado que estava falando. Talvez quinze ou dezesseis anos, no máximo, ele empalideceu sob a luz escura de sua pele, seu olhos cor de avelã ficando enormes.

— O que se passa com Raphael? — Ela disse com um sorriso.

Se tal fosse possível, o menino empalideceu ainda mais, enquanto seus amigos olharam para ela como se estivessem apenas esperando que tirasse a besta e perfurasse com uma seta o coração do rapaz, deixando-o quebrado e sangrando na terra seca.

O frio dentro dela ficou mais forte, mais frio ainda.



Capítulo 26

— Sou Elena, — ela tentou novamente, mantendo o tom amigável e esperando que ele falasse Inglês. — Qual seu nome?

Com seu pomo de adão balançando desesperadamente, o menino encontrou a coragem de dizer:

— Riad.

Elena acenou suavemente com a mão para ele, não fazendo nenhum movimento brusco. Suor estourou em seu rosto, mas ele veio. Em seguida, deixou escapar:

— Você me quer?

Poderia ser simplesmente sua compreensão do Inglês, mas a pergunta contundente lhe pareceu sutilmente errada.

— Somente para falar — ela disse quando ele estava perto o suficiente para que ela pudesse falar com ele sem levantar a voz, embora os amigos que vieram junto com ele numa declaração silenciosa de solidariedade poderiam, sem dúvida,

ouvi-la. Boa. — Não prejudico crianças. Se sabe quem eu sou, sabe que isso é verdade.

Engolindo de novo, Riad sussurrou, os olhos arregalados.

— Anjo Caçadora.

Elena gemeu com o apelido que a assombrava.

— Sim, sim. — Colocando as mãos nos quadris, ela olhou. — Caçadora da Sociedade, se não se importa. — Por alguma razão, isso pareceu fazer o adolescente relaxar.

Um leve sorriso emergindo do medo, ele disse:

— Ouvi histórias. Você lutou com dez vampiros ao mesmo tempo. — Ele levantou uma mão, deu um soco no ar. — Pow! — Outro soco no ar. — Pow!

Sorrindo enquanto seus amigos assentiam como se estivessem sincronizados, ela disse:

— Eu poderia. — Ela olhou ao redor da área, antes de voltar a prestar atenção em Riad. — Por quê tanto medo?

— Nenhuma razão. — Arranhando a terra, ele olhou para baixo, com o rosto pálido mais uma vez, e seu pulso tão rápido que podia vê-lo saltar no seu pescoço.

Elena decidiu não o pressionar, por agora.

— Que tal ser meu guia? — Ela disse ao invés. — Mostre-me as melhores lojas.

Tirando o lenço, ela envolveu-o em torno de sua cabeça como um amigo caçador marroquino tinha mostrado. Este padrão de envolvimento iria proporcionar sombra, protegendo seu rosto. Ele também tinha o efeito colateral de esconder seu cabelo, o que podia ser um benefício se não quisesse assustar as pessoas com sua semelhança com Majda, isto é, se houvesse alguém ainda vivo que a tivesse conhecido. E se ela tivesse qualquer ligação com esta cidade.

Abrindo a boca com espanto, Riad disse algo na língua local, que fez com que os seus amigos ousados dessem um passo para mais perto. Todos os cinco rapazes olharam para ela. Quando ela levantou uma sobrancelha, quatro deles coraram e afastaram-se. Riad foi quem falou.

— Você parece... — Uma carranca, uma discussão rápida, antes deles parecerem ter decidido sobre a palavra certa. — Com uma prima, — completou. — Como nós, mas diferente.

— Minha avó era marroquina.

A excitação que iluminava seus rostos era uma coisa brilhante, inocente.

— Sério? — Outro dos adolescentes perguntou, parecendo esquecer seu medo por causa desta peça inesperada de conhecimento.

— Realmente, — ela confirmou. — Quem sabe, talvez eu tenha antepassados aqui.

Todos riram, tomando isso como uma piada, mas ela tinha uma escolta adequada de cinco adolescentes quando entrou no mercado, os outros de seu grupo tinham-se espalhado para fora até que ela não podia ver ninguém nas imediações. Seu acompanhante improvisado parecia confundir os lojistas cautelosos e cidadãos até que os rapazes conversaram com os adultos e alguns sorrisos começaram a cortar o pesado miasma de medo que sombreava cada rosto.

Ela descobriu logo que os meninos estavam compartilhando sua herança marroquina. Para sua decepção, no entanto, ninguém olhou para ela de uma forma que desse a entender que a viam como algo mais que um anjo estrangeira. Interessante talvez, mas foi isso. Definitivamente, nenhuma indicação de ser reconhecida.

Foi uma ideia ousada, de qualquer maneira. Marrocos era um lugar grande, e a mulher que poderia ser sua ancestral poderia ter vindo de qualquer parte de lá. Só porque Majda esteve em Lumia e conheceu Gian, não significava que fosse uma local.

Então veio o fabricante de tapetes. O homem idoso olhou para ela com olhos castanhos desbotados, seu cenho tão profundo que cavou sulcos escuros na pele enrugada de sua testa.

— Deseja comprar um tapete?

— Hoje não. — Elena correu os dedos sobre os fios tecidos à mão. — Vim apenas para admirar.

O fabricante de tapete fez um ruído para os rapazes que era claramente uma ordem para que ficassem fora da loja, a interação era tão familiar que ela achou que os rapazes pertenciam as famílias de comerciantes e cresceram correndo selvagens por suas ruas.

Correndo para fora, os adolescentes gritaram que iam esperar por ela lá fora.

Ela riu, preparando-se para fazer um comentário sobre a exuberância adolescente, e quando se virou, seu lenço escorregou abaixo para revelar seu cabelo. O fabricante de tapete respirou fundo, olhando para ela como se tivesse visto um fantasma.

— Você a conhecia? — Elena perguntou suavemente, não perdendo tempo. — Majda. Você a conhecia?

Terror roubou toda a cor debaixo de sua pele, seus ossos pareceram tremer.

— Senhora, acho que minha loja é pobre demais para você.

Olhando em volta para se certificar de que ninguém estava escondido lá dentro, Elena disse.

— Não vou fazer nenhum mal a você.

Com o branco de seus olhos se mostrando, o homem - que tinha que ter setenta e cinco anos, pelo menos - foi para um canto que segurava uma pequena mesa com coisas do chá.

— Vou fazer-lhe um chá de hortelã, — disse ele, mas suas mãos tremiam tanto que não podia lidar com a panela de aço inoxidável que segurava a água quente, que estava em cima de um tabuleiro polido.

Soando fora, duas mulheres movimentaram-se na loja e congelaram quando viram Elena. O terror em seus rostos era uma facada visceral, um punhal de gelo. Mas, a mais nova, encontrou a coragem de correr passando por Elena. Soltando o pacote em suas mãos no chão, ela colocou essas mãos na parte superior do braço do fabricante de tapete enquanto ele estava de frente para o serviço de chá.

— Abba?

Pai.

Elena aprendeu sozinha essa palavra durante suas viagens. Jeffrey sempre foi *Papa* para ela em criança, Marguerite *maman*, sua mãe muito mais à vontade em sua linguagem adotada.

Qualquer coisa que o homem tenha dito, com a voz trêmula, a filha virou-se para Elena com um rosto cheio de medo que tinha uma corajosa determinação.

— Meu pai está velho e cansado. Ele só quer viver em paz.

Então pegue os problemas que trouxe à nossa porta e vá embora.

A menina não precisou falar essas últimas palavras, Elena as ouviu alto e claro. Desapontada, mas não disposta a aterrorizar um homem velho para obter suas respostas, ela puxou seu lenço mais uma vez cobrindo o cabelo, que tinha provocado sua resposta.

— Me desculpe por perturbar — disse ela. — Se ele quiser falar comigo, pode me encontrar através da Torre do Arcanjo de Nova York. Meu nome, — disse ela, não assumindo que as coisas que se passavam numa cidade distante eram de algum interesse aqui — é Elena. — Passando a mulher mais velha, que ainda estava parada congelada perto da porta, ela encontrou sua escolta de adolescentes relaxando ao redor, e compartilhando um pacote de doces.

— Elena! Elena! — Eles se juntaram ao redor dela, no instante que seu pé atingiu a rua.

Ela os deixou mostrar seu mercado, e ela ouviu e observou.

E aprendeu que, embora anjos *não* vivessem na cidade, todo mundo aqui estava aterrorizada com eles, mas sob o medo queimava um ódio frio. Ela foi isolada disso por causa da adoção entusiástica dos meninos dela, mas pegou dicas perigosas nos olhos que a olhavam e que se transformavam quando achavam que ela não estava olhando, viu nos trejeitos de inúmeros pares de lábios, sentiu-o na maneira sutil como a evitavam, seus ombros rígidos e suas mãos apertadas. Não foi difícil perceber tudo isto.

Arcanjo, pode me ouvir?

Sua resposta foi adiada por cerca de dois segundos.

Claro, hbeebti. Estou discutindo com Astaad, ele está começando a ser influenciado por argumentos de Charisemnon.

Elena tomou uma decisão rápida.

Isto não é urgente. Faça o que tem a fazer, falaremos sobre isto esta noite.

Um beijo do mar tumultuoso em sua mente quando Raphael recuou, ondas ondulantes de sensação deixaram seu rastro quando a quantidade mínima de fogo que vivia em seu sangue reagiu à sua voz.

— Uau. — O sussurro e os olhos arregalados de Riad a fizeram inclinar a cabeça numa pergunta silenciosa.

— Seus olhos apenas — uma pausa frustrada, um debate com seus amigos — se incendiaram — ele finalmente disse. — Fogo branco em torno do centro preto. — Ele abriu os dedos para fora numa explosão e depois os fechou. — Fogo branco e, em seguida, nenhum fogo branco.

Grande, seus olhos estavam agindo de forma ainda estranha.

Ela viu Xander ao mesmo tempo que este pensamento passou por sua mente; ele estava caminhando na sua direção com Valerius ao seu lado. Enquanto o rosto de Valério estava neutro, a angústia de Xander era óbvia. Ele tentava escondê-la, mas era jovem, e ela suspeitava que o que o pôs fora de si estava totalmente fora da sua experiência.

Indo para ele, ela disse aos seus cinco guias adolescentes para virem junto com ela. Eles a acompanharam, mas ficaram em segurança atrás dela, seus rostos cautelosos uma vez mais.

— Xander, — disse ela. — Gostaria que conhecesse meus acompanhantes. — Então ela apresentou cada menino pelo nome.

O rosto de Xander brilhava com uma luz interior, a angústia desaparecendo.

— Sou Xander, — disse ele, com uma pequena inclinação de sua cabeça. — Meu avô é Alexander.

Suspiros passaram de menino para menino, deixando claro que todos sabiam a lenda do Arcanjo com asas de prata que se levantou de um longo sono. No entanto, em contraste com sua tagarelice sem parar com ela, e embora fosse óbvio que tinham mil perguntas para Xander, os meninos não disseram nada.

— Xander é apenas um pouco mais velho que vocês — disse ela num esforço para “humanizar” o macho angélico jovem. — Em termos humanos, ele é um jovem.

— Cerca de vinte anos, talvez vinte e um num dia muito maduro, — Valerius inesperadamente disse.

— Sim — disse Xander. — Estou em treinamento. — Ele piscou, fora da vista de Valerius. — E porque meu pai era um grande general — um gole rápido, um engate em sua respiração — e meu avô é Alexander, não posso perder uma única sessão sem ser chamado no tapete.

Um conjunto experimental de sorrisos dos adolescentes humanos, antes de um se atrever a perguntar que tipo de formação Xander estava fazendo. Ele imediatamente começou a dizer-lhes sobre treinos de besta e manobras aéreas. Dez minutos mais tarde, Elena deixou-o feliz e cercado por adolescentes fascinados, e sendo bombardeado por perguntas de todos os lados, e veio para se juntar a Valerius, que estava a uma curta distância.

— Ele é um jovem crescendo em sua força e por isso, em breve, será considerado um verdadeiro adulto, mas encontrou-se perdido hoje, ele não está acostumado a ser olhado com ódio e medo, — disse Valerius sob sua respiração, uma raiva cantarolando nele que ela só sentiu agora que estava bem próxima dele. — Não depois de crescer no território de seu pai, sua formação com Titus, apenas para voltar à onda de amor e respeito comandada por seu avô.

Elena não estava familiarizada com a forma como o pai de Xander tinha tratado as pessoas na sua região, mas sabia que Titus era amado. Não apenas pelas mulheres que levava para sua cama, mas por todo seu povo - mortais e imortais. Elena podia muito bem entender o porquê. O grande guerreiro Arcanjo era uma de suas pessoas favoritas no Cadre. Ele acreditava na honra ao nível mais profundo.

— Titus nunca prejudica os fracos, não considera isso honrado.

— Sim, e esta lição Xander aprendeu com os três homens decisivos em sua vida. Eu, também, procuro mostrar-lhe o mesmo. — O tom de Valerius continha um profundo orgulho, mas a raiva permanecia. — Como tal, nunca foi confrontado com medo nos olhos de uma criança, ou viu uma mulher perder toda a cor quando ele sorriu para ela. Como a maioria dos filhotes, está mais acostumado a sorrisos e flerte em troca. — Uma exalação forte. — Esta cidade...

— Sim, — Elena disse, apesar dele não ter terminado a sua frase.

Juntos, os dois ficaram vigiando Xander. Valerius não perdeu nada. Nem Elena. Então ela notou que, ao seu redor, o ódio foi se transformando em confusão quando os meninos conversaram com Xander, enquanto ela e Valério estavam nas proximidades, mas não interferiam.

Quando Xander tirou a espada curta que usava na cintura, horror rastejou de volta para aqueles rostos com a rapidez de uma estocada sangrenta... apenas para desaparecer na confusão aberta quando deu a espada para os adolescentes assombrados manusearem, mesmo indo tão longe como mostrar-lhes a maneira correta de segurá-la.

Em seguida, uma menina, talvez com três anos de idade, vestida com um vestido laranja avermelhado, bordado com fios finos de ouro, seu cabelo preto limpo em duas tranças e seus pés em bonitos chinelos dourados, escapou de sua mãe para correr direto para Elena e pegar a ponta de sua asa.

Elena pegou o olhar de terror primitivo no rosto da mãe, quando ela se abaixou para pegar a menina.

— O que está fazendo, *azeeztee*? — Ela disse num tom de repreensão que ela totalmente estragou com seu sorriso. — Sua mãe está preocupada.

Indo para aquela mulher pálida para aliviar sua preocupação, Elena piscou em choque quando a mulher, que teria talvez seus vinte e tantos anos, caiu de joelhos e, de cabeça baixa, começou a falar muito rápido. Elena não podia entendê-la, reagiu por instinto, deixando-se cair num joelho, suas asas se espalhando sobre a terra atrás dela.

— Aqui — ela disse, estendendo a criança. — Ela está segura.

A mulher pegou a filha, beijando seu rosto uma e outra vez, enquanto as lágrimas desciam por suas próprias bochechas. A criança choramingou, assustada pelo medo de sua mãe. Mais uma vez, Elena não pensou - ela reagiu. Alcançando uma pena que podia sentir que estava prestes a se soltar de qualquer maneira, ela puxou-a e estendeu-a.

Aconteceu de ser uma das brilhantes penas pálidas perto da beira de suas asas, a cor mais frequentemente descrita como o amanhecer.

— Aqui, *azeeztee*.

A mãe congelou novamente, mas a criança deu um sorriso vacilante e fechou os dedos minúsculos suavemente em torno da pena.

— *Shokran*. — Foi um sussurro tímido.

Elena sorriu.

— Não tem que agradecer. — Levantando-se, ela estendeu a mão para a mãe.

A mulher permaneceu perturbada, mas pegou a mão de Elena com uma mão instável e permitiu que Elena a ajudasse a erguer-se. Então, engolindo, encontrou o olhar de Elena e disse algo em sua língua nativa.

Gesticulando para ela esperar, Elena olhou por cima do ombro para ver Xander e os adolescentes congelados no lugar, sua atenção sobre o pequeno drama.

— Riad! — Ela gritou. — Preciso de um tradutor.

O adolescente veio rapidamente, uma vermelhidão nas bochechas que denotava o medo que sentia apenas momentos antes.

— O que quer dela?

Quer dela.

Mais uma vez, uma construção de frase muito reveladora.

— Nada, — disse Elena. — Ela falou algo para mim. Não entendo.

Riad falou. A mulher respondeu.

— Primeiro ela diz obrigada por não ferir seu bebê. — Uma pausa. — Então, diz por que você usa esta palavra, *azeeztee*?

Respeito floresceu dentro de Elena pela mulher na frente dela; estava apavorada, ainda estava com medo, mas estava fazendo uma pergunta.

— Minha mãe costumava usá-la comigo e minhas irmãs, — ela disse, com voz cada vez mais espessa pela memória das mãos macias de sua mãe e seus olhos brilhantes, a maneira como Marguerite falava com um sotaque todo dela.

Olhando para longe, ela respirou fundo, enquanto Riad traduzia.

Quando ela olhou para a mulher, seus olhos escuros estavam suaves com entendimento, as palavras que ela falou tão suaves. Riad respirou fundo, mas ele traduziu.

— Ela diz que quando se tornou de Raphael e viu imagens, sua avó lhe disse que você — Uma carranca profunda, um estalo súbito de seus dedos. — Que você

trouxe a memória de uma mulher que viveu uma vez aqui. Você entende? Esta é a palavra certa?

Garganta seca, ela balançou a cabeça.

— Qual era seu nome? — Perguntou ela não a Riad, mas a mulher que ainda segurava sua filha nos braços, a menina acariciando seu dedo sobre a pena de Elena.

Olhos escuros encontraram os seus.

— Majda, — disse ela, e o coração de Elena voltou a trovejar.



Capítulo 27

— Quase cabelos brancos e com esta pele, mas mais escura. — Riad apontou para seu próprio braço, sua voz penetrando a cacofonia dentro de seu crânio. — A família tinha cabelo claro muitas vezes em filhas, mas ela diz que Majda foi a primeira filha com o cabelo tão claro. — Apontando para Elena neste momento. — Mas seu pai sabia que Majda era sua filha. Ela tinha uma marca aqui. — Apertando a mão à esquerda do seu abdômen. — Como o pai.

Elena mal podia respirar, sua mente cheia com um dia no passado, há muito tempo atrás, quando ela viu a mãe a vestir-se para uma noite fora com o pai.

— *Maman*, por que você tem um mapa em sua pele?

Riso.

— É um mapa do tesouro, é claro, *chérie*.

A marca de nascença no mesmo exato lugar que o indicado por esta mulher.

— Há quanto tempo? — Perguntou à mulher na frente dela, uma mulher que não era tão distante dela em anos. — A Majda tinha a idade da sua avó?

Um aceno de cabeça após Riad ter traduzido... e Elena sabia que Majda deve ter sido sua avó. Ela seria cautelosa, iria investigar tudo, mas havia muitas peças que se encaixavam para que fosse de outra forma. A idade de Majda. Suas origens marroquinas. Sua cor incomum.

— O que aconteceu com ela?

A resposta deixou Riad carrancudo. A outra mulher falou outras palavras, seu tom agudo. Revirando os olhos, o adolescente disse:

— Ela diz que isso não é para meus ouvidos. — Seu tom deixou claro o que pensava disso. — Ela vai dizer a você, e você deve perguntar a um adulto de sua escolha o que ela quis dizer.

— Entendo. Vá falar com Xander novamente. Acho que ele está entediado com todos os adultos em Lumia. — Ela usou deliberadamente o nome da fortaleza Luminata e ficou vendo a resposta dele, viu o medo feio que sufocou Riad antes de se virar e correr de volta para os outros.

Deslocando sua atenção para a mulher que tinha confirmado a residência de Majda aqui, Elena concordou. E a mulher começou a falar.

Obrigado, Jessamy, pensou Elena, quando ela memorizou as palavras sem compreendê-las. A memória de Elena sempre foi boa, mas foi a historiadora angélica que tinha ensinado seus truques de memória com o intuito de ajudá-la a absorver e recordar as vastas quantidades de dados políticos e etiqueta que ela deveria saber como consorte de Raphael. Como se tivesse conseguido uma droga de download no cérebro no instante que ela se apaixonou pelo Arcanjo.

— *Shokran*, — disse ela depois.

Sorrindo abertamente agora, a mulher virou-se para pressionar um beijo na bochecha de sua filha, seu tom repreendendo quando falou. A menina riu e acenou com a pena com prazer. Ela fez Elena pensar em Zoe; afeto em seu coração, ela pegou mais algumas penas soltas.

Inesperadamente, Valerius veio para se juntar a ela, entregou-lhe um número de suas penas, antes de se afastar em silêncio.

— Aqui, — disse Elena, dando todas as penas para a mulher. — Para as crianças. — Ela indicou as crianças de olhos arregalados que se escondiam atrás das pernas dos pais a alguns metros de distância.

Seu sorriso impossivelmente mais profundo, a outra mulher moveu-se para entregar os tesouros. Os adultos permaneceram em silêncio, pelo menos até Elena ficar de costas para eles. Então, começaram a sussurrar tão furiosamente que ela sabia que foram fazer perguntas à mulher que falou com ela.

Luz brilhou no alto do céu no segundo seguinte, tão brilhante que Elena a pegou com a visão periférica.

Adivinhando o que estava prestes a acontecer, andou rapidamente para uma seção relativamente deserta perto da árvore. Aodhan pousou dois segundos mais tarde, com espaço suficiente em torno dele, assim não foi forçado a contato físico indesejado.

— Um grande esquadrão está vindo para cá. Os uniformes são cinza escuro com marcas vermelhas.

As cores do Lijuan.

— Valerius! Xander! — Ela apontou para cima.

Para seu crédito, eles não a questionaram, só recuaram, abriram suas asas, e decolaram. Elena cerrou os dentes e fez uma decolagem vertical, Aodhan bem atrás dela. Os outros de seu grupo devem ter visto os quatro, porque subiram no ar não muito tempo depois, Magnus afastando-se em seu gananhão abaixo deles.

Não demorou muito para que todos descobrissem porque estavam no ar.

A esquadra de Lijuan era uma mancha crescente no horizonte.

Elena, estou a caminho.

A voz de Rafael, o escuro mar e tempestuoso.

Estou muito contente de ouvir isso, Arcanjo.

Porque se esse esquadrão estava escondendo Lijuan no meio dele, todos iam estar em muitos, muitos problemas.

* * *

Raphael tinha terminado a reunião no instante em que recebeu a mensagem de Aodhan. Por uma vez, ninguém argumentou, todo o Cadre levantando em uma corrida de poder violento que teve os Luminata olhando para eles.

Raphael não se preocupou em dizer aos da seita o que estava acontecendo - se Lijuan vinha por aí, todo mundo iria saber em breve. Ele voou a uma velocidade arcangélica, localizando Elena em poucos minutos. Ela e Aodhan estavam no meio do grupo indo em direção a Lumia, Xander e Valerius liderando.

Vá para trás de nós.

Raphael.

Eu sei. Que ela nunca o deixaria entrar em guerra contra Lijuan sozinho. *Preciso de você segura até que eu saiba se é Lijuan que estamos enfrentando. E o Arcanjo da morte não é a única ameaça no ar.* Seria fácil para um dos outros Arcanjos “acidentalmente” enviar Elena caindo do céu.

Merda, sim, eu entendo. Ela e Aodhan desceram em preparação para a passagem sob o Cadre.

Xander e Valerius desceram um segundo mais tarde, com os outros seguindo como dominó. As duas partes passaram uns aos outros um minuto depois, indo em direções opostas. Mas Raphael sabia que Elena e Aodhan estariam voltando-se para ficar na cauda do Cadre. Não só porque eram teimosos e leais, mas por causa de uma verdade que ninguém mais no Cadre poderia saber: que o poder de Raphael de ferir Lijuan estava enraizado na forma como Elena o fez “um pouco mortal”.

Ele carregava um pedaço da sua caçadora em seu sangue. E, enquanto o seu fogo era muito poderoso para viver em Elena, toques dele queimavam através do sangue dela, mesmo assim. Era uma criação da vida e sua caçadora queimava de um modo muito brilhante.

Elena, Aodhan, digam-me se os membros do Cadre atrás de mim fizeram movimentos inesperados.

Entendi.

Sire.

O esquadrão de proteção dos Luminata tinha subido para o ar à frente deles, e agora descia, tão de repente, que Raphael soube que um dos outros Arcanjos

ordenou sua descida. O líder do esquadrão tinha cérebro, pois obedeceu tão rápido e eficientemente; ele levou seu esquadrão abaixo, mas manteve-o em formação de batalha, pronto num caminho de vôo baixo à esquerda do Cadre.

À frente deles, a esquadra de Lijuan fez uma jogada inesperada: começaram a descer lentamente, de uma forma que telegrafou sua intenção de fazer uma aterragem. O esquadrão Luminata voou para a frente e pousou atrás deles, perto o suficiente para ser uma ameaça, longe o suficiente para não pisar no pé do Cadre.

Raphael e os outros Arcanjos esperaram até que toda a esquadra de Lijuan estar abaixo antes de aterrarem. Não foi planejado, mas acabaram numa linha perfeita, direta em toda a extensão. De alguma forma, Raphael acabou no centro da linha, cara a cara com o líder do esquadrão.

— Você acompanha Lijuan? — Perguntou ao loiro de queixo quadrado, com olhos de cor azul.

— Não. Tenho uma mensagem de minha senhora. — Ele estendeu o envelope selado com ambas as mãos, formal e prático.

Michaela, ao lado de Raphael, foi quem pegou o envelope.

— Foi preciso um esquadrão inteiro para entregar este envelope?

O líder do esquadrão não reagiu ao ácido na voz de Michaela.

— Tivemos que ter a certeza que os guarda dos Luminata nos permitiriam o acesso ao Cadre. Nossas instruções eram para entregar a carta apenas para os Arcanjos como um grupo.

Isso fazia algum sentido. Claro, também fazia sentido que Lijuan estivesse em sua forma não corpórea e a tarefa do esquadrão fosse distraí-los enquanto a Arcanjo da China preparava-se para atacar. Em seguida, o líder do esquadrão curvou-se a partir da cintura.

— Minhas instruções são para retornar assim que tiver completado minha tarefa.

— Suponho que nenhum de nós deseja atrasá-lo? — Neha disse friamente, antes de concordar com o líder do esquadrão, que havia subido de volta à sua altura máxima. — Você executou sua tarefa como solicitado. Boa jornada.

O loiro pareceu descer uma fração.

— Agradeço-lhe, Senhora Neha.

Ele falou um comando em chinês mandarim e o esquadrão decolou como um só. O esquadrão Luminata seguiu-os para fora, mas Raphael sabia que iam parar na fronteira para Lumia.

Aodhan.

Eu trato disso, Sire.

Alexander, Mãe, podem dispensar seus acompanhantes para se juntarem a Aodhan?

Ambos responderam que sim e Tasha e Valerius foram com Aodhan, prontos para rastrear as pessoas de Lijuan longe o suficiente para que não pudessem voltar atrás num ataque surpresa.

Sozinho no campo de grama dourada, com os outros do Cadre em torno dele, Raphael tocou a mente de sua consorte.

Alguma ideia, Caçadora da Sociedade?

Lijuan está jogando, foi a resposta sombria. Ou Xi a está protegendo, esperando para dar-lhe tempo suficiente para terminar tudo que ela está tramando.

Sim.

Ele viu Michaela dar a carta para Caliane.

— Acho que de todos nós, — a Arcanjo de olhos verdes disse, — você é a pessoa menos provável de ser acusada de adulteração na viagem de volta para a câmara de reunião.

Caliane tomou a carta, mas não espalhou suas asas.

— Não há necessidade de qualquer acusação. Vamos lê-la aqui. — Com isso, quebrou o selo do envelope, e o Cadre se reuniu num círculo, perto o suficiente para ouvir, mas não perto o suficiente para que suas asas se amontoassem.

Raphael encontrou-se do lado oposto do círculo, em frente de sua mãe.

— Para meus companheiros Arcanjos, — ela leu em sua cristalina voz — eu escrevo isto sabendo que vocês se encontram em Lumia. Não há necessidade. Estou plenamente capaz e sou responsável pelo meu território. Como uma deusa, não aceito a autoridade dos Luminata de me chamar à ordem, ninguém detém esse poder sobre mim.

Favashi falou na pausa que se fez, a voz inexpressiva, mas suas palavras como uma lâmina afiada.

— Bem, parece como Zhou Lijuan em qualquer caso.

— Xi a conhece há um longo tempo, — Astaad apontou, porque com todos os seus pontos de vista tradicionalistas, respeitando o território de um companheiro Arcanjo mesmo com sede de sangue lambendo as bordas, ele era do Cadre há mais de dois mil anos. Ele entendia a política.

— Devo continuar? — Perguntou Caliane. — Acho que todos podemos adivinhar o resto.

— Ela pode surpreender-nos ainda. — O tom mordaz de Michaela.

— Verdade. — Com essa única palavra que não dizia nada, mas que queria dizer muito, Caliane continuou a ler a missiva. — Não tenho necessidade de provar minha existência. Ela vive na beleza forte e ordenada do meu território. Vou sair quando eu quiser. Até então, vocês devem retornar aos seus próprios territórios. Eles estão vulneráveis sem vocês.

A ameaça não poderia ser muito mais clara.

— Apesar de seus delírios de divindade, ela assinou 'Zhou Lijuan, Arcanjo da China — disse Caliane. — Presumo que a historiadora será capaz de verificar a veracidade da assinatura?

— Isso não importa, não é? — Disse Elijah com a calma pela qual era conhecido. — Nada na referida carta diz que foi escrita ontem, ou há um mês, ou até um ano atrás.

— Ela sabe que estamos em Lumia, — Charisemnon apontou, com os braços cruzados no peito.

Foi Neha quem respondeu.

— Um palpite fácil se estava se preparando para isto com antecedência.

— E — Favashi acrescentou — não sabemos quantas cartas diferentes ela escreveu e entregou a Xi. Ela poderia muito bem ter escrito uma para ser enviada, caso o Cadre decidisse reunir-se sem nenhuma interferência dos Luminata.

— Ou, — Charisemnon disse, sua mandíbula projetando-se para a frente, — a carta poderia ser legítima e estamos perdendo nosso tempo aqui.

— Nunca deixa de repetir-se? — Alexander soou tão pomposamente antigo quanto qualquer um poderia esperar, exceto aqueles que o conheciam. Passaram muitos séculos desde que Alexander foi dormir, mas Raphael conhecia o Arcanjo da Pérsia por toda a sua vida antes disso. Como resultado, onde outros podiam ouvir pomposo, Raphael ouviu o agravamento e um temperamento perto da borda.

Charisemnon mexeu os ombros, trocando olhares com o antigo.

— Cuidado com quem zomba, velho.

Alexander riu, sua diversão parecendo genuína.

— Ah, a arrogância da juventude. — Ele balançou a cabeça, um homem bonito com cabelo e asas de prata que não iria parecer, de nenhuma forma, antigo por incontáveis milênios, se alguma vez fosse parecer ancião.

Na verdade, Raphael nunca viu qualquer anjo adulto que mostrasse sinais da idade visíveis, uma vez que tivessem atingido seu auge, em termos de aparência física. Foi teorizado que envelheciam, de fato, depois de um certo ponto, mas de modo muito lento que era praticamente invisível. A outra teoria era que atingiam seu auge e ficavam nesse estado. Raphael tendia a acreditar mais na primeira teoria, porque viu em si mesmo mudanças. Ninguém notaria... exceto uma consorte com olhos de águia.

Elena tinha certeza de que ele ainda não tinha atingido seu auge.

— Alexander o chama de filhote e acho que ele está certo, pelo menos em termos da sua imortalidade. Você ainda está amadurecendo e tornando-se incrivelmente mais bonito a cada dia que passa.

Segurando um sorriso na memória de seu brilho quando ela disse isso, Raphael olhou para Titus, que estava extraordinariamente tranquilo. A testa do guerreiro Arcanjo tinha duas ranhuras verticais profundas, sua atenção no horizonte distante, onde a esquadra tinha desaparecido. Mas, então, ele deu um aceno de cabeça como se tivesse chegado a uma decisão e disse:

— Chega de debate. Poderíamos ficar aqui durante todo o ano. — Sua voz explodiu. — Só há uma maneira de decidir isto e é ir para a China.

Várias cabeças assentiram, mas foi Elijah quem falou.

— Se Lijuan ainda está acordada e sob controle, vai ficar furiosa com nossa intrusão e vai subir para nos enfrentar.

— Então, podemos ir todos para casa. — As palavras duras de Michaela foram ditas com impaciência, suas asas um pouco demasiado apertadas junto ao seu corpo e os braços cruzados tão agressivamente como os de Charisemnon.

Ela esteve pressionando por um fim para esta reunião desde o início. Nada incomum nisso exceto que os outros Arcanjos normalmente gostavam de política e podiam criar situações para sua própria diversão. No entanto, agora, ela queria voltar ao seu território o mais rápido possível.

Por uma criança?

Ou havia algo mais perigoso acontecendo?

Porque era igualmente possível que a contaminação tóxica que sofreu nas mãos de Uram tivesse ficado ativa. Talvez ela soubesse que iria revelar seu estado instável se ficasse muito perto do resto do Cadre.

— Precisamos chegar a uma decisão unânime, — insistiu Charisemond, uma luz dura nos seus olhos. — Essa é a lei.

— Não há nenhuma lei escrita, — Neha respondeu. — É por que nós normalmente decidimos por consenso. Neste caso, no entanto, com sede de sangue ameaçando consumir a China, temos de agir e agir rápido, mesmo que isso signifique maioria de votos.

— Não estou certo de que temos esse direito, — começou Astaad.

— Não tenho nada contra você, Astaad, — disse Neha, — mas suas terras estão a um oceano de distância, enquanto o meu território faz fronteira com o de Lijuan. Não posso e não vou esperar pelo resto de vocês quando meu território está em risco de um alastramento de sede de sangue. — Seu tom era da Rainha que era, de quem estava no poder há um milênio. — É uma questão de proteger meu território.

— Neha está certa. — O tom de Alexander disse que já tinha tomado uma decisão e estava pronto para agir. — O Cadre não tem o direito de interferir de forma decisiva. E, como o resultado de qualquer investigação afetará todos nós, temos de liderá-la.

— Então, ia me deixar no meu território, perto de meus exércitos? — O sorriso de Charisemnon era malicioso. — Eu acho que não.

— Se você ficar, — Titus disse com um sorriso sombrio de sua autoria, — eu fico. Isso, acredito que vai equilibrar as coisas e permitir que o resto do Cadre vá para a China.

Seu sorriso desapareceu, Charisemnon olhou para Titus com desagrado. Os dois estavam em desacordo por um longo tempo, sua moral e éticas claramente opostas. Raphael esteve sempre do lado de Titus, vendo nele o que um imortal devia ser, ao mesmo tempo em Charisemnon ele via o que um imortal poderia tornar-se se ele cedesse aos piores excessos da sua espécie.

— Um voto. — O sari de seda de Neha sussurrou enquanto ela falava, o Arcanjo da Índia hábil em voar com essa roupa e em aterrar tão elegante como quando partia. — Quem não deseja viajar para a China para confirmar, ou não, se Lijuan está presente em seu território?

Todos olharam para Charisemnon.

Com o rosto ficando vermelho e os punhos cerrados ao seu lado, ele não disse nada.

— Então, — disse Neha após um minuto, — estamos decididos. Iremos para a China.



Capítulo 28

— Vamos voando — Alexander disse. — Só o Cadre, ninguém mais.

Raphael franziu o cerro interiormente.

Certamente não pode esperar que Elijah e eu vamos deixar nossas consortes, disse ele mente a mente para Alexander. *Sei que não quer deixar Xander.*

Quando os outros começaram a falar em torno deles, Alexander respondeu no nível mental.

Tem-me sido dito — rápida olhada para Caliane — que eu posso estar prejudicando meu neto por tê-lo sempre ao meu lado. Olhos de prata olhando para os de Raphael. *Não me tornei um guerreiro dessa forma. Rohan não o fez. Você também não.*

Era uma argumentação indiscutível. Também assim era a de Raphael.

Há aqueles que iriam magoar os pedaços do nosso coração para chegar até nós.

Se nós os levarmos com a gente, isto vai levar muito mais tempo. Eles não podem igualar nossa velocidade e resistência.

Tendo mantido uma orelha sobre a discussão audível, Raphael falou para apoiar Elijah.

— Os Luminata podem ter uma reputação de ser dignos de confiança, — disse ele, — mas não são meu povo, e agora que tenho andado pelos corredores de Lumia, não tenho tanta certeza da clareza de sua busca. Pedir-me para deixar minha consorte aqui é um exercício de futilidade.

— Posso entender isso. — As palavras de Favashi foram tranquilas, pesadas com emoção. — Se eu tivesse um consorte, não iria deixá-lo em terras desconhecidas com uma seita desconhecida, também.

A outro Arcanjo deu uma excelente impressão de ainda estar de luto por Rohan, mas Raphael permaneceu cauteloso sobre a verdade de suas emoções. Favashi parecia ser um dos membros mais suaves do grupo, mas não tinha sobrevivido tanto tempo se não fosse uma operadora de olhos claros e mente afiada.

— Sugiro um compromisso. — O tom de Astaad foi de apaziguamento. — A tarde já vai adiantada, já é tarde. Partimos amanhã ao meio-dia para a China, enquanto consortes e outros acompanhantes deixarão os nossos territórios e casas de madrugada, nos dando tempo para voar com eles uma boa distância antes de retornar à Lumia para a viagem à China.

Parecia a solução mais viável. Raphael poderia informar Elena do plano nesse tempo e Elijah podia voar com Hannah para fora de Marrocos, a consorte de Elijah já tinha idade suficiente para fazer a viagem para casa na asa, voando. Embora ela não fosse ter uma escolta, uma vez que Cristiano era um vampiro.

Eli, se preferir que Hannah não volte para casa sozinha, ela é bem-vinda para se juntar a Elena no jato.

Obrigado, meu amigo, mas há um avião esperando por ela, também, Cristiano o trouxe, enquanto viemos voando. Se vai voltar sem mim, vou pedir que ela vá com Cris para salvar meu coração da preocupação. Um pequeno sorriso. *Hannah prefere o céu aberto sempre que possível.*

Raphael sabia que em duas ou três centenas de anos, ele teria a mesma resposta quando se tratasse de Elena; a caçadora gostava de voar, era contida apenas por sua resistência limitada e força.

— Não tenho nada contra a sugestão de Astaad, — disse ele quando foi sua vez de falar com o Cadre sobre a proposta.

Ninguém mais hesitou, tampouco.

— Sinto muito, *hbeebti*, — Disse Raphael à Elena depois do Cadre subir no ar e ele afastar-se para voar asa a asa com ela. — Parece que você não terá o tempo em Lumia como esperávamos. — Disse-lhe da decisão do Cadre.

O rosto dela entristeceu, os dois perto o suficiente para que ele pudesse ver todas as nuances de suas feições.

— Droga. Mas percebo, uma possível onda de vampiros cheios de sede de sangue supera minha curiosidade sobre minha história familiar. — Ela colocou de volta uma mecha de cabelo quase-branco que tinha escapado da torção na qual usava o cabelo. — Vamos esperar por Aodhan?

Raphael considerou, e assentiu.

— Sim. Não quero você sozinha no caso de um dos Cadre marcar outra reunião depois de chegar a Lumia.

Aterrando entre as flores silvestres depois de descer num vento suave, Elena dobrou atrás suas asas como ele também fez.

— Descobri algo perturbador hoje.

Ele ouviu quando ela contou sobre a falta de anjos no município mais próximo, do medo e do ódio que vislumbrou nos olhos da população e do fato de que Majda provinha, de fato, daquela cidade.

Intrigado por este último fato, mas profundamente perturbado com seu relatório sobre os habitantes da cidade, Raphael disse:

— Viu muitos vampiros? — Como caçadora nata, ela os podia cheirar, mesmo que eles escondessem suas presas.

Elena piscou.

— Não, — ela disse, depois de um tempo. — Na verdade, todo o tempo que estive lá, não cheirei um único vampiro.

Ela olhou para ele.

— Raphael, isso é mais do que estranho. Numa cidade desse tamanho, deveria ter cheirado, pelo menos, alguns no mercado.

Cruzando os braços, ela fez uma careta para as flores silvestres inofensivas em torno deles, as cores rosa suave, branco, e um amarelo brilhante e forte.

— Cidades somente com mortais são praticamente um mito, exceto quando as pessoas criam seus próprios compostos e se afastam dos outros e mesmo assim duram apenas uma geração na melhor das hipóteses. Alguém na família *sempre* acaba querendo pegar a quase-imortalidade do vampirismo.

— Um fato irrefutável comprovado por toda a eternidade. — O que significava que havia uma razão para ambos, os anjos e vampiros, estarem afastados daquele município. — Deixe-me ver se Aodhan ouviu alguma coisa. — Ele chegou facilmente até o membro de seus Sete que ainda estava indo para longe de Lumia.

A resposta de Aodhan fez-lhe levantar uma sobrancelha.

— Ele não sabe nada sobre a razão pela qual não há vampiros na cidade, mas de acordo com o que soube com Remus, é possível os anjos não irem lá por respeito pelos Luminata.

Os lábios de Elena ficaram pressionados numa linha fina.

— Acho que posso entender isso, dada a reputação que esses caras têm em círculos angelicais. Mas não lhe parece que estão lhes dando seu próprio pequeno feudo?

Sim, ele pensou nisso.

— Acho que preciso visitar a cidade por mim mesmo. — Ele queria ver, em primeira mão, exatamente o que os Luminata vinham fazendo depois de se libertar de toda a supervisão do Cadre. — Tem de ser hoje. Só teremos uma segunda chance após a ameaça de guerra desaparecer no horizonte.

Estremecendo, Elena levantou uma mão para apertar o ombro oposto.

— Não tenho certeza se posso voltar com você imediatamente. Já passei um tempo significativo no ar hoje e fiz duas decolagens verticais.

Não há muito tempo, sua consorte não teria admitido o estresse sobre suas asas, considerando-a uma fraqueza. E não há muito tempo, ele teria desafiado sua decisão em vez de perguntar em seguida.

— As decolagens foram necessárias?

— Sim. — A resposta sombria. — Quero que os Luminata e todos os outros pensem duas vezes antes de acreditar que podem me prender.

Agora que estavam em Lumia tempo suficiente para ter pego as correntes perturbadoras que existiam lá, Raphael apenas viu sensatez e praticidade implacável na sua decisão.

— Quão ruim é a tensão? — Ele estendeu a mão, não para a área afetada, mas um pouco para a esquerda, massageando a área delicadamente com os dedos.

Fechando os olhos, sua consorte soltou um suspiro de prazer.

— Nada rasgado, mas tenho a certeza que se eu fizer a viagem de volta para o município novamente, posso quebrar alguma coisa. — Uma pausa. — Mas você tem que ir, mesmo que eu não possa. Meu instinto diz que o está acontecendo lá tem laços com os Luminata como uma seita e é exatamente o quão longe o Cadre pode confiar neles.

— Preciso de seus contatos, Elena. A grande maioria dos mortais ficam aterrorizados por Arcanjos ao ponto de ficar mudos. — Ele sabia exatamente o que aconteceria se aterrasse na cidade sem sua consorte mortal — o medo iria sobrepor-se a qualquer outra resposta e ele não ganharia nada com essa visita.

— Deverei ser capaz de aliviar a pressão sobre suas asas. — Suas habilidades de cura permaneciam erráticas, mas ele aprendeu a acessar um determinado nível de energia baixo sempre que quisesse, que devia ser suficiente para resolver uma tensão menor.

Elena agarrou seu pulso, os dedos fortes e quentes.

— Depois de estarmos de volta em Lumia. Não quero você distraído aqui fora.

Uma vez que o esquadrão de Lijuan não era, de nenhuma maneira, a única ameaça possível com tantos do Cadre nas imediações, Raphael assentiu.

— Também vai precisar se reabastecer e descansar seu corpo um pouco. — Enquanto isso, ele iria manter um olho em seus padrões de vôo para se certificar de que ela não precisava de uma aterragem mais cedo.

As mãos enroladas no pulso dele, ela disse.

— Raphael, eu estive pensando... a maneira como a pintura de Nadiel foi deixada onde Caliane poderia ter visto isso, não pode ter sido um simples descuido.

— Acho que foi um jogo de poder para mim também. — E que o fez pensar que outras pequenas agressões que os Luminata fizeram contra o Cadre. — Se os Luminata tornaram-se tão arrogantes que desafiam Arcanjos, então se tornaram um perigo que precisa ser rapidamente eliminado.

A sobrevivência do mundo dependia dos Arcanjos sendo a autoridade final. O Cadre tinha que ser o medo além do medo. No instante em que alguém começasse a questionar isso, os vampiros e mortais podiam fazer o mesmo. O resultado final de qualquer insurgência era sempre o mesmo: a maré de horror e morte.

— Quando eu era menino, — disse a Elena, — um pequeno grupo de anjos poderosos, numa parte distante das terras de Caliane, criou uma rebelião. Não porque ela era uma má líder. — Sua mãe tinha sido sã então e amada pela maioria do seu povo. — Simplesmente acreditavam que eram muito velhos e muito experientes para estar sob o jugo de um Arcanjo.

Elena franziu a testa.

— A maioria dos Arcanjos parece deixar os anjos mais velhos praticamente sozinhos para manter um olho sobre as suas áreas de influência. Quero dizer, você não interfere com Nimra ou Nazarach quando se trata do dia-a-dia de suas regiões.

— Não era diferente então. — As flores silvestres balançavam ao vento, enquanto falava, roçando suas asas. — Mas os anjos se opuseram até mesmo ao fino fio que os ligava a Caliane.

— O que ela fez? — Cautela na expressão de Elena.

Ele não a culpou; sua mãe ganhou a reputação de fria e dura.

— Ela estava cansada de seu comportamento, por isso ela disse que eles eram livres para governar sua seção do território sem a sua supervisão.

— Tenho a sensação de que esta história não tem um final feliz.

— Os anjos se gabaram para quem quisesse ouvir que não se reportavam a nenhum Arcanjo. — Raphael podia lembrar-se dos sussurros no Refúgio, tinha tido conhecimento até mesmo como um menino da tensão que dominou os lábios de mais de um adulto. — Os vampiros ouviram que estavam sob o controle dos anjos, sem Arcanjo na mistura.

— Estamos falando de anjos tão fortes como Nimra e Nazarach? — Elena mudou suas posições para que pudesse tomar sua mão, puxá-lo em uma caminhada através das flores silvestres. — Esses dois são muito fortes, o suficiente para manter os vampiros na linha.

— Esses anjos eram ainda mais antigos e mais fortes. — Homens e mulheres arrogantes que foram usados para aterrorizar as pessoas diante deles. — Mas nós vivemos num mundo de predadores e presas, Elena. E, enquanto Arcanjos só podem ser mortos por outros Arcanjos, mesmo os anjos poderosos *podem* ser mortos por qualquer um.

Elena bufou.

— Se alguém tiver um tanque ou cinco, e uma chuva de fogo do inferno, e oh, talvez oito camadas de armadura.

— Verdade, mas vampiros desejosos de uma mudança não pensam com essa lógica. — Ele não estava falando sobre pessoas como Dmitri ou Cristiano, que geriam bem seu vampirismo e eram fortes, mas criaturas fracas de caráter e egoístas. — Tais mentes estão cegas pela fome até que vejam apenas a possibilidade de total liberdade para saciar-se sobre a presa fresca.

Olhos brilhando com o conhecimento de uma mulher que tinha sobrevivido a um monstro desses, Elena olhou para ele.

— Quantos morreram?

— Cinco mil mortais, quatrocentos e setenta e três vampiros, um anjo.

Seus dedos apertados nos dele.

— Um anjo?

— Um predador que ataca o rebanho vai para o elo mais fraco. Os vampiros assim agem semelhante a uma matilha de cães selvagens, caçam da mesma maneira primitiva, com o mesmo instinto.

— Neste caso, um número de violentos e *velhos* vampiros decidiu atacar um estudioso que tinha talvez seiscentos anos de idade. Ele não teve chance, foi cortado em pedaços na frente de sua casa. — Como Jessamy não teria nenhuma chance contra Dmitri — anjos não eram automaticamente mais fortes do que vampiros, um fato que a maioria dos mortais nunca entendeu.

— Jesus. — O rosto de Elena estava branco. — E uma vez que o primeiro limite é ultrapassado, não há como voltar atrás.

Ela percebeu a lição, o que queria dizer, a mente de sua consorte tão acentuada como as lâminas que ela usava com tanta graça letal.

— Você quer que eu termine a história?

Um aceno desajeitado.

— Os vampiros, em seguida, destruíram a pequena casa dos mortais protegida por esse anjo e outros vampiros. — Raphael tinha sido muito jovem para lhe permitirem estar em qualquer lugar perto da cena, mas ele ouviu adultos falando sobre pedaços de carne arremessados contra as paredes e penas sangrentas moídas no tapete, vapor que saía das pilhas de vísceras deixadas no tapete de boas vindas.

— Os vampiros deslocaram-se para seu próximo alvo logo depois, mas só depois de se gabarem desta matança para assim a notícia correr como um incêndio através da região.

Elena apenas balançou a cabeça, suas feições congeladas em linhas duras.

— O próximo alvo era mais forte que o esperado, matou os vampiros, mas o gênio estava fora da garrafa. Outros vampiros começaram a atacar anjos ao se alimentarem de mortais como se fossem descartáveis cabeças de gado, aldeias inteiras ficaram cheias de mortos. — Ele procurou e leu os registros históricos, quando estava mais velho, descobriu que os vampiros enlouquecidos tinham devastado todos em seu caminho.

Idosos com ossos frágeis haviam sido jogados contra as paredes, gargantas macias das crianças arrancadas, homens e mulheres jovens abusados vilmente enquanto que aqueles que iriam protegê-los foram assassinados de forma brutal.

— Os mortais pagaram o preço mais alto, mas os anjos que sobreviveram aos assaltos não ficaram incólumes: um número teve suas asas arrancadas, os vampiros aprenderam a fazer isso primeiro para manter seus alvos em terra.

Ele enfiou a mão pelo cabelo.

— Havia vampiros racionais, quase imortais, com vontade e controle sobre si mesmos, que tentaram deter a maré e que lutaram heroicamente para proteger os mortais em suas áreas. — Bons homens e mulheres que tinham caído em defesa dos

mais vulneráveis. — Mas a sede de sangue é infecciosa entre os jovens e os já predispostos à violência. E bastou saber que poderiam matar um anjo, foi o suficiente para tirar a coleira.

— Onde estavam os anjos reinantes em tudo isso? — A voz de sua consorte reverberou com raiva.

— Voando de cena em cena, ajudando anjos feridos, tratando da execução de vampiros. Mas até mesmo suas punições mais brutais não poderiam retardar o violento comportamento, muito menos levá-lo a um impasse. Nada fez isso, não até Caliane dizer que já bastava e intervir. Levou um único dia para trazer toda a região à ordem.

A resposta de Elena foi dura, com a compreensão cruel de um caçador.

— Porque nenhum vampiro pode jamais matar um Arcanjo.

— E vivemos num mundo de predadores e presas, — repetiu Raphael. — Remova o predador do topo da cadeia e tudo colapsa.

— Não é por acaso que os Luminas limpam os vampiros desta região.

— Não, parece ter sido uma estratégia para manter seu feudo, mas essa estratégia depende de um único fato frágil: a de que nenhuma horda assassina de vampiros vai pegar o vento de uma cidade inteira cheia de presas indefesas.



Capítulo 29

Aterrissando em Lumia cerca de quarenta e cinco minutos depois que os outros já tinham retornado, ele e Elena foram para sua suíte, enquanto Aodhan pedia para procurar um curador e artista chamado Laric, a quem os Luminata chamavam de Quietude por causa de sua falta de vontade de falar.

— De acordo com nossa fonte, ele não costuma estar fora a esta hora da tarde, — Aodhan disse-lhe. — Mas eu ainda gostaria de tentar fazer contato.

— Vá. Fale com ele, — disse Raphael, encarando o verde-azul gélido dos olhos de Aodhan enquanto os três estavam sozinhos no pátio. — Mas lembre-se, você encontrou sua voz. E essa voz é amada por mais de uma pessoa.

Um ligeiro aceno de cabeça.

— Não vou perder meu caminho, Sire. — Parando por um piscar de olhos, ele acrescentou: — Quero viver de uma forma que não vivi por duzentos anos. *Eu me mantive* numa gaiola e isso é uma verdade que devo aceitar e superar.

E Rafael percebeu que Aodhan queria ajudar Laric em vez de ser como ele.

— Estaremos em nosso quarto por uma hora, então vamos voltar para o município. É capaz de estar escuro quando voltarmos.

— Vou garantir que estarei presente para fornecer escolta.

Raphael tomou uma decisão precipitada.

— Não há necessidade. Fique aqui, — ordenou a este membro de seus Sete que era tão luminoso que, por vezes, cegava as pessoas com sua inteligência brutal. — Ouça. Aprenda.

— Sire.

Asas roçando Elena quando se separaram de Aodhan e começaram a caminhar na direção de sua suite, Raphael ficou surpreso ao ver um Luminata caminhando em direção a eles, que afastou seu capuz e sorriu para Elena de uma forma não-Luminata, algo na abertura de seu rosto fazendo Raphael pensar na mente da pura inocência de uma criança.

— Eu a encontrei Consorte! — Ele levantou um pedaço enrolado de papel antes de parecer se recompor e inclinar a cabeça respeitosamente para Raphael, o tom pálido de seus olhos brilhantes e o marrom escuro de sua pele corada. — Arcanjo.

— Raphael, — disse Elena com um sorriso, — este é Ibrahim. Ele prometeu que procuraria um mapa histórico de Lumia para mim. — Ela tocou com a mão o antebraço do macho esbelto num agradecimento silencioso que fez o sorriso de Ibrahim ainda mais incandescente.

— Ibrahim, — Raphael disse em saudação.

Por quê um mapa histórico?

Pegando o mapa de Ibrahim, Elena respondeu ao seu comentário mental, da mesma maneira.

Se os Luminata estão escondendo coisas, não acho que teríamos acesso a um mapa atual, mas podemos extrapolar a partir de um mais antigo.

Ou, Raphael apontou, dependendo da idade do mapa, podemos ver o que está faltando ou o que foi adicionado.

Os olhos de Elena brilharam com apreciação pela sua argumentação, antes de voltar sua atenção para o Luminata que continuava a brilhar com aquela pureza interior, de modo raro entre a seita.

— Você achou isto na Galeria?

Ibrahim negou com a cabeça.

— Existe uma sala velha e empoeirada onde — olhando em volta, ele abaixou a cabeça e baixou a voz. — onde os arquivistas encarregados dos itens da Galeria que estão danificados ou coisas que não são vistas como aptas para exibição colocam lá esse tipo de coisas. — Um estremecimento. — Nunca dizem aos artistas e não sei se isso é uma bondade, ou se é porque não querem gastar tempo e energia em restaurar itens que consideram inferiores.

Como ganhou a confiança deste Luminata tão rapidamente?

Era óbvio que Ibrahim estava lutando por ter compartilhado o que sabia, sua pesada expressão de culpa, mas tinha compartilhado mesmo assim.

Ibrahim é novo, Elena respondeu, e tenho a sensação de que está questionando sua vocação, agora que está aqui há algum tempo, cheirou a corrupção, mas está tendo dificuldades para chegar a um acordo com o fato de seus heróis terem pés de barro. Só lhe dei uma saída.

— Obrigado pela pesquisa, — disse ela ao Luminata, colocando a mão em seu antebraço novamente por um segundo, seu comportamento parecia quase protetor para Raphael. — Este mapa irá tornar muito mais fácil explorar a fortaleza. Não que eu tenha muito tempo.

— Não? — O rosto de Ibrahim ficou triste. — Está partindo?

— Amanhã, receio. — Ela estendeu o braço, oferecendo-o como os guerreiros faziam.

Ibrahim tomou a sua mão entre as dele, em vez disso, como um estudioso ou outro de uma vocação mais suave.

— Foi uma honra, Consorte. Espero que volte à Lumia um dia.

— Espero que sim, também. — Sorriso gentil, Elena segurou o mapa enrolado ao seu lado quando deixaram o Luminata para continuar a caminhada para seu quarto.

O colocando num pequeno conjunto de mesa decorativa comum, com mosaico de pedras semi-preciosas, uma vez que estavam dentro da suíte, ela virou-se para deslizar os braços em volta de sua cintura. Ele envolveu suas asas ao redor dela, por sua vez, criando um casulo que lhes dava privacidade, porque ele não confiava nestas paredes, e porque gostava de ter sua Elena tão perto.

Deslizando as mãos acima da cintura para suas asas, ele disse.

Onde dói mais?

Elena enumerou as áreas com o conhecimento pragmático de uma caçadora que via seu corpo como uma ferramenta que tinha que manter em condições de luta. Absorvendo a informação, ele estendeu as mãos ao longo das duas partes das asas de Elena e estendeu a mão para a energia dentro dele que era a vida. Suas mãos brilharam com um ligeiro fogo azul que estava escondido por suas asas.

Suspirando quando a energia afundou dentro dela, Elena descansou a cabeça contra seu peito, movendo-se até estar sobre seu batimento cardíaco, como se estivesse o ouvindo.

— Mesmo que fique frustrada por termos que sair amanhã, estou feliz também. Realmente não gosto deste lugar, — ela murmurou num tom que era suave, privado. — Não sei porquê, mas...

— Sinto isso, também. — Enquanto o calor dela contra ele acalmava seus impulsos de proteção, sua pele continuou a formigar com a consciência de uma sutil maldade. — Falei com minha mãe quando estávamos voando de volta. Ela diz que, no passado, os Luminata tinham guardas de fronteira vampiros também. O complemento nunca foi unicamente angélico.

— A mudança se encaixa com o que estávamos falando antes, não é? — Elena manteve a cabeça contra seu peito enquanto ele movia suas mãos em diferentes partes das asas, aliviando a tensão e curando os músculos que poderiam ter micro rupturas. — Somente... vampiros, dado que essa posição seria bastante sólida, não são do tipo de ficar perturbados mesmo que descobrissem que os Luminata estavam governando sua própria pequena colônia mortal.

Era uma excelente visão das coisas.

Outra vez ela falou:

— Talvez seja porque, enquanto anjos parecem reverenciar os Luminata o suficiente para que mesmo o Cadre os deixe sozinhos por um longo tempo, os vampiros seriam mais espertos e veriam as coisas como são.

— Especialmente, — Raphael murmurou, — vampiros com idade para serem colocados aqui. É uma região muito calma para enviar experientes guerreiros, iriam considerar isso um castigo. Sei que Galen não quer enviar ninguém com mais de duzentos e cinquenta anos.

— É um lugar para ter um pouco de tempero e, em seguida, seguir em frente. — Elena assentiu. — Esses vampiros provavelmente não iriam ver os Luminata como nada além de um grupo de monges angelicais. Nenhuma reverência, sem olhar para o outro lado. — Ela começou a tocar os dedos até as superfícies internas das asas dele, a carícia íntima entre cônjuges. — Sinto-me de volta à normalidade nas minhas asas.

— Bom. — Dando-lhe um último impulso de energia de cura, ele inclinou a cabeça. Ela levantou a dela como se ele tivesse falado, o beijo que compartilharam uma escova macia que estava sobre a conexão, sobre ser um só neste lugar cheio de pessoas de fora, dos quais nem todos desejavam o bem. Raphael queria fazer muito mais com sua consorte, mas o tempo era seu inimigo hoje. — Não gosto de abstinência, — disse ele contra seus lábios.

Riso em seus olhos.

— As grandes mentes. — Ela passou as mãos pelo seu peito, suas calças de couro macio sob seu toque. — Vamos compensar isso quando estivermos de volta em casa.

O ouro escuro de sua pele esticada sobre as maçãs do rosto, o riso apagado entre um pulso e o próximo.

— Não quero que vá para a China.

— Eu devo.

— Eu sei. Não me faz mais feliz, isto tudo pode ser uma armadilha gigante.

— É possível, mas não acho que mesmo Lijuan seja delirante o suficiente para pegar dois antigos ao mesmo tempo, sem contar o resto do grupo.

— Uma vez que a Senhora Horripilante pensa que é uma deusa, esse fato reduz meus níveis de preocupação a um por cento, no máximo. — Ela tocou com os dedos a marca da Legião na têmpora dele, e onde seus dedos roçaram, um incêndio começou, como se atraído por ela. — Devemos olhar o mapa quando estivermos longe daqui? Posso levá-lo facilmente na mesma sacola das minhas setas de besta.

Raphael acenou com a cabeça, consciente da bainha que tinha uma capa que ela podia fechar para impedir que suas coisas caíssem durante o vôo. Isso iria proteger o mapa.

— Precisa de combustível, em primeiro lugar.

— Vou pegar um par de barras de energia. — Ela foi para seu saco de viagem e abriu um bolso interno para recuperar as barras. — Prefiro comprar alimentos do mercado. Ele vai nos dar uma desculpa para falar com as pessoas, também. E então não tenho que ir para o Átrio.

Pegando a barra, ela a jogou e Raphael mordeu.

* * *

Quando estavam prestes a sair, cinco minutos depois, Elena disse:

— Teria sido útil se eu pudesse ter uma tradução do que a mulher no mercado me disse. — As palavras claramente eram tão importantes e perigosas, que a mulher não queria que Riad as ouvisse.

— Suponho que não tem um contato local, que possa traduzir árabe marroquino, — disse ela em tom de brincadeira. — E oh, alguém que confia para dar-nos a tradução correta. — Este era o último fato que era fundamental, porque os Luminata, sem dúvida, falavam a língua local.

Os lábios de Rafael puxaram um pouco.

— Não vai gostar da resposta, *hbeebti*.

Surpresa com o comentário dele, ela abriu os lábios para pedir-lhe para explicar, então gemeu.

— Não diga nada.

— Temo que devo, Tasha passou muitos anos no Marrocos. Fala a língua perfeitamente.

Rangendo os dentes, Elena disse.

— Pode entrar em contato com sua mente para ter uma tradução? E oh, droga, vou ter de reprogramar minha caminhada com Caliane também, uma vez que não estarei de volta a tempo.

— Claro que posso entrar em contato com Tasha. Mas não vou.

— Está tudo bem. — Elena acenou com a mão. — Não vou fazer a coisa de amante ciumenta. Ela apenas me irrita porque é tão extremamente impressionante.

Raphael segurou seu queixo.

— Ela não é minha guerreira.

Espalhando suas asas, Elena pressionou a mão sobre o coração.

— Realmente posso lidar com isso, Arcanjo.

— Eu sei. Mas não iria jogar com o coração de Tasha, também. Alertá-la sobre a pintura seria uma cortesia que não poderia ser mal interpretada como algo mais pessoal. Isso pode atravessar uma linha fina de bom comportamento.

Elena, lembrando do que Aodhan disse sobre Tasha olhar para Raphael com os olhos de uma amante, assentiu. Se a outra mulher ainda tinha sentimentos por Raphael, não seria justo dar-lhe esperança que nunca poderia ser correspondida.

— Mas, — Raphael disse, — podemos ir ver minha mãe, falar com Tasha lá.

* * *

Raphael contactou Caliane quando ele e Elena deixaram a suite.

Mãe, Elena deve consultar Tasha em algo. Nós gostaríamos de vê-la num espaço aberto.

A resposta de sua mãe foi imediata, a pureza de sua voz era a música de sua infância.

Então sente os olhos neste lugar, também, meu filho, disse ela. Há um jardim que Tasha descobriu, pode nos encontrar lá.

Raphael obteve as instruções, disse à sua mãe que estavam indo.

Ele e Elena viram Gian não muito longe do jardim.

— Arcanjo, caçadora da Sociedade. — Um sorriso profundo, nem mesmo a menor inclinação de sua cabeça. — Posso oferecer qualquer tipo de assistência? Sei que Lumia pode ser um labirinto.

— Minha mãe diz que há um jardim perto, — respondeu ele, notando a insolência sutil de Gian e a condescendência disfarçada, enquanto deliberadamente subestimava sua capacidade de circular por Lumia. Ele tinha um poder incrível, mas a estratégia e inteligência ainda contavam em uma batalha.

Especialmente contra um inimigo que estava em sua casa.

O sorriso do outro homem pareceu genuíno, mas Gian estava vivo há muito tempo, dirigia uma seita secreta por centenas de anos. Uma seita que se destinava a alterar os líderes de cinco em cinco décadas. Nada no rosto de Gian poderia ser confiável.

— Sim — disse Gian, segurando o sorriso — é por este caminho. — O Luminata começou a levá-los lá, todo servil. — Será que aproveitou seu vôo para a cidade? — Ele perguntou a Elena.

— Bonito lugar.

Gian assentiu, expressão serena.

— Sim, ouvi dizer que é assim.

Como se ele nunca estivesse lá. Bobagem, se estava envolvido com Majda. A lâmina da voz de Elena na mente de Raphael. Ele mente ao respirar. Não posso acreditar que quase caí na dele.

Tocando a mão na parte inferior das suas costas, Raphael a acariciou delicadamente.

Ele teve um longo tempo para aperfeiçoar sua persona pública, hbeebti.

Me pergunto se ele enganou minha avó também.

Sem dúvida que a mulher em miniatura era do seu sangue.

Tendo visto a semelhança, Raphael teve que concordar com ela.

Talvez, Elena continuou, Majda acabou em Paris porque percebeu que era tarde demais. Mas quem foi o pai de minha mãe? Onde está o vampiro na árvore genealógica? Pode ter sido várias gerações atrás.

Ela era uma caçadora que pegou o cheiro. E era magnífica.

Enquanto sua consorte pensava na caça, o corredor abria para um pátio que tinha um jardim bem cuidado, as sebes tão bem cortadas, que era pura matemática.

É improvável, Raphael disse em resposta à sua suposição sobre seu antepassado vampírico. Ele teria que estar com menos de duzentos anos para ter desejado uma criança, mas enquanto era claramente forte, não sei de nenhum vampiro com essa idade que teria poder suficiente para o beijo de seu sangue durar para além de uma segunda geração.

— Muitos dos irmãos acham relaxante trabalhar neste jardim, — Gian disse ao mesmo tempo. — É um pouco demasiado calmo para mim, — um sorriso que tinha graça incorporada — mas todos nós encontramos caminhos diferentes para a luminescência.

Vendo as asas brancas de neve de Caliane do outro lado do jardim, e as de cobre de Tasha ao lado dela, Raphael disse:

— Parece que minha mãe chegou primeiro aqui.

— Obrigado por ser nosso guia.

Os olhos de Gian brilharam com as palavras de Elena.

— Espero que gostem da sua caminhada, — disse ele, mas estava olhando apenas para Elena. — O jardim é bonito ao pôr do sol.

Raphael passou a mão pela espinha da sua consorte depois de Gian desaparecer pelo corredor, gelo cobrindo suas palavras quando falou.

— Ele olha para você com olhos cobiçosos na minha frente. — A única razão pela qual Gian não estava morto no momento era porque tinha as respostas às perguntas de Elena.

Ela fechou a mão sobre a borda de sua asa, acariciou-a numa carícia firme.

— Não deixe ele te alcançar. Mesmo que tenhamos de voltar depois do mundo se acalmar, vamos expor todos os seus segredos.

Era uma promessa.

— Mãe. — Tendo alcançado Caliane, Raphael cumprimentou-a com um beijo na bochecha.

Sua mãe, seu cabelo uma queda de meia-noite por suas costas, e seu corpo vestido com um vestido fluído e leve branco tingido de leve de verde nas bordas, sorriu e passou o braço pelo dele, mas não antes de se virar para Elena e dizer.

— Posso roubar meu filho por alguns minutos, Consorte? Tenho saudades dele.

— Claro. — O tom de Elena era gentil de uma maneira que Raphael sabia que sua mãe não tinha percebido e, ele estava certo, nem se tinha apercebido a sua caçadora. Elena tinha um fraquinho por sua mãe agora, depois de se tornar claro o quanto Caliane lamentou o que fez a Raphael.

Não foi só isso, é claro.

Sua consorte faria qualquer coisa para ver sua mãe novamente, não poderia assim ter raiva de Caliane.

Knhebek, hbeebti.

A resposta de Elena foi um beijo contra sua mente antes dela ficar para trás com Tasha.



Capítulo 30

— Você já tinha visitado Lumia antes? — Ele perguntou à Caliane.

Balançando a cabeça, ela disse:

— Sim, várias vezes. Tinha um amigo que era Luminata há muito tempo, antes de você ser uma mancha no universo. — Um sorriso remoto, seu olhar cheio com eras de memória. — Era tão magro quanto uma cana e o engraçado era que o nome dele era Reed (Cana). Nós brincávamos com ele sobre isso, mas ele sempre teve esse sorriso. Essa paz interior.

— Depois ele se tornou Luminata?

Um aceno de cabeça de Caliane.

— Ele nasceu assim, eu acho. Como algumas crianças nascem com uma plácida natureza feliz. — Olhando de relance para Raphael, ela riu, ela deixou de ser uma antiga distante e era a mãe que já tinha beijado sua dor. — Você não era assim. Você tinha opiniões *muito* firmes e fortes para um bebê.

— Eu tinha dois Arcanjos como pais. — Rindo de novo, ela disse.

— Reed nasceu de dois estudiosos e era acadêmico por si mesmo. Não fiquei surpresa quando me disse que foi atraído para Lumia. — Ela ficou em silêncio por um tempo, como os anjos mais velhos eram capazes de fazer, suas memórias um emaranhado de meadas que tinham que desvendar. — Era o tipo de pessoa que deveria estar aqui. Parecia que tinha a capacidade de ver além do véu.

— Conheci pessoas assim na minha vida. — Ibrahim era um deles — um jovem, mas com um grau de pureza inacreditável. — Não parece que a maior parte do atual Luminata sejam seus amigos.

— Deveria saber que iria sentir isso também. Tão inteligente e perceptivo mesmo quando bebê. — Em sua voz de novo, seu sorriso um eco fantasmagórico da mulher que ela foi antes da indescritível tragédia e loucura. — Falando de Reed, acho que sinto falta dele. Ele tinha um senso de humor quente e tranquilo.

— Será que ele dorme?

— Não sei. — Tristeza coloriu suas feições. — Ele desapareceu dois milênios antes de seu nascimento, e ninguém sabe para onde foi. Na época, a maioria esperava que fosse escolhido para deslizar silenciosamente para o sono, mas eu esperava que tivesse encontrado luminescência, habitando um plano de existência desconhecido para o resto de nós.

Um sorriso suave, tantas memórias assombrando suas feições, que quando ela levantou a cabeça para encontrar seus olhos, a alma de Raphael doeu.

— Agora sou mais egoísta. Desejo que esteja dormindo, para que possa acordar um dia e vou ver meu amigo novamente.

Raphael pensou como seria se vivesse uns cem mil anos, duzentos mil, e começasse a perder amigos para o sono, ou que se retiravam da sociedade. Mesmo os vampiros faziam este último. Eles não tinham a capacidade de dormir, mas os antigos vampiros eram conhecidos por se manterem afastados por eras.

Imortais chamavam isto de Retirada.

A Retirada contava com pessoas de confiança para sua ingestão de sangue, com algumas famílias permanecendo com o mesmo vampiro geração após geração, os únicos que tinham contato com o contemplativo ou recluso. Raphael conheceu uma pessoa assim uma centena de anos antes; o homem disse a ele que seu mestre

estava cansado, mas “o seu deus não permitia a auto-aniquilação”. Então ele escolheu uma vida de isolamento total, o sangue lhe era fornecido através de um buraco na porta de sua suite.

— Deve ser uma coisa difícil, — ele disse à sua mãe, — ser acordado num mundo onde muitos de seus amigos dormem. — Ele sabia que nunca estaria sozinho desse jeito, ele e Elena sempre acordariam e dormiriam juntos. Não só ele não podia imaginar a vida sem a caçadora, mas viu o terrível dano que poderia fazer quando uma metade de um par entrava em sono unilateralmente; nunca iria machucar Elena dessa forma.

— Pelo menos Alex está acordado agora. — O suspiro de Caliane foi sincero. — Um encenqueiro ainda. Sempre quer assumir o controle, até mesmo quando menino estava determinado a liderar.

— Já rastreou quaisquer outros de seus compatriotas? — Ele sabia que ela tinha pedido a Jessamy para fazer uma busca por ela.

— Não de muito tempo atrás, mas outros que conheci ao longo dos tempos, sim. — Fios da meia-noite de seu cabelo solto roçavam seu braço enquanto caminhavam. Muitos dos que só a viram fora de Amanat pensavam que ela sempre estava vestida desta maneira, em vestidos suaves e leves com seu cabelo solto, mas Raphael sabia que era apenas uma das peles de sua mãe. Ela ficava tão confortável em couros fortes, com os cabelos numa trança.

— Diga-me, — disse ela. — O que é que traz sua consorte a falar com Tasha?

* * *

Elena e Tasha caminharam em silêncio por alguns minutos, e estranhamente, o silêncio não era estranho. Parecia estar andando com outro caçador, ambos mantendo-se atentos para as ameaças, sem fazer com que parecesse que estavam fazendo isso.

— Raphael disse-me que fala árabe marroquino, — Elena disse, enquanto lá na frente, Caliane e Raphael caminhavam lado a lado, com as asas sobrepostas.

Elena e Tasha, por outro lado, fizeram todos os esforços para se assegurarem que suas asas não se roçavam.

— Sim, — respondeu Tasha. — Apreendi quando morei aqui por um tempo, durante minha juventude. — Um sorriso em sua voz, ela acrescentou, — Raphael viajou por aqui, também, como sabe.

— Eu sei, Tasha. Não vai sacudir-me com coisas assim.

Um encolher de ombros.

— Estou simplesmente falando de um velho amigo.

Decidindo deixar essa batalha ir, quando era óbvio que Tasha estava num modo onde queria chatear Elena, Elena disse.

— Raphael também me disse que eu podia confiar em você para fazer uma tradução.

Uma carranca da outra mulher, que transformou seu rosto.

— Claro que pode confiar em mim. Podemos ser ambas amantes do mesmo homem, mas tenho honra.

A resposta espinhosa parecia honesta.

— Peço desculpas, — disse Elena. — Não estava questionando isso... inferno, sim, eu estava. Essa porra de lugar.

A tensão rígida de Tasha transformou-se em advertência dirigida para fora, os olhos escurecendo antes dela esquadrihar a área mais uma vez.

— Sim, sinto isso também. Existe uma má vibração aqui.

Lutando contra um arrepio ao se lembrar do fantasma que tinha duas vezes gelado sua pele, Elena disse:

— Se puder, por favor, traduza isso para mim. — Chegando em sua mente, ela falou as palavras exatamente como a mulher no mercado tinha falado.

— Espere. — Tasha franziu a testa. — Repita mais lentamente.

Ela pediu o mesmo, mais duas vezes, antes de dizer:

— Tenho isso. A repetição foi porque parece que a mulher usou um dialeto particular. Eu tinha que igualar as palavras que sei com as palavras que você usou, percebe que isso significa que devo encontrar alguns significados a partir do contexto?

— Entendi.

Depois de tomar um minuto para ordenar seus pensamentos, Tasha começou a falar.

— Minha avó contou-me a história de Majda, uma mulher com cabelo lunar, nascida de uma pequena família de comerciantes. A família não existe mais, pois ela era a única filha e os pais estão mortos e ela desapareceu há muito tempo.

Tasha deu uma sacudida de sua cabeça.

— Espere, isso não está certo. Não era a palavra para “desapareceu”. Ela foi “levada”.

Uma mulher que foi levada, agarrada.

O coração de Elena bateu.

— Foi só isso?

— Não. Há também isto. Todos os traços desta família e da mulher com o cabelo lunar foram apagados da cidade, e aqueles que sabem são idosos, suas memórias estão desvanecendo e seus corpos são frágeis demais para se rebelarem contra o silêncio que paira sobre a história. Se outros sabem, ficam em silêncio, falar dela é chamar a atenção dos anjos.

Uma respiração rápida antes de Tasha continuar.

— Minha avó contou-me a história de Majda em segredo. Acho que não vai me trair e você, também, tem a pele como ela e cabelo lunar. — o olhar de Tasha ficou afiado — Então, eu lhe digo isto.

Com o sangue rugindo através de suas veias, Elena alcançou a mente de Rafael, compartilhou o que Tasha tinha dito. Em voz alta, ela disse:

— Obrigada, Tasha.

— Você procura seus antepassados?

— Minha mãe ficou órfã quando era uma criança pequena, — ela disse à outra mulher, uma vez que não era segredo, se alguém se preocupasse em olhar para a história de Marguerite Deveraux. — Sua mãe veio do Marrocos, isso é tudo que sei.

— Uma mulher com cabelo lunar, — Tasha murmurou, olhando para o cabelo de Elena mais uma vez. — Pessoalmente, acho que você parece que foi frita numa tempestade, mas cada um tem a sua opinião.

Elena se encontrou rindo.

— Isso é muito bom, para um comentário inesperado.

— É possível que eu tenha estado trabalhando nele por um tempo. — Os lábios de Tasha foram puxados num sorriso claramente relutante. — Será que não vai me insultar, por sua vez?

— Eu te chamei Tasha McHotpants uma vez — Elena disse, e como Tasha começou a rir de si mesma, Elena teve, mais uma vez, a ideia de que ela e a outra mulher poderiam ter sido amigas, se não fosse o desejo de Tasha de recuperar o passado e ficar com Raphael.

O anjo simplesmente não entendia que algumas coisas eram gravadas em pedra, eram para sempre.

Minha Elena, está pronta para voar?

Os lábios dela curvaram-se com a doce e selvagem carícia do mar sobre seus sentidos.

Sim.

Minha mãe expressou o desejo de nos acompanhar. Acho que ela deseja escapar deste lugar também.

Não tenho nenhum problema com isso, mas a avise da recepção que estará recebendo.

Virando-se para Tasha na esteira de sua conversa com Raphael, Elena encontrou o queixo da outra mulher cerrado, os olhos sombrios.

— Caliane a deixou saber do plano?

Tasha assentiu.

— Não quero que ela se machuque. Está acostumada a viver em Amanat, onde seu povo a adora.

— Se precisar de assistência para tirá-la de lá, deixe-nos saber.

— Ela é teimosa, — foi a resposta de Tasha. — Muitas vezes não, mas quando é importante para ela, vai fazer exatamente o que quer fazer.

À frente deles, Caliane espalhou as suas asas.

Tasha levantou depois de Caliane, mas Elena andou nos braços de Rafael e o deixou levantar a ambos. Ela já tinha provado sua habilidade em pousos verticais;

não havia necessidade de gastar energia estupidamente quando tinha uma opção muito melhor. E, enquanto ela estava com ele, decidiu tirar proveito de sua posição e beijou a linda boca do Arcanjo, sexy.

A vida era para ser vivida.

Está me distraindo, hbeebti.

Apesar das palavras duras, Raphael a beijou de volta com uma paixão que enrolou seus dedos dos pés, toda a energia e calor e amor. Muito amor. Quase machucava, saber que era tão profundamente amada.

— Eu poderia beijá-lo para sempre, — disse ela contra seus lábios... e ele a deixou cair.

Deslizando com um risonho

— Whoop! — Ela voou para alinhar a ponta da sua asa com a asa com ele. — Sabe como cortejar uma menina!

Um sorriso perigoso.

— Aspiro nunca aborrecer minha consorte.

Mantiveram-se num ritmo constante, chegando ao município quando o céu brilhava como uma laranja escura com listras cor de rosa, o pôr do sol era um processo longo nesta terra. Mais pessoas estavam fora no tempo mais fresco, embora “mais fresco” era um termo relativo.

Seu desembarque teve o efeito previsível: as pessoas congelaram e, em seguida, começaram a se afastar o mais discretamente possível, esquivando-se dentro de lojas ou curvando os ombros para se tornarem alvos menores. Os quatro anjos tinham descido perto da borda da copa da árvore que tinha um banco, e em poucos segundos, todos no banco que circundava o tronco tinham outro lugar para ir.

Olhando para Caliane, Elena viu a mãe de Raphael absorver o medo existente e sentir uma revolta silenciosa pelo que via, apesar de não mostrar nenhuma reação visível. Enquanto ela observava, Caliane foi sentar-se no banco que circundava o tronco da árvore, suas asas graciosamente pousadas em ambos os lados do seu corpo; seu cabelo de ébano, os olhos de jóias, e um vestido de branco escovado com verde transformando-a em uma deusa em repouso.

— Vou ficar aqui, — ela lhes disse, com um sorriso enigmático. — Sinto falta de meu povo quando estou longe deles. Ouvir a batida do coração desta cidade acalma a dor. — Seus olhos se encontraram com os de Tasha. — Explore, minha querida.

Balançando a cabeça, Tasha permaneceu em pé, ao seu lado.

— Fico com você, minha senhora.

— Não há muito que possa fazer para mim, criança.

— Tenho certeza que meu pai não vai ser muito compreensivo quando eu explicar por que a deixei sozinha num mercado desconhecido.

A risada de Caliane era pura música, sua voz contendo uma beleza que era penetrante, mesmo quando não estava fazendo nada para a ver ampliada.

— Ah, Avi, ele ensinou sua filha bem. — Um aceno de cabeça. — Então fique, ouça e talvez cheguemos a entender por que esta cidade é assombrada por um temor maligno.

Estendendo a mão para Raphael, ela disse.

— Você e sua caçadora vão fazer a mesma coisa?

Raphael fechou os dedos delicadamente em torno de Caliane.

— Sim. Diga-me se sentir qualquer coisa que eu deveria saber.

Os dois estavam focados um no outro e não viram aquilo que Elena viu: a forma como os olhos das pessoas permaneciam no seu aperto de mão, e sobre como Caliane sorriu para Raphael. Embora ela fosse uma beleza sem idade, aquele sorriso era de uma mãe. Ninguém poderia confundir isso. Como ninguém poderia confundir que eram mãe e filho.

Deixando Caliane e Tasha segundos depois, Elena e Raphael saíram para o laranja e vermelho do dia que estava se transformando em noite. Se as ruas estivessem cheias, poderiam ter tido problemas para navegar através delas com as asas, mas com pessoas tão cautelosos, não houve obstruções.

No início, tudo que fizeram foi caminhar através do mercado, olhando para várias coisas.

Quando Elena viu um homem baixo e magro cozinhar algum tipo de pão cheio, ela andou até o carro que ele tinha estacionado em frente a uma loja fechada.

Quente e com um toque de especiarias, o cheiro fez seu estômago roncar, água na sua boca.

— Dois, — ela disse para o cozinheiro, que tinha ficado tão imóvel quanto um cervo que viu um lobo.

Balançando a cabeça bruscamente, preparou dois pães com mãos experientes, então envolveu as metade em papel vegetal, fornecendo uma maneira fácil de segurar os pães enquanto comiam. Elena cavou em seu bolso e colocou moeda local suficiente sobre o balcão para cobrir o custo. Na noite antes de sua partida e de Raphael de Nova York, ela ligou para Sara e perguntou se a Sociedade poderia converter alguns dólares para ela; sabia que tinha uma pequena quantidade de todos os tipos de moedas.

Izzy pegou o dinheiro para ela e lhe entregou fora do Enclave. Porque enquanto o plástico podia ser fantástico, um caçador sempre carregava dinheiro real para momentos como este.

Os olhos do cozinheiro ficaram enormes ao ver o dinheiro.

Balançando a cabeça, ele começou a empurrá-lo para trás com a mão trêmula. Elena apenas pegou a comida e deu um bolo para Raphael.

— Experimente, — disse ela depois de tomar uma longa fungada do aroma. — Se não achar que é delicioso, vou engolir a minha lâmina.

O cozinheiro fez um pequeno, som sufocado.

Ignorando o homem exausto, Raphael deu uma mordida e deu um aceno decisivo.

— Não há necessidade de engolir sua lâmina, *hbeebti*.

Sorrindo, Elena deu uma mordida no seu próprio pão, antes de seguir em frente, deixando o cozinheiro atordoado desmoronando numa cadeira atrás de seu balcão, uma toalha de chá colocada na testa encharcada de suor. Pelo canto do olho, Elena viu um lojista nas proximidades correr e dar um tapa no ombro do cozinheiro, antes de coletar o dinheiro e colocá-lo na pequena lata que tinha. Seus olhos também estavam arregalados quando lidou com o dinheiro.

Essas pessoas não esperam pagamento por aquilo que tomamos.

O tom mental de Raphael era frígido, embora sua expressão permanecesse inalterada.



Capítulo 31

Sim, parece que os Luminatata não acreditavam em jogo justo.

A raiva de Elena era um pulso frio dentro do peito, os imortais tinham séculos e mais séculos para acumular riquezas. Aquelas pessoas não eram pobres, mas também não eram ricas. Sob qualquer ângulo, aqueles eram apenas cidadãos comuns tentando ganhar a vida.

Com Lumia tão perto, deveriam viver numa economia próspera apoiada pela fortaleza. Mas ao invés disso, parecia que Lumia preferia sugá-los até secar. Entretanto... *eles têm que pagar o suficiente para que a cidade não vá a falência*, — afinal, Lumia precisava da cidade, — *mas aposto que o preço que pagam é bem abaixo do mercado.*

Tendo terminado de comer primeiro, Raphael comprou suco de outro vendedor de estrada que trabalhava num quiosque que parecia ser semipermanente. Ele pagou com uma moeda enquanto sua garganta engolia convulsivamente o suco.

— Aquela moeda era de onde? — Perguntou depois de tomar um gole do líquido refrescante.

— Moeda angélica, aceita em todo o mundo. Ele pode trocar pela moeda local em qualquer casa de câmbio ou banco. E a moeda que usei vale o triplo do que ele cobrou pelas bebidas. — Ele escovou a asa sobre a dela — Acreditei que você sabia disso caçadora da Sociedade, e que apenas tinha preferido utilizar a moeda local.

Franzindo o cenho, Elena disse:

— Notei essas moedas ao longo dos anos, mas acho que nunca prestei realmente atenção. — Ela fez uma pausa antes de baixar a voz e se aproximar dele. — Acha que é uma boa ideia utilizar isso por aqui? Não tenho certeza se ele conseguirá um valor justo de quem quer que seja que faça a troca.

— Os anjos não lidam com a troca. — Raphael respondeu. — As instituições financeiras são informadas do valor exato da moeda, e entendem o que acontecerá se tentarem ludibriar alguém. Cada moeda está ligada a um determinado território arcangélico, e todas as transações são monitoradas através de uma rede de computadores que, neste caso, o conecta diretamente com a Torre.

— Deveria ter desconfiado. — Raphael sempre foi um dos Arcanjos mais sintonizados com o mundo. Muito disso era devido à Illium, o anjo de asas azuis era fascinado por tecnologia.

Quando terminaram seus sucos, colocaram os copos descartáveis numa lixeira próxima, e caminharam mais para dentro da feira mantendo seus rostos impassíveis, enquanto despertavam todos os tipos de reações ao redor. Levou cerca de dez minutos para que descobrissem um restaurante que estava vendendo tangine fresco, uma espécie de guisado preparado e servido numa panela de barro, e que estavam dispostos separadamente em pequenas tigelas com tampas cônicas.

A cozinha era ocupada por dois corpos que se movimentavam com rapidez impressionante, e estava por trás de uma janela quadrada através da qual uma mulher sorridente e de olhos escuros entregava a comida. Cadeiras e mesas artisticamente pintadas se espalhavam ao redor do restaurante.

— Acredita que sua mãe e Tasha gostariam que eu lhes levasse tangine? — Ela perguntou, enquanto se colocava de pé atrás de um casal de idosos de ombros curvados que claramente não haviam notado a presença de anjos atrás deles.

Entretanto a atendente gesticulava freneticamente para o casal dizendo para eles se afastarem, pelo menos até Raphael sacudir a cabeça fazendo a mulher parar.

— Irei perguntar. — Ele fez uma pausa antes de dizer. — Minha mãe disse que convenceu Tasha a buscar chá de menta e um prato de doces, elas não precisam de nada por enquanto.

A frente deles, o homem idoso estendia uma mão trêmula e manchada pela idade tentando pagar pela comida que acabara de comprar. Era o tremor de uma longa vida, e não de medo, e quando o dinheiro escorregou de sua mão e foi parar no chão, Elena não hesitou em se curvar para pegar.

O homem virou-se com um sorriso... E avistou suas asas, e as de Raphael. Seu rosto empalideceu sob o castanho de sua pele. Com medo que ele tivesse um ataque cardíaco, Elena sorriu o mais gentilmente que pode, tocou-o no braço e, em silêncio, colocou o dinheiro em cima do balcão.

A essa altura, a esposa do homem também estava olhando para eles.

A idosa que possuía um olhar tristonho, de repente abriu um sorriso tão deslumbrante que Elena se sentiu perder o fôlego, e então caminhou em direção à ela. As lágrimas rolavam por seu rosto e a mulher começou a falar alegremente num dialeto que era incompreensível para Elena, exceto por uma palavra:

— Madja.

Estou pedindo para Tasha traduzir.

Raphael disse, enquanto a mulher jogava os braços ao redor de Elena;

Temendo por sua vida, seu marido começou a puxá-la para trás, mas Elena não permitiu. Ela fechou os braços e as asas ao redor do corpo frágil da mulher com todo o cuidado, os ossos da anciã pareciam frágeis como os de um passarinho sob seu toque. A mulher chorou e continuou a falar, suas mãos acariciavam o rosto de Elena como se ela fosse a filha há muito tempo perdida que havia retornado para casa.

Quando Elena recuou depois de um longo tempo, dobrando as asas uma vez mais em suas costas, o rosto da mulher estava incandescente de alegria e molhado por lágrimas. Elena enxugou aquelas lágrimas com dedos suaves.

Tasha disse que esta mulher diz que você possui o sangue de Madja. Madja era filha de sua amiga, e quando ela desapareceu, quebrou o coração dos pais. Eles morreram ainda muito jovens. Raphael fez uma pausa enquanto a mulher continuava a falar. Ela está muito feliz que a criança tenha sobrevivido.

Está falando sobre minha mãe.

Elena sabia que isso ia acontecer desde que soube sobre Madja, mas simplesmente não fazia nenhum sentido que compartilhassem tal semelhança física sem estarem relacionada. E agora, outra peça se encaixava. Uma criança.

— Quero dizer a ela que esta criança era minha mãe e que se chamava Marguerite.

Tasha apareceu, dando a Raphael as palavras que Elena precisava dizer. Quando ela falou, a Anciã soluçou de novo e a abraçou, repetindo o nome de Marguerite uma e outra vez. Levou um minuto para ela recuar e começar a falar com o marido.

Acariciando a mão de Elena, ela sorriu e deu um passo atrás.

Elena queria fazer mais perguntas, mas o medo refletido nos olhos do marido a impediu. Jamais faria mal a este doce casal, não devolveria a afetuosa acolhida da mulher deixando seu marido aterrorizado.

Deixando o casal de cabelos brancos sentar-se numa mesa próxima e colocando a comida na frente deles, Elena e Raphael fizeram um pedido. Quando a comida chegou, ela olhou para o casal e sentiu o alívio beijar sua pele como uma chuva de verão. O homem já não parecia mais tão cheio de terror. Ao invés disso, estava olhando para ela com olhos pensativos, como se vendo pela primeira vez o que sua esposa já havia enxergado.

Abrindo um sorriso ao ver o olhar de Elena, a mulher acenou para Raphael e para as duas cadeiras vazias junto da mesa.

— Elena!

Ela tinha acabado de se sentar e olhou por cima do ombro para ver Riad... Cujos olhos se arregalaram ao ver Raphael na cadeira ao lado. Mas quando ela deu um aceno de boas-vindas, ele se aproximou.

A idosa falou com ele movimentando as mãos.

— Minha bisavó disse que devo sentar e traduzir o que ela fala para você. — Sua voz saiu aguda pelo medo.

Elena percebeu que os cabelos de seu braço estavam arrepiados.

— Pegue algo para comer primeiro. — Ela colocou dinheiro em sua mão. — Peça algo e venha se sentar conosco. Quero falar com sua bisavó e preciso de um tradutor.

O adolescente acenou com a cabeça antes de correr de volta em direção ao vendedor de bolos.

— Essa família tem coragem — murmurou Raphael, olhando do garoto para sua bisavó. — E acho que vem dessa mulher.

— Sim — disse Elena. — Acho que sim. — Ela não estava interessada em comer, mas deu algumas mordidas para fazer tudo parecer mais normal enquanto esperava Riad voltar.

O adolescente voltou dentro de alguns minutos com o peito arfando.

Arrastando outra cadeira, com os pelos dos braços ainda arrepiados e o cabelo começando a levantar também, ele praticamente engoliu uma garrafa de água. Sua bisavó o repreendeu por suas más maneiras.

Raphael, o cabelo dele vai começar a estalar daqui a pouco.

Receio que meu poder esteja crescendo. Um efeito da Cascata acredito. Isso tem um impacto em mortais que se aproximam, mas não acredito que seja prejudicial.

Tendo falado com sua bisavó entre grandes mordidas num pão, Riad lhes contou o que Tasha havia traduzido anteriormente, sobre Madja ser filha de sua amada amiga.

— Ela diz que o bebê de Madja tinha o mesmo cabelo, mas sua pele era mais clara. Minha bisavó disse que esse tom de cabelo era uma característica forte nas mulheres da família, mas ainda assim era... não sei a palavra. — Ele mordeu o lábio inferior.

— Imprevisível? — Elena sugeriu. — Às vezes a cor aparecia, outras vezes não?

— Isso! Imprevisível. Mas minha bisavó disse que o marido de Madja, - a quem ela amava como as estrelas amam a lua - tinha o cabelo dourado e pele pálida

como leite com apenas umas gotas de mel, então o bebê tinha grandes chances de ter cabelos de luar, assim como o seu.

O coração de Elena acelerou.

— O marido de Madja não era mortal?

Houve uma rápida conversa antes de Riad sussurrar com o rosto pálido.

— Não devemos falar sobre isso. Eu disse...

Seu bisavô interrompeu naquele momento, sua voz inesperadamente forte.

O lábio inferior de Riad tremeu, o segundo pão que ele havia comprado foi esquecido.

— Ele diz que são velhos de qualquer maneira, que estão prestes a chegar ao final de sua viagem. O que os anjos podem fazer com eles agora? Eles só levam os jovens, as mulheres e homens mais bonitos. — Seus olhos se encheram de lágrimas, brilhando de aflição.

Tocando-lhe o ombro enquanto a fúria a atravessava, Elena falou:

— Você ama muito os dois, não é?

Ele deu um rápido aceno com a cabeça.

— Não quero que os anjos os machuquem.

Os anjos. Os Luminata.

— Ninguém irá machucá-los. — A voz de Raphael silenciou a todos na mesa. — Diga-lhes que está sob minha proteção. Farei com que ninguém se atreva a por um dedo sobre eles.

Charisemnon não será um obstáculo?

Elena perguntou enquanto Riad traduzia rapidamente o que Raphael havia dito.

Charisemnon não se importaria com uma pequena cidade. Este é um negócio dos Luminata e é com eles que temos que lidar. Sua mandíbula se apertou. *Se for necessário, deixarei Aodhan aqui para vigiá-los, até que possamos voltar e arrancar a podridão no coração dos Luminata.*

Elena não acreditava que fosse possível amar ainda mais Raphael, mas naquele instante seu coração transbordou de orgulho e amor. Seu Arcanjo que tinha compaixão suficiente para tratar frágeis mortais com tanto cuidado.

Obrigada por ser você.

Olhos de um azul interminável encontraram os dela.

Você me fez lembrar de mim mesmo, Elena. Sem você, eu poderia ter ficado tão frio quanto aqueles que se alimentam dos fracos.

Elena pensou na cicatriz em sua asa, lembrando-se do motivo pelo qual havia atirado dele, e sentiu um arrepio ondular por seu corpo. *Nunca mais, Arcanjo.*

Você vive em mim agora, hbeebti. Ele tocou seu cabelo com a mão. *Jamais poderei voltar ao que era, não importa o que a eternidade trouxer.*

Palavras calmas pronunciadas por uma trêmula voz feminina atraíram sua atenção para a mesa. A bisavó de Riad estava dizendo algo, enquanto mais lágrimas rolavam por seu rosto.

— Ela diz que o marido de Madja também a amava, mesmo ela sendo mortal e sabendo que iria morrer enquanto ele continuaria vivo. — Riad ouviu um pouco mais e falou com os olhos arregalados. — Ele não queria viver sem ela, mas não conseguiu encontrar nenhum anjo para transformá-la em vampiro como ele.

Outro chute no coração de Elena, mais uma sacudida na afirmação errônea de que o amante de Madja havia sido um imortal. E ele não tinha simplesmente sido seu amante. Ele fora seu marido.

— Minha bisavó disse que o marido de Madja era muito forte, mas era apenas um soldado que não conhecia ninguém como Raphael. — A última palavra saiu num sussurro afiado, Riad só ousava olhar para Raphael pelo canto do olho.

— Os anjos que o criaram se recusaram a ajudá-lo. — A amargura em seu tom deixou claro que Riad referia-se aos Luminata. — Eles disseram que ele não era velho o suficiente para pedir que sua mortal fosse transformada em vampiro.

— Sabe o que aconteceu com Madja e seu marido? — Elena perguntou à senhora que a havia abraçado com tanto amor. A rápida tradução de Riad foi seguida por uma resposta para a qual Elena não precisava de um tradutor. Foi apenas uma triste sacudida de cabeça, as palavras eram melancólicas.

— Ela diz que o marido de Madja desapareceu primeiro, logo depois que o bebê nasceu. — Riad fez um barulho de “poof” representando o som com um movimento das mãos e Elena compreendeu que o vampiro tinha sumido sem deixar

vestígios. — Madja procurou e procurou pelo marido, mas quando não o encontrou, ela ficou com medo, muito medo. Disse que tinha que fugir antes de ser obrigada a ir embora também.

Uma profunda carranca atravessou o rosto de sua bisavó.

— Achavam que o bebê estava morto quando viram o fantasma de Madja anos depois.

— Espere. — Elena se sentou, o frio escorrendo por sua espinha. — Seu fantasma?

— Minha bisavó não a viu. — Riad falou. — Mas algumas outras pessoas da cidade disseram que a viram descer as colinas daquele lugar numa noite. Seu cabelo brilhava sob a lua.

Ele mordeu o lábio mais uma vez.

— Quando os anjos ouviram os boatos, machucaram as pessoas que falaram sobre isso, e então, ninguém mais tocou no assunto. Minha bisavó não viu o fantasma de Madja, mas ela se pergunta porque os anjos ficariam tão zangados se fossem apenas histórias? — O adolescente terminou com um encolher de ombros.

— Realmente. — Raphael disse, olhando diretamente para o casal mais velho. — Vocês são a definição da coragem. Obrigado por dizerem a verdade.

A tradução de Riad fez o casal idoso sentar-se um pouco mais reto, com visível orgulho. Eles falaram mais, mas não havia nada mais que o casal pudesse informar a eles, exceto o nome do vampiro que foi marido de Madja.

— Ele veio de uma terra distante, — disse a bisavó de Riad, enquanto o adolescente traduzia. — Ele ajudava a proteger aquele lugar, mas morava na cidade. Naquele tempo, todos os anjos e vampiros que eram guardas moravam na cidade.

O bisavô de Riad concordou com aquelas palavras.

— Eles faziam parte de nossa cidade, e não era a primeira vez que um vampiro se apaixonava por um de nós. — Apontou a si mesmo enquanto Riad traduzia para indicar que se referia aos mortais. — Ele se chamava Jean-Baptiste Etienne.

Um sobrenome que começava com E. Outra parte do enigma que encaixava no lugar.

A percepção de que acabara de ouvir o nome de seu avô reverberou na alma de Elena.

— Quando os vampiros e anjos deixaram de morar aqui?

— Logo depois que Jean-Baptiste foi embora. — Ele fez aquele movimento de “poof” com as mãos novamente. — Os vampiros que viviam aqui tiveram que ir embora. — A expressão da senhora deixou claro as táticas que os Luminata empregaram para dar esta mensagem. — Logo depois, os anjos que eram guardas também deixaram de morar aqui. Os anjos daquele lugar vieram e fizeram os habitantes derrubarem as altas casas deixadas para trás, aquelas que tocavam o céu.

Um feudo de fato.

Raphael disse num tom cada hora mais frio.

Elena assentiu com a cabeça.

Por mais egoísta que fossem, não derrubaram as casas só para que os moradores da cidade não as usassem.

Não, Raphael concordou. Foi uma mensagem dos Luminata dizendo para os anjos de outros lugares que não os queriam aqui.

Um som assustador cortou o ar antes que Elena pudesse responder, um som tão puro que fez seu coração doer.

— Raphael, sua mãe está cantando. — Ela disse num sussurro com uma mistura de temor e admiração.

A última vez que Caliane cantou para os mortais, milhares deles morreram.

E se Caliane tivesse se perdido na loucura outra vez, era Raphael quem teria que detê-la... ele quem teria que matar sua própria mãe.



Capítulo 32

Não precisa se preocupar. As asas de Raphael se arquearam sobre ela, encobrindo seu rosto. Não está cantando algo que faça mal às pessoas.

Estremecendo, ela sentiu seu coração despertar. Colocando a mão na coxa de Raphael, se permitiu ouvir, cedendo à clareza e esplendor de uma voz diferente de qualquer coisa que poderia ter imaginado. Em torno deles, todo o mercado havia ficado em silêncio. Algumas pessoas caíram de joelhos depois de um tempo, lágrimas escorrendo por seus rostos, enquanto outras começaram a caminhar em direção a árvore onde Caliane estava sentada.

E em todos aqueles rostos, Elena não viu qualquer medo ou preocupação, apenas doce serenidade.

Ela está fazendo alguma coisa, não é?

Minha mãe está cantando para afastar o medo com o qual essas pessoas vivem. Ela está lhes dando um momento de perfeita paz e alegria. Só irá durar enquanto ela canta.

Isso era manipulação... Mas Elena não podia discutir com ele. Não aqui. Não quando a realidade retornaria assim que a música parasse. Todas as pessoas que ela vira naquela cidade pareciam que iam se quebrar a qualquer momento. A tensão em seus ombros era um doloroso fardo. Se Caliane podia lhes oferecer um pequeno refúgio sem pedir nada em troca, colocando um bálsamo naquela dor por um curto período de tempo, então como Elena poderia dizer que era uma coisa ruim?

Entretanto... ela está lhes roubando a liberdade de escolha.

Os Luminata já fizeram isso. Raphael argumentou. Ela está apenas equilibrando as coisas.

Reclusa como era, a voz de Caliane não era um presente que muitos mortais teriam a oportunidade de ouvir, então Elena não persistiu na discussão.

A música não nos afeta.

Estou protegendo você.

Ela deitou a cabeça em seu ombro, deixando a canção de Caliane passar por ela. Seus olhos ardiam, sua alma desejava voar, mas se manteve firme nesta terra pelo que tinha descoberto naquele dia. Tudo aquilo se encaixava.

O vampiro que tinha engravidado uma mortal.

A mulher com o cabelo de luar que havia desaparecido com uma bebê.

A marca de nascença em Madja e Marguerite.

A bebê que ficara órfã ainda quando criança.

O modo como Gian e os Luminata mais velhos olhavam Elena quando acreditavam que ela não estava vendo.

E o “fantasma” visto correndo de Lumia numa noite tranquila.

* * *

Raphael ouviu os longínquos ecos do trovão no ar vinte minutos depois que a mãe começou a cantar, e ao mesmo tempo sentiu o frio do ar. Algo atravessou sua pele. Um instante depois, Elena se sentou, franzindo a testa.

— O ar está aceso.

— Fique aqui, Caçadora da Sociedade. Continue observando. — Levantando-se, se dirigiu para o centro da estrada de pedestres, onde as pessoas se levantavam ou sentavam presos ao canto de Caliane, e estendendo as asas, subiu aos céus.

Era esperado que o céu escurecesse à medida que a noite começava a cair, mas escuridão que via no horizonte era uma escuridão que lembrava as nuvens não naturais que haviam rastejado sobre os céus de Nova York antes que centenas de pássaros desabassem em torno, enquanto ele e Elena estavam numa barca do rio Hudson.

Esta tempestade, porém, não foi criada de pássaros, não era uma mensagem de seres que tinham passado eras no silêncio profundo. As nuvens negras tinham uma coloração púrpura malévola. Ele sabia que o relâmpago que se arqueava dentro dele poderia derrubar até mesmo um Arcanjo à terra. Ele tinha testemunhado seu gosto quando Alexander despertou, visto anjos poderosos descer com asas rasgadas quando tentaram chegar acima das nuvens.

Aquele não era um relâmpago qualquer. Era um nascido da Cascata. Imprevisível. Perigoso.

Elena, esta tempestade é antinatural. Peça ao rapaz para avisar às pessoas para se esconderem. Vou pedir à minha mãe para parar com a música.

Ele sabia que ninguém iria embora enquanto ela estivesse cantando.

Caliane parou no instante que ele contou sobre a tempestade da Cascata, que vinha com fúria assassina. *Vou cantar para que voltem para casa*, ela respondeu um momento mais tarde.

Não discutindo contra a manipulação que poderia salvar vidas, Raphael desembarcou de volta no mercado. As pessoas estavam se movimentando rapidamente, incitadas pela canção de Caliane. Ele sabia que a música chegaria a todos os cantos da cidade, Caliane havia amplificado o alcance sem precisar levantar a voz.

O adolescente tinha ido embora, assim como seus bisavós... Junto com Elena.

Caçadora da Sociedade.

Preciso me certificar que Riad e seus bisavós fiquem seguros.

Ele a avistou num canto enquanto sua voz enchia sua mente, suas asas apertadas contra as costas, a casa deles era literalmente atrás da rua do mercado.

Alcançando-o, ela disse:

— Há alguma coisa que possamos fazer? — Suas mãos estavam nos quadris e seus olhos afiados enquanto ela verificava o movimento em torno.

— Não, mas acredito que as pessoas ficarão seguras até o fim da tempestade. — Raphael observou um rapaz pegar uma menina e correr para uma loja que estava fechando as janelas para se proteger da tempestade. — Estes edifícios são baixos, e a maioria deles deve ter cômodos subterrâneos onde a temperatura é mais fria.

Elena assentiu com a cabeça.

— Riad disse que levaria seus bisavós para a sala fria. Devia ser disso que estava falando. — Ela olhou ao redor. — Vamos sobrevoar, certifique-se de que ninguém fique fora de um abrigo por qualquer motivo.

Raphael levou-a para o céu, e depois de se separarem, os dois fizeram um cruzamento cada um verificando metade da cidade. Não encontraram ninguém nas ruas, crianças, idosos e doentes eram ajudados pelos mais jovens, assim como deveria ocorrer numa cidade saudável.

Claramente aquele lugar não tinha problemas. O medo e horror vinham da influência dos Luminata sediados na entrada.

Elena, voe direto para Lumia, você precisa de uma vantagem. Sua companheira era extremamente vulnerável naquela situação. *Vou fazer outra varredura, e logo em seguida seguirei com Tasha e minha mãe.* Ambas estavam na cidade enquanto Caliane continuava a cantar para as pessoas irem para a segurança de um abrigo.

Sua caçadora voou baixo para verificar uma criança que estava sendo arrastada para dentro de uma casa, e logo foi para cima para enfrentá-lo.

— Acho que todo mundo já encontrou abrigo, ou encontrará em breve. Talvez possamos ficar aqui até que isso passe?

Raphael sacudiu a cabeça.

— Caliane e eu podemos atrair o poder da tempestade. — A Cascata agia estranhamente e seus efeitos eram mais fortes nos integrantes do Cadre. — Não podemos correr o risco de atrair um raio para esta cidade.

— Promete que irá me seguir? — Elena perguntou enquanto a chuva começava a cair em fortes facadas que a fizeram passar a mão pelo rosto.

— Eu prometo. — Raphael não tinha intenção alguma de abandoná-la. — Vou alcançá-la antes que tenha atingido um quarto de distância.

Depois de estender a mão para tocar as pontas dos dedos dele. Elena se virou e vôou em direção a Lumia, as asas cor da meia-noite e amanhecer desaparecendo na escuridão criada pela chuva e pela noite que caia rapidamente.

Mãe, você precisa voltar, as pessoas já estão seguras.

Ele entendeu o que ela estava fazendo. Sua mãe tentava compensar o horror do que havia feito antes, enviando toda a população de uma cidade para se afogar no mar através de seu canto. Ela não havia tocado nas crianças, mas elas tinham morrido mesmo assim. De tristeza e de desgosto.

Tem certeza?

A culpa era como milhares de fantasmas em sua voz.

Sim. As ruas estão vazias e os retardatários chegarão à segurança em no máximo dois minutos. Precisamos voar se quisermos chegar a Lumia antes que a tempestade chegue, ou corremos o risco de atrair o relâmpago para cá.

O corpo de Caliane apareceu à distância, as asas abertas e Tasha logo atrás dela.

Ele esperou que passassem por ele e logo foi atrás delas. Como havia predito, alcançaram Elena em poucos minutos, o jovem corpo imortal de sua caçadora era incapaz de alcançar a enorme velocidade que Tasha mantinha. Caliane desacelerou e emparelhou o vôo com eles. Então disse:

— Raphael...

Vou levá-la para casa, mãe. Ela é minha para proteger.

Enquanto falava, ele voou para baixo de Elena.

Caçadora.

Elena fechou as asas sem sequer um segundo de hesitação numa manobra que poderia ser mortal.

Movendo-se com o vento ele empurrou o corpo de Elena para esquerda e a pegou em seus braços, levando-a com ele para cima das nuvens, enquanto Elena

envolvía os braços ao redor de seu pescoço enquanto o vento chicoteava os fios de seus cabelos que havia se soltado do rabo de cavalo.

— Odeio ser uma donzela em perigo! — Ela gritou em um tom distintamente descontente.

Ele sorriu, pois aquela descrição nunca caberia em sua guerreira.

— Eu consigo sentir sua besta espetando meu braço. Fique pronta para atirar caso alguma coisa nos atacar.

Rindo com uma selvageria feroz que ele entendia muito bem, ela enfiou o rosto em seu pescoço, pressionando o corpo contra o seu para diminuir a resistência do vento. Demorou um momento para olhar atrás deles, viu a tempestade lambendo seus calcanhares. Quando olhou para a frente, viu apenas um par de asas em vôo.

Mãe, onde está Tasha?

Voando baixo. Está procurando um abrigo contra o vento caso precisemos de abrigo.

Raphael olhou para baixo sem conseguir encontrar Tasha em meio a escuridão.

Tasha, está exposta ao relâmpago. Voe para Lumia.

Eles passaram pelo quartel, mas este não era tão bem construído como Lumia. Os guardas angelicais ficariam bem, mas não se Raphael e Caliane se juntassem a eles e os relâmpagos os seguissem.

Um instante depois a chuva tornou-se uma aguaceiro, triplicando o peso de suas asas. Alcançando Caliane, viu Tasha subir do outro lado, as asas quase amassadas sob a pressão conjunta da chuva e do vento.

— Senhora! — Gritou para Caliane. — Vá! Estarei atrás de você!

Caliane não respondeu, e tão pouco utilizou sua velocidade arcangélica. Assim como Raphael, sua mãe nunca deixaria um dos seus para trás. Tasha não perdeu o fôlego falando novamente, apenas voou, embora fosse claro que estava tendo problemas para manter-se. Elena, entretanto, se moveu cuidadosamente para que pudesse olhar por cima de seu ombro, deixando-o livre para manter a atenção a frente.

— Quão ruim está? — Perguntou, os dois perto o suficiente para que pudessem ouvir um ao outro sobre o barulho da tempestade sem ter que gritar.

— Os relâmpagos vão até onde os olhos podem alcançar, mas parece que a cidade está sendo atingida por raios espalhados. A massa mais pesada está nos perseguindo, ou está sendo arrastada em direção a Lumia.

Ela continuou a olhar.

— Acha que há mais Arcanjos lá para puxar a tempestade, para que você e Caliane possam desembarcar sem um relâmpago os atingir?

— Não podemos arriscar. — Nem Elena, nem Tasha sobreviveriam a uma descarga daqueles relâmpagos.

Usando uma mão para tirar as mechas de cabelo molhados do rosto, ela disse:

— Então precisamos de um plano B. Porque a tempestade vai nos alcançar. — Seu tom era prático, sem pânico. — Ao menos se continuar nessa velocidade.

Mãe, precisa voar com Tasha.

Caliane era esbelta, mas era uma Arcanjo, tinha poder zumbindo através de cada célula.

Ela nunca concordaria.

Raphael falou diretamente com Tasha, contou o que havia sugerido. *P*

recisamos usar velocidade arcangélica, Tasha. Não deixe seu orgulho fazer com que sejamos atingidas por todos esses raios, se Elena pode fazer isso, você também pode.

Não acredito que está me comparando a uma ex-mortal.

Foi a resposta amarga de Tasha, mas Caliane caiu abaixo dela segundos depois e Tasha puxou suas asas para que Caliane pudesse pegá-la. Não em seus braços, mas numa rede de energia branca brilhante.

Então ele e Caliane voaram.

Uma raio chamuscou a ponta de sua asa esquerda assim que aterrissaram em Lumia, Caliane aterrissou diante dele. Ignorando a queimadura até que estivessem sob o abrigo do corredor mais próximo, ele colocou Elena no chão enquanto sua mãe liberava Tasha de sua rede de poder. Seu corpo tremia de forma aparentemente incontrolável.

— Minha senhora, — ela disse, parecendo que tinha que se esforçar para formar as palavras. — Acho que estou bêbada.

— Vai passar, — prometeu Caliane, afastando os cabelos molhados de seu rosto.

Elena, entretanto, tinha voltado sua atenção para a asa de Raphael, e ajoelhou-se para poder olhar a lesão mais de perto.

— O dano é profundo.

Ele olhou para baixo e viu o que queria dizer. O relâmpago havia estilhaçado a ponta de sua asa. Ele precisava dessas penas para manobrar, não poderia se arriscar a ficar sem elas, iriam curar, é claro, mas não para alta velocidade. Asas nunca o faziam.

A ideia de permanecer em Lumia, mesmo que fosse por um ou dois dias era intolerável, mas sua força de cura nascida com a Cascata, ao menos a quantidade que podia acessar à vontade, ainda não tinha se regenerado depois que usou para curar as asas de Elena.

Então ela o olhou direto, seus olhos brilhando prateados.

Tire isso de mim. As palavras eram uma ordem. *O fogo é todo sobre a vida, certo? Então teste, veja se isso corrigirá sua asa.*

Este era um bom ponto, estava acostumado a ver isso como uma arma contra Lijuan, mas ele havia provado quão violenta era a energia da vida... E o coração mortal de sua caçadora.

Deixe-me direcionar o fogo que vive em mim.

Essa tentativa falhou.

Ele podia chamá-lo para sua mão, podia atacar Lijuan com ele ou expulsar seu veneno, mas se dissipava em seu sangue quando tentava direcioná-lo para sua lesão.

Não funciona.

Não sabe se meu fogo vai agir da mesma forma, insistiu Elena. *Existe por causa do meu amor por você. Seu único propósito é proteger você.*

Quando ele hesitou, temendo exauri-la, seus olhos se estreitaram.

Aceitei ser uma maldita donzela em perigo por sua causa. Você pode ser o Arcanjo em perigo por uma vez.

Seus lábios se contorceram num sorriso apesar do perigo do momento, então usou o contato de sua mão contra a asa para puxar o fogo que vivia nela, como se uma corda os conectasse e ele estivesse puxando uma das pontas. Seus dentes cerraram, sua mão livre se apertou, mas além disso, não deu qualquer indicação exterior do que estava fazendo.

Sua mãe e Tasha não tinham quaisquer motivos para suspeitar de algo.

Um segundo depois, a dor atravessou seu corpo como se fosse um raio o atingindo de dentro pra fora, enquanto um brilho branco quente pulsava no local onde sua asa estava lesionada. Seu fogo se lançou diretamente para a área ferida, sua consorte, uma vez mortal, amando-o com uma ferocidade que era uma tempestade mais selvagem que a que grassava lá fora.



Capítulo 33

Irritada com a ideia que poderia ficar presa naquele lugar com seus terríveis segredos, sussurros escuros e paredes que viam, Elena andou pelos corredores com Raphael ao seu lado. Estavam tomando um atalho que ela e Aodhan haviam descoberto para a suíte, um que envolvia passar por corredores tão estreitos que ela e Raphael só podiam andar lado a lado, porque não se importavam com suas asas se encostando.

A água pingava de seu cabelo pelas costas e pelo rosto, enquanto suas asas deixavam um rastro de água pelos corredores de Lumia apesar de ambos terem sacudido as asas antes de ir para a suíte. Não que isso importasse - tão molhados como estavam, não era como se pudessem evitar deixar um rastro aquoso.

Lumia estava misteriosamente tranquila em torno deles, embora, apesar da escuridão, não era tão tarde.

— Imagino se as pessoas estão se preparando para o jantar — ela disse, uma de suas facas de arremesso na mão sem que ela estivesse consciente disso.

— É possível.

É claro que seu Arcanjo também não comprou aquela conspiração.

Limpando a água que pingava em seus olhos, ela reprimiu um espirro.

— Droga, não deveria ser imune a espirros agora?

O sorriso de Raphael a fez querer beijá-lo.

Em vez disso, ela passou os dedos pelos dele, sem se importar com quem pudesse ver. Se as pessoas não soubessem que se adoravam, tinham pedras na cabeça, pensou ela, ao virar a esquina e ver um corpo no chão usando roupas amarrotadas. O anjo caído estava deitado de lado, as asas e as coxas expostas, outro anjo angustiado estava ajoelhado ao lado dele, suas mãos trêmulas pairavam sobre o corpo amassado.

— Ibrahim! — A faca pronta contra qualquer ameaça, Elena caminhou até o anjo caído... E viu o rosto ensanguentado de Ibrahim, sua mão era apenas uma polpa esmagada. E isso não era o pior. Seu roupão estava afundado na lateral, como se sua caixa torácica houvesse sido esmagada.

Ela ajoelhou-se ao seu lado.

Deslizando a mão suavemente sob a cabeça, e guardando a faca, pois tinha Raphael guardando suas costas, ela olhou duramente para o anjo com olhos cinzas escuros e cabelos prateados que estava ajoelhado do outro lado. Ela já havia o encontrado na galeria: Donael.

— O que aconteceu?

— Não sei, — ele disse com a voz áspera. — Acabei de encontrá-lo. Aqui é Lumia. — Sua voz tremia. — Não há violência aqui.

Com a mandíbula apertada, Elena abriu o roupão impecável de Donael, a falta de lesões nos nós dos seus dedos ou em qualquer lugar de seu corpo, a forçou a acreditar nele. As lesões de Ibrahim eram muito recentes devido à falta de cura, e ela não achava que o jovem anjo fosse forte o suficiente para se curar tão rápido.

A asa de Raphael pesou sobre a dela enquanto se ajoelhava ao lado de Ibrahim, o calor da ponta ainda em processo de cura pulsou através de suas próprias penas.

— Ele está muito ferido, — murmurou. — Sua traquéia foi esmagada. Isso é o que está mantendo-o inconsciente.

E a habilidade de cura de Raphael havia sido eliminada por um tempo.

— O que podemos fazer? — A ideia de deixar Ibrahim machucado não era algo que ela pudesse aceitar.

— Deixá-lo confortável para que possa se curar. E o manter seguro. — Deslizando seus braços sob Ibrahim, Raphael se levantou com o anjo quebrado nos braços. — Pode cheirar outro anjo ou um vampiro nele?

Elena tentou, mas logo sacudiu a cabeça.

— Não um vampiro, mas não sei sobre um anjo. — Sua capacidade de sentir cheiro de anjos normais, sem a toxina da loucura era muito fraca.

— Os aposentos dele são por aqui. — Donael começou, mas Elena sacudiu a cabeça, com a besta na mão para poder guardar as costas de Raphael enquanto carregavam Ibrahim.

— Vamos levá-lo para nossa suíte — ela disse sem precisar consultar Raphael, ela conhecia seu Arcanjo, tinha ouvido a fúria em seu tom.

Donael não discutiu.

— Claro, claro. — Sua respiração estava irregular, linhas brancas cruzavam sua boca. — Não entendo. Não temos violência em Lumia.

A repetição dessas palavras patentemente falsas fizeram Elena perder a paciência.

— Sério? — Ela perguntou em tom áspero. — E quanto à violência que acabei de ver na cidade? Parece que está bem por lá?

Donael olhou para ela aparentando uma completa falta de compreensão, enquanto tentava acompanhar ela e Raphael.

— Não tenho nenhuma razão para ir à cidade. Não há paz lá, como acontece frequentemente em lugares mortais. Sempre agem desta forma, movendo suas vidas rapidamente para a destruição.

O mar tocou sua mente, junto com flores de gelo.

Ele é velho, Elena. Realmente velho. É bem possível que nunca tenha ido à cidade.

Talvez. Mas talvez ele seja apenas um bom ator.

— Por que alguém prejudicaria Ibrahim? — A voz de Donael tinha se quebrado, mas sua expressão permanecia abalada. — Ele é uma criança, com uma missão, mas apenas uma criança. — Ele lançou um olhar cuidadoso para Raphael. — Temos muitos não-Luminata aqui.

— E eu vi Gian e outros praticando artes marciais, — a consorte de Raphael respondeu. — A violência não é proibida em Lumia.

— Violência controlada — protestou Donael. — Uma forma de movimento para ajudar na meditação. É diferente desta atrocidade.

— É verdade — respondeu Raphael. — Mas podemos discutir quem foi que feriu Ibrahim mais tarde. Tem um curandeiro em Lumia?

— Só existe aquele chamado Quietude. — Ele inclinou a cabeça de um modo que dizia que estava passando por suas memórias para encontrar a correta. — O rapaz teve outro nome antes, e sob este nome, ele estudou cura.

Aodhan, Raphael disse, estendendo sua mente para o outro anjo. *Precisamos de um curandeiro. Pode encontrar Laric?*

Estou com ele agora, Sire. Para onde o levo?

Para nossa suíte.

Quando chegaram à sua suíte, Raphael colocou Ibrahim sobre a cama que ele e Elena tinham transferido para a sala de estar, e assim que o fez, o braço direito de Ibrahim deslizou para o lado machucado. O movimento foi tão estranhamente fluido que Raphael empurrou a manga do manto do homem.

— Seu braço está em pedaços. — Elena disse, sua mão livre apertou, a que segurava a besta apontou para baixo longe de qualquer pessoa próxima. — Como se alguém o tivesse esmagado deliberadamente.

Elena estava certa. Foi como se quem quer que tivesse prejudicado Ibrahim, tivesse concentrado sua fúria naquele braço depois de derrubá-lo. Mas o resto do corpo de Ibrahim não escapou das lesões. Quando Raphael abriu sua túnica, e a outra que usava por baixo, viu que as costelas do homem haviam sido esmagadas, provavelmente perfurando seus órgãos e causando hemorragia interna, se o inchaço no abdômen fosse uma indicação.

Seu rosto também fora fraturado.

Havia hematomas em todas as partes que Raphael podia ver.

Embora Donaël chamasse Ibrahim de jovem, ele tinha que ter mais de mil anos de idade para ter permissão para ser um iniciado do Luminata.

— Ele vai sobreviver, — Raphael disse à Elena, porque sua caçadora sabia muito bem que os imortais poderiam ser mortos. — Entretanto, pode entrar em Anshara. O sono pode ser a melhor opção para ele.

Aodhan entrou na sala sem bater, o Luminata encapuzado ao lado tinha uma estatura baixa e franzina, com ombros encurvados e um andar hesitante. Laric parou ao lado de Ibrahim, as mãos que colocou no corpo quebrado eram de um branco gelado, marcado por cicatrizes brancas e rosadas.

Se afastando para dar espaço para o curandeiro trabalhar, Raphael e sua caçadora se voltaram para Donaël. Foi Elena quem falou primeiro.

— Viu ou ouviu alguma coisa antes de encontrá-lo?

Uma profunda carranca se afundou no rosto de Donaël antes dele assentir lentamente.

— Sim, ouvi som de golpes. — Os olhos cinzentos se voltaram para Ibrahim. — Sons de socos sendo depositados em carne. Não gostei do som, sabia que algo estava errado, então eu gritei. — Suas mãos tremeram quando as enfiou nas mangas de seu manto. — Logo ouvi passos se afastando rapidamente e não havia ninguém além do pobre jovem Ibrahim no corredor quando cheguei.

Se Donaël estava dizendo a verdade, ele surpreendeu o atacante de Ibrahim. Mas isso trouxe outra questão.

— Quanto tempo esse corredor normalmente ficaria vazio a esta hora da noite? — Raphael perguntou.

— Tão perto da hora do jantar, não é exatamente uma hora de contemplação para a maioria de nós. — Disse Donaël lentamente. — O corredor é uma encruzilhada para muitos. Um atalho, como os jovens costumam chamar. — O anjo soltou um suspiro calmo. — Não esperaria que ficasse vazio por mais de cinco minutos.

— Não acredito que esta tenha sido uma surra de cinco minutos. — A voz de Elena era corajosa. — Um anjo tão velho quanto Ibrahim não poderia ser tão ferido tão rápido.... a menos que fosse mais de uma pessoa.

— Não. — Interrompeu Aodhan. — Laric diz que foi apenas uma.

Raphael virou-se para o anjo, sem perguntar como estava em comunicação com o curandeiro silencioso.

— Por quê?

— Ele não é especialista, mas não parece haver variação suficiente nos golpes.

— Então alguém, na verdade mais de um, deve ter visto Ibrahim ser espancado. — Raphael disse compreendendo quão profunda era a escuridão de Lumia. — Dado que este é um local utilizado pelos Luminata, a probabilidade desses espectadores serem também Luminatas é perto de cem por cento. Como foi o fato de terem escolhido não interromper.

Ou estavam com muito medo, Elena disse em sua mente, o aço de sua lâmina brilhando em sua mão. Há sempre pessoas que tem mais poder que outras em qualquer situação. Velho e respeitado como é, Donael tem poder próprio, o suficiente para que o atacante não quisesse correr o risco de ser visto por ele.

Raphael pensou por um momento, percebendo que ela estava certa.

Os Luminata claramente deram a posição a Gian, mas como você apontou, os antigos como Donael também detém considerável poder, e ele não é o único de sua geração aqui.

Elena assentiu relutantemente.

Sim, apesar de Gian me deixar arrepiada, não consigo vê-lo perdendo o controle assim. Ele me parece estar sempre no controle, o tipo de anjo que tomaria seu tempo, seria mais sutil.

E o que foi feito a Ibrahim não era sutil de modo algum.

— Ele está em anshara, — disse Aodhan, e desta vez, Raphael viu como ele estava se comunicando com o curandeiro.

Laric estava usando suas mãos cicatrizadas para desenhar movimentos fluidos e rasos no ar. Era uma linguagem antiga que se baseava em movimento atenuado ao invés de som. Raramente falada estes dias, era usada principalmente

por aqueles que desejavam se retirar do mundo, incluindo vampiros que escolheram a reclusão. Aodhan nunca a usara tanto quanto Raphael sabia, mas claramente, se a sabia tão bem, foi porque pensou nisso.

Levantando-se, o curandeiro continuou os movimentos.

— Ibrahim precisa de um lugar seguro, — traduziu Aoshan. — Laric está feliz em cuidar dele em seus próprios aposentos, mas acha que ele não deve ser movido até o amanhecer. Até lá seu corpo vai ter se recuperado o suficiente para que o movimento não lhe cause mais dano.

Confia nele, Aodhan?

Sim, Sire. Ele não é como muitos dos outros, é tão inocente quanto Ibrahim.

O curador moveu-se naquele momento e um raio de luz atingiu sua garganta e a parte debaixo da face. A cicatriz era a pior que Raphael já vira em um imoral. Os anjos não cicatrizavam dessa maneira.

Sentiu que Elena havia ficado imóvel ao seu lado, sabia que ela tinha visto também, mas nenhum deles disse nada, deixando o curador passar para o outro lado de Ibrahim para verificar se havia mais ferimentos para serem aliviados.

Olhando para Donael, Raphael disse:

— Deve informar Gian sobre o que aconteceu. — Suas palavras foram uma ordem. — Diga a ele que vamos conversar depois que minha consorte e eu trocarmos de roupa.

Inclinando a cabeça, Donael foi embora, mas parou na soleira da porta.

— Não somos como antes. — Havia melancolia em seu tom. — Isso jamais teria acontecido na época de Reed.

Esperando até Donael fechar a porta atrás de si, Raphael deixou Aodhan de gaurda, enquanto ele e Elena se retiravam para trocar de roupa.

— Não gaste energia com glamour, — Elena disse, seus olhos perigosamente concentrados. — Vou verificar as paredes, e desta vez, não vou parar até pegar o fodido que está fazendo minha pele rastejar toda vez que entro nesse quarto.

Raphael fez o mesmo, mas foi Elena quem encontrou quase trinta minutos depois.

Ouvindo-a murmurar um palavrão, ele se moveu até ela. As pontas de seus cabelos molhados começaram a enrolar ao redor do rosto, as roupas estavam grudadas em seu corpo, mas sua concentração era como um laser.

— Onde? — Ele perguntou.

Ela apontou com a ponta da faca para um detalhe na pintura em que estava olhando. Era a escultura que imitava o nó de madeira de uma árvore. O buraco era minúsculo, mas estava lá. Suas asas brilharam com fúria cegante, Raphael tirou a pintura da parede e a atirou ao chão, expondo o buraco atrás.

Elena enfiou uma faca através da abertura.

— Sem grito. Que pena. Estava esperando apunhalar alguém no olho.

Não satisfeito com isso, Raphael apertou uma mão na parede e com sua força arcangélica rasgou a parede expondo todo o buraco.

Elena olhou para dentro depois da poeira ter baixado.

— É um maldito espaço entre os dois quartos.

— Talvez o espião, ou os espiões possam assistir os dois. — Raphael entrou, vendo que o buraco estava conectando a lugar nenhum. Mas havia uma porta no centro. — A entrada é pelo outro quarto.

Passando por ele Elena abriu a porta. Que acabou sendo a parte de trás de um armário.

— Aposto que o quarto está vazio.

E estava. E não havia qualquer pista de quem estava utilizando o buraco.

— Ao menos frustramos o espião ou os espiões todo o tempo em que estivemos aqui. — Ela murmurou com satisfação fria. — Espero que tenha gostado de assistir um quarto vazio. Ela segurou a porta empurrando uma lâmina através do mecanismo de trava, para que ninguém pudesse abri-la do outro lado, então os dois voltaram para o quarto.

Olhando para a parede que tinha ocultado o buraco, Raphael falou através da raiva gelada que esfriava suas veias.

— Isso não ficará impune.

— Suas asas estão brilhando, Arcanjo. — Elena passou a ponta de seus dedos pela borda das asas de Raphael. — Não exploda ainda. Reserve para quando

descobriremos quem machucou Ibrahim e qual desses idiotas está aterrorizando a cidade.

Raphael levou todo um minuto para se controlar. Então ele e Elena, verificaram todas as outras paredes. Não havia mais aberturas para espionagem, mas apesar das advertências de Elena para reservar seu poder, ele jogou glamour em torno de si mesmo e de sua consorte. Não iria permitir que ninguém a espiasse.

Quanto às suas vozes, ninguém seria capaz de ouvi-los se mantivessem o volume baixo.

Elena, com seu próprio temperamento fazendo seus olhos emitirem uma luz prateada, depois que tirou a roupa úmida, pressionou seu corpo nu contra o dele numa declaração silenciosa de que eram um. Sempre. Isso o acalmou o suficiente para que pudesse pensar.

— Vamos encontrar os segredos escondidos deste lugar, *hbeebti*. Mesmo que tenhamos que voltar centenas de vezes.

Erguendo-se na ponta dos pés, Elena o beijou suavemente. Era um toque delicado de sua dura caçadora, mas ele estava acostumado a esses beijos de vez em quando. Porque Elena tinha um núcleo suave escondido que só mostrava ante pessoas vulneráveis e aos que ela amava. Passando as mãos pelas linhas sutis de suas costas até as curvas mais baixas de seu corpo, ele afundou no beijo, afundou nela.

Era como se ela respirasse vida nele, levando a escuridão que permanecia tão pesada no horizonte. Fechando suas asas em torno deles para protegê-la ainda mais, embora seu glamour os escondesse de todos os olhos, ele beijou sua amante, sua guerreira, e por sua vez, foi beijado também.

— Eu te amo, Raphael. — Um sussurro contra seus lábios, os olhos cheios de fantasmas seguravam os dele. — Nunca me deixe.

— Elena. — Ele pressionou sua testa contra a dela. — Está pensando em sua mãe e suas irmãs novamente. — A perda a assombrava, a fazia ter medo de perder as pessoas que mais lhe importavam como ela uma vez perdeu Marguerite, Belle e Ari.

Ele baixou seus escudos, deixando seu rosto dolorosamente nu. Elena deslizou os dedos pela marca da Legião com a ponta do dedo.

— O corpo da minha avó nunca foi encontrado depois do acidente de ônibus no qual ela deveria ter morrido, sabia disso?



Capítulo 34

Elena nunca havia dito como Marguerite ficara órfã.

— Acha que ela pode.... que Madja... pode nunca ter estado naquele ônibus, que foi sequestrada e trazida para Lumia. O “fantasma” que tentou fugir ao luar.

Acenando com a cabeça, Elena continuou a traçar sua marca, o fogo reagindo violentamente a ela como sempre fazia.

— Consegui rastrear os relatórios do jornal sobre o acidente quando era adolescente. — Ela passou a mão por sua mandíbula e em seguida colocou sobre seu peito. — Não foi difícil, pois foi um acidente muito grande, duplamente porque muitos dos corpos foram arrastados pelo rio alimentado pelo derretimento da neve no fundo do desfiladeiro. Um acidente fácil e conveniente de ser organizado, se você for poderoso o suficiente.

Raphael arqueou as sobrancelhas; havia um problema nesta teoria. Mas ele precisava de mais informações antes que pudesse ter certeza.

— Como sabia que sua avó estava no ônibus?

— Ela disse a freira com que deixou minha mão exatamente qual ônibus iria pegar, não queria levar minha mãe nesta longa viagem de ida e volta, pois seria muito cansativo.

Acariciando os cabelos que desciam por suas costas, Raphael disse:

— Elena, se um anjo poderoso quisesse levar uma mulher humana, especialmente uma que estivesse sozinha numa grande cidade, ele simplesmente a tomaria. Não há necessidade de se dar ao trabalho de organizar um acidente para encobrir. — A vítima simplesmente desapareceria.

Raphael viu muitos imortais enlouquecidos, para acreditar que tais coisas não ocorriam.

Elena o encarou.

— Você está certo, — ela disse com o tom de alguém que não havia percebido o óbvio. — Então acho que o fantasma era apenas a imaginação de alguém e os Luminata reagiram exageradamente por culpa de outra coisa.

— O desaparecimento de Jean-Baptiste — sugeriu Raphael. — Madja fugiu porque seu marido foi levado.

— Acha que Gian o matou por ciúme?

— Gostaria de não achar, mas os fatos se encaixam muito bem para que eu pense de outro modo... E Gian olha para você com olhos que são...

— De um perseguidor maluco, — Elena sugeriu, enquanto um arrepio ondulava através dela, mas sua voz estava afiada. — Ele me observa como se eu fosse um belo inseto que ele quer colocar numa jarra de vidro e manter para si.

A raiva de que alguém ousasse olhar sua consorte desse modo o agarrou feito um punho. Raphael assentiu, Gian morreria assim que tivessem as respostas para as perguntas de Elena.

— Madja fugiu para proteger a vida de sua filha, — Elena disse. — E ela nunca voltou para casa, nunca saiu do fundo do rio. — Ela engoliu em seco. — Estou feliz por ela não estar presa em Lumia, longe de sua filha.

Ele beijou as lágrimas que escorriam pelo rosto dela.

— Elena.

Mãos se fecharam em seus pulsos e sua caçadora disse.

— Ela vestiu minha mãe com um lindo vestido e um casaco, deixou-a com um saco cheio de lanches e brinquedos. Ela amava seu bebê.

— Alguém guardou essas roupas?

Elena sacudiu a cabeça.

— A freira tirou uma fotografia da minha mãe no dia em que minha avó morreu. Ela sabia que uma vez que minha mãe entrasse no sistema de adoção, sua história seria perdida e ela nunca saberia o quanto foi amada.

Mais lágrimas turvaram seus olhos assombrados.

— Quando era criança, não entendia o quanto minha mãe deveria estar assustada por sua própria mãe não voltar para ela. Era tão pequena, tão frágil.

Beijando mais uma vez suas lágrimas, Raphael disse:

— Sua avó a deixou em mãos seguras, mãos que cuidaram dela muito depois que os outros a esqueceram.

— Não parece justo. — Ela balançou a cabeça, os fios ainda úmidos de seu cabelo escovando contra as asas que ele tinha curvado em torno dela. — Marguerite perdeu sua mãe, então perdeu suas filhas. Não se pode esperar que alguém suporte tanto sofrimento. — Seus ombros tremeram, um soluço se prendeu em sua garganta.

Envolvendo-a firmemente nos braços, Raphael a abraçou enquanto Elena chorava por uma mulher que não conseguiu suportar uma terrível realidade, não importava que tivesse duas filhas vivas que a amassem, ela precisava se livrar do horror que era sua vida. Marguerite Deveraux colocara uma corda no pescoço e acabara com a dor, e Elena a tinha encontrado. Por isso, Raphael jamais perdoaria Marguerite, por mais que sentisse compaixão pela tristeza pela qual ela passou.

As unhas de Elena se cravaram em suas costas, sua bochecha molhada apertou seu peito.

— É como se nossa família fosse amaldiçoada.

— Se foi, — Raphael disse, — então você quebrou esta maldição. — Envolvendo a parte de trás de sua cabeça, ele apertou a mandíbula contra sua têmpora. — Ninguém tirará Minha Elena de mim. Eu destruirei o mundo antes que permita que isso aconteça.

— Você é assustador, Arcanjo. — Sua caçadora sussurrou, voltando a encará-lo com um rosto molhado por lágrimas que, no entanto, continham um sorriso. — Mas quero dançar com você de qualquer modo.

As palavras eram um eco das que ela falou com ele quando caíram em Nova York, o corpo quebrado de Elena em seus braços e suas asas despedaçadas e inúteis.

Beije-me, hbeebti.

Ele deu outro beijo, derramando seu poder nela até que sua pele brilhava com ela, tentou beijar a dor que vivia tão profundamente nela. Ele queria amá-la da maneira mais primitiva, afastar a escuridão com o prazer, mas no quarto ao lado havia um Luminata quebrado, e acima deles os céus lançavam relâmpagos.

— Dançaremos quando estivermos em casa, — ele disse essas palavras como se fizesse uma promessa.

— Feito. — Ela deu uma respiração trêmula. — É uma maravilha quando você faz essa coisa. — Seus seios estavam ruborizados, seus mamilos apertados.

Raphael sorriu. Só eram capazes de experimentar esse erotismo fazia pouco tempo, quando ela se tornou forte o suficiente para suportar a mera sugestão de poder que ele compartilhava com ela, ligando-os durante a intimidade. Seu corpo não podia segurar esse poder por mais que alguns segundos, mas era mais que o suficiente para acender o prazer através de seus corpos.

— Imagine o quanto será melhor quando estivermos mais fortes, — ele sussurrou, baixando a cabeça para beijar seu mamilo endurecido.

Elena estremeceu.

— Você é letal. E eu... — puxando seu cabelo ela lhe deu um beijo duro, — sou uma vítima voluntária.

* * *

Elena vestia o uniforme completo de guerreira que tinha levado apenas para o caso de precisar, com botas que chegavam até suas coxas e a protegeriam contra golpes de faca. A blusa era sem mangas, mas tinha uma gola alta, e as lâminas

amarradas em seus braços deveriam alertar quem quisesse atacá-la. Por cima de seus pulsos e antebraços, usava luvas de couro reforçadas com metal que tinham sido presentes de Titus.

Para a guerreira de Raphael, dizia a nota quando chegou o presente do Arcanjo da Africa Austral após a festa de rua de Nova York.

Elas se encaixavam perfeitamente, e ainda melhor, não eram decorativas, eram usadas para proteção. Na parte de baixo, havia uma bainha de faca embutida, que ela utilizava agora. Então amarrou sua besta na coxa direita e, puxando de lado seu rabo de cavalo, enfiou uma faca longa na bainha que acompanhava sua espinha dorsal, que havia sido projetada para não atrapalhar suas asas.

— Pode me passar aquelas facas, Arcanjo.

Raphael entregou o pequeno e elegante conjunto de lâminas que ela sempre usava. Com o glamour ainda ao redor de ambos, ela poderia ter certeza que ninguém estava assistindo enquanto escondia lâminas por todo o corpo.

Os olhos de seu amante brilhavam.

— Está esquecendo de algo.

— Estou? — Elena olhou para si mesma. — Tenho certeza que coloquei tantas armas quanto possível. — Ela estava chateada com o que foi feito a Ibrahim, bem como com o destino brutal que provavelmente tinha acontecido à sua avó.

Raphael levantou o punho fechado e depois o abriu. Em sua palma estava uma estrela de arremesso, que poderia cortar a garganta se jogada na direção correta.

— Ashwini me deu isso na manhã de nossa partida, enquanto você estava no banho.

A outra caçadora era especialista em estrelas de arremesso, provalmente poderia decapitar alguém com uma versão um pouco maior, e estava ensinando Elena como usá-las efetivamente. Com os olhso arregalados, Elena pegou a estrela com extremo cuidado, consciente que poderia cortar o dedo fora de não fosse cautelosa.

— Por que me deu só agora?

— Sua amiga estranhamente disse para te dar apenas quando encontrássemos o homem quebrado.

Apesar de Elena conhecer muito bem Ash, as previsões ocasionais de sua amiga ainda a faziam tremer.

— Ela disse mais alguma coisa?

— Só que vai precisar disso. — Raphael disse endurecendo a mandíbula. — Se precisar, use-a. Mire nas artérias, faça tudo que tiver que fazer para sobreviver.

— Não tenho intenção de permitir que ninguém me machuque Raphael. — Suas palavras eram uma promessa. — Esses bastardos podem ter aterrorizado minha avó, mas não sou uma simples garota da cidade. Sou a porra de uma caçadora, e sou a maldita consorte do Arcanjo de Nova York.

Puxando Raphael até ela depois de guardar a estrela cuidadosamente num local construído especialmente para isso em suas roupas, ela o beijou com fúria encarnada.

— Agora vamos chutar esses babacas até a morte.

Raphael mordeu o lábio inferior.

— Você está cansada, depois da transferência do fogo?

— Não exatamente cansada, mas sinto que vou precisar de mais sono do que o habitual quando for dormir. — Outro beijo. — Mais ainda não estou com sono.

— Estarei aqui para te pegar, caso seja preciso, minha donzela.

— Haha, engraçado você... Mas não.

O sorriso de Raphael foi como um chute no estômago.

Ele também tinha tirado sua roupa molhada, agora usava um conjunto de couro marrom desbotado que tinha resistido ao tempo. Ele não carregava armas, mas se precisasse de uma ou três, ela tinha mais do que o suficiente para ambos. Era bom ser uma consorte.

Na sala de estar estavam apenas Aodhan, Ibrahim e o curandeiro com a terrível cicatriz no rosto e pescoço. Mas Aodhan se afastou da porta quando Elena e Raphael voltaram.

— Gian deseja entrar. Eu disse que teria de esperar.

Boa jogada, Elena pensou, enquanto permitiam que um Gian irritado entrasse.

— O que significa isso? — O frio e furioso líder dos Luminata, olhou para Aodhan como se ele fosse um subordinado que pudesse amassar sobre pressão. — Sou o líder dos Luminata. Com que autoridade me impede de cuidar do bem-estar de um dos meus?

— Com a minha.

Se o cabelo de Elena estivesse solto, teria sido empurrado para trás de seu rosto com a força do puro poder pulsando para fora de Raphael. Ele estava brilhando novamente, o brilho forte o suficiente para ferir seus olhos mortais... mas não os de Elena, não mais.

Perto da porta, Gian ergueu os ombros, as mãos enfiadas nas mangas do roupão e o rosto desprovido de qualquer expressão que o indicasse como o atacante de Ibrahim. Isso não significava coisa alguma necessariamente. Gian já tinha idade suficiente para curar feridas superficiais. E mesmo que Ibrahim lutasse, ele também foi pego de surpresa. Era possível que não tivesse feito nenhum dano facilmente visível.

— Lumia não está sob a autoridade do Cadre, — Gian disse, com um olhar rígido, embora mantivesse a expressão calma, própria dos Luminatas.

— Não, Gian. — O tom de Raphael disse ao outro homem para agir com cuidado. — Verifiquei os registros antes da reunião. Lumia não está sob a autoridade de um Arcanjo, está sob a de todos nós. Foi com essa estipulação que Lumia alcançou a independência.

O queixo de Elena teria caído se não estivesse apertando a mandíbula ao ver o pobre Ibrahim deitado tão ferido nas proximidades. Laric tinha puxado um cobertor sobre seu corpo, continuando a trabalhar nele com mãos suaves, mas não havia como esconder a extensão do dano.

Gian deu um sorriso que era tão incrivelmente sincero, que Elena teria acreditado, se já não soubesse o quão bom mentiroso ele era. Se fosse humano, teria sido chamado de psicopata.

Como se ele percebesse seus pensamentos, seus olhos se moveram para ela por um único momento antes de dizer.

— Isso é mentira. — Sua confiança era algo pacífico. — Lumia é uma ilha auto-governada, nossas leis são nossas.

— Pelo contrário. — A voz elegante de Neha, a Arcanjo da Índia soou através da porta.

Ela tinha retirado seu sari, colocando algo que parecia com o couro que os guerreiros usavam, embora sua roupa fosse um material verde escuro e de aparência dura que parecia novo. Elena não se deixou enganar pelo último. Raphael lhe tinha dito como Neha era boa em combate. Só porque ela escolhia agir como uma dama na maioria das vezes, não significava que não era uma guerreira mortal.

— Raphael está correto — Neha disse, as linhas elegantes de seu rosto expostas pela trança francesa em que ela prendera os cabelos. — A estipulação está nos documentos da fundação de Lumia. — Ela atirou um sorriso gelado em direção a Raphael, mas não disse palavras audíveis.

O que ela disse?

Elena perguntou na mente de Raphael.



Capítulo 35

Que é uma pena que nunca possa me perdoar por ter ajudado a matar sua filha, pois ainda sou tão inteligente e perigoso quanto sempre.

Mesmo que a filha de Neha, Anoushka, fosse um monstro que chegou a brutalizar uma criança em busca de poder. Elena poderia ter sentido pena de Neha por ter perdido a filha que tanto amava. Mas agora sabia como Neha tratou outra criança sob seus cuidados.

Mahiya raramente falava sobre seu tempo na corte de Neha, mas Venom e Dmitri tinha contatos lá, e Elena escutou o suficiente dos dois para saber que Mahiya era um milagre: uma mulher que tinha um espírito amável e coração puro através da mais pura força de vontade, apesar da infância não só totalmente carente de amor, mas cheia de atos que Elena considerava como tortura.

— Entretanto — acrescentou Neha, — não creio que o Cadre precise estar envolvido em assuntos internos dos Luminata. — Seus olhos foram para o corpo partido de Ibrahim, mas por sua posição, e levando em conta como Laric pairava

protetoramente ao lado de seu paciente, enquanto a forma rígida de Gian bloqueava ainda mais sua linha de visão, ela provavelmente só podia ver parte de sua metade inferior. — Especialmente dada a ferocidade da tempestade lá fora. Essa deve ser nossa prioridade.

— Por que está aqui, Neha? — Raphael perguntou.

— Como sabe, estava simplesmente andando pelos corredores. — Um movimento gracioso que era o mais perto de um encolher de ombros que Elena já vira Neha fazer. — Quero sair deste lugar e descobrir o que está acontecendo na China. Entretanto, parece que estamos presos aqui por enquanto, e desde que estamos...

Os olhos da Arcanjo da Índia voltaram-se para Ibrahim.

— Não consigo ver seu rosto, mas isso parece sangue em seu manto. Ele está ferido?

— Este guarda foi espancado até virar uma polpa, — Raphael disse categoricamente. — E chutado enquanto estava caído.

— Um ato desagradável. — Neha franziu os lábios. — Devemos descobrir quem está por trás disso.

Era uma coisa irônica de se dizer, dado o que Anoushka fez a um dos vampiros de Raphael. Então, novamente, a Rainha dos Venenos escolheu firmemente acreditar na inocência de sua filha apesar das evidências em contrário.

Seus olhos se ergueram para Gian, que parecia feroz ao ser lembrado que seu pequeno feudo não era realmente um feudo, mas que ele até o momento fizera um excelente trabalho em esconder isso. Sua fachada calma se quebrou, mas Elena viu a verdade na planicidade de seu olhar, na rígida tensão de seu corpo.

— O que sabe sobre este homem? — A pergunta de Neha foi uma ordem fria.

— Ele é novo aqui. — A voz de Gian foi tão inabalável como sempre, um verdadeiro líder Luminata. — Está conosco há apenas cinco anos.

Elena não tinha percebido que Ibrahim era um novato. Em termos angelicais, cinco anos era literalmente um piscar de olhos. O macho esbelto não teria tido tempo de ganhar a confiança de ninguém aqui, mas tampouco seria atraído para o

que estava ocorrendo sob a brilhante superfície de Lumia. Não saberia de nada para fazer alguma coisa.

Com a boca seca, ela o olhou aterrorizada.

Raphael, ele nos entregou o mapa.

Raphael encontrou seu olhar, o azul de seus olhos era uma sombra metálica que denotava uma raiva tão fria, que parecia vir de seu núcleo primordial.

Acha que foi isso que causou seu espancamento?

Acho que pode ter sido parte disso. Ibrahim estava sendo útil, provavelmente sem perceber que certas coisas estavam fora dos limites.

O que significa, disse Raphael, que deve haver alguma coisa no mapa que não devemos ver. Você o tem com você?

Sim, ainda está na bainha da besta. Tinha sobrevivido graças ao fato dela ter fechado a bainha por hábito, só bastou ela perder uma flecha na cidade para aprender essa lição. Foi sorte não machucar ninguém acidentalmente.

Raphael se virou para responder algo que Neha disse, mas sua atenção permaneceu em Elena. *Vá com Aodhan, veja se pode descobrir o que é que eles acham que não devemos encontrar. Vou me certificar de que seu amigo fique seguro.*

— Aodhan. — Elena olhou para os olhos de fragmentos de diamante de Aodhan. — Vamos voltar para o local onde Raphael e eu encontramos Ibrahim. Pode haver outra pista lá.

Para crédito de Aodhan, ele não questionou porque ela estava deixando o homem ferido. Apenas manteve a porta aberta para ela, e quando passou por ele, suas asas escovaram em seu peito. O contato não era importante, não agora, entre amigos, não quando Aodhan deu sua permissão de várias pequenas maneiras, mas ela sentiu os olhos em suas costas.

Deslizando uma lâmina como se estivesse brincando com ela, usou a superfície polida para ver quem estava olhando para ela e Aodhan.

Gian.

E não estava focado nela, mas sim em Aodhan.

Poderia não ser nada, sua raiva calmamente dirigida para quem quer que estivesse em sua linha de visão, mas aquele olhar... Isso a fazia se sentir feliz que Aodhan não morasse perto de Gian.

Um segundo depois, ela e Aodhan estavam no corredor indo na direção certa.

— Ibrahim encontrou aquele mapa histórico que eu pedi. — Ela explicou a ele depois que estava fora do alcance da audição dos outros. — Precisamos descobrir se há algo que não devemos saber.

— Precisamos de um lugar para examiná-lo. — Ele pensou por um momento. — Há uma pequena biblioteca na torre onde Laric mora.

— Vamos lá. — Elena tinha zero dúvida de que Gian descobriria rapidamente para onde foram, mas demoraria um pouco para que a mensagem chegasse ao líder Luminata, tempo suficiente para que pudessem começar a descobrir o que estava acontecendo ali.

Eles passaram por uma série de integrantes da seita nos corredores, seus rostos encapuzados e suas mãos enfiadas nas mangas largas das vestes. Nenhum deles falava.

— Esquisitos. — Elena murmurou depois que o último deles passou por eles no corredor. — Porque não olham as pessoas nos olhos, nem mostram o rosto?

— Acho que sua opinião foi afetada pelo que foi feito a Ibrahim. — Disse Aodhan em voz baixa. — Laric não cobre o rosto por falta de coragem.

— Merda. — Ele suspirou, esfregando a testa. — Sinto muito. Não quis dizer isso deste modo. Porém estes Luminatas escondem segredos.

Aodhan não discordou.

— Acho que o segredo se tornou incorporado na cultura.

— O que aconteceu com Laric? — Elena perguntou. — Ele realmente veio aqui para encontrar luminescência?

— Ele estava no céu quando Caliane executou Nadiel. — As palavras de Aodhan eram como pedras jogadas num lago parado. — Não estava perto, estava tentando pousar quando viu o que estava prestes a acontecer, mas não foi rápido o suficiente. As chamadas da morte de Nadiel rastejaram através do céu como o fogo mais violento do relâmpago, de acordo com ele, e foi pego no inferno.

— Inferno. — Elena não podia sequer imaginar a dor pela qual Laric havia passado. — Porque não se curou? — Ela viu anjos se curarem de todos os tipos de coisas, incluindo asas decepadas.

— Nem mesmo Keir pode te responder. — Aodhan a conduziu para baixo em um estreito corredor. — Ele está se curando, mas a um ritmo glacial. Nos mais de mil anos desde a execução de Nadiel, ele diz que as cicatrizes se tornaram menos rígidas, liberando o movimento de suas mãos. Mas não há nenhum sinal externo deste amolecimento, nenhuma indicação de que as cicatrizes desaparecerão um dia.

Elena pensou no que Aodhan estava dizendo.

— Ele foi pego numa explosão da morte de um Arcanjo pelas mãos de outro Arcanjo. A violência dessa energia...

— Sim. Ela queimaria um imortal até o osso. Apenas o fato dele estar muito longe e pousando o salvou, eu acho.

Caminharam em silêncio por vários minutos, e algumas vezes, quando entraram em lugares externos, Elena sentiu a forte tempestade, viu os relâmpagos atingirem Lumia, as nuvens negras e perigosas. Nada estaria voando até que tudo acabasse.

— É bom que Lumia tenha sido construída para durar.

— Entretanto os relâmpagos estão marcando as pedras. — Aodhan apontou as marcas carbonizadas que eram visíveis através dos erráticos clarões dos relâmpagos. — Se a tempestade não diminuir dentro de um dia, pode ameaçar a integridade deste lugar, que esteve em pé por milênios.

Porque a Cascata tem suas próprias regras.

Seus olhos observaram o céu arroxado cortado por relâmpagos.

— Sabe o que isso significaria. — Raphael e os outros Arcanjos teriam que voar para longe, arrastando os relâmpagos com eles, e arriscando serem lançados à terra feito flechas.

— Não iria matá-lo. — Aodhan lembrou suavemente.

Elena apertou as mãos.

— Mas vai machucá-lo muito. — Forçando-se a flexionar as mãos depois que voltaram para um corredor interno, ela afastou as imagens dos relâmpagos da

mente. — Não vamos nos preocupar com problemas futuros, concentre-se no agora. — Pensar em Raphael voando debaixo daquela tempestade antinatural fazia seu estômago revirar, como uma mão fria sufocando sua garganta.

— Acho que Laric está se escondendo aqui, — disse Aodhan depois de quase um minuto ter passado após as últimas palavras. — Quando me escondi em minha casa no refúgio, de certo modo estava protegido por minha aparência. É incomum, mas também cobiçada por muitos. — Houve uma longa pausa antes dele continuar. — Os imortais não tem que enfrentar a feiura física de nada, exceto de modo fugaz, muitos não eram gentis com ele. Especialmente a garota que estava cortejando no momento do incêndio.

Elena pensou em seus próprios comentários sobre imortais ganhando na loteria genética, sua mente inundada com a beleza abrasadora de anjos e vampiros que ela conhecia. E pensou em Jessamy, tão talentosa e gentil, mas com uma asa torcida que a definia na mente de muitos imortais.

Sentiu seu coração apertar.

— Ele está aqui por todo esse tempo.

— Ele veio pra cá uma década após o acidente. — Aodhan disse. — Disse que este lugar uma vez teve um coração amável, que o Luminata responsável tinha uma alma verdadeiramente luminescente, e ofereceu a Laric o santuário sem data final pré-fixada. Não apenas isso, Laric diz que o Luminata ficou sentado com ele por muitas horas, lhe ofereceu conselhos sábios, insitou-o a voltar aos seus estudos para medicina, e falou com ele na língua silenciosa. — Aodhan moveu suas mãos para mostrar o que significava. — Mas esse homem há muito tempo está adormecido. Acho que ele está com medo, Elena, com medo que o coração de Lumia se foi e ele será empurrado para o mundo novamente.

Elena pensou em como Laric mantinha os ombros curvados, o rosto inclinado de uma maneira que impedia a luz de iluminar seu rosto marcado.

— Quantos anos seu novo amigo tem, Aodhan? — De tudo que Aodhan havia dito, não achava que Laric fosse muito velho. — Ou devo perguntar, quantos anos ele tinha quando veio para o santuário? — Porque ele ficou estagnado desde então, não importa a passagem física do tempo.

— Cento e vinte.

Elena sentiu o estômago revirar.

— Era apenas um bebê. — Tão perto da idade de Izzy que a diferença não importava em nada.

Aodhan assentiu com a cabeça.

— Era muito jovem para pedir uma entrada em Lumia, mas o então líder da seita fez uma exceção para ele — a única exceção jamais feita — porque ele não veio para ser um novato, mas como um ser terrivelmente ferido que precisava de refúgio. — A voz de Aodhan não era menos potente em sua emoção por ser baixa. — A Lumia de hoje, no entanto... não quero deixá-lo aqui, Ellie, este não é um bom lugar.

— Vamos descobrir alguma coisa. — Se Laric quisesse ir com eles, ninguém ficaria em seu caminho, Elena se certificaria disso. — Esta é a torre dele? — Era um canto distante de Lumia, havia apenas uma janela com a luz acesa.

O corredor coberto, mas aberto, permitia ouvir o uivo do vento, relâmpagos batendo na pedra diretamente acima de suas cabeças e rajadas de chuva batendo em seus rostos e corpos enquanto corriam para a torre. Aodhan ficou ao lado do barlavento, bloqueando o pior da tempestade.

— Obrigada, — ela disse com o coração acelerado quando chegaram ao fim.

Dobrando a asa, ele lhe deu um daqueles raros sorrisos que o iluminavam.

— Corri com uma garota desse jeito uma vez, — ele disse, havia um maravilhamento em seu tom que dizia que esta memória havia sido enterrada há muito tempo por memórias mais obscuras. — Sequer tinha oitenta anos. Ela me deixou beijá-la depois, me chamando de herói.

Mesmo na escuridão iluminada esporadicamente pelos raios, e com a feiura do que aconteceu à Ibrahim fresca em sua mente, a história continha uma doçura deslumbrante que deixou as bochechas de Elena doendo de tanto sorrir.

— Seu primeiro beijo? — Ele teria sido um jovem adolescente em termos humanos, se ela estivesse fazendo seus cálculos corretamente.

Ele deu um lento aceno que fez as finas gotas de chuva no seu cabelo cascadearem com luz translúcida, seu sorriso crescendo.

— Me exhibi por meses depois disso. — Ele abriu uma porta lateral para a torre que era velha, mas parecia estar em bom estado.

Elena entrou percebendo que estavam num andar inferior que era basicamente feito de pedra, com uma escadaria no centro. Aodhan lhe disse para ir até o primeiro andar.

— Eu a sigo, Ellie. — Ele disse, tornando-se mais uma vez sua escolta de olhos sombrios. — É mais fácil o perigo vir do exterior do que do interior.

Se movendo sem demora, Elena subiu com a arma na mão. A escada se abriu numa pequena biblioteca que tinha livros nas três paredes, uma lareira colocada no quarto, com duas poltronas antiquadas adequadas para asas angelicais, colocadas na frente do pequeno fogo que Laric deve ter acendido antes de sair. O tapete no chão não era tão antigo, este lugar parecia congelado no tempo, exceto pelos livros que podia ver empilhados ali.

— De onde ele pega estes livros? — De alguma forma, Elena não achava que Laric teria comprado pela internet.

— Há alguns Luminata que são bons com ele. Donael é um, Ibrahim outro. — Acrescentou Aodhan. — Se certificam que ele tenha livros.

— Fico feliz em saber que nem todos são bastardos. Estendendo a mão com sua mente, ela tocou a de Raphael.

Alguma novidade?

Ainda não. Pedimos a Gian que reúna todos aqueles que poderiam ter andado pelas áreas próximas no momento que Ibrahim foi atacado.

Ela contou sobre Donael pegando os livros para Laric.

Não tenho certeza do que isso diz, exceto que ele não é um total autoabsorvido em sua busca pela luminescência.

Mantereí isso em mente.

Elena encontrou uma pequena mesa na frente das poltronas e sentou numa delas, já que a mesa estava muito baixa para ser usada em pé, colocou a arma na mesa, pegou o mapa e o estendeu. Colocou a lâmina sobre a borda do mapa para mantê-lo aberto.

— É lindo. — Ela disse em choque.

Ela esperava um mapa velho, na melhor das hipóteses, mas esta era uma obra de arte tridimensional que mostrava Lumia como uma casa de bonecas aberta, com desenhos menores e mais detalhados em volta das bordas para áreas onde a abordagem da casa de bonecas tinha uma vista do interior.

Vela, livros, até mesmo minúsculos potes e panelas nas cozinhas, todos foram desenhados com uma atenção deslumbrante aos detalhes. E claro, havia Luminatas espalhados por toda a parte, indo fazer suas tarefas diárias.

— Eles não estão usando vestes.

Ao invés disso, usavam vários tipos de roupas, desde roupas de guerreiros, até roupas mais simples para tarefas diárias. As vestes estavam presentes, mas eram poucos os que usavam os capuzes para cima. Na verdade, nas cenas que via das pessoas passando umas pelas outras nos corredores, as pessoas estavam sempre puxando o capuz para baixo para cumprimentar o colega.

Só uma coisa era estranha: era uma irmande, e não havia nenhuma mulher.

Não era algo inexplicável, afinal, se ali houvesse mulheres seria difícil manter o sexo fora da equação.

Não, espere...

Já vivi milhares de anos, e aprendi que o amor nem sempre vem do mesmo modo.

Keir havia dito isso depois de vê-lo flertar com um guerreiro macho, que ela sabia, teve uma amante mulher anteriormente. Como acontecia com os mortais, a sexualidade imortal era uma tela de grande alcance com muitas variações. Assim, ter um ambiente masculino não necessariamente tiraria a tentação sexual da equação.

— Por que apenas homens? — Ela perguntou.

Aodhan encolheu os ombros.

— Por que os homens criaram clubes de cavalheiros em épocas passadas? E por que Caliane tem um templo no qual apenas suas donzelas são permitidas?

— Humm, — ela torceu sua boca para o lado, pensando sobre o que ele disse.

— Vejo o que quer dizer. Não pode ser nada mais complicado do que o fato dos anjos que montaram Lumia queriam um clube masculino.

— Quaisquer que tenham sido as razões para não admitir mulheres, Lumia mudou de forma profunda desde que este mapa foi criado, — disse Aodhan. Ele ficou de pé ao lado dela, mas empurrou uma das poltronas para que pudesse olhar o mapa sem comprometer sua capacidade de se mover rapidamente caso fosse preciso.

Sua asa estava metade sobre a dela, era como um peso quente.

— O que precisa encontrar?



Capítulo 36

Elena procurou por todo o mapa com sua pergunta, e encontrou um arranhão de palavras no canto.

— Isso parece aquela linguagem angélica que vimos na Galeria. — Ela teria que ver se podia aprender alguma coisa, pelo menos; odiava não saber das coisas. Então, novamente, cada caçador tinha sua especialidade, as línguas antigas estavam mais na linha de Honor.

Inclinando-se, Aodhan olhou atentamente para a escrita antes de acenar com a cabeça.

— Não há data exata, apenas o milênio. Foi feito pelo menos um milênio antes.

— Quantos líderes dos Luminata desde então? Laric mencionou isso?

— Remus fez. — Seu tom não mudou quando citou o anjo que tentou quebrá-lo quando estava ferido e vulnerável. — Pelo que Laric falou, só houve dois.

— Então, não foi só Gian quem governou por mais tempo que os cinquenta anos de mandato que os Luminata pretendem servir. Ele só está liderando há quatrocentos anos.

Aodhan assentiu lentamente.

— Sim, você está certa. Antes dele, era Hanjel quem ocupava o cargo. Ele desistiu do título para Gian depois de decidir que desejava encontrar luminescência caminhando pelas estradas ocultas do mundo.

Elena levantou a cabeça.

— Não, merda, — ela sussurrou. — Sempre achei que era uma lenda urbana. — Ao olhar curioso de Aodhan, ela disse: — Ao longo dos anos, vários caçadores relataram ter visto um anjo andando descalço por estradas isoladas e trilhas na floresta, como se tivesse andado para sempre. Os relatórios são raros por quanto tempo ele deve ter estado por perto, então deve se ater a regiões realmente remotas.

Sacudindo sua surpresa, ela disse:

— Então, qual deles começou a mudança? — De Lumia com um coração para Lumia com segredos frios, escondidos e violência. De um lugar onde os irmãos mostravam alegremente seus rostos para um lugar onde as sombras governavam.

— Gian — disse Aodhan definitivamente. — Remus estava aqui durante o segundo século do governo de Gian e disse que os mais velhos Luminata falaram da diferença nos estilos de gestão. Hanjel estava focado apenas em sua própria luminescência interior, deixando Lumia para correr como quisesse.

— Enquanto Gian pensa em Lumia como seu território pessoal.

— Mesmo se ele começou, outros tiveram que concordar, — Aodhan apontou. — Um homem não fica no poder sem apoio.

— Sim, este não é definitivamente um "show de um homem-só". Ela olhou para o mapa. — Ok — apontou para uma familiar cúpula de vidro. — Este é o Átrio.

— E é aqui que os nossos quartos estão situados, — Aodhan se agachou para tocar o dedo no local certo.

— A Galeria já está lá. — Isso foi uma surpresa. — Uau, eu a teria colocado aos pés de Gian — parece um testemunho do ego que se ajusta a ele. — A desconexão era outro lembrete de que ela tinha que ter cuidado para não ter visão

de túnel; Gian era assustador e mentiroso, mas isso não significava que estava por trás da subjugação da cidade, por exemplo.

— Talvez Gian exista devido a um sutil sentimento de superioridade que estava presente no Luminata anterior — murmurou Aodhan. — Eles foram deixados para viver como queriam por milênios.

Elena assentiu com a cabeça.

— As sementes devem ter sido semeadas por um longo período, apenas esperando o Luminata certo para levá-lo ao próximo nível. — Ela pensou em Donael, de quantos anos ele tinha, como era experiente. — É possível que Gian seja uma marionete.

— Um laranja? — Aodhan ergueu um ombro, deixou-o cair num encolhimento de ombros líquido. — Não vejo Gian como alguém tolo, mas a arrogância pode ser cega.

— Sim. — Agora que ela se orientou dentro do mapa, Elena tentou descobrir se algo estava errado. — Droga, — ela disse depois de alguns minutos. — Não conhecemos Lumia bem o suficiente para descobrir o que procurar.

Aodhan estava em silêncio, sua atenção na Galeria. Virando o mapa para si mesmo, ele continuou a olhar.

— Voamos por todos os níveis da Galeria, — ele murmurou, como se falando para si mesmo. — Não há discrepância com o número de níveis, mas. . .

Ele levantou o mapa, mandando suas lâminas deslizando.

Colocando-as de volta nas várias bainhas e tomando a vigia para que Aodhan pudesse se concentrar, Elena esperou. Aodhan tinha habilidades espaciais muito boas. Por fim, deu um rápido aceno de cabeça e pôs o mapa de volta.

— Olhe aqui, Ellie.

— É uma porta. — No fundo da Galeria.

— Não, Ellie, é um alçapão.

Os olhos de Elena se arregalaram, a realização bateu nela tardiamente.

— E se nós estivemos no fundo, o que diabos está debaixo?

— Mais importante ainda, esse alçapão não estava coberto por um tapete ou outro objeto facilmente removível quando estávamos na Galeria. Todo o piso era de mármore liso.

— Qual o melhor lugar para enterrar alguma coisa? — Elena sussurrou. — Um lugar que ninguém sabe nem sequer existe. — Seu coração trovejou.

Ela estava olhando para o túmulo de sua avó? Os túmulos de inúmeros outros homens e mulheres tirados da cidade porque os Luminata os queriam - ou como o marido vampírico de Majda - porque estavam no caminho de outra pessoa que os Luminata cobiçavam?

— Ellie. — A voz de Aodhan era gentil, suas asas brilhando descontroladamente na luz do fogo. — Não deve fazer suposições. Se fosse um lugar de enterro para um mortal, ninguém se importaria. — As duras palavras a fizeram estremecer e depois endurecer a coluna. Sabe o que a maioria dos imortais pensa dos mortais, e já viu provas de como os Luminata tratam as pessoas da cidade.

Elena lutou para não o atacar, ela sabia que ele não acreditava no mesmo, estava apenas dando a ela a perspectiva que precisava ter em mente.

— Então, que merda está lá embaixo, que tem Ibrahim deitado em anshara? — Porque era o mapa que fez o anjo ser batido a uma polpa, disso Elena não tinha dúvida. — Ele nos deu o mapa e pagou por isso.

— Pode ser o lugar de dormir de um anjo, que é conhecido do Luminata mais velho — apontou Aodhan. — Se assim for, não temos o direito de perturbá-lo.

— Mas se fosse isso, tudo que alguém tinha que fazer era dar uma palavra na orelha de Rafael e nenhum de nós chegaria perto, — disse Elena. — Por que bater tanto em Ibrahim?

— Ibrahim poderia ter sido espancado por algum outro motivo, totalmente sem relação. Como o fato dele ter caído em conflito com um Luminata que desejava tomar um homem ou uma mulher da cidade à vontade.

Elena não tinha sequer pensado nessa opção, e maldita seja, podia ver o inocente e esperançoso Ibrahim chocado com tal abuso de poder.

Olhando para Aodhan, ela disse:

— Pare de ser advogado do diabo.

Um sorriso fraco.

— Seu Bluebell não está aqui, então devo levar a bandeira.

— Ha ha. Como sabia sobre o que os Luminata estão fazendo na cidade de qualquer maneira? — Ela não teve chance de informá-lo após sua primeira viagem, e ele não foi na segunda.

— O Sire falou comigo logo depois que você descobriu a espionagem em seus aposentos. — Ele tocou sua têmpora para indicar como Raphael o tinha contactado.

Rolando para cima o mapa depois de morder um grunhido pela memória daquele buraco, ela escorregou-o na bainha das setas da besta mais uma vez.

— Temos que descobrir se há outra maneira de ficar por baixo desse nível final da Galeria e só temos até a tempestade passar. — Logo que os relâmpagos parassem, o Cadre teria que se mover. Sede de sangue em toda a China era uma ameaça muito mais letal que a insanidade de um pequeno culto louco.

Aodhan pareceu pensativo.

— Posso perguntar ao Laric o que ele sabe. Antes que Lumia mudasse, ele nem sempre ficava em sua torre. Costumava andar pelos corredores e conversar às vezes com alguns outros que conhecem a linguagem de sinais.

— Ele não pode vocalizar?

— Não, a cicatriz é muito severa. — Uma pausa. — Ele diz que nenhum dos novos - apenas Ibrahim - se preocupou em aprender a linguagem de sinais, se não sabiam antes. Ibrahim é aparentemente terrível em línguas, mas é esforçado.

Quanto mais Elena aprendia sobre o novato machucado, mais gostava dele. Quanto aos outros que não tinham se incomodado com uma bondade simples para um ser vivo na dor...

— Isso é o que acontece quando a podridão vem do topo. As pessoas se transformam em ovelhas sem consciência. — Ela ficou de pé. — Quero falar com Hannah, também. Ela passou a maior parte do tempo na Galeria, poderia ter visto algo que não percebeu a importância.

— Donael saberá se há uma parte escondida de Lumia abaixo do nível final da Galeria, — disse Aodhan quando saíram da biblioteca de Laric. — Ele estava aqui quando este mapa foi criado.

— Último recurso. — Elena tocou uma lâmina para manter sua raiva sob controle. — Não sei se podemos confiar nele, mesmo não dando a vibração assustadora.

— Porque se está em Lumia há tanto tempo — murmurou Aodhan, — ou conhece os segredos nessas paredes, ou permaneceu deliberadamente cego.

— Como você disse, Gian não apareceu no vácuo. Se Donael tivesse se empenhado no que era certo quando Gian começou a assumir o controle, ou mesmo antes, quando Lumia começou a mudar, talvez não estivéssemos aqui hoje. — Foco na luminescência pessoal não era, em seu livro, desculpa para cegueira intencional ao mal que ocorria bem debaixo do seu nariz.

Arcanjo, ela disse, estendendo a mão para Raphael, *pode contactar Elijah, descobrir onde está Hannah? Preciso falar com ela*. Ela lhe contou o que descobriram sobre uma possível seção subterrânea escondida na Galeria.

Os ventos do mar a beijaram momentos depois.

— Eli e Hannah estão em sua suíte. É quase exatamente do lado oposto de Lumia ao nosso.

— Obrigada. — Ela seguiu Aodhan pela escada.

— Há uma profunda veia de medo dentro dos irmãos que vivem aqui Elena, quase tão profunda como na cidade. Fede no ar quando falo com aqueles que podem ter visto Ibrahim nos momentos antes do ataque.

— Vou ter cuidado, — ela disse, porque enquanto ela lutava contra ele sempre que ele insistia em vê-la como uma mortal vulnerável, também entendia que o medo era um novo conceito para Raphael.

Ele não conhecia isso até que se apaixonou por ela, até que amarrou seu coração ao de uma mulher que poderia ser ferida ou morta por seus poderosos inimigos. Afinal, Elena se preocupava com ele, mesmo sendo um dos seres mais poderosos do mundo.

Dizendo a Aodhan seu novo destino pouco antes dele abrir a porta no nível mais baixo da torre, Elena foi empurrada atrás pela batida do vento que sacudia a porta, como se tentando arrancá-la de seu aperto. A tempestade não se manteve estável, mas tinha aumentado em tamanho e violência. Os raios caíam agora como

chuva, perfurando a terra repetidamente, e onde batiam, deixavam atrás somente cinzas. As paredes de pedra de Lumia traziam várias cicatrizes novas que ela podia ver, mas aquela pedra ainda estava se mantendo sob o assalto.

Com o coração batendo na beleza da exibição primordial apesar do perigo dela, Elena olhou para Aodhan.

— Pronto?

Para sua surpresa, ele pegou sua mão, agarrou-a com força.

— Asas apertadas em suas costas, corpo baixo. O vento é forte o suficiente para nos empurrar do caminho, se não tivermos cuidado.

— Espere. — Tirando a mão de seu aperto, ela desmontou sua besta e deu a ele para segurar, em seguida, retirou o bracelete de garrote que tinha enfiado num bolso no último minuto. Na verdade, tinha um comprimento muito mais longo de fio fino dentro dele do que era necessário para torcê-lo em torno do pescoço de alguém.

Ela estalou o bracelete em duas partes com o fio entre eles, amarrou uma parte à extremidade dianteira de uma seta da besta, estava prestes a torcer a outra extremidade sobre seu próprio punho guarnecido quando Aodhan o segurou no dele.

— Eu sou mais forte.

Porque ele era, Elena envolveu o fio de metal sobre o topo de sua luva e deu-lhe o fim da pulseira para segurar. Não poderiam se dar ao luxo de amarrá-lo a algo do lado da torre sem primeiro saber se teriam comprimento suficiente para tornar isso possível.

— Agarre em algo.

Depois de fixar a porta aberta com o que parecia ser um pesado pedaço de rocha destinado a esse propósito, Aodhan usou sua mão livre para agarrar a escada de trilhos atrás deles e esticou seu corpo para que ela tivesse tanto fio para brincar quanto possível. E ela atirou a seta. Foi numa velocidade muito rápida para o vento a desviar, batendo com segurança na parede do corredor no final do caminho.

Enquanto Aodhan mantinha sua posição, os músculos do braço rígidos, ela rapidamente desembrulhou o fio de sua luva, então juntos, os dois o engancharam em torno do corrimão da escada. O comprimento provou ser apenas o suficiente. O

único problema era que o metal era tão fino que rasgaria suas mãos se o agarrassem com as mãos nuas.

— Tenho uma idéia. — Correndo para cima, ela cortou dois pedaços do velho tapete de Laric usando uma de suas facas e voltou para baixo.

Aodhan olhou para o que ela segurava e assentiu.

— Vou na frente. Use meu corpo como proteção contra o vento e agarre as costas da minha calça.

Dois segundos depois, saíram. E Jesus, os ventos eram brutais. Uma rajada realmente levantou Elena de seus pés num ponto, apenas seu aperto duplo no fio e em Aodhan a manteve no caminho. Rosto e corpo molhados do lado da chuva, ela tropeçou em Aodhan na outra extremidade, colidindo com a suave suavidade de suas asas.

— Desculpe.

Ele envolveu um braço ao redor dela e a puxou firmemente para fora do vento.

— O arame — disse ela, afastando os cabelos úmidos de seus olhos. — Eu ia cortá-lo neste fim, mas com a ferocidade do vento, poderia chicotear e acidentalmente garrotear alguém.

Colocando uma mão nua sobre o fio, Aodhan liberou um toque da mesma energia que ela o presenciou usar na batalha. Correu ao longo do fio para faíscar contra a escada. . . E por trás dele, o fio se desintegrou.

— Quando terei superpoderes? — Ela murmurou, recuperando a seta que tinha disparado e deslizando-a para longe.

— Talvez uma vez que não tenha mais a mesma idade que Sam.

Rindo, surpresa, e ameaçando encurralá-lo com sua besta, Elena forçou-se a olhar para longe da fúria selvagem da tempestade. Ela e Aodhan levaram um bom tempo para a suíte de Hannah e Elijah, para encontrar Hannah sozinha com a forma lânguida de Cristiano, o vampiro relaxado como sempre. Mas esses olhos castanhos escuros, no entanto, eram de um predador de olhos frios que eliminaria qualquer ameaça à Hannah ou morreria tentando.

— Elijah foi se juntar a Raphael, — disse Hannah para Elena depois que Cristiano os deixou entrar, o vampiro e Aodhan ficando perto da porta para falar em

tons tranquilos. — Gian está insistindo que a violência deve ter vindo de uma das escoltas do Cadre. Ele está apontando o dedo com mais força para Riker.

Elena não tinha nenhum amor pelo guarda vampiro de Michaela e isso era um grande eufemismo, mas fazer dele o cara caído era um pouco conveniente demais.

— Ele fica tão perto de Michaela quanto permitido, — ela apontou. — Quando ela se encontra com o Cadre, ele se esconde lá fora. Então, se bateu em Ibrahim, isso significa que Michaela estava assistindo.

Reorganizando sem sentido um vaso de flores, seu vestido verde profundo simples e elegante e seus cabelos num nó limpo, Hannah ergueu uma sobrancelha.

— Nós duas sabemos que isso poderia acontecer.

— Normalmente, sim. Mas Michaela quer sair daqui, não teria concordado com nada que pudesse causar um atraso. — Ela cruzou os braços. — E eu conheço o cheiro de Riker. Não estava em Ibrahim.

Assentindo, Hannah abandonou as flores.

— Por que queria falar comigo?

Quando Elena lhe disse, Hannah franziu o cenho.

— Outro nível abaixo da Galeria? Não vi nada que indicasse uma área oculta.

— Tem certeza? — Elena insistiu. — Você esteve no nível do mapa por um longo tempo. Talvez tenham esquecido alguma coisa, deixaram em exposição. — Os visitantes, afinal de contas, eram raros neste lugar.

Pegando um bloco de desenho, Hannah começou a dar pancadas com um lápis de carvão que estava deitado ao lado. Mais uma vez, parecia sem rumo. . .

— Oh, maldição, — Elena murmurou, gelo em suas próprias veias. — Está preocupada que Elijah vai voar para fora de Lumia para atrair a tempestade.

Hannah engoliu em seco, sua expressão sombria quando levantou os olhos do bloco de desenho.

— Ele estava falando sobre isso antes de você chegar, como era a única opção se a tempestade não diminuísse nas próximas três a quatro horas, senão Lumia vai começar a desmoronar. Raphael disse alguma coisa?

— Não, mas sei que tem que estar considerando isso. — Elena tinha conseguido colocar a possibilidade no fundo de sua mente, mas diante do medo de

Hannah, a sua própria a beliscou com dentes frios e famintos. — São Arcanjos, Hannah. Não se esqueça disso. — Era tanto um lembrete para si mesma, quanto para Hannah.

— Eu sei, mas esses relâmpagos não são naturais. — Com um suspiro, a outra consorte continuou antes que Elena pudesse responder. — Tenho certeza sobre o que vi no nível do mapa. Absolutamente nada que indicasse um nível oculto para a Galeria.

Decepção afundou dedos pesados no sangue de Elena, juntando-se ao nó de medo gelado em seu intestino.

— Droga. Teria sido bom ter confirmação.

— Desculpe — disse Hannah.

— Suponho que não tenha ouvido o nome Majda ou Jean-Baptiste? — Elena se afastou sem esperança.

Mas os olhos de Hannah se arregalaram.



Capítulo 37

— Majda? — Perguntou Hannah. — Sim, ouvi esse nome muito recentemente.

O pulso de Elena disparou.

— O que? Onde?

— Em um livro. — Hannah pressionou seus dedos em sua testa antes de deixar cair sua mão e trocar olhares com Elena. — Elijah e eu fomos sentar no Repositório de Conhecimento um pouco mais cedo esta noite, junto com Astaad. Levantei-me para perambular e descobri um volume de poesia que ficava atrás de uma prateleira alta.

Linhas em sua sobrancelha normalmente lisa, ela disse.

— Só olhei para ele antes de entregá-lo ao bibliotecário de plantão. Ele parecia chocado com o que eu segurava e não consegui entender isso naquele momento. Pensei que talvez estivesse consternado por algo tão obviamente feito à mão que tivesse entrado em sua biblioteca.

Elena não sabia como a poesia podia ajudar, mas ela ouviu atentamente.

— O livro tinha uma inscrição no final: Para meu amor, Majda.

Elena olhou para Hannah, que não podia saber a importância do que encontrara.

— Estava assinado?

— Só com um G.

Lutando para não trair sua resposta a essa informação, Elena disse:

— Mais alguma coisa?

— Havia um poema lá dentro que eu olhei, sobre uma mulher com cabelo de luar. — Seus olhos foram para o cabelo de Elena, compreensão súbita em suas profundezas. — Não era uma poesia muito boa, entende? Foi por isso que só olhei para ele antes de entregar o livro ao bibliotecário para que ele pudesse ser devidamente arquivado.

— Má poesia? Como o tipo que um homem aborrecido pode escrever para uma mulher?

Hannah assentiu lentamente.

— Sim, exatamente. Má poesia amorosa, deliciosa para o destinatário, mas não uma jóia literária por qualquer medida.

Elena tentou não se agarrar a esse G. Poderia pertencer a qualquer um. Ela certamente não sabia os nomes de cada Luminata neste lugar.

— Você quer que eu veja se eu posso pegar o volume de volta? — Hannah disse, seu interesse oculto. — O bibliotecário não pode mentir-me sobre sua existência, desde que eu a entreguei diretamente a ele.

— Não quero que se coloque em risco, — Elena começou.

— Ellie — fechando as mãos sobre a de Elena, Hannah apertou. — Sou boa em cuidar de mim mesmo e também tenho Cristiano. — Um sorriso profundo. — Ele se move como um gato preguiçoso e se comporta como um quando em repouso, mas é um leão da montanha cauteloso e perigoso.

— Além disso, — Hannah acrescentou. — Não acho que nem os Luminata são suficientemente arrogantes para atacar a consorte de um Arcanjo. Eles sabem que Elijah aniquilará este lugar, juntamente com cada membro de sua seita.

Elena não tinha tanta certeza.

— Essas pessoas levam arrogância para um novo nível, Hannah. Estão acostumados a agir sem limites.

— Vou pedir à Titus para ir comigo, então — disse Hannah, claramente em paz com o fato de que não era guerreira. — Ele está inquieto neste lugar e acho que vai achar isso uma diversão pequena e atraente.

— Titus em uma biblioteca? — Seria como encontrar Elena em uma, para ser honesta. Titus estava muito mais em casa com uma arma, seu corpo em movimento.

— Não é seu habitat normal, é verdade. — Hannah riu. — Mas há uma exibição de facas antigas numa parede que deve ser de interesse para ele.

Isso respondeu à questão de onde pelo menos algumas das coleções de armas da Galeria eram exibidas.

— Prometa-me que não irá se não conseguir que Titus vá junto.

— Prometo, — Hannah disse, uma curva suave em seus lábios. — Sabe que sou mais velha e mais forte do que você?

— Sim, mas não tem instinto assassino. — Para melhor ou pior, Elena tinha. Talvez tivesse nascido com ele, ou talvez o ganhou da vida nos meses e anos após o brutal assassinato de sua mãe e de suas irmãs, quando descobriu que, às vezes, para lutar contra um pesadelo, você tinha que se tornar um pesadelo ainda mais perigoso.

Deixando seu companheiro consorte, Elena considerou seu próximo movimento. Foi Aodhan quem disse:

— O seu conselho a Hannah foi bom.

Seus lábios subiram, a dor da memória recuando para o fundo em face da realidade atual.

— E eu deveria segui-la?

— Seria prudente.

— Devemos voltar para Raphael de qualquer maneira, ver se ele está desenterrando qualquer coisa. — E assim ela poderia ter certeza que não estava planejando colocar a cabeça para fora no relâmpago assassino que atingia Lumia.

* * *

Até agora as coisas tinham chegado a um beco sem saída com a investigação.

Nenhum dos Luminata estava falando e nenhum dos que agora conheciam o incidente - Raphael, Elijah, Neha e Titus - poderiam justificar métodos mais extremos de questionamento, pois isso violaria limites tão importantes que poderiam fazer um rasgo permanente no tecido da Sociedade Angelical.

Voltando com Raphael para sua suíte, uma suíte guardada pela escolta de Titus - que partiu logo em seguida - Elena viu que Ibrahim estava respirando mais fácil. Laric sentava-se ao lado dele, seus ombros curvados e seu capuz puxado para a frente sombreando seu rosto, mas suas mãos estavam gentilmente ministrando para o anjo ferido, apesar de sua falta de treinamento.

Foi quando ela se lembrou.

Arcanjo, preciso lhe contar algo sobre Laric.

A expressão de Raphael ficou cada vez mais escura ao compartilhar a história do fogo mortal que consumira o céu, capturando um jovem anjo nele.

Não sabia que havia vítimas colaterais, ele disse depois, e não acredito que minha mãe também.

Não acho que muitas pessoas sabem. — Elena passou os dedos pelo dele. — Se ele quiser sair da Lumia, podemos oferecer-lhe uma casa, certo?

Um selvagem inferno azul encontrou seu olhar.

Um coração tão macio, caçadora da Sociedade. Sim, podemos oferecer a este curandeiro um lugar, mas ele ainda terá uma vida dura. Muitos imortais são imperdoáveis com imperfeições físicas.

As palavras ecoavam as anteriores de Aodhan, e não eram cruéis, simplesmente realistas.

Eu sei, ela disse. Mas acho que se pudermos dar a Laric um lugar onde ele possa crescer forte, ele pode fazer muito melhor do que está fazendo aqui. Ele está enterrado vivo.

Sua mandíbula retesando de forma que uma sombra impossivelmente desolada passou sobre seu rosto, Raphael assentiu antes de retornar sua atenção para onde Aodhan foi ficar com Laric. As mãos do anjo moviam-se rapidamente. O

curandeiro menor e mais magro moveu suas mãos com cicatrizes por sua vez, sua conversa aparentemente intensa.

Foi então que Elena notou que as asas de Laric eram pequenas protuberâncias, menores do que deveriam ser. Seus olhos arderam ao perceber que o fogo também tinha causado danos catastróficos em suas asas, e ainda assim ele tinha coração para curar os outros. Isso era muito mais luminescente, em sua mente, do que qualquer outra coisa que ela viu neste lugar.

Engolindo a resposta, ela foi sentar-se perto de Ibrahim, tocando gentilmente seus dedos em seu cabelo. Era bem cacheado e tão macio.

— Vamos, Ibrahim, — ela sussurrou. — Não deixe que os bastardos te derrubem.

O vento mordaz beijou sua mente, tocado com o ar salgado do mar.

Aodhan nos pede para nos aproximarmos.

Quando se juntaram a Aodhan do outro lado do corpo imóvel de Ibrahim, o anjo falou em voz suave.

— Laric diz que havia algo abaixo da Galeria uma vez.

O curandeiro silencioso acenou com a cabeça de onde estava ao lado de Aodhan.

— Ele nunca foi lá, assumiu que era para armazenamento de coisas indesejadas. Ele só tem uma vaga lembrança do alçapão na própria galeria, mas se lembra de uma porta colocada numa parede perto da entrada da Galeria, que às vezes, era aberta e da qual podia ver um lance de escadas.

— A escada teria que ser incrivelmente íngreme, dada a descrição que Elena me deu da Galeria — disse Raphael.

— Laric só teve um vislumbre, então não pode dizer.

Com sangue bombeando quente e escuro sob sua pele, Elena olhou para o curandeiro.

— Pode nos levar até aquela porta?

Ele pareceu que ia concordar, mas suas mãos começaram a se mover. Aodhan traduzindo.

— Laric quer ficar com Ibrahim, no caso dele sair do anshara e ficar com dor, como às vezes acontece, mas pode nos dar instruções.

Raphael olhou para Elena enquanto Aodhan recebia essas instruções.

— Acho que devemos esperar até depois do sino para a contemplação noturna dos Luminata. Esse tempo é tão sagrado para eles que o próprio Gian pediu ao Cadre para não perturbá-lo.

Era difícil se obrigar a esperar quando o instinto estava gritando para ela que algo monstruoso estava sob Lumia, mas Elena assentiu. Fazia sentido esperar até que os irmãos voltassem para seus quartos, deixando os corredores livres.

O trovão caiu lá fora segundos depois, tão alto que vibrou através dos ossos de Elena. Olhos fixos em Raphael, ela alcançou sua mente.

Você não vai lá fora.

Ele embalou o lado de seu rosto, apenas sacudiu a cabeça, os fios de meia-noite de seu cabelo emoldurando um rosto de poder cegante. E ela sabia. Se essa fosse a única escolha, então Raphael conseguiria. Porque era um Arcanjo. Ele tinha uma chance de sobrevivência mesmo no meio da aberrante tempestade da Cascata. Se Lumia entrasse em colapso e o raio a atingisse, ou Aodhan, eles morreriam.

Corpo rígido, ela jogou seus braços ao redor dele e apenas segurou firmemente.

Vinte minutos depois, Cristiano apareceu com uma nota para Elena.

O bibliotecário insiste que destruiu o livro, que era um “item sem valor” que nunca estar no Repositório do Conhecimento. Não acredito nele, mas não posso chamá-lo de mentiroso na sua cara sem causar grave insulto que os Luminatas podem usar para provocar problemas, pois ambos sabemos que o mundo não precisa de mais caos agora. Vou, em vez disso, continuar a vasculhar as prateleiras, caso tenham esquecido alguma outra coisa. — Hannah

Não era o que Elena queria ouvir, mas ao mesmo tempo, a ironia do bibliotecário deu mais peso ao fato de que Hannah tinha tropeçado inadvertidamente em algo importante. Colocando a nota no bolso num esforço instintivo para mantê-la segura e longe de olhares indiscretos, ela forçou-se a deixar Raphael - que estava conversando com Aodhan - e foi sentar-se ao lado de Laric.

— Quer ficar aqui?

Quando o curandeiro congelou com sua pergunta, ela simplesmente esperou. Você não empurra um pássaro quebrado, assustado. Isso apenas faria com que tentasse voar para longe. Foi pelo menos dois minutos depois que ele finalmente levantou as mãos, deixou-as novamente para olhar para Aodhan. Mas o membro dos Sete não estava olhando para este lado, sua concentração em sua discussão de voz baixa com Raphael.

Elena olhou ao redor, pegou um bloco de notas de uma mesa lateral próxima, e deu à Laric junto com uma caneta, antes de retomar seu assento. Ele segurou a caneta estranhamente e ela percebeu que a cicatriz em suas mãos dificultava que escrevesse suavemente.

Ele poderia, no entanto, escrever ainda.

Quando entregou o bloco de volta para ela, Elena viu que ele tinha escrito as palavras em Inglês meticulosamente formado:

Não há nenhum outro lugar onde eu estarei em paz.

Franzindo o cenho, ela disse:

— Você quer isso? Não é solitário?

O curandeiro não disse nada por muito tempo. Então escreveu novamente:

As pessoas são cruéis.

Jovem, lembrou Elena, era muito jovem quando se machucou. Independentemente de sua idade física, ainda era aquele menino por dentro, que foi rejeitado por sua amante, então olhou com piedade e talvez até mesmo desgosto pelo mundo imortal. Ainda . . .

— Conhece Jessamy?

Um assentimento imediato, aquelas mãos cicatrizadas escrevendo cuidadosamente na página:

Ela é forte. Eu não sou forte.

— Não acho que já se deu uma chance, — Elena murmurou e, agindo por instinto, colocou a mão em seu ombro.

Ele ficou rígido antes de relaxar lentamente. Mas não se afastou. Isso era o que ela pensara: esse garoto não era como Aodhan, que evitava o contato. As pessoas tinham simplesmente parado de tocá-lo.

— Pense nisso — disse ela. — Há um monte de coisas incomuns em Nova York, você não vai se destacar tanto quanto pensa.

Sorrindo, ela disse:

— No outro dia, vi um homem vestido como um frango andando com uma pasta. Ele continuou olhando para o relógio como se estivesse atrasado.

Sua surpresa foi tal que ela quase conseguiu um vislumbre de seu rosto antes dele angular para que as sombras do capuz o ocultassem, claramente uma manobra praticada.

Pegando o bloco de notas, ele escreveu:

Anjo nenhum quer suas imperfeições visíveis para o mundo.

A raiva queimava o sangue de Elena, mas não podia dizer a ele que não era verdade. Mesmo Jessamy tinha dito algo semelhante.

— Ver um Arcanjo executar outro no céu de Nova York, — Jessamy tinha murmurado, — é um caso muito diferente de ver um anjo com uma asa malformada. — Um sorriso suave que disse à Elena que a outra mulher estava em paz com quem era. — Uma é algo de outro mundo além de mortal, o outro muito perto de sua própria realidade. Anjo nenhum pode se dar ao luxo de ser tão real, Elena. Isso quebraria os alicerces do mundo.

Nos calcanhares dessa memória veio a história sangrenta de Raphael sobre os anjos que queriam governar sem qualquer supervisão arcangélica.

Vivemos num mundo de predadores e presas.

E a consequência de ver um anjo com uma doença "mortal" poderia ter milhares, dezenas de milhares de mortais mortos depois que algum idiota decidisse que poderia lutar com os anjos e vencer.

Porque os mortais nunca poderiam vencer.

Esfregando os dentes, Elena estreitou os olhos.

— Deve haver uma maneira, — ela murmurou. — Há sempre um caminho. Nós apenas temos que descobrir isso.

Laric parecia estar olhando para ela. O que ele escreveu no bloco de notas a fez sorrir.

— Sim, — ela disse. — Não sou como outros anjos. Sou uma anjo caçadora. — Que diabos, as pessoas já estavam usando esse termo. Ela só iria aceitar. Então faria Demarco e Ransom, e todos seus outros amigos caçadores, que insistiram em desgastar as camisetas ridículas de anjo caçadora, a se curvarem a ela em homenagem.

A ideia a fez querer rir, independentemente da brutal tempestade lá fora e da malícia mais sutil dentro de Lumia.

— Os caçadores são uma raça diferente.

O curandeiro não respondeu, mas podia senti-lo olhando-a novamente.

— Já tentou tirar suas cicatrizes? — Ela perguntou. — Anjos adultos têm uma habilidade de cura incrível pelo que já vi.

A mão de Laric se moveu lentamente pela página.

As cicatrizes são impossíveis de cortar.

Elena tentou processar o que ele estava dizendo, considerando a quantidade de energia que teria sido liberada na morte violenta de um Arcanjo. Não houve nada similar quando Raphael executou Uram, mas esses dois tinham extraído um inferno de muito poder de seu ambiente, então gastaram isto durante sua luta, Manhattan uma zona de guerra. Os arranha-céus danificados e uma rede elétrica queimada só foram o começo.

E em comparação com a batalha de Caliane e Nadiel, a luta de Raphael e Uram foi entre jovens filhotes, como Alexander costumava dizer.

Nadiel era mais jovem que Caliane, mas não era jovem. As quantidades de energia envolvidas... As cicatrizes deviam ser tão profundas no corpo de Laric que iam até o próprio osso.

Raphael, acha que poderia tentar curar Laric quando voltar da China?

Não antes. Não quando não tinham idéia do que ele poderia enfrentar lá.

Tenho considerado a melhor forma de utilizá-lo.

Elena encontrou aqueles olhos de azul infinito, de um Arcanjo cujo coração já não corria o risco de se tornar cruel.

Ele falou novamente, os ventos frios dele uma carícia em seus sentidos.

Não o abandonaremos, Elena. Aodhan diz que Laric está morrendo lentamente aqui. Uma pausa perigosa. O menino tem medo de ser empurrado para fora por interromper a "serenidade" deste lugar com suas cicatrizes, então ele raramente se aventura fora agora.

Essa idéia não apareceu magicamente em sua cabeça.

Ela havia sido plantada ali por homens que buscavam a luminescência na indelicadeza.

— Fez um trabalho incrível com Ibrahim, — ela disse em voz alta para Laric e não era apenas conversa, Ibrahim estava respirando mais fácil, sua cor melhor. — Especialmente porque só teve um pouco de treinamento.

Laric escreveu novamente no bloco de notas.

O dano não é tão ruim. Ele vai se curar. Ele pareceu ler com precisão seu choque com aquela descrição dos ferimentos de Ibrahim, porque acrescentou: Nenhum sinal de armas sendo usadas. Nada para causar danos profundos no interior.

Os cabelos se ergueram nos braços de Elena.



Capítulo 38

Tomando o bloco de notas, ela caminhou para mostrar a Aodhan e Raphael.

— Punhos e pontapés, isto parece pessoal para mim.

— Alguém com raiva. — A voz de Aodhan era calma, mas seus olhos quebrados eram cacos de gelo. — Como o Sire disse, ele foi chutado depois que estava caído; os punhos sozinhos não teriam desmoronado um lado de seu corpo ou pulverizado seu braço.

Um murmúrio, Laric vindo para pairar desajeitadamente nas proximidades.

Quando Elena o chamou mais perto, ele veio. Uma vez que fazia parte do círculo, suas mãos começaram a se mover. Aodhan observou, seu rosto cada vez mais sombrio.

— Ele diz que tem certeza que não foi raiva não direcionada, os ferimentos estão muito próximos para isso. Um lado do corpo de Ibrahim foi alvejado. Particularmente seu braço.

Elena olhou para o chão com uma careta, tentando concentrar seus pensamentos.

— Por que esse braço? — Ela levantou a cabeça. — Quero dizer, eu poderia entender alvejando ambos os braços se fosse sobre ele nos dando o mapa, ou se fosse castigo porque tocou algo fora dos limites, apenas com um braço?

— Não alguma coisa. — A luz do fogo brilhou no arco superior das asas de Rafael, e então aquelas asas eram chamadas brancas.

Ouviu Laric dar um suspiro, retroceder um passo, mas quando o fogo ficou confinado às asas de Rafael, ele voltou numa demonstração de coragem inesperada.

— Você tocou Ibrahim nesse braço.

Ela olhou fixamente para Raphael, suas palavras vibrando dentro de seu crânio.

— Isso não faz sentido. Eu pertenço a você. Todo mundo sabe disso.

Seu sorriso estava friamente satisfeito, suas asas cintilando de volta ao normal tão rapidamente como tinham mudado para a chama.

Fazendo-lhe uma careta, ela disse:

— E você pertence a mim, Arcanjo. — Ela lhe deu um olhar presunçoso.

Rindo, ele pôs uma mão sobre seu coração.

— Usaria sua marca na minha pele, Minha Elena. Mesmo que isso significasse fazer tudo de novo todos os dias quando eu acordasse.

— Aham. — Elena apontou para a asa que suportou a cicatriz de bala. — Já usa minha marca, Arcanjo.

Ele desdobrou sua asa, sorriu em aberta satisfação.

— É verdade.

Laric virava a cabeça para a frente e para trás enquanto falavam.

Elena pôde quase sentir sua surpresa com a conversa. Aparentemente, todo mundo esperava que os Arcanjos e suas consortes andassem por aí sendo de outro mundo e poderosos, não agissem como os amantes que eram. Embora, pelo menos com Elena, houvesse a expectativa de que ela fosse um pouco estranha, já que um dia foi mortal.

Foi Hannah quem surpreendeu a todos: Elijah como consorte não era de longe tão impecável como até mesmo Elena já havia acreditado. Se realmente tivesse pensado nisso, perceberia a verdade muito antes dela e Hannah se tornarem amigas. Nenhum artista andava em linha reta. E nenhum guerreiro tão poderoso e tão inteligente quanto Elijah adoraria tão profundamente uma mulher que fosse um ornamento gracioso.

— Independentemente do fato de você ser minha, — Raphael disse, dobrando a asa, — é muita coincidência que Ibrahim foi tão espancado poucas horas depois de interagir com você de uma maneira que, para um olho ciumento, teria sido inaceitável.

— Se está certo, então devem odiá-lo. — Sua faca estava em sua mão entre um suspiro e o seguinte, o cabo uma dureza familiar. — Quem quer que seja deve querer aniquilá-lo. — Ela mostrou os dentes. — Ainda bem que você é um Arcanjo.

O sorriso de resposta de Raphael foi tão letal.

— Sim. Como não acredito que seja alguém do Cadre, não estou em nenhum perigo real.

Contente que seu amante fosse um adversário tão duro e perigoso, Elena colocou ambas as mãos nos quadris.

— Concordo, acho que ninguém no Cadre está carregando uma tocha secreta por mim — disse secamente. — O que deixa um dos guardas ou acompanhantes ou o Luminata. Sei em quem apostar.

Um pensamento súbito a fez concentrar-se em Laric.

— Já viu uma mulher aqui que parecia comigo? Teria sido décadas atrás. Ela tinha cabelo como o meu, pele um pouco mais escura.

Em vez de mover as mãos para responder na língua silenciosa, pegou o bloco de notas e escreveu sua resposta.

Não. Mas ouvi rumores de uma mulher com cabelo de luar que ameaçou a luminescência de Gian com sua sedução.

Elena soltou um suspiro.

— Tudo que descobri até agora diz que esta mulher amava seu marido, era fiel a ele. Ela não ia ter um caso com ninguém, muito menos com Gian.

Elena.

Ela encontrou os olhos de Raphael, forçou-se a respirar.

Ela amava seu marido, Raphael. Como se ele fosse suas estrelas e sua lua. E amava sua filha o suficiente para correr para protegê-la.

Pessoas cometem erros. Ele segurou seu olhar. *Não estou dizendo que ela traiu seu companheiro, mas estava envolvida com Gian de alguma forma. Não devemos descartar a possibilidade.* Em voz alta, ele disse:

— Tudo aponta para Gian.

Elena assentiu com a cabeça.

— Há uma chance de que seja um homem fiel, mas meu dinheiro está em Gian. — Aqueles olhos que a observavam, as mentiras que contara, o G no livro de má poesia amorosa que Hannah descobrira. — Podemos nos mexer com ele?

— Posso matá-lo agora — disse Raphael, com os olhos metálicos na frieza.

— E isso causaria todos os tipos de questões políticas. — Elena colocou a mão em seu antebraço. — Não, teremos provas que ninguém possa contestar, então confrontamos Gian. — *Você não precisa de mais problemas com a guerra pendurada no horizonte.*

Laric estava escrevendo de novo, estendeu o bloco de notas um momento depois.

— Bem, porra, — Elena murmurou, virando o bloco de notas para Raphael e depois para Aodhan. Nele estava escrito: *o aliado mais próximo de Gian em Lumia é um homem alto e magro chamado Gervais. Como uma sombra, faz o que Gian manda.*

— Não o amante, mas o homem que cobiçou o que o amante tinha? — Os olhos de Rafael ficaram frios. — Possível.

— Se é Gian ou Gervais, — disse Aodhan, — um homem que agride alguém tão mal pelo “crime” de ter Elena o tocando, isso me fala de obsessão.

— Transferência? — Elena apoiou as mãos nos quadris. — O Luminata estava obcecado com minha provável avó e agora transferiu para mim essa obsessão?

Aodhan assentiu com a cabeça.

Laric escreveu algo em seu bloco de notas, segurando-o com uma mão hesitante. Quando Raphael, em vez de Elena, tomou-o, sua mão tremeu. O garoto

estava claramente intimidado por ficar tão perto de um Arcanjo. Assim como Elena já fora, mas ela conhecia aquele homem agora, via Raphael, não o Arcanjo de Nova York.

— Isso não é surpresa depois do que descobrimos na cidade, — disse Raphael, virando o caderno para Elena.

Os Luminata prometem celibato quando vêm a Lumia como iniciados, mas acho que não se apegam a esse voto. Vi mortais voando tarde da noite.

Elena se perguntou se aqueles mortais vieram aqui por escolha, mas foi forçada a admitir que a grande maioria provavelmente era fã de anjo, e fãs eram uma coisa séria.

— Acho que, tecnicamente, sou sua fã número um, — disse ela ao seu Arcanjo.

Raphael ergueu uma sobrancelha, puro Arcanjo de Nova York.

— Espero que seja esse o caso.

Uma risada inesperada cresceu nela, desaparecendo muito cedo.

— Fãs ou não, não posso esquecer o medo na cidade, o modo como Majda estava com medo de ser levada, o que o bisavô de Riad disse sobre o interesse dos Luminata “nas mulheres mais bonitas e nos homens mais bonitos”, — ela murmurou. — Claramente, não estão apenas pegando os fãs. Mas por que os anjos precisam coagir os mortais quando tantos se lançam aos anjos?

Casado ou descasado, solteiro ou em relacionamento, não importava muito. Os anjos aparentemente não contavam quando se tratava de infidelidade — ela ouvira aquela jóia de um caçador casado que conhecera um homem que desejava anjos. Isso foi antes de Elena se tornar um anjo e consorte para um, mas mesmo assim, ela discordava profundamente.

Fidelidade era fidelidade em seu livro. Ponto final.

— Para alguns — disse Aodhan em voz baixa. — Não se trata de sexo. É sobre poder.

Suas palavras tinham muito sentido, dado o que sabiam dos Luminata.

— Tomar, abusar e matar pessoas para manter a cidade na linha? Ou apenas porque podem? Sim, isso se encaixa com a forma como os Luminata parecem operar.

— Há também o fato de que se um determinado mortal chamar a atenção de um anjo, pode não querer jogar o jogo, — disse Raphael, um calafrio em seu tom. — Ambos conhecemos um mortal que foi cobiçado por um anjo que não aceitaria um não como resposta.

Dmitri.

Elena respirou fundo. Ela não sabia todos os detalhes, mas sabia que Dmitri foi feito vampiro à força por esse mesmo anjo.

— Sim. — A palavra saiu arenosa, dura. — Que significa...

— A mulher com o cabelo do luar pode muito bem ter sido alguém que disse não, — concluiu Raphael.

Vermelha em toda a sua visão, Elena disse:

— Já passou tempo suficiente? — Ela queria provas, queria que quem estivesse envolvido em aterrorizar a cidade, provavelmente as mesmas pessoas que fizeram sua mãe órfã, fosse derrubado.

— Não. Um pouco mais.

* * *

Uma hora mais tarde que Elena e Raphael saíram da suíte, os corredores de Lumia acenderam mais suavemente do que o habitual durante este tempo de contemplação. Deixaram Aodhan assistindo Laric e Ibrahim, não confiando nos Luminata para manter sua distância se Laric ficasse sozinho com o anjo ferido. Da maneira cuidadosa como Laric continuava a monitorar Ibrahim, Elena teve a sensação de que o curandeiro lutaria para protegê-lo, mas era pequeno e fraco, só acabaria brutalizado.

Aodhan havia protestado contra sua saída sozinhos, mas estava claramente dividido, entendeu que Laric e Ibrahim eram muito mais vulneráveis que Elena e Raphael como uma unidade. No final, não foi um longo desacordo e ele tomou

posição de guarda fora do quarto, deixando claro que os dois anjos dentro estavam sob a proteção de Rafael.

Como para qualquer um – ou mesmo vários – que tentassem passar por Aodhan, boa sorte para eles. Elena o vira na batalha. Não era só um belo demônio com uma espada, mas tinha aquele poder violento em suas veias que podia usar para dizimar partes de Lumia se quisesse.

— Está com aquele sorriso letal de anjo caçadora.

Soltando uma risada surpresa enquanto se dirigiam para seu destino final, perfurou Raphael levemente no braço.

— Isso foi bom. — Isso a fez sorrir quando ele continuou a parecer ferozmente arcangelical na superfície. — Estava pensando sobre o quão perigoso é Aodhan.

Raphael estourou seu próprio sorriso assustador.

— Sim. Ninguém, exceto um Arcanjo, passará por ele, e a maioria do Cadre não se interessa por esse “drama doméstico”.

— Neha? — Eles viraram para a parte de Lumia que estava virada para fora.

Um aceno de cabeça.

— Ela voltou para sua suíte quando não chegamos a lugar algum com nossas perguntas.

Relâmpagos brilharam em rajadas ardentes além das janelas e o trovão reverberou pelo ar, mas os corredores de Lumia estavam mais uma vez vazios.

— Quando os Luminata recuam para contemplação, realmente recuam.

— Por aqui, Elena. — Ele a puxou para a direita quando ela teria ido para a esquerda.

— Desculpe, me distrai.

— Seus pensamentos estão sobre o que está além daquela porta escondida.

Sua pele se apertou, gelada.

— Corpos, — ela se forçou a dizer. — Acho que vamos encontrar corpos lá. Homens e mulheres que disseram não e que nunca mais foram vistos. Além de seus cônjuges, amantes, pais, ou qualquer outra pessoa que ousou ficar no caminho dos anjos. — Exatamente o que aconteceu com o marido de Majda.

A resposta de Rafael foi ártica.

— Se for assim, saiba que a punição será final.

— Nem todos os imortais pensam que os mortais importam de qualquer maneira, você disse isso a si mesmo. — Porque ela ainda era mortal em seu coração, sempre seria uma mortal em seu coração.

Raphael fechou a mão sobre a sua gelada.

— Basta, — disse ele. — Elijah, Titus, mesmo Neha, concordaram com meu julgamento se provarmos o abuso. Astaad tem uma visão mais antiga do mundo dos mortais e pode se abster de votação, mas não acho que vai falar contra qualquer medida que eu proponha. Michaela está apta a falar por ela.

Ela levantou a cabeça, incrédula.

— Ela pode ser muitas coisas, Elena, — Raphael murmurou, — mas também é uma mulher. A violência sexual contra uma mulher ou criança em seu território é punível com a morte, essa é a única punição possível. Dizem que seu território é o lugar mais seguro para ser mulher ou criança sozinha, mesmo nos cantos mais escuros de uma cidade.

— Jesus, Raphael, não posso acreditar que está me dizendo algo que me faz querer gostar de Michaela.

— Não se preocupe *hbeebti*, o impulso vai passar.

Sentia-se melhor agora que sabia que Raphael não teria que se posicionar contra o resto do Cadre para enterrar esses bastardos, então percebeu que não podiam mais ver os relâmpagos, os trovões silenciaram para um rumor sinistro.

Não foi surpresa, já que estavam indo mais fundo em Lumia, em direção à Galeria. Mas de acordo com a informação de Laric, tomariam um corredor que se separava do principal para a Galeria. Antes disso, porém, passariam a parede que tinha suportado a pintura de Nadiel. Fosse o que Tasha disse ao Luminata, a pintura não foi coberta simplesmente; ela se foi, literalmente cortada da parede.

Em seu lugar estava um mosaico construído às pressas.

— Estava lá?

Ela assentiu com a cabeça para a pergunta fixa de Raphael.

— Não tente localizá-la, — ela disse, lançando-lhe um olhar enquanto suas asas começavam a brilhar. — Você não precisa vê-la.

Uma pausa, com a mandíbula apertada, antes de inclinar a cabeça.

— Uma vez foi o suficiente.

E ela sabia que ele não estava falando sobre a pintura, mas o verdadeiro evento. Deslizando a asa sobre a dele, ela disse:

— Ei, não venha de Assustador Raphael pra cima de mim.

— Assustador Raphael? — Sua voz tinha um poder imortal que tinha despertado a Legião, a marca em sua têmpora pulsando com fogo e suas asas continuavam a brilhar.

— Gelo, perigo e medo.

O gelo começou a descongelar.

— Seu afeto me aflige *hbeebti*.

Peito não tão apertado, ela piscou.

— Você pode me chamar de Assustadora Elena. Eu gosto disso.

Asas de ouro branco roçando contra as dela, o brilho diminuindo, Raphael assentiu com a cabeça.

— Teremos a nossa vez, minha terrível consorte.

Elena sorriu, mas no fundo, estava com frio, com medo do que encontraria.

— Não quero mais mulheres assassinadas em minha família, Raphael. — Saiu um raspão doloroso. — Já tive o suficiente.



Capítulo 39

Os assassinatos de suas irmãs e o efetivo assassinato de sua mãe - Marguerite Deveraux nunca saiu da sala onde Slater Patalis a torturou - era por que Elena era tão protetora de Eve, Amy, Beth e da pequena Maggie.

Espremia seu coração cada vez que ela segurava o bebê de sua irmã. Beth, doce, às vezes desprezível Beth, ainda carregando feridas em sua alma. Mas ela tinha chamado seu bebê não em tristeza, mas no amor.

— Então mamãe, Ari e Belle não serão esquecidas, — ela sussurrou. — Então elas sabem que nós nos lembramos delas. E Maggie, ela saberá tudo sobre sua avó e tias mais velhas.

Marguerite Aribelle Deveraux-Ling.

Um nome tão grande para uma menina tão pequena. Elena iria ajudar sua sobrinha a crescer nesse nome, já tinha começado a ensinar, aos dois anos de idade, como segurar uma arma.

Essas armas falsas vieram como cortesia de Sara e Deacon. Deacon tinha construído pequenas armas apropriadas para o bebê Zoe por um tempo, e como Zoe as superou, mantiveram as peças cuidadosamente elaboradas para passar aos amigos.

Maggie estava aprendendo a bater coisas com um martelo de poliestireno.

— Pensei que Beth ficaria louca quando trouxe para Maggie a primeira arma, mas ela ficou tão feliz. — Isso a fez perceber mais uma vez que sua irmãzinha tinha mais cicatrizes sob sua personalidade ensolarada do que a maioria das pessoas jamais saberia. — Disse que quer que sua filha cresça para ser como eu. Forte. Então ninguém poderá machu-la.

— Sua irmã é uma boa mãe.

Maggie sempre estava cheia de sorrisos, uma garotinha linda, com um choque de cabelos pretos sedosos e olhos castanhos, que sabia que era profundamente amada. E que foi embalada para dormir nos braços de um Arcanjo mais de uma vez.

A primeira vez que Beth pedira a Elena para cuidar de sua filha, sua irmã quase teve um ataque cardíaco quando chegou ao Enclave para pegar Maggie, apenas para encontrar seu bebê aconchegado feliz nos braços de Raphael. Beth era melhor sobre lidar com as coisas agora, mas ainda tinha problemas com a enorme quantidade de poder que vivia em Raphael.

Maggie, entretanto, como todas as crianças, não teve nenhum problema em tudo.

Falando em poder. . .

— Pode explodir essas paredes se precisarmos?

— Sim, mas se houver alguém vivo atrás de uma parede, poderia matá-los.

Elena assentiu, com os músculos apertados. Mesmo que houvesse uma pequena chance da área não ser apenas um cemitério, não se arriscaria a entrar com violência — os Luminata poderiam estar mantendo prisioneiros, ou apenas escondendo seus pecadinhos.

— Qualquer fã que veio voluntariamente poderia ainda estar preso em Lumia pela tempestade, e escondido até que pudesse sair.

— Se os Luminata fossem realmente arrogantes o bastante para trazer esses mortais aqui enquanto o Cadre está em sessão, — disse Raphael, — então todo o Cadre estará unido em qualquer castigo. Não haverá debate.

Elena não precisava de nenhuma explicação sobre o porquê. Era tudo sobre respeito e cadeia de poder. Ela desejava que os imortais simplesmente tratassem as vidas mortais como importantes, mas os imortais tiveram milênios para construir seus preconceitos; nada iria mudar isso da noite para o dia. Ela era realista o suficiente para aceitar isso e ficar satisfeita que a punição seria inflingida por qualquer abuso.

— Ouviu isso? — Ela congelou, sua cabeça inclinada na direção de onde o ruído tinha vindo. Lá está de novo.

Soava como o vento assobiando para o corredor do lado de fora, mas estavam profundamente dentro de Lumia. Comunicando com um único olhar, ela e Raphael se moveram silenciosamente em direção ao som... Até que foi cortado bruscamente. Como se o vento fosse bloqueado.

Uma porta?

Possível, Raphael respondeu, os dois continuando a se mover. A questão mais interessante é: quem está se movendo durante o tempo de contemplação dos Luminata?

Sim, são muito sérios sobre isso. Tão sérios que todos os bons Luminata estão encerrados em seus aposentos, contemplando sua luminescência pessoal, deixando os corredores claros para aqueles que estão menos interessados em luminescência e mais em seu próprio poder sobre os outros.

Porque isso não era sobre sexo ou sobre o sadismo que levava tantos imortais cansados. Esses Luminatas estavam bêbados de poder, podendo viver fora dos limites estabelecidos pela sociedade e, no momento, podendo desprezar essas regras sob os narizes dos Dez do Cadre. Isso tinha que ser uma corrida. Uma corrida muito viciante para se abster, independentemente do perigo.

Não há porta onde Laric indicou que deveria estar.

Raphael se agachou diante de uma parede, com os cabelos preto-azulado brilhando.

Enquanto olhava, puxou uma pálida pena interior de sua asa e segurou-a perto da borda inferior da parede. Os delicados filamentos não se moviam. Levantando-se, fez o mesmo teste com dois pés de altura. O movimento era minúsculo, mas não deveria haver nenhum movimento neste corredor, além deles dois.

Chupando um suspiro, Elena tirou a pena dele, enfiou-a num bolso. Eles não deixariam nada para aqueles que poderiam estar indo ou vindo para encontrar e ela daria a pena para Maggie, que gostava de acariciá-la com seus dedos pequenos e macios. Zoe já tinha várias de Raphael em sua crescente coleção.

Vamos entrar?

Dos sons que ouvimos, alguém entrou apenas alguns momentos atrás. Raphael olhou para a parede. Ninguém saiu ou os teríamos visto quando viraram a esquina.

O pulso de Elena acelerou. Ela não queria esperar, não queria dar mais tempo para qualquer mal que estava acontecendo atrás dessas portas. Porque não era nada bom se tivesse que ser tão escondido. *Temos que esperar*, ela se forçou a dizer. *Não sabemos como entrar e não podemos arriscar prejudicar alguém usando seu poder.*

Raphael assentiu, mas seu olhar mantinha uma determinação implacável.

Tempestade ou sede de sangue, não vamos sair até que tenhamos as respostas, hbeebti.

Engolindo sua impaciência furiosa, ela se satisfaz - por enquanto - deixando cair uma lâmina em sua palma.

É melhor nos escondermos para que possamos tentar ver como entrar.

Raphael sorriu e abriu as asas.

Seus olhos se arregalaram. *Sou uma idiota.* Andando em seus braços depois que ele se moveu para colocar as costas contra a parede oposta, ela o deixou fechar as asas ao redor dela enquanto ela olhava para frente, suas próprias asas contra seu peito. Ela não podia sentir o glamour, mas sabia que do lado de fora, já não existiam. *Ainda bem que os Luminata não pensaram em ter câmeras de segurança.* Ela tinha verificado.

Ser oculto é a maior fraqueza de um imortal.

Raphael fechou os braços ao redor de seus ombros, segurou-a perto do calor musculoso dele, seu cheiro tão profundamente familiar a ela que a colocou no nível mais íntimo.

Ele era dela. Ela era dele.

E juntos, eram algo muito melhor que qualquer um deles sozinho.

Acariciando a parte inferior de suas asas, Elena olhou para a parede do outro lado, desejando que ela se abrisse. Ela se sacudiu quando se abriu apenas cinco minutos depois. O Luminata que saiu foi o alto e fino que tinha sido seu guia na primeira noite.

Gervais.

O melhor amigo do Gian.

Seu capuz estava caído e ele tinha um sorriso em seu rosto sombrio que era mais um sorriso afetado.

Puxando o capuz com dedos de aranha, ele olhou por cima do ombro e falou com aquela voz áspera que ela notara na primeira noite.

— É melhor você se apressar. Sabe que ele não gosta de ninguém lá dentro quando entra na câmara especial para ver seu animal de estimação.

— ... vá ali.

— Deveria ter vindo mais cedo. Claro, pode atrasar se quiser ficar lá permanentemente.

Um segundo anjo bufou fora, este mais baixo e robusto que qualquer anjo que Elena já tinha visto. Os anjos geralmente não carregavam nenhuma gordura extra em seus corpos - em parte devido ao metabolismo imortal e em parte porque o vôo alado tomava uma grande energia. Este não era tanto sobre sobrepeso, mas realmente sólido e redondo. Gordura dura, ela percebeu. Um homem que esteve em forma, mas que tinha deixado ir.

Para que isso acontecesse com um anjo, significava que ele não estava se incomodando em voar muito.

Agora, seu rosto estava vermelho quente e ele estava no meio de puxar sua túnica sobre o que parecia um par de calças e uma túnica.

— Esse é o acoplamento mais rápido que já tive em todos os meus séculos de existência.

Gervais deu-lhe uma tapinha no ombro.

— Deixa pra lá. Terá muito mais tempo uma vez que o Cadre nos deixe em paz. As putas e os brinquedos abrirão suas pernas sob comando ou pagarão o preço.

Elena não percebeu que tinha retirado a faca que deslizou até que Raphael fechou a mão sobre seu pulso.

Mais tarde, Elena. Cuidaremos deles mais tarde.

Seu corpo vibrando de raiva, ela de alguma forma conseguiu impedir sua lâmina de deixar a mão dela. Então, quando Gervais e o outro anjo se afastaram, a parede começando a fechar atrás deles, ela e Raphael se moveram. Não tão rápido para criar uma rajada de ar que alertasse os dois Luminata, mas não tão lento que perderiam a porta. E então estavam no topo de um lance de escadas que não era tão íngreme como deveria ser.

A porta se fechou atrás deles em silêncio, suavemente lubrificada. No entanto, o que era uma parte da parede no corredor de um lado, claramente era uma porta do outro. Tendo se separado de Raphael para que pudessem se mover independentemente, ela enfiou as asas contra a espinha. A escada era fácil de descer lado a lado, as luzes nas paredes guiando seu caminho.

E então chegaram ao fundo.

Raphael apertou seu antebraço. Desde que começara a jogar aquele mesmo braço contra seu peito num movimento inconscientemente protetor, ela percebeu que eram um par. Ambos agora firmes, olhavam da beira da entrada para o nada. A única forma de dizer que estavam olhando abaixo de um buraco profundo cavado na terra eram as luzes colocadas numa distância regular para além da descida.

— Estamos ao lado da Galeria, — ela disse, as palavras num sussurro. — Por que os construtores cavariam um buraco, mas não o utilizariam? — Este poço não estava nem perto do diâmetro da Galeria, talvez um décimo do tamanho, mas era significativo. E enquanto tinha vigas expostas, estava estruturalmente reforçado.

— Acho que foi para dar um jeito dos arquivistas entrarem em diferentes níveis da Galeria. — Raphael apontou o que parecia ser uma porta velha do outro

lado, a madeira um pouco torta e não parecendo como se tivesse sido aberta a qualquer momento recentemente. — Pode ter sido criado especificamente para que os arquivistas pudessem alcançar a seção final, oculta, sem perturbar os convidados na Galeria.

Elena piscou.

— Este poço é um elevador angélico? — O que significava que o nível final tinha uma vez um uso legítimo, provavelmente para armazenamento, acessível da Galeria, como Laric assumiu quando viu a escada.

— Apropriadamente colocado. — Ele se virou para tomá-la em seus braços. — Chegamos juntos.

— Feito.

Com isso, Raphael saltou da borda e abriu as asas em silêncio. As luzes brilharam uma após a outra e aterrizaram em pedras de pavimentação quadradas em questão de segundos, a pavimentação colocada nitidamente na terra, como se acabassem de ser colocadas - embora fosse evidente pela descoloração que eram velhas. A porta para o nível oculto estava aberta com uma rocha, estendendo-se além o corredor bem feito, mas estreito.

Muito estreito para Elena e Raphael caminharem juntos.

Elena tirou a arma, apontando-a para a frente quando deu o primeiro passo.

Não vou ficar em segundo desta vez, Raphael, disse ela quando sentiu que ele se movia atrás dela. *Nem sequer tente.*

Uma pausa.

Se houver perigo e não puder lidar, solte.

Isso eu posso fazer.

Daria a ele uma clara linha de visão.

A passagem era limpa de poeira e bem conservada, claramente um lugar usado frequentemente. Além de luzes elétricas instaladas profissionalmente a cada dois metros - luzes que lhe diziam que um eletricista pobre e trabalhador provavelmente estava enterrado nas proximidades, já que este era um lugar que ninguém fora de um grupo clandestino poderia saber - não havia nada nas paredes

ou no chão. Para lhes dar pistas. Definitivamente nenhuma das esculturas tênues que marcavam os caminhos de navegação em torno do resto de Lumia.

Então ela pegou a primeira sugestão de um perfume.

Perfume, disse a Raphael.

Mulher, ele respondeu. *Pesado o suficiente para permanecer ou afundar na pele de outra pessoa durante o contato íntimo.*

Elena pensou nos dois Luminata que saíram recentemente, sentiu que sua mandíbula se apertava. *Almíscar*, ela disse, quebrando o cheiro num esforço para pensar além da raiva que estava quente e pesada em seu intestino, *rico em óleos caro*. Era o tipo de perfume esmagadoramente opulento, o tipo que você simplesmente não podia ignorar. Acostumar-se demorava um pouco para um nascido caçador, já que o perfume era seu negócio, o nariz mais sensível a ele mesmo quando não tinha nada a ver com a identificação de um vampiro, mas Elena tinha muita experiência.

Empurrando-o de lado para que não mais dominasse seus sentidos, ela continuou.

E parou diante do contorno de uma porta do lado direito do corredor.

Seria útil se pudesse ver através de paredes de pedra.

Posso escanear as mentes mortais com facilidade.

Elena negou com a cabeça a oferta implícita.

Não, não cruzaremos essa linha.

Mesmo que isso tornasse isso mais fácil - algumas linhas eram tênues, e esta, os dois tinham negociado durante uma investigação anterior. E embora fosse importante para o senso de honra de Elena, também era importante para manter Raphael “humano”.

Pode dizer se há mentes mortais atrás da porta sem escaneá-las?

Não. Se eu procurar, eu escanearei.

Merda. Elena mordeu o lábio inferior. *Idéias?* Nunca era um bom plano entrar numa sala com ameaças desconhecidas.

É altamente improvável que qualquer coisa que esteja perto da entrada ou além esteja nos esperando. Antiético e feio se as pessoas dentro são coagidas, em vez de voluntárias, mas nada perigoso.

Elena assentiu com a cabeça.

Certo. É tudo sobre acesso fácil.

Expirando calmamente, torceu a alça com cuidado e entrou, baixando para que Raphael pudesse enxergá-la.

Sua boca se abriu. A de Raphael também, quando veio atrás dela - estavam numa sala de estar exuberante. Era agradável e espaçosa, o tapete sob seus pés um cinza grosso e aveludado, enquanto que o que pareciam pinturas inestimáveis penduravam nas paredes de cada lado. Os sofás - definitivamente não sofás - eram um requintado, profundo vinho com braços e pernas de madeira curvadas.

A mobília claramente feita para acomodar asas.

Uma área de espera, disse Raphael.

Ou uma onde os bastardos doentes saem.

Examinando as três portas à esquerda e não vendo nenhuma diferença entre elas, Elena decidiu ir da mais próxima a mais distante. Caminhou em silêncio até a primeira porta, enquanto Raphael permanecia um pouco afastado para poder cobri-la das ameaças das outras duas portas ou daquela por onde haviam entrado.

Desta vez, quando Elena abriu a porta - depois de virar a chave na fechadura - ela cheirou o opulento perfume... E deu de cara com uma jovem pequena e curvilínea vestida apenas numa toalha, seu cabelo úmido. Sua boca se abriu, como se quisesse gritar em choque, mas Elena já estava se movendo, sua mão apertou a boca da mulher antes que o som pudesse escapar.

O espelho à sua frente refletia suas imagens, a mão de pele dourada de Elena cobrindo a boca da mulher - uma mulher que tinha suas próprias mãos, sua pele de um creme rico, segurando firmemente a toalha. Seus olhos eram grandes orbes âmbar.

Balançando a cabeça no espelho, Elena levantou a mão livre e pressionou um dedo nos lábios. “*Shh.*” Um som e uma ação compreensível em qualquer idioma.

A mulher fez um gesto brusco. Soltando-a, mas pronta para reagir a qualquer dica que pudesse gritar, Elena observou enquanto a morena girava para encará-la.



Capítulo 40

— Anjo caçadora. — Foi uma afirmação assustada.

— Você fala inglês.

Outro aceno de cabeça.

— Você quer... — Ela acenou hesitante para a cama à sua direita, os lençóis ainda caíam.

Aliviada por não ver quaisquer contusões ou outros sinais de maus tratos na mulher, Elena colocou as mãos nos quadris.

— Acha que pode competir com Raphael?

A morena sorriu com repentino brilho, covinhas aparecendo em ambas as bochechas. Ela era linda, Elena percebeu, mas não o tipo de beleza intimidante. Não, sua beleza era suave, sensual e acolhedora.

— Estou feliz que não se desvie, — ela sussurrou. — Você e seu Arcanjo são um livro de histórias que ganha vida. — Um longo suspiro. — *C'est tellement romantique.*

Isso definitivamente não era marroquino, e o inglês desta mulher era acentuado de uma forma que não era local... E isso causou uma dor no centro do peito de Elena.

— É francesa?

— *Oui*. — Ainda sorrindo, a mulher apontou para uma pequena penteadeira que continha os habituais acessórios, bem, usual para a maioria das mulheres. Vidros, potes e cosméticos.

— Vou escovar meu cabelo, sim?

— Continue. Só queria falar com você, prometo. Nada a temer.

— Mas isso é... — A mulher levou um dedo aos lábios.

— Sim. — Braços dobrados, Elena se encostou na parede depois de deixar Raphael saber que tudo estava bem. — Como chegou aqui?

— Vim com um anjo pelo longo túnel. — Ela estremeceu. — Tive que fechar os olhos ou teria gritado.

— Não, não fisicamente. Como chegou a ser... — Elena lutou para encontrar palavras que não fossem um insulto.

— Proporcionante de alegria aos Luminata? — Um sorriso malicioso. — Estava viajando por esta área e me foi feita uma oferta. — Um encolher de ombros líquido. — É uma coisa selvagem a fazer, mas eles são anjos e não fiz promessas a qualquer homem ainda. Quando estiver velha e grisalha, terei histórias escandalosas para contar aos meus filhos, *non*?

Elena sentiu os lábios se curvando naquela declaração totalmente impenitente e feliz.

— Qual seu nome?

— Josette.

— Josette, tenho que concordar com você sobre anjos, embora seja apenas parcial com um anjo em particular.

A risada da outra mulher era meio risada e toda alegria.

— Se eu tivesse Raphael, também não olharia para nenhum outro par de asas. — Tendo penteado seu cabelo úmido liso, os fios escuros mostrando sinais de que poderiam enrolar enquanto secavam, Josette virou e foi para seu guarda-roupa

para puxar roupa íntima. Inconscientemente, tirou sua toalha para vestir calcinhas de renda branca, pegou uma camisola que já havia pendurado numa cadeira e a puxou. — Se preocupa comigo? — Josette perguntou.

Com o menear de Elena, a outra sorriu de novo.

— Estou feliz aqui, e embora seja uma coisa que é um pouco impertinente, vou sair daqui com muitas memórias deliciosas.

Uma sugestão de maldade, aquelas covinhas apenas a cereja no bolo.

— Não pedi nada, nenhum dinheiro, nenhum presente. Só memórias. Então não penso nisso como uma transação, mais um... Prazer mútuo, sim? Uma aventura antes de voltar à minha vida normal como uma mulher que trabalha num escritório e que quer um dia ter uma casa pequena com um marido e bebês.

Elena não tinha nenhum problema em acreditar em Josette - mas tinha ouvido como Gervais e seu amigo falaram sobre aqueles escondidos neste espaço clandestino. Josette poderia ver isso como uma pequena aventura inofensiva em uma vida que seria bastante comum ao contrário, mas Elena não tinha tanta certeza sobre sua segurança.

— Os outros homens e mulheres aqui, — disse ela. — Você os conhece?

A primeira sugestão de trepidação coloriu os traços de Josette, a mulher mais baixa torcendo os dedos na frente de Elena.

— Não posso abrir a porta deste lado. Só os anjos têm a chave.

Elena olhou para a porta, viu que tinha fechadura deste lado, também. Mas não havia nenhuma chave nisso no momento.

— Tem certeza de que não é prisioneira, Josette?

— Estou aqui seis dias — respondeu a mulher. — Mais um, e estou destinada a ser devolvida à cidade para que possa encontrar o caminho para a cidade grande mais próxima e voar para casa. — Ela engoliu em seco. — Eles disseram que tinham que me trazer aqui no meio da noite, e que eu tinha que ficar nesta sala, porque nem todos os anjos neste lugar aceitavam as necessidades da carne. Parecia um segredo divertido.

Olhos de âmbar, forte, ela olhou para Elena.

— Estava errada em confiar neles?

— Ainda não tenho certeza — murmurou Elena, perguntando-se exatamente como os Luminatas guardaram esse segredo por tanto tempo se não estavam apanhando não apenas homens e mulheres da cidade, pessoas que podiam controlar e intimidar, mas viajantes como Josette que falaria de suas aventuras. A única resposta foi mortal. — Preciso de você para entrar nos outros dois quartos para que aqueles dentro não tenham medo como você ficou quando eu entrei. Quero verificar se estão aqui voluntariamente, também.

Acenando com a cabeça, Josette avançou.

— Espere — disse Elena, de repente percebendo um fato bastante grande. — Raphael está lá fora. Não grite.

Empalidecendo, Josette balançou em seus pés. Elena a pegou, a segurou até que os olhos da outra mulher voltassem a focar.

— Você está bem?

— Sim. — Foi um sussurro. — Ele está aqui? Sério?

Elena acenou com a cabeça e saiu primeiro.

— Lembre-se, sem gritos ou sons.

Espreitando para fora, Josette olhou fixamente Raphael por um longo momento, pareceu parar de respirar por quase um minuto antes dela pressionar ambas as mãos em sua boca e suspirar.

— *Il est magnifique*, — ela sussurrou para Elena então, com seu aceno de cabeça, saiu para ir para a porta ao lado dela. Ela virou a chave, entrou e voltou quase imediatamente. — Está vazio.

Elena verificou, provou o cheiro de desuso no ar.

— Quantos anjos vêm regularmente a você?

Corando, Josette inclinou-se para sussurrar:

— Três vêm quase todos os dias. Dois outros vieram uma vez cada.

Cinco anjos, pensou Elena, enquanto o perfume do mar a rodeava.

Tem que haver mais envolvimento, disse Raphael. *A sensação de errado em Lumia é muito profunda para serem apenas cinco anjos rompendo os valores fundamentais em que Lumia é construída.*

Concordando, Elena voltou a falar com Josette.

— Não acho que o terceiro quarto estará vazio.

Respirando fundo, a outra mulher se aproximou. Ela virou a chave, entrou. Elena ouviu um gemido quase de imediato, mas não houve grito.

Ficando longe da vista de quem estava naquele quarto, Elena ouviu quando Josette disse:

— Está tudo bem. Sou Josette. Estou no outro quarto.

A resposta foi em Inglês quebrado, a voz feminina.

— Chave? Você tem?

O coração de Elena bateu. A única razão pela qual a mulher dentro faria essa pergunta era se precisasse da chave. Entrando a vista, ela levantou um dedo para seus lábios quando a mulher sentada na cama olhou para ela. Seu cabelo era negro como a noite, sua pele um castanho claro que parecia pálido e sem vida, como se fosse privada de sol. Era mais alta que Josette, mas mais esbelta. Um salgueiro vestido num vestido amarelo pálido.

Vendo Elena, começou a endurecer, lágrimas se acumulando em seus olhos.

Josette correu para a frente, abraçou-a.

— Não chore. Elena vai nos ajudar. Ela é um bom anjo.

Não parecia que a mulher acreditasse nela, mas deixou Josette puxá-la até seus pés e disse-lhes que seu nome era Sahar. Tomando uma decisão de comando, Elena não deixou imediatamente Sahar sair da sala, as coisas estavam aptas a desintegrar-se no instante que visse Raphael.

— Foi forçada aqui? — Ela perguntou direta.

Sahar ficou branca sob o marrom pálido de sua pele.

— Família eu tenho — disse ela. — Filho bebê. Marido.

— Ninguém vai machucá-los, — prometeu Elena, sua pele quente com uma raiva que continuava crescendo. — Por favor, responda minha pergunta.

Josette murmurou encorajamento até que, finalmente, a outra mulher assentiu.

— Eles vêm sempre, — ela sussurrou. — Não, vão machucar família. — Ela engoliu em seco. — Se for, não grite, talvez volte para casa.

— Talvez?

Um assentimento irregular.

— Nem sempre. Meu primo... meu vizinho... Nunca voltou para casa.

O medo lentamente crescente nos olhos de Josette tornou-se sombrio e potente.

— Vai nos ajudar? — Ela perguntou, um tremor em seu tom.

— Sim. — Elena olhou para a francesa. — Explique-lhe sobre Raphael.

Deixando as duas sozinhas no quarto, Josette murmurando a Sahar, ela foi para Raphael, disse-lhe o que encontrou. O gelo em seus olhos estava tão frio que gelou o ar.

— Precisamos aprofundar esse nível, encontrar o “ele” de que Gervais estava falando, — ela disse, — mas não vou deixá-las aqui.

— Acho que devemos confiar em nossos amigos, Consorte.

Percebendo o que planejava fazer, Elena foi para Josette.

— Vista-se, — disse ela. — Terá que viajar pelos corredores para um quarto seguro.

Josette não demorou, Sahar foi com ela.

Poucos minutos depois, Raphael desceu o corredor e as pedras, pedindo às mulheres que os seguissem. Quando ele lhes disse para se aproximarem o suficiente para ele segurá-las pela cintura, elas hesitaram até que Elena disse:

— Vão. Ele está levando vocês para a liberdade.

Foi um poderoso motivador.

Olhos de céu azul de montanha encontraram os dela antes de Raphael decolar, as mulheres agarradas a ele.

Não se machuque enquanto eu estiver fora.

Vou ficar aqui.

Não importava seu furioso desejo de descobrir a verdade, ela não seria estúpida. Todos os Luminata tinham mais de dez séculos de idade; Elena era esperta e era rápida, mas ainda era mortal. Incompetência a mataria, quebraria o coração de Raphael, e não ajudaria qualquer outro homem ou mulher que ainda pudesse ser cativo.

Então esperaria pelo seu Arcanjo.

Voltou em questão de minutos.

— Eli estava esperando do outro lado da porta, está levando as mulheres para a suíte de dele e Hannah sob glamour, então temos mais tempo para descobrir o que está aqui.

Colocando o rosto em suas mãos, ela o beijou com força.

— *Eu te amo.* — Ela tinha que dizer isso, tinha que afirmar antes que isso a dominasse.

Ele tocou sua mão em sua bochecha, uma carícia quente e possessiva.

— Vamos acabar com isso.

Puxando a porta fechada atrás deles, usou seu fogo de anjo para fundir o ferro nas paredes.

— Ninguém entrará atrás de nós.

Elena sorriu severamente e seguiu pelo corredor à sua frente, com a besta para fora. Ela decidiu que a arma era muito perigosa em lugares próximos, poderia levar a um ricochete. E uma seta embutida no rosto daria uma pausa até num poderoso anjo.

Ela podia sentir Raphael apertando os dentes por tê-la na linha de fogo, mas não tentou empurrá-la atrás dele. Em troca, e porque sabia o quão difícil era deixar a pessoa que amava entrar em perigo na sua frente, ela se curvou um pouco para que ele tivesse uma visão mais clara sobre sua cabeça.

Só que não havia nada para ver: o corredor chegou a um beco sem saída numa parede lisa.

Desta vez, foi Elena quem caiu no chão e verificou o ar no fundo usando a pena que tinha guardado antes. O movimento era novamente, muito ligeiro, mas existia. Ela procurou por um mecanismo para abri-la, não conseguiu encontrar nada.

— Não podemos esperar, — ela sussurrou, a urgência batendo nela.

... *Câmara especial para ver seu animal de estimação.*

Alguém estava preso além dessa parede e coisas terríveis estavam sendo feitas a essa pessoa. E estava sendo feito por um Luminata que tinha poder suficiente ou controle sobre os outros que obedeciam a cada palavra dele.

— Volte, caçadora da Sociedade.

Quando ela passou por ele, Raphael puxou uma das suas lâminas finas de uma bainha de punho. Ela não reagiu, exceto com uma carranca confusa, ele era uma das poucas pessoas que deixava chegar tão perto, fazer o que acabava de fazer.

Tomando a faca, ele olhou para a parede por alguns segundos antes de se aproximar e empurrar a ponta da lâmina num ponto que parecia qualquer outro.

A porta se abriu em silêncio suave.

A boca de Elena também.

— Quer explicar?

— Minha mãe vive há um longo tempo, — disse ele, devolvendo a faca para ela. — Perguntei a ela se já tinha visto essas portas invisíveis antes, sem entalhes que pudessem ser sensores de pressão. Agora ficamos em silêncio.

Agradeça à sua mãe por mim.

Já foi feito, Minha Elena.

E engraçado como você está na frente de repente.

Um pequeno sorriso sobre seu ombro, mas, para sua surpresa, ele se virou para apoiar-se contra a parede. Ela se espremeu passando e roubou um beijo no caminho.

Obrigada. Por entender que ela precisava enfrentar este mal de cabeça.

Isso é importante para você.

Sim.

Elena não podia lhe dizer por que era tão importante, talvez porque estava quase certa que debaixo de Lumia estavam os ossos de sua avó e avô. De forma estranha, era uma conexão com sua mãe, uma chance para Elena lutar contra outra parte do mal que destruiu a vida de Marguerite.

Esta passagem era suficientemente limpa, mas não tanto como a outra seção. Teias de aranha penduravam nos cantos e as pegadas no chão foram criadas em poeira nova que se assentava sobre uma poeira velha e apertada.

Apenas um conjunto indo e vindo pelo que posso ver. Ela se inclinou para examinar as pegadas mais de perto. *Sapatos macios com solas de borracha como tantos dos Luminata. Grandes, mas não enormes.*

Levantando-se, seguiu os passos, não que houvesse quaisquer passagens laterais para distraí-la. Quanto mais fundo iam, menos “acabado” o corredor se tornava. Feixes expostos, o chão indo de pedra para madeira que estava podre em vários lugares e foi substituído por algum inexperiente em outras áreas. Como se alguém tivesse apenas remendado os buracos quando começaram a ruir.

A pessoa que vem aqui, disse Raphael, não permite que ninguém entre, mesmo para fazer limpeza e reparos.

Elena assentiu enquanto a passagem começava a descer.

Quem quer que esteja preso aqui, deve ter trazido essa pessoa há tempo suficiente para que as pegadas tenham desaparecido ou sido cobertas.

Ou pode ter carregado sua vítima, Raphael respondeu.

E, pensou Elena, era possível que a vítima estivesse inconsciente naquele momento, que tivesse lutado contra seu captor e perdido.

Realmente quero matar alguém hoje.

Pessoas vão morrer.

As palavras de Rafael eram uma promessa fria.

A temperatura em torno deles também caiu quanto mais fundo iam, até que sua respiração estava chegando em rajadas que pareciam sair brancas. O frescor do ar estava vindo claramente de algum lugar fora; ela não podia ver os eixos de ventilação, no entanto. Isso não significava que não existissem. Como Raphael acabava de demonstrar com a porta “invisível”, os anjos estavam aqui há um longo tempo, tinham um bom número de truques nas mangas.

Sistema de caverna nas proximidades? — Perguntou à Raphael. Canais naturais de ventilação através da pedra?

Não conheço nenhum nesta área, mas é possível que existam. Ou é possível que uma grande tubulação foi perfurada através da superfície a alguma distância de Lumia, e escondida na vegetação.

Eles certamente têm a privacidade e tempo para fazer algo parecido. Não é como se alguém os controlasse.

Isso vai mudar. Se os Luminata ainda existirem depois de hoje.

Um prazer duro misturando-se com a raiva dentro dela, Elena de repente franziu o cenho.

Onde estão enterrando os corpos? Pensei que seria através desta porta, mas se apenas uma pessoa é permitida aqui, isso não é provável.

Raphael demorou muito para responder. Quando o fez, ela percebeu por quê.



Capítulo 41

Os pavimentos que desembarcamos depois de pousarmos do poço não está afundado na terra como deveria estar depois de centenas de anos de desembarques angélicos. Estão sendo levantados numa base regular.

Sentindo a repulsa, Elena lutou contra seu horror.

Caminhamos sobre as vítimas.

Vimos com corações limpos. Raphael passou a mão pelas costas dela. Os que fizeram isso, no entanto, escolheram esse local porque é um insulto final. Independentemente do que acontecer, o insulto termina hoje à noite.

Elena ia responder, mas parou no meio do caminho sem entender conscientemente o porquê, abaixada... e percebeu que podia ver. As luzes vinham até aqui, embora não fossem as perfeitamente integradas que viu na seção anterior. Eram lâmpadas de luz ao longo do corredor, o brilho criava piscinas de sombra. Foi um vislumbre de branco numa daquelas sombras que atraiu sua atenção: uma pena.

A pegando, passou para Raphael.

Muitos anjos têm penas de branco puro, mesmo se houver outros tons misturados com o branco.

Sim, não exatamente uma arma fumegante.

Elena não tinha penas brancas nas asas, mas Raphael tinha poucas que não tinham filamentos metálicos de ouro branco. As de Caliane eram as mais puras que Elena já tinha visto, e até mesmo Favashi tinha as estranhas penas brancas espalhadas entre o elegante marfim de suas asas.

Gian, claro, tinha um monte de penas brancas em suas asas. Mas, apesar do fato de Gervais ser seu melhor amigo, não podia supor que era Gian que ela estaria enfrentando no final desta jornada. Se estivesse obcecado com a avó até o ponto de escrever sua poesia amorosa, não fazia sentido para Elena que mudasse tão rapidamente - em termos imortais - para outra pessoa.

Então, novamente, talvez fosse um psicopata que se fixava em mortal após mortal.

A pena não está empoeirada, o que significa que ele passou muito recentemente.

E, lembrou Raphael, ele não voltou.

Elena olhou para sua besta, avaliou a passagem cada vez mais estreita e decidiu que precisava de uma arma de combate próximo que não representasse um risco para espectadores inocentes. Amarrando a besta, deixou cair uma faca em sua mão.

Vamos pegar o bastardo.

Exatamente cem passos depois, ouviu o eco de um grito, mas não era de terror. Franzindo o cenho, ela caminhou mais rápido, impulsionada pela urgência palpitando profundamente em seu intestino.

Caçadora da Sociedade.

O tom de Raphael a congelou.

Não estou no controle. Ela não estava acostumada a esse sentimento, não estava acostumada a caçar sem um plano.

Serei seu controle.

Se alguém, mesmo Raphael, fizesse essa oferta há um ano, Elena poderia ter se arrepiado.

Hoje, segura de que ele não permitiria que ela estragasse tudo, seguiu em frente. E quando sentiu as ondas de sua mente baterem nas dela, soube diminuir, retardar. Os gritos ficaram mais altos, quanto mais profundamente iam, a emoção naqueles gritos fáceis de identificar agora.

Alguém está tendo um ataque de birra, ela disse quando chegaram a uma porta estreita com um cadeado que estava pendurado na trava de um lado.

Raphael tocou em seu ombro. Quando ela olhou atrás, ele fez um movimento. Ela assentiu com a cabeça. Ela ia primeiro, e ele vinha atrás dela.

— ... vai ser minha, também! — Era uma voz masculina gritando, tanta emoção torcida que doeu os ouvidos de Elena. — Ouviu? Vou ter sua criança como tenho você!

Movimento, botas batendo no chão, então.

— Grite! Grite!

O orador mudou de idioma em suas próximas palavras.

Entende isso, Arcanjo?

É uma confusão de várias línguas. Não tem muito sentido. Ele continua exigindo que alguém grite.

Elena sorriu severamente.

O que significa que quem quer que ele tenha aqui, essa pessoa está se recusando a dar-lhe o que ele quer, mesmo que esteja ameaçando ter sua criança. Com a faca pronta na mão, ela abriu a porta destrancada e disse: *Um, dois... três!*

Puxando a porta, rolou e tomou a situação num único olhar. O choque do que viu poderia tê-la paralisado se não estivesse tão zangada e tão bem treinada. Subindo num golpe fluído, trocou a faca pela estrela da lâmina ao mesmo tempo. Esta cela alinhada com tijolos era muito maior do que ela imaginava e Gian estava do outro lado. Dada sua idade, força e treinamento, podia ser capaz de se mover rápido o suficiente para evitar uma faca jogada para ele.

A estrela da lâmina estava girando de sua mão mesmo enquanto esses pensamentos passavam por sua cabeça, os cálculos feitos num nível subconsciente.

Chicoteou através do ar à velocidade do relâmpago quando Gian ia enfiar a faca pelo olho de um macho maltratado e muito magro acorrentado à parede, um de seus olhos já estava uma polpa, sangue escorrendo pelo seu rosto. Seus cabelos podiam ter sido loiros uma vez; agora era palha seca.

A faca caiu com um barulho um momento depois que a estrela da lâmina se encaixou na garganta de Gian, o sangue jorrando para pulverizar o rosto do macho loiro... que se lançou para a frente enquanto Gian se encolhia em direção a ele, e afundou as presas na garganta de Gian. A garganta do louro se moveu em goles profundos enquanto bebia, enquanto Gian lutava ineficaz.

A súbita perda de sangue não deveria tê-lo enfraquecido tanto, então a estrela da lâmina também devia ter causado danos à sua traqueia. Os anjos não precisavam respirar para viver, mas não respirar tinha um impacto em sua força.

Especialmente se um vampiro estava se alimentando diretamente da artéria ao mesmo tempo.

Elena não estava prestes a interromper a alimentação. O vampiro parecia estar morrendo de fome, e estava morrendo de fome há muito tempo. Ela deixou Raphael para monitorar a situação e garantir que Gian não escapasse; ela não esqueceu o que Raphael disse sobre quão perigoso o líder do Luminata foi uma vez - mas por outro lado, Gian governava este pequeno feudo por séculos.

Elena tinha a sensação de que seus subordinados nunca ousaram desafiá-lo. Um governante tão egoísta quanto Gian não o toleraria. E Gian limpou a área de todas as outras possíveis ameaças. Ao contrário do anjo que viu no corredor, não deixaria seu corpo decair, mas ultrapassou a borda afiada de seu aborrecimento, seus instintos não mais afiados.

— Não.

A única palavra fria a fez girar para trás, pronta para lutar - para ver a mão de Gian brilhando com um poder de ouro verde. Claro que teria a capacidade de utilizar energia como Aodhan e Illium, percebeu. Ele foi o segundo de um Arcanjo uma vez. Mas não era o maior predador na sala. E quando Gian ignorou a ordem de Raphael, começou a levantar a mão até a garganta do vampiro, Raphael chamecou metade

da asa esquerda de Gian usando sua própria energia violenta, a ferida cauterizada enquanto era feita.

O anjo convulsionou, sua mão caindo ao seu lado enquanto a energia verde-dourada enfraquecia.

Gian, no entanto, não era a única ameaça. Se o vampiro estava louco após seu trauma, não havia muita coisa que alguém pudesse fazer. Ele teria que ser executado, por mais injusto que fosse.

Os vampiros enlouquecidos raramente voltavam de seus impulsos assassinos.

Aqueles pensamentos queimaram rápido através de seu cérebro enquanto ela se voltava para outra cativa no quarto, sua mente tentando alcançar o que seus olhos estavam vendo: uma mulher com cabelo de luar que olhava para Elena como se estivesse vendo um fantasma.

Majda tinha os olhos de Ari, os olhos de Beth, ela se viu pensando. Impressionante turquesa, tão claro e tão dolorosamente familiar.

— Marguerite. — O sussurro cru era moldado por lábios cheios colocados num rosto que estava enrugado e abatido, aqueles olhos deslumbrantes manchados por lágrimas, mas era sem dúvida da mulher na miniatura.

Elena ficou sem fôlego.

— Elena, — ela corrigiu suavemente enquanto saía de seu choque para examinar as correntes que seguravam os pulsos e os tornozelos de Majda presos à parede.

— Marguerite era minha mãe. Minha *maman*. — Ela não sabia se Majda falava inglês, mas a palavra “*maman*” deveria ser compreensível para uma mulher que vivia na França.

As correntes eram de ferro pesado.

— Vou cuidar disso, Caçadora da Sociedade.

Recuando, Elena deixou Raphael pulverizar os ferros e pegou Majda em seus braços.

As pernas de sua avó estavam trêmulas, seus braços também, mas aqueles braços a rodeavam com inesperada ferocidade.

— O bebê de Marguerite? — Lágrimas em cada palavra. — Minha neta.

Descendo ao chão com Majda em seus braços, Elena lutou contra suas próprias lágrimas.

— Precisa de sangue, — disse ela, reconhecendo a especiaria de canela e o aroma de framboesa selvagem desta mulher como a de um vampiro.

Sua avó afastou o pulso de Elena quando ela o ofereceu.

Elena tentou novamente.

— Você precisa beber. — Majda não estava emaciada² ou morrendo de fome como o outro vampiro, mas estava fraca, como se não tivesse se alimentado por pelo menos uma semana ou mais.

Majda sacudiu a cabeça.

— Não do meu bebê, da minha Marguerite.

Percebendo que sua avó ainda estava desorientada, Elena ia fazer um pequeno corte em seu antebraço, mas Raphael estava lá antes dela.

— Deixe-me, *hbeebti*. Sou muito mais forte e ela vai curar mais rápido.

Os olhos de sua avó passaram de Elena para Raphael com a palavra *hbeebti*, as pupilas se dilatando. Quando a asa de Raphael pressionou a de Elena enquanto se agachava para oferecer a Majda seu antebraço, ela se afastou... e então seu olhar pareceu focar nas próprias asas de Elena. Sua respiração começou a vir mais rápido.

— Vou explicar — disse Elena, desesperada para ajudá-la. — Mas, por favor, beba, vovó.

Elena não sabia se foi o “por favor” ou “vovó” que o fazia, mas Majda aproximou-se cautelosamente e, baixando a cabeça, afundou as presas no pulso de Raphael. Ela empurrou atrás depois de um único puxão longo, no máximo, e quando suas pálpebras levantaram, havia um brilho em seus olhos que lembrou Elena das asas de Raphael.

— Não é um anjo — disse Majda enquanto sua pele se alisava com uma beleza impecável, seus cabelos iam se tornando macios e brilhantes.

Em questão de pulsações, não parecia mais velha do que Elena.

²Tornar-se muito magro, emagrecer, tornar-se macilento.

— Não. — Elena apenas a olhou fixamente. — Ele é um Arcanjo.

E sua avó era maravilhosamente bela.

Seus olhos também não estavam mais presos em Elena.

— Jean-Baptiste! — Se levantando, correu para o outro vampiro, aquele que Gian estava torturando.

Ele ainda estava se alimentando e Gian era aquele que estava encolhendo e se encolhendo, o vampiro crescendo mais saudável num contraste em câmera lenta. Seu olho curou primeiro, o sangue encrustou o fluido ocular em torno dele que caiu afastado em manchas quando pestanejou. Seu cabelo não era mais palha, mas se tornava mais loiro, seu corpo se enchendo de uma forma que lhe dizia que era um homem alto e solidamente construído quando não morto de fome.

Ainda assim, a transformação não era nada parecida com Majda.

Então Raphael se levantou, puxou Gian para deixar cair sua forma perdida, mas ainda viva no chão, e pressionou seu pulso na boca sangrenta do vampiro. O vampiro se alimentou, sacudindo da mesma maneira que Majda fez com o soco de poder, mas ele não se soltou, sua fome muito grande. Ele bebeu pelo menos um minuto antes de erguer a cabeça.

Agora, tinha características bonitas que pareciam estranhamente familiares para Elena.

— Você tem seu cabelo, a pele — murmurou Raphael. — Mas muito do resto vem dele.

E realmente a atingiu; olhava fixamente para seu avô. E Raphael estava certo - assim como ela se assemelhava superficialmente à sua avó, era seu avô cujos genes haviam dominado Marguerite e Elena, embora se alguém lhe tivesse pedido para explicar exatamente como, ela teria ficado perplexa.

— Eles são meus avós, — ela sussurrou, tentando dar sentido a tudo.

— Nem uma única dúvida. E ambos parecem estar sãos. — Tendo já removido as correntes de Jean-Baptiste, Raphael virou-se para Gian enquanto Majda soluçava e beijava seu marido ao mesmo tempo, sem se importar com o sangue que manchava seus lábios.

Olhando para longe para dar-lhes privacidade enquanto se abraçavam, Elena assistiu Raphael ir para Gian, arrastá-lo com uma única mão segurando em sua camisa.

— Explique-se.

Gian abriu a boca, mas nada saiu. Muito dano pela alimentação, pensou Elena, mas quando o Luminata agarrou a garganta, percebeu que a shuriken ainda estava alojada ali em algum lugar.

— Ele precisa de ajuda para conseguir retirar a shuriken, — disse ela, seu tom de voz duro. — Tenho uma faca de caça.

— Não, Elena, vamos fazer isso na frente do Cadre. — Um olhar para seus avós. — Vocês vão nos seguir.

Foi o homem quem respondeu.

— Sim, senhor. — Na luz preta azulada de seus olhos estava a compreensão da identidade de Raphael. E ao seu redor pendia o mesmo senso de poder cru que Elena sentia em Janvier, de Ashwini. Como Janvier, seu avô poderia ser jovem em termos imortais, mas era forte, senão seu sangue não teria o poder suficiente para persistir em sua filha.

Quando os olhos se voltaram para Elena, tinham uma alegria incandescente.

— A filha de Marguerite? — Perguntou à Majda num caos de descrença e alegria misturadas. — O bebê do nosso bebê?

Garganta grossa, Elena tocou suas mãos com as deles.

— Teremos séculos para falar, uma eternidade. — Ela não podia pensar que estava olhando para seus avós maternos, mas uma coisa sabia: esta mulher de sua família não foi assassinada. Ela sobreviveu. Ela viveu. — Mas primeiro, precisamos cuidar desse idiota antes que a tempestade termine e o Cadre voe.

Eles não tinham contexto para sua declaração, mas Majda e Jean-Baptiste estavam dispostos a segui-la, com as mãos entrelaçadas. Ambos tinham usado a parte detrás de seus antebraços para limpar o sangue de suas bocas.

Enquanto sua avó usava um vestido fluído de azul enevoadado que parecia estranhamente novo, seu avô estava todo nu, os trapos que cobriam seu corpo haviam caído quando ele se curou. Elena tentou não olhar para aquele lado. Estava

claro que ele não gostava de estar quase nu na frente de sua neta e uau, sim, isso era definitivamente uma viagem, que essas duas pessoas lindas e sem idade eram sua família.

Seguindo Raphael enquanto puxava Gian pelo corredor, os pés e as asas do Luminata se arrastando pelo chão, ela pediu que esperassem quando chegaram à suíte onde as mulheres foram mantidas. Ela entrou cuidadosa que outro Luminata de alguma forma conseguisse entrar, rapidamente limpou a área, então começou a procurar nos guarda-roupas, esperando que alguns dos Luminata tivessem esquecido algo.

Havia uma borda na posição do avô que lhe dizia que era um homem de orgulho silencioso. Não tiraria isso dele, não deixaria que o Luminata o olhasse quando entrassem na parte principal de Lumia.

Ela não encontrou nada adequado no que foi o quarto de Josette, mas quando verificou a sala que não estava em uso, descobriu uma pilha de roupas masculinas civis. Tentou não pensar no fato de que algumas dessas roupas poderiam muito bem ter pertencido a jovens homens que foram levados e que nunca voltaram para casa novamente.

— Vou me vingar por vocês, — ela sussurrou.

Ao sair, descobriu que Raphael mandara seus avós para a área de espera. Elena manteve os olhos decididos em sua avó e disse:

— Encontrei roupas masculinas ali.

Majda e Jean-Baptiste entraram na sala sem mais discussões, suas mãos ligadas nunca se soltando.

Deixando cair Gian num canto depois de entrar na suíte, Raphael afastou fios de cabelo presos em sua bochecha de suor que ela nem sequer sentiu no calor do momento.

— Então, *hbeebti*.

— Sim. — Esfregando sua bochecha contra sua palma quando ele a abriu em sua pele, ela soltou um suspiro. — Sou a neta de um vampiro.

— Dois vampiros.

Ela mordeu o lábio inferior, sacudiu a cabeça.

— Majda não era vampira quando teve minha mãe. — Os bisavôs de Riad deixaram claro que Jean-Baptiste não conseguia encontrar um anjo que acelerasse seu pedido. — Tenho a sensação de que foi feita depois que deixou a França. — Quanto ao modo como o último, e onde o acidente de ônibus se encaixava, iria ter os detalhes de sua avó mais tarde.

Raphael a considerou, deslizando a mão por seu braço. Quando ela pegou sua mão, ele sorriu, unindo seus dedos com os dela.

— Você pode estar certa. — Um olhar perigosamente calmo pairou sobre onde Gian choramingava e ofegava, seus olhos chacoalhando fora de sua cabeça enquanto continuava a forçar sua garganta. — Quietos.

Gian atirou o punho para Raphael, mas nenhuma energia verde-dourada veio dele.

— Perdeu metade do seu volume de sangue e seu corpo está se concentrando em curar sua garganta, — Raphael disse ao anjo numa voz tão fria que levantou cada cabelo minúsculo no corpo de Elena. — Não tem recursos para organizar um ataque. Não tente de novo, ou vou me esquecer de um julgamento em frente ao Cadre e transformá-lo em pó onde você rasteja.

Seus olhos eram de azul prussiano quando ele voltou sua atenção para Elena, a autoridade dele uma presença pesada na sala.

Parece um pouco aterrorizada, Minha Elena.

De uma boa maneira. Ela entrelaçou os dedos ainda mais com os dele, banindo o frio do poder violento e da longa imortalidade com o amor que vivia nela, nele, entre eles. *Não importa o quão assustador seja, Arcanjo, sempre quero dançar com você.*

Majda e Jean-Baptiste voltaram da sala naquele momento. Para surpresa de Elena, ambos haviam se trocado. Seu avô usava calças pretas e uma camisa branca simples que combinava com sua beleza brusca. Ele não tinha a beleza desenvolvida por alguns vampiros. Não, ele era como Dmitri - tinha mantido uma borda áspera em seus traços que diziam que era um homem perigoso, mas o vampirismo lhe dera uma pele branca sem mácula que precisava do beijo do sol e cabelos que brilhavam com saúde sedosa.

Quanto a Majda...

O vestido de sua avó havia desaparecido, em seu lugar um par de calças marrons que ela enrolou na barra e amarrou firmemente em torno de sua cintura usando um cinto que Elena lembrava ter visto no guarda-roupa. No topo, usava uma camisa de mulher, então isso também devia estar no guarda-roupa.

E Elena sabia, sem perguntar, que o vestido foi forçado em Majda por Gian.

Os lábios de Majda de repente se curvaram, seus olhos brilhantes.

Seguindo a linha de seu olhar, Elena percebeu que sua avó viu Raphael e Elena de mãos dadas.

— Vamos nos livrar do lixo — disse Elena suavemente.



Capítulo 42

Enquanto Elena deslizava sua besta em prontidão para qualquer possível ameaça, Raphael agarrou Gian mais uma vez, seu aperto tão poderoso que Gian não podia ter escapado, mesmo com força total. Quando Elena ouviu murmúrios zangados atrás dela, logo depois que chegaram à área de pavimentação em que ela pisou com um silencioso *“Perdoe-me”*, ela olhou por cima do ombro e sacudiu a cabeça para seus avós.

— Os anjos têm métodos de punição muito mais brutais do que você poderia imaginar.

— Mas punirão um deles quando as vítimas não são importantes? — Uma voz profunda, mais profunda do que antes, Jean-Baptiste claramente ainda estava curando-se na sequência da infusão de sangue arcangélico.

Raphael foi quem respondeu.

— Você é família, — ele disse, suas asas subitamente ardentes e brilhantes na escuridão do poço. — Não importa o que qualquer outra pessoa no Cadre diga ou acredite, tenho o direito de punir aqueles que buscam prejudicar minha família.

Majda e Jean-Baptiste se encolheram diante do poder de Raphael, mas se endireitaram quase imediatamente e - depois de olhar um para o outro - assentiram para Raphael. E prendiam seu olhar enquanto o faziam. Mantendo-o atento.

Parece que coragem teimosa corre na linha da família.

É melhor acreditar, Arcanjo.

Elena olhou para a forma patética de Gian.

— Levante-o primeiro. Vou acompanhá-lo e vigiá-lo enquanto traz Majda e Jean-Baptiste. — Ela não queria que ficassem lá sozinhos, e de jeito nenhum ia deixar Gian sozinho, nem por um segundo.

As cobras tinham o hábito de escorregar.

Uma mão ainda segurando Gian, Raphael rodeou sua cintura com seu outro braço e eles se levantaram. Enquanto olhava para baixo, viu seus avós inclinarem suas cabeças para trás, seus olhos brilhando na luz vindo das asas de Raphael e seus corpos se tocando. Em seguida, Raphael a estava liberando e ela estava voando seu caminho até a plataforma no topo do poço.

Raphael esperou até que ela alcançou e subiu na plataforma antes de jogar Gian com tanta força que o Luminata acabou no fundo da escada. Ele caiu sem dizer uma palavra, os dois em perfeita sincronia.

Erguendo a besta e apontando para a testa de Gian, Elena não desviou o olhar da escada ou da forma minguate de Gian. E quando o anjo começou a rastejar para a frente, não perguntou o que diabos estava fazendo. Ela apenas deu um disparo da besta a meio centímetro em frente ao seu rosto.

— A próxima passa pelo seu crânio. — Isso não o mataria. Ele era muito velho. Mas doeria como uma cadela e o incomodaria por um tempo.

Olhos verdes pálidos a olhavam com confusão suave em suas profundezas, como se não pudesse entender por que ela estava tão zangada com ele. Graças a Deus, Raphael era o Arcanjo que fazia a chamada sobre sua punição, porque o bastardo sabia usar palavras, como usar o charme, como torcer o mundo que era dele.

Uma onda de ar atrás dela, então a voz de Majda.

— Obrigada, — ela disse, o tom segurando um tremor que não era de medo. — Nunca pensei que um dia iria voar para fora desse inferno.

Seu marido riu.

— Quantas histórias teremos para contar, meu amor.

Isso fez o coração de Elena se derreter, que mesmo depois de décadas no inferno, falavam um com o outro dessa maneira, tocavam um ao outro com cuidado.

Você vai me chamar de Minha Elena quando estivermos juntos há dois mil anos e estiver irritado com o tamanho da minha coleção de facas?

A luz do fogo das asas de Raphael roçou a dela enquanto passava. *P*

rimeiro, como seria responsável por ter dado a você a maioria dessas facas, como poderia ficar irritado? E em segundo lugar, vou sempre chamá-la Minha Elena. Olhos azuis vívidos que prendiam seu próprio olhar mesmo enquanto se inclinava para baixo, para agarrar Gian. *Nada neste mundo ou no próximo pode mudar quem você é para mim.*

Ele subiu os degraus primeiro, com Majda e Jean-Baptiste em seguida, Elena na parte traseira apenas no caso de uma daquelas portas para a Galeria não ter sido pintada ou azulejada pelo outro lado, e ainda estar em uso. De jeito nenhum ia permitir que alguém os emboscasse agora.

Mas o poço ficou em silêncio e saíram para o corredor para encontrá-lo vazio.

Elena ficou um pouco desapontada. Estava pronta para atirar flechas nas bocas mentirosas dos Luminata, tanto os bastardos piedosos que tratavam os mortais como mercadorias como os que tinham consciência do que estava acontecendo nos recessos mais profundos de Lumia, mas não fizeram nada para deter isso.

— Vou mostrar-lhes luminescência, — ela murmurou enquanto caminhava pelo corredor ao lado de Raphael, sua besta posta à sua esquerda, mas armada e pronta para disparar.

Eles não fizeram nenhuma tentativa de esconder sua presença e os primeiros Luminata que encontraram no corredor ofegaram e correram em direção a eles.

— Gian!

— Silêncio. — Poder afiado como uma lâmina letal, a voz de Raphael comandou obediência absoluta. Um Luminata, um homem pequeno de cabelos castanhos mais escuros e olhos enormes e escuros, curvou a cabeça, mas Elena captou a camada secundária de choque em seu olhar.

Esses idiotas realmente não estavam acostumados a receber ordens de ninguém, nem mesmo do Cadre.

— Reúna seus irmãos, — disse Raphael, as palavras um decreto arquiangélico. — Todos devem estar no Átrio no momento que o Cadre se reunir ou suas vidas estarão perdidas. Vão.

O agora branco Luminata correu.

Raphael deu a mesma ordem aos outros, até que todo “irmão” passava ou corria para contar aos outros ou se apressava na direção do Átrio. Voltando-se para Elena, seu Arcanjo falou, mas ele tinha roubado toda sua respiração, seu sangue um rugido tão alto em seus ouvidos que ela não podia ouvi-lo. Seus olhos eram chama azul e líquida, a marca da Legião em sua têmpora provocando incêndio, suas asas ainda ondulando em chama branca.

E ela sabia.

— As mudanças da Cascata enraizaram. — Saiu um sussurro, o terror segurando seu coração, porque este ser, aquele que olhava para ela, era outro de uma forma que seu Raphael não era. Como se estivesse crescendo num plano de existência onde ela não poderia seguir.

Seu dar de ombros como resposta, cortou o medo súbito, era tão natural.

— Vamos testá-lo mais tarde. Por agora, precisamos de Ibrahim no Átrio. Eu disse à Aodhan e Laric para leva-lo lá. Xander e Valerius ajudarão.

— Como eles souberam?

— Xander veio perguntar se você jogaria um jogo de lâmina com ele, e ficou quando percebeu o que estava acontecendo. — Um sorriso fraco. — Parece que o garoto está cada vez mais apaixonado por sua habilidade com objetos pontiagudos.

— Cara. Os homens só me querem pelas minhas armas.

O riso de Raphael fez com que os Luminata, já chocados, o fitassem com incredulidade, mas quando Elena procurou atrás de si para se certificar de que seus

avós estavam seguindo - sim, ainda estranho pensar nisso - ela os encontrou sorrindo.

Foi Majda quem disse:

— Jean-Baptiste também tem predileção por facas. — Uma voz suave, quase ofegante em sua sensualidade rouca, mas claramente não era uma afetação, simplesmente a forma como suas cordas vocais produziam som. — Ele tinha uma grande coleção.

— Minha consorte nunca encontrou uma lâmina que ela não amasse. — A contribuição de Raphael teve os sorrisos de Majda e Jean-Baptiste crescendo ainda mais.

— Não é verdade — disse Elena. — Não amo lâminas enferrujadas, exceto, é claro, quando quero esculpir os olhos de monstros maldosos. — Ela olhou fixamente para Gian, que já estava melhor do que na câmara de tortura que ele criara.

O bastardo era forte.

E desta vez não foi rápido o suficiente para esconder seu verdadeiro eu: o ódio espumava em seus olhos, embora aqueles olhos não estivessem em Elena, mas em Jean-Baptiste.

Elena ouviu o movimento atrás dela, seguido por uma palavra aguda numa voz feminina, a mesma que ela ouviu na cidade. Seu avô manteve a calma, mas ela podia sentir sua raiva fervendo.

O mesmo vivia nela.

Ela levou a besta abertamente em uma mão quando entraram no Átrio. Estava cheio de Luminatas, todos naquelas roupas horríveis que eram menos sobre conformidade por causa da luminescência e mais sobre ocultação do mal. Pelo menos os bastardos não eram arrogantes o suficiente para manter seus capuzes. O medo torceu muitos dos seus rostos expostos, o tipo de medo que falava de culpa, mas havia tantos rostos que continham apenas confusão.

Confirmou a suposição de Elena de que a feiura foi perpetrada por um grupo seleta. Mais sabiam o que estava acontecendo ou tinham uma ideia de errado - e eram igualmente culpados a seus olhos - mas havia alguns que não sabiam de nada. Pessoas como Ibrahim, que inocentemente viriam aqui em busca de

esclarecimento, e Luminata mais velhos, que poderiam ser considerados demasiado dispostos em suas maneiras de confiar com a ruptura viciosa nas tradições de Lumia.

— Raphael, por que nos chama para uma reunião? — Era a voz de Astaad, uma borda em seu tom que lhe recordou que, maneiras elegantes ou não, era um Arcanjo, um poder sob a pele. — Tudo foi decidido. — O Arcanjo das Ilhas do Pacífico estava no centro do Átrio, numa grande área que foi deixada vazia pelos Luminata recolhidos.

A desaprovação era uma mancha aberta em suas feições quando espiou a forma quebrado de Gian.

— Não tratamos o Luminata com tal desrespeito.

* * *

Raphael conhecia melhor seu companheiro Arcanjo desde que Elena se tornou amiga de Mele. Então sabia que a coisa mais importante de que Astaad precisava estar ciente.

Acredita em forçar as mulheres a serem suas concubinas, Astaad?

Um olhar de puro desgosto nos olhos escuros de Astaad.

Onde está o prazer em forçar? Seu olhar aterrissou em Gian outra vez, subiu para Majda, e então, com surpresa, para Elena. Compreensão desencadeada. *Entendo.*

O outro homem não interferiu quando Raphael atirou Gian no centro do círculo. Sangue fresco pulverizou de sua ferida para marcar a pedra polida do chão. Quando o líder do Luminata lutou para falar, agarrando a garganta numa tentativa inútil de remover a shuriken, os dois Arcanjos estavam num silêncio que tinha o Luminata recolhido esperando silencioso também.

A próxima a chegar foi Michaela.

— Realmente, Raphael, se quisesse me ver, só tinha que bater na minha porta, — foi sua salva de abertura, sua voz uma rouquidão sensual. — E agora está construindo um harém de mulheres estranhas e de cabelos brancos?

— Vou explicar, — disse ele, sem disposição para os jogos. — Os outros estarão aqui em breve.

Michaela se aproximou para ficar ao lado de Astaad, seus olhos em Gian.

— Parece que há algo preso em sua garganta, — ela disse conversando. — Talvez devesse cortá-lo para dar-lhe alívio.

Quando a plateia se encolheu, Elena estendeu uma grande faca, primeiro o punho.

Poderia ser a primeira ocasião conhecida em que Michaela e Elena tinham concordado.

Segurando a lâmina com um sorriso zombeteiro, Michaela inclinou-se, puxou a cabeça de Gian com um aperto no cabelo e fez exatamente o que disse: cortou a garganta do homem. Asfixiando e com o sangue borbulhando num pulso vermelho escuro, Gian agarrou a ferida enquanto Michaela limpava a lâmina em sua roupa, então jogava a lâmina atrás em Elena com velocidade angélica.

Raphael estava suficientemente longe de sua consorte para não poder interceptá-la, sabia que ia se encaixar no rosto de Elena - porque Michaela era muito melhor com facas do que a maioria das pessoas percebia. Então a mão de Elena estava no ar, segurando a lâmina pelo cabo enquanto a ponta afiada pairava a um centímetro de seu olho.

O rosto de Michaela não era o único que refletia surpresa atordoada.

A Arcanjo, que manteve seu território sob controle, engendrando uma cuidadosa mistura de medo e respeito por sua competência gelada, limpou a expressão de seu rosto numa fração de segundo, mas Raphael percebeu. Como viu a resposta atrasada de Astaad para Elena, como se para tentar interceptar a faca ele mesmo.

Raphael não esqueceria a reação.

O Arcanjo das Ilhas do Pacífico começou a sorrir um instante depois, débil o suficiente para que o apagasse facilmente do rosto quando Michaela girou para voltar a ficar ao seu lado.

Gian, entretanto, ainda agarrava a garganta com a mão direita.

Enquanto Raphael observava, Gian cavou a ferida e saiu com os dedos cortados nas pontas, mostrando os ossos. Ele olhou para as pontas amputadas, seu rosto branco. Quando um dos outros Luminata fez um movimento para ajudá-lo, Raphael apenas olhou para o macho alto e magro que não sobreviveria esta noite. Gervais congelou, engoliu, recuou.

Alexander e Caliane entraram na sala quando Gian finalmente pôs os dedos de sua mão esquerda em volta da shuriken e a puxou para jogá-la pelo chão num jato de sangue. Seus dedos flutuaram atrás um momento mais tarde, a lâmina podia ter cortado através de osso quando a agarrou. Os dedos cortados caíram no chão, mesmo quando Gian tentou segurá-los na mão. O que agora não era mais que um pedaço de carne sangrenta.

Raphael sentiu mais do que viu os lábios de Elena subindo.

— Devo um jantar para Ash no restaurante de vampiros mais flamejante que puder encontrar.

— Estou feliz que sua amiga esteja do nosso lado, *hbeebti*. — A amante de Janvier - e agora esposa - era extraordinária de muitas maneiras, mas sua habilidade de vislumbrar partes do futuro era aquela que a colocara primeiro no radar imortal.

— Eu também.

Se movendo, o avô de Elena caminhou para recuperar a lâmina estrela. Jean-Baptiste Etienne aprendeu ao assistir Gian, e pegou a arma com o escudo de um lenço dobrado que devia estar na roupa que usava, e utilizou apenas as pontas de seus dedos.

Levantando-se a toda a altura, usou o lenço para limpar o sangue, depois caminhou de volta para passar a lâmina para Elena.

— Uma ferramenta útil. Você não deve perder.

Elena sorriu.

— Obrigada.

Coragem obstinada, pensou Raphael. Não muitos vampiros teriam entrado no centro de um grupo de Arcanjos em qualquer ponto. A quem esse vampiro pertencia?

— Jean-Baptiste? — Era a voz de Favashi, a surpresa revelada em seu rosto tão genuína que Raphael não podia duvidar disso. — Está morto. Os Luminata relataram sua morte ao mordomo da minha corte.

— Minha senhora. — Jean-Baptiste curvou-se no mais profundo respeito à sua senhora.

Quando se endireitou, sua voz soou ao redor do Átrio.

— Como vê, não estou morto. — Seus olhos seguraram os de seu Arcanjo. — Fui mantido na beira por décadas. É o sangue de Raphael que percorre minhas veias hoje, que me dá minha força.

Um olhar perigoso para Gian, que ainda segurava sua garganta, mas devia estar curando por trás dela agora que a lâmina tinha desaparecido.

— Também tomei o sangue dele, mas ele é fraco, nada.

Curvando-se outra vez, o vampiro voltou a ficar ao lado de Majda, que ela própria tinha vindo para ficar ao lado de Elena. De perto, apenas um cego perderia a semelhança familiar entre os três. Raphael ouviu um suspiro, mais de um, quando todos os membros restantes do Cadre tomaram seus lugares no círculo.



Capítulo 43

Caliane escolheu flanquear Jean-Baptiste numa exibição silenciosa da unidade da família.

Na esquerda de Raphael estava Alexandre.

Ele e o Ancião se separaram em silêncio quando Aodhan, Xander, Laric e Valerius chegaram com uma maca improvisada com o corpo partido de Ibrahim. Colocaram a maca no círculo, perto de Neha, e depois recuaram. Tendo testemunhado a reação anterior de Neha, Raphael se perguntou sobre a colocação até que Neha sugou uma respiração e caiu sobre um joelho. Ela ainda estava com a roupa verde-escura semelhante a couro de um lutador, os cabelos trançados e o rosto desprovido de cosméticos que normalmente usava.

Deus, Raphael, Neha é uma deusa guerreira.

Sim, disse Raphael. Também é uma rainha. Essa é sua dualidade.

Foi a deusa guerreira que tocou sua mão no rosto preto e inchado de Ibrahim.

— Quem fez isso? — Sua voz era um chicote de fúria, suas asas brilhavam.

E Raphael percebeu que Neha realmente não tinha visto o rosto do homem batido até agora.

Aodhan, que viera ficar atrás de Elena e Raphael, os encheu silenciosamente:

— Valerius reconheceu Ibrahim da corte de Neha. Ele era um estudioso respeitado, muito a favor de Neha até que ele veio para se juntar aos Luminatas.

Ninguém respondeu a Neha.

Levantando-se, a Arcanjo da Índia olhou fixamente para Raphael.

— Você sabe a resposta.

— Sei um pouco disso. — Ele começou a falar, começando pelo medo que estrangulava o município mais próximo.

— São mortais — interveio Charisemnon, e por uma vez, sua visão não era isolada.

Raphael uma vez foi parte desse grupo, acreditando que uma vida como um lampejo de vaga-lume não teria nenhuma relevância a ele. Esquecera-se de que Dmitri fora mortal uma vez, e os anos o tinham cansado. Até que uma caçadora o enfrentou com uma coragem tola que cavou seu caminho em seu coração. Quando ele caiu com o corpo partido de Elena em Nova York, sabia que não haveria mais ninguém como Elena em toda sua existência, seu vaga-lume cintilava, uma luz deslumbrante que o havia marcado, marcado para sempre.

— É natural que tenham medo de seus senhores — acrescentou Michaela com um sorriso zombador dirigido a Elena. — Tal é o caminho do mundo.

Raphael sentiu Elena se eriçar, mas sua caçadora não era uma jovem verde; encarou a Arcanjo com uma calma inexpressiva.

— Sim, eles são mortais — disse ele. — Mas esses mortais não são dos Luminatas para governar. Ou cedeu-lhes o direito a seu próprio feudo? — A última pergunta, ele dirigiu a Charisemnon.

O Arcanjo do Norte da África estreitou os olhos.

— Marrocos é meu. Lumia e apenas Lumia é deles.

Deixando o outro homem para considerar esse fato, Raphael então falou sobre o que o Cadre consideraria o crime mais flagrante.

— Usando o escudo de busca de luminescência, os Luminatas - pelo menos uma certa porcentagem deles - têm vivido uma vida livre de todo descuido. Esses homens não se consideram como tendo que respeitar os limites que estabelecemos para todos os anjos. Acreditam que estão acima do Cadre.

As asas de cada Arcanjo no círculo começou a brilhar.

— A busca pela luminescência é uma máscara — disse ele sem rodeios. — Os envolvidos a usaram para escravizar mortais e aliviar seus desejos carnis sem ter que responder por seus crimes a ninguém. — Mais uma vez, sabia que crimes contra os mortais não significavam nada para vários dos Arcanjos, então ele continuou. — Jean-Baptiste não é o único vampiro que é capaz de ter “morrido” quando foi destacado para servir em Lumia.

— Creio que a maioria está realmente morta — disse Jean-Baptiste quando Raphael o olhou. — Gian nos provocou durante nosso cativeiro com histórias de todos os guardas “inconvenientes” que ele e sua corte assassinaram sem repercussão. — O vampiro falou com um foco claro, sua garantia um testemunho de seu espírito. — Ele quis nos assustar para que acreditássemos nele como onipotente, nos disse que era a lei final em Lumia e até mesmo os Arcanjos não questionavam sua palavra.

— Mentiroso. — O barulho de som veio de Gian, suas cordas vocais claramente se recuperando.

Dez cabeças arcangélicas se voltaram para o Luminata. Nenhum parecendo de forma amigável. Foi Elijah quem falou.

— Perdi três vampiros nos últimos três séculos e meio. Dois num aparente estranho acidente durante o treinamento de combate quando se atacaram com muita força, e outro num desaparecimento que nunca foi explicado, exceto como uma deserção de seu cargo.

— Ibrahim é meu, — Neha confirmou, agachando-se novamente para tocar sua mão gentilmente com a dela antes de se levantar. — Um vampiro destacado para Lumia também foi dito ter abandonado por tédio.

— Dois — respondeu Michaela. — Dois dos meus mais talentosos jovens guerreiros angélicos, secundados aqui como líderes de esquadrão por um curto

prazo, porque Lumia é considerada uma posição de prestígio, e eu queria que tivessem essa experiência em seus registros.

Continuo esquecendo que ela é um verdadeiro Arcanjo, disse Elena. *Uma que obviamente rege bem, já que seu território é estável. Então ela diz algo assim.*

Nunca se esqueça que nenhum Arcanjo é unidimensional. Era uma lição que poderia salvar sua vida um dia.

— Um, — disse Titus com sua voz crescendo. — Um jovem vampiro que desapareceu sem deixar rastros e que, segundo me disseram, foi agressivo antes de ir para a escuridão para nunca mais ser visto.

No final, o Cadre confirmou que tinham perdido um total de pelo menos vinte e cinco vampiros, bem como dez anjos ao longo dos séculos desde que Gian assumiu a liderança. A maioria destes últimos foi destacada como líderes de esquadrão.

O número não era muito no grande esquema das coisas, mas os lutadores com promessa suficiente para serem enviados para Lumia eram considerados bens valiosos e muitos tinham relações pessoais com seus Arcanjos - ou com os mestres de armas desses Arcanjos. Eles estavam perdidos. A única razão pela qual ninguém conectou os pontos foi porque os desaparecimentos e as mortes foram espalhadas por muitos territórios e durante séculos.

— Por que morreram? — A pergunta veio de Alexandre, e foi dirigida não a Gian, mas a Jean-Baptiste. — Gian se gabou de suas razões?

Mais uma vez, mesmo em face da consideração de um Ancião, o vampiro se manteve firme.

Qualquer Arcanjo estaria orgulhoso de ter seu avô em suas forças, hbeebti.

O orgulho tingiu de cinza o prata dos olhos de sua consorte quando ela sorriu para ele.

— Eles começaram a fazer perguntas, — disse Jean-Baptiste.

— Mentiroso! — A tentativa de Gian de gritar era apenas um barulho um pouco mais alto que todos ignoraram, sua atenção no vampiro que era o sangue de Elena.

— Todos os que foram embora eram muito inteligentes, — disse o outro homem, — e não estavam dispostos a olhar para o outro lado quando perceberam

que Lumia estava quebrando as regras que lhe permitem ser uma sociedade auto-governada.

— Os esquadrões atuais são todos de origem privada e pagos com o dinheiro que os Luminata trazem com eles quando se prometem a Lumia, significa que não há risco dos homens terem qualquer lealdade, exceto a Lumia.

Majda falou na pausa, agarrando o antebraço do marido e tremendo a voz. No entanto, ela não seria silenciada.

— Ele se autoproclama Rei dos Reis, um homem fora do alcance de qualquer pessoa nesta terra.

Michaela teria frito Gian no local se Raphael não tivesse levantado uma mão.

— Chamo a dívida de sangue.

Todos congelaram.

Ele esperou por um desafio, mas o que conseguiu foi uma inclinação da cabeça de Neha.

— É óbvio que tem direito à dívida de sangue. — Seus olhos olharam para Elena, Majda e Jean-Baptiste. — Por uma questão de formalidade, reivindica os dois vampiros como família?

— Sim. — Ele se virou para Favashi. — Você vai discutir?

Uma sacudida da cabeça.

— O mandato de Jean-Baptiste em Lumia terminou há quatro décadas. Ele é livre para escolher sua fidelidade.

— A cópia de sua consorte é jovem, Raphael — disse Michaela, com a anca inclinada, com uma das mãos naquele quadril. — Ela permanece dentro de seu período de Contrato, terá que servi-lo para quem é dono dela.

Jean-Baptiste fechou a mão firmemente sobre a de sua esposa enquanto o rosto de Majda ficou branco. Mandíbula rígida, ele disse:

— Gian a fez pela força. Não há Contrato.

Suas palavras foram granadas vivas jogadas na sala. A criação de vampiros era estritamente regulamentada. Cada Arcanjo tinha suas próprias regras, mas haviam regras. Os anjos não podiam simplesmente dar a volta fazendo vampiros;

precisavam da permissão de pelo menos um do Cadre, embora essa permissão poderia ser dada uma vez e se manter por milênios.

A intenção era não haver vampiros no mundo que pelo menos um do Cadre não rastreassem, mesmo que o fio fosse nebuloso, que o membro do Cadre não interferisse na existência do vampiro, exceto em circunstâncias muito raras. Tinha a ver com o equilíbrio do mundo, com o sangue e com a vida.

— Ele mente — disse Gian novamente. — Ela é de Charisemnon.

Desta vez, Raphael sabia que não podiam simplesmente ignorar as palavras.

Inesperadamente, foi o inimigo mortal de Raphael quem entregou a Majda sua liberdade.

— Me acha um idiota? — Perguntou Charisemnon à Gian, com a voz cheia de raiva. — Não vou ser usado por um mero anjo que deseja interferir nos assuntos de seus superiores. A mulher é sua, Raphael.

Raphael virou-se para Majda.

— Escolha sua lealdade, não está sob Contrato, mas deve estar sob supervisão arcangélica até que tenha passado dez décadas como vampiro.

Apesar de Jean-Baptiste estar livre e livre de suas próprias obrigações de servir a um Arcanjo, ele veio imediatamente ajoelhar-se na frente de Raphael. Tinha a mão entrelaçada em torno da de sua esposa, e embora fosse evidente que não entendia as regras, ela o seguia sem hesitação.

— Juro ser leal. Meu sangue é seu sangue, — disse Jean-Baptiste, sua esposa repetindo as palavras. — Minha vida é sua para comandar. Não servirei a ninguém além de você.

Raphael acenou com a cabeça para que os dois voltassem para suas posições anteriores.

— Gian é meu para punir, — ele disse sem rodeios. — No entanto, a questão mais ampla de Lumia permanece.

— Destruir — disse Favashi, expondo o núcleo de aço que vivia sob sua superfície macia e elegante. — Nunca deveria ter existido um lugar na Terra que não estivesse sob o controle do Cadre.

Charisemnon assentiu.

— Nós somos os mestres deste mundo.

— Se me é permitido... — As palavras hesitantes foram ditas por Donael, o anjo antigo que estava pairando na borda do círculo desde o início.

Neha olhou para ele com uma frieza que falava do veneno que era sua maior arma.

— Fale, Donael. Te dou esta oportunidade apenas porque te conheci uma vez como um homem de grande sabedoria.

* * *

Inclinando a cabeça mais baixo que Elena já havia visto um dos Luminata inclinar a alguém, Donael disse:

— Os Luminatas desempenham um papel importante na sociedade angélica. Somos os buscadores de conhecimento e os guardiões da arte, e somos o único grupo que pode chamar o Cadre para uma reunião quando as coisas chegam a um ponto de ruptura como eles têm no território Lady Lijuan.

Ele respirou fundo, exalado.

— Exterminar-nos deixará um vácuo. E mesmo se colocarmos tudo isso de lado, os anjos precisam de um espaço onde possam encontrar suas almas, um lugar onde a mente possa ser livre.

Elena sentiu os lábios se torcerem naquele pequeno discurso, mas manteve o silêncio. Surpreendentemente, foi Hannah quem a interrompeu, a outra mulher entrando com Elijah.

— Eu falarei, — ela disse calmamente. — Não como consorte de Elijah, mas como artista.

Quando ninguém do Cadre interrompeu, ela disse:

— Tenho estado absorvida na Galeria desde que chegamos. Encontrei uma grande alegria neste lugar que alberga com segurança tanta parte de nossa história artística.

Elena viu Donael começar a sorrir. Mas Hannah não tinha terminado.

— Entretanto — disse ela, — mesmo enquanto estudava o espantoso arranjo na Galeria, sabia que poucos olhos conseguiam ver essas obras de arte. — Uma carranca pesava sobre seus traços elegantes. — Os Luminatas tornaram-se uma seita cada vez mais fechada no tempo desde que fui consorte de Elijah, até que os anjos comuns não acreditam que tenham o direito de vir aqui e interromper a contemplação dos irmãos.

Nenhum sorriso no rosto de Donael agora, nada além de uma rigidez insultada.

— Isso não está certo, — disse Hannah. — Se a Galeria é uma biblioteca da maior arte produzida por nosso povo, então todo o refúgio deveria ser capaz de visitar a vontade, deve ser encorajado a visitar. Perturba-me que os Luminatas parecem considerar estes tesouros próprios e que eles, e somente eles, são os únicos que decidem quais obras serão exibidas e quais não.

O olhar da outra consorte foi para além de Elena.

— Eu pediria que Aodhan que também fosse permitido uma voz.

— Ele é um artista — murmurou Caliane. — Um estudante respeitado da Colibri. Eu ouviria seus pensamentos.

Aodhan raramente falava quando estava com um grupo maior, mas hoje, ele disse:

— Lady Hannah fala a verdade. É também lamentável que os Luminatas tenham descartado obras de arte sem qualquer cuidado. Enquanto estava visitando o curandeiro que ajudava Ibrahim — ele indicou a pequena forma de Laric, o curandeiro quase se escondendo atrás de Aodhan — descobri uma pintura danificada da Colibri. Laric a salvou de uma sala que parece agir como um lugar de encontro para coisas destinadas à destruição, foi dito que ele poderia a ter pois já não era boa o suficiente para a Galeria.

A reação à sua revelação era visível e audível. Mesmo Titus, que Elena não pensava ser particularmente inclinado artisticamente, cerrou suas mãos.

A mãe de Illium é muito mais importante para o refúgio do que entendo, não é?

A resposta de Rafael teve uma gentileza que sempre traía quando falava sobre a Colibri.

Ela é um tesouro, quebrado talvez além do reparo, mas um tesouro no entanto.



Capítulo 44

— Se cometemos erros, — disse Donael no perigoso silêncio, — ficaremos felizes em consertar nossos caminhos. Se o Cadre diz que a Galeria deve estar aberta a todos os anjos, então ela será aberta.

— Esse é o problema, Donael — disse Astaad, acariciando-lhe os dedos. — Os Luminatas deveriam ter chegado a essa conclusão por si mesmos. Qual o objetivo da luminescência, se não a sabedoria?

Elena queria tanto falar que podia sentir as palavras empurrando em sua garganta, mas aprendeu algumas coisas sobre a política angélica no tempo desde que se tornou consorte de Raphael. Sua voz poderia muito bem funcionar contra seus interesses - muitos do Cadre ainda a consideravam muito mortal para entender as preocupações imortais.

Ela manteve seu silêncio. Por agora.

— Vocês se estabeleceram como governantes no meu território — disse Charisemnon, com os olhos cheios de uma raiva que nunca tinha morrido. — Como você desculpa isso?

Donael curvou-se novamente.

— Não há desculpa.

— Palavras bonitas. — Os olhos verdes de Michaela brilharam como se estivessem iluminados por trás. — Você é um dos mais antigos e respeitados homens aqui, e contudo espera que acreditemos que não sabia das ações traidoras de seus irmãos?

— Me concentrei muito na minha própria luminescência, — disse Donaet, pedindo desculpas em cada linha de seu corpo. — Deixei Gian e sua coalizão correrem as coisas porque era mais fácil do que argumentar e porque me permitiu andar pelo caminho sem distrações.

— No que me diz respeito, — Elena murmurou em voz baixa, — ele é tão culpado como Gian.

Os olhos azuis de fogo selvagem se encontraram com os dela.

— Concordo Caçadora. Mas devemos deixar isso funcionar, existem algumas regras a serem observadas.

— Isso é parecido com um general que deixa suas tropas sob os cuidados de um soldado de baixo escalão — disse Titus, cruzando os braços em seu enorme peito, seus músculos abaulados sob o linho creme da camisa. Essa cor refletia as penas na curva interna de sua asa esquerda, antes de escurecer lentamente em uma sombra de mel dourado nas primárias, a mudança tão gradual que era impossível dizer onde uma cor terminava e outra começava.

Sua asa direita era o oposto: mel dourado na curva interna, fluindo em primárias de creme puro.

— A Galeria é uma construção feita sob medida que sobreviveu a inúmeras batidas de terra, tempestades e chuvas, — apontou Favashi, dispensando Donaet sem dizer uma palavra. — Se sobreviver a esta tempestade, não há necessidade de destruí-la, mesmo que apaguemos os Luminata.

— Concordo. — Isso veio de cada um do Cadre.

Os Luminata, entretanto, estavam começando a ficar um pouco verdes, e Donaet já não parecia tão confiante em seu auto-nomeado papel de orador para a seita. Mas ele falou de novo.

— Não podemos todos ser culpados pelas ações de poucos.

Alexander se mexeu.

— Ele está certo num aspecto. Devemos separar aqueles que realmente buscam a luminescência daqueles que estão aqui somente porque Lumia lhes proporciona um refúgio seguro da lei angélica.

— Elijah — disse Raphael. — As mulheres mortais que descobrimos, precisamos falar com elas.

— Vou buscá-las — disse Hannah e desapareceu da sala numa varredura de asas, para retornar um minuto depois, Josette e Sahar claramente estavam escondidas nas proximidades.

As duas usavam vestidos simples, mas requintados, que deviam ter vindo de Hannah, com os cabelos trançados. O medo fez seus rostos rígidos, seus movimentos irregulares quando seguiram Hannah para ficar entre ela e Elijah.

— Pode identificar o Luminata que visitou você? — Hannah perguntou sem aviso.

As mulheres tremiam.

— Nenhum mal virá para você. — Foi Michaela que falou. — Você tem a promessa do Cadre.

Os olhos âmbar de Josette se encontraram com os de Elena naquele instante. Elena deu-lhe um leve aceno de cabeça.

— Sim — sussurrou a francesa. — Conheço aqueles que vieram a mim. — Ela os nomeou um por um. — Eu estava disposta, — ela acrescentou com justiça. — Disseram que eu poderia partir depois.

O espaço apareceu ao redor de certos Luminata quando seus irmãos se afastaram num sussurro de vestes.

Terminando sua lista, Josette sussurrou para Sahar, que assentiu e, erguendo-se, começou a recitar sua própria lista.

— Dois não dão nome, dizem para chamá-los de “Mestre”. — Suas descrições desses dois eram muito precisas.

Mais espaços abertos.

No final, as mulheres marcaram doze Luminata, sem contar Gian, que parecia ter guardado seu sadismo para Majda e Jean-Baptiste.

Rostos sem arrogância agora, nada além de terror, os doze homens marcados obedeceram a uma ordem para se juntar ao seu líder, todos caindo de joelhos, com as cabeças inclinadas.

— Nós nos desviamos do caminho, — sussurrou. — Por favor, perdoe-nos.

Elena reconheceu aquela voz áspera. Gervais. O homem que se referia às vítimas dos Luminata como “putas e brinquedos”. Apertando os dentes, agarrou a mão de Raphael com força para evitar que o bastardo o esticasse pela boca mentirosa.

Sangue jorrou de sua boca no instante seguinte.

Elena se sacudiu, perguntando-se se ela tinha atirado a faca. Então seus olhos começaram a sangrar, assim como seus ouvidos. Ela não sabia que Arcanjo no círculo fazia isso, mas enquanto seu corpo caía se contorcendo no chão, seus irmãos começaram a implorar por misericórdia.

— Silêncio! — A voz de Alexander encheu o ar, cortando qualquer outro som. — Não me importo com preocupações mortais, exceto em meu próprio território, — disse ele, — mas me importo que vampiros sejam feitos sem permissão, que imortais sejam assassinados, e que os Luminatas acreditem que estão além de toda supervisão. Isso termina hoje.

— Primeiro, — murmurou Caliane, — precisamos cavar cada pedaço da podridão. Apenas treze não poderiam ter feito isso. — Ela começou a cantar, uma canção assombrosa, bonita que trouxe lágrimas aos olhos de Elena e tinha Majda e Jean-Baptiste agarrados um ao outro.

O efeito mais interessante, no entanto, foi nos Luminatas.

Um número parecia obrigado a arrastar-se para se juntar aos seus marcados irmãos, alguns literalmente rastejando lá em suas mãos e joelhos como se lutando contra a atração, seus rostos distorcidos numa máscara de horror enquanto Caliane os despojava de seu livre arbítrio.

Pela primeira vez, Elena não conseguiu se importar. Esses homens haviam roubado o livre-arbítrio dos outros; a punição era adequada ao crime.

Caliane parou de cantar quando o grupo no centro tinha crescido para vinte e sete e nenhum outro Luminata rastejou para a frente.

— Estes são os que abusaram e mataram mortais e mataram os vampiros e anjos que não olhariam para o outro lado. — Ela sacudiu a mão e vinte e seis corpos, incluindo a forma ainda excitada de Gervais, viraram cinzas sob o ardente branco de seu poder.

Gian olhou fixamente sem piscar onde seus irmãos haviam se ajoelhado.

— Pode não se importar com preocupações mortais fora de suas terras, Alex — murmurou Caliane, — mas sempre acreditei que governamos somente se provarmos que somos governantes.

Coração trovejando em seus ouvidos, Elena engoliu para molhar uma garganta seca. *Jesus, Raphael. Sua mãe não brinca.*

Ela é muito velha para isso. Pura rudeza em seu tom. E sua música não mente.

Oh, não lamento que os bastardos tenham morrido.

— Há uma segunda camada de podridão, — disse Elijah no silêncio atordoado.

— Sim. Os que sabiam e não fizeram nada, embora não participassem. — O Arcanjo da Índia olhou em volta para o Cadre. — Temos que tomar certas decisões.

O que quer que acontecesse a seguir, não era vocalizado, mas Elena podia sentir a energia violenta no ar enquanto o Cadre falava mente a mente. Foi Caliane quem pronunciou o julgamento.

— O Cadre está de acordo. Lumia continuará a existir, assim como os Luminatas.

Ninguém estremeceu de alívio, bem ciente que o martelo ainda estava para cair.

— Somente os Luminata que se juntaram à seita nos últimos cinquenta anos podem permanecer — julgamos que esses noviços estão aptos a não ser contaminados pela corrupção e oferecem a melhor esperança para o futuro de Lumia. O resto será exilado para sempre de Lumia.

Donael caiu de joelhos, o rosto amassado em quase-lágrimas.

— Misericórdia, minha senhora.

Os olhos de Caliane não tinham piedade.

— Se é um verdadeiro candidato, não precisa de Lumia. Vai encontrar luminescência numa montanha rochosa ou em solo arenoso ou numa cabana irregular na floresta. Não precisa do conforto deste lugar.

Foi um julgamento duro.

— Não há apelação — acrescentou Charisemnon, seu tom inflexível.

— E, — disse Alexander, — Lumia agora estará sob supervisão direta do Cadre, vigiada por um grupo formado de anjos e vampiros de cada um de nossos territórios. A guarda privada será dissolvida.

— Quanto à acusação dada aos Luminatas de chamar o Cadre para se encontrar, — Neha disse, — você ainda mantém esta acusação, é improvável que a questão volte a surgir no futuro próximo. No momento em que ela o fizer, é a esperança do Cadre que os Luminatas estarão de volta no caminho certo.

Raphael, os habitantes da cidade. Fizemos uma promessa.

Confie em mim, Minha Elena.

Sempre.

Com não só sua vida, mas as vidas de todos aqueles que amava.

Houve um número de outros comentários pelo Cadre. Foi quando as coisas pareciam estar terminando que Raphael falou.

— Não podemos deixar a situação na cidade como está.

— Nem todos temos um ponto fraco para os mortais, — disse Michaela com seda venenosa.

Graças a Deus, Elena pensou consigo mesma. Michaela estava agindo um pouco amável. Era bom saber que ela ainda era uma cadela.

— É uma cidade apenas de mortais.

Esse fato causou várias carrancas.

— Um desequilíbrio que poderia se espalhar. — Alexander olhou para Caliane. Sua companheira, a anciã, acenou com a cabeça.

— Tal desequilíbrio levou ao derramamento de sangue em massa no passado. Quando você isola um grupo de presas, é um convite a uma certa classe de vampiros.

— Foi você quem viu o problema — disse Astaad à Rafael. — Vê uma solução?

— Que os vampiros e anjos que cuidam e supervisionam Lumia façam suas casas na cidade. Não há necessidade de ficarem nos quartéis, quaisquer regras que os Luminata tenham criado ultimamente, nunca foi costume que os guardas também tomem votos de celibato.

Alexander riu, o som ecoando dentro do Átrio.

— Sei que nenhum dos meus guerreiros jamais seria voluntário para a guarda se isso fosse uma exigência.

— Charisemnon — disse Raphael, — deseja particularmente governar a cidade? Isso significará um trabalho extra para você em comparação com o resto de nós.

Inteligente, Raphael. Ele acabava de mostrar que se Charisemnon assumisse a cidade, teria sua atenção dividida quando Titus estava passando em sua fronteira.

— Não. — Charisemnon acenou com a mão. — O comitê de fiscalização pode lidar com a cidade.

— Deve ceder seus direitos a isso, — disse Elijah, pegando o bastão com uma suavidade que disse que ele tinha adivinhado exatamente o que Raphael estava fazendo. — De outra forma, seremos acusados de roubar suas terras.

— Desde quando se tornou tão feroz, Eli? — O tom de Charisemnon fez Elena piscar, porque estava claro que os dois homens haviam sido amigos uma vez. — Muito bem, cedo quaisquer direitos de decisão para o município, conforme as fronteiras marcadas no mapa guardado no Refúgio.

— Não será uma parte de Lumia, — disse Raphael. — Isso deve ser claro. Nunca deve haver uma repetição de um feudo eficaz.

Cada voz arcangélica parecia dizer que concordou, ao mesmo tempo, seu poder combinado tão violento que fez os pulmões de Elena doerem enquanto seu corpo lutava para tomar oxigênio suficiente por alguns segundos.

— Nosso povo viverá e governará o município, — completou Favashi. — Teremos que criar um grupo em que confiamos. — Franziu o cenho. — Seria melhor se alguém com sabedoria e idade estivesse no centro.

— Sire. — A voz calma de Aodhan. — Se pudesse, indicaria a Colibri.

Isso, Elena não estava esperando. A mãe de Illium era surpreendentemente talentosa e tinha uma sensação de bondade sobre ela que era assombrosa, mas ela também estava profundamente fraturada por dentro.

— Tem certeza? — Ela murmurou. — Sempre pensei que ela precisasse de rotina. — A Colibri veio mais vezes para Nova York desde o tempo que Illium caiu do céu, mas mesmo assim, tendia a ficar com as pessoas e lugares que conhecia.

— Ela tem, — Raphael disse, uma carranca no rosto. — Por que sugere isso, Aodhan? Sabe que ela não vai deixar o Refúgio além de um certo período.

— A Colibri também tem uma compulsão para ajudar os outros, — disse Aodhan. — E ela não precisa estar sempre no município, ela pode retornar ao Refúgio várias vezes por ano. Curar as pessoas da cidade lhe dará um propósito.

Algo impassível passou entre Aodhan e Raphael naquele instante, e Elena sabia que estava perdendo alguma coisa, mas não perguntou. Quando Illium quisesse que ela soubesse, contaria a ela. Até então, ela manteria seu conselho. Mas queria acrescentar algo.

— Se você sugerir, certifique-se de que ela tenha pessoal de apoio.

Um aceno, antes que Raphael se voltasse para o Cadre. Sua sugestão foi recebida com choque... então acordo lento e pensativo. No final, decidiu-se oferecer a tarefa e dizer que podia trazer quem quisesse com ela. Embora ela fosse tecnicamente parte do território de Raphael, ninguém parecia ter qualquer preocupação de que ela seria partidária.

— Colibri vive em seu próprio mundo, — Neha murmurou. — Ela não vai jogar política.

Que parecia ser. O Cadre saiu um a um, depois de ordenar aos exilados Luminatas que recolhessem seus pertences em prontidão para partida assim que a tempestade passasse. Neha assumiu o comando de Ibrahim, pedindo ao general Hiran, Valerius e Xander para levar o ferido para sua suíte. Laric foi com o paciente.

Caliane foi a última a sair. Tocando a mão de Raphael, ela disse:

— Não permita que a morte o defina, meu filho.

— O crime de Gian foi contra vocês — disse Raphael aos avós de Elena depois que sua mãe saiu da sala, deixando os seis sozinhos. — Vocês tem o direito de decidir seu castigo.

Elena viu raiva encher os olhos de seu avô, viu suas presas. Mas quando ele se aproximou de Gian, Majda colocou uma única mão em seu peito e sacudiu a cabeça.

— Nós não somos ele, — ela sussurrou para Jean-Baptiste. — O conselho da Arcanjo não era para o marido de nossa neta, era para nós. Não somos ele. Não torturamos. Não nos embriagamos com feiura e violência. — Sua voz tremia. — Nós amamos. É isso que somos.

Jean-Baptiste tremia, mas afastou os olhos do corpo encolhido de Gian.

— Arcanjo, — ele disse rudemente, seu olhar fixo com o de sua esposa. — Pediria um grande favor. Prisão, não morte. — Ele sacudiu a cabeça para Majda quando ela separou seus lábios. — Não somos ele, mas ele também não merece morrer rapidamente. Isso é muita misericórdia.

— Prisão. Está feito. — Raphael olhou para Gian. — Não vai voar livre pela mesma quantidade de tempo que aprisionou cada uma de suas vítimas, os termos para executar consecutivamente. Nesse ponto, eles decidirão se merece a misericórdia da morte.

Gian gritou.

— Não! Sou o Luminata! Eu sou.

Chicoteando um leve toque de poder para ele, Raphael enviou-o para a inconsciência.

— Aodhan, leve-o para um quarto vazio e o tranque ali por um tempo. Fique de guarda. Vamos levá-lo conosco e ele vai servir sua prisão sob o mesmo céu onde Majda e Jean-Baptiste voam livres.

O trovão rugiu acima deles, mas quando Elena olhou para a cúpula de vidro milagrosamente inteira do Átrio, não viu relâmpagos no céu turbulento e negro. A tempestade estava passando. Raphael partiria para a China em questão de horas... Voaria para o território do Arcanjo da Morte.



Capítulo 45

Fique seguro, Arcanjo. Ou eu te perseguirei.

As palavras que ela disse a Raphael antes de subir no avião para Nova York e ele se virar para voltar a se reunir com o resto do Cadre.

Como sempre, ele sorriu, e a beijou.

— Não ousaria ser ferido. Cuidado com a minha cidade, *hbeebti*.

Ela faria o melhor que pudesse.

Virando-se da extremidade da varanda da Torre de onde assistia o céu por ele desde o instante que desembarcou naquela manhã, Elena olhou para a mulher que estava na porta. Majda e Jean-Baptiste foram com ela para Nova York, ficariam um pouco, mas Elena supôs que estariam voltando para o Marrocos, para o lugar que foi sua casa.

Tristeza era como um pesado manto nas feições de Majda; foi assim desde que Elena lhe contou sobre Marguerite no avião, sobre o bebê que Majda tinha conseguido fazer fugir com segurança.

— Jean-Baptiste me disse para fugir se ele alguma vez desaparecesse — disse Majda depois da primeira onda de lágrimas. — Apenas fuja e continue.

— Você foi para a França porque era sua terra natal?

Um sorriso que não tinha alegria.

— Não. Isso tornaria muito fácil para Gian nos rastrear. Meu marido, embora tenha um nome francês, nasceu na selva amazônica com pais cientistas. Eu acabei na França por acaso, fiquei porque meu bebê precisava de uma casa.

Os dois não falaram muito sobre os detalhes por trás da fuga de Majda. Ficaram um tempo em Lumia, mas Majda e Jean-Baptiste precisaram desse tempo para se adaptar à liberdade e apenas ficar um com o outro depois de décadas de tormento. Uma coisa que Majda perguntou era por que Elena se chamava Elena.

— Por você — disse Elena. — Meu pai escolheu o nome que está na minha certidão de nascimento, mas estou bastante certa de que minha mãe se certificou de que o nome fosse um que pudesse ser encurtado para Elena.

Isso fez Majda chorar de novo.

— Sana Alayna, — ela sussurrou. — Esse foi o nome que usei em Paris — a maioria das pessoas que me conheciam me chamava de Alayna. Para uma criança, deve ter parecido muito com Elena.

Agora, Elena se forçou a parar de olhar o céu por seu Arcanjo, sabendo que era muito cedo para vê-lo, e caminhou para se juntar à sua avó. Como a maioria dos seres sem asas, Majda não gostava de sair para essas varandas sem para-brisas onde, quando o vento estava alto, poderia empurrá-la imediatamente se não tivesse cuidado.

— Quero que conheça alguém, Majda.

A bela mulher com cabelos apenas uma sombra mais dourada do que Elena estendeu a mão para seus dedos tocarem a bochecha de Elena.

— Sou sua avó, criança.

— Eu sei. — Elena deu a ela um sorriso irônico. — Mas você tem minha idade. Estou tendo dificuldade com isso. — Ela não tinha certeza de que alguma vez conseguiria se dirigir a Majda por nada além de seu nome.

A expressão de Majda alterou-se, mergulhou em inúmeras emoções.

— Meus pais não queriam que me casasse com Jean-Baptiste — disse a Elena enquanto caminhavam pelo corredor. — Ele era jovem para um vampiro, mas ainda era um vampiro. Sabiam de uma mulher numa cidade vizinha que foi abandonada por seu marido vampiro depois que começou a ficar velha.

— Infelizmente, isso ainda acontece. — Era o que mais preocupava Elena quando descobriu sobre sua irmã, Beth, mas Bethie ganhou uma força interna inesperada com o nascimento de sua filha. Elena não achava que esta nova e ferozmente protetora Beth iria quebrar mesmo que Harrison desaparecesse. Não que o marido vampiro de Beth parecesse estar em perigo de fazer isso - estava apavorado de perdê-la com o tempo, lamentando cada uma de suas ações.

Harrison se tornou um vampiro primeiro, embora ele e Beth tivessem concordado em esperar até que ambos fossem aceitos. Ele foi impaciente, arrogante. E pagaria por isso pela eternidade. Porque a irmãzinha de Elena nunca poderia se tornar uma vampira - seu corpo rejeitaria a mudança de uma forma horrível e dolorosa. Elena um dia teria que ver sua irmãzinha fechar os olhos para sempre, o corpo de Beth não mais capaz de segurar a vida.

Doeu pensar.

— No entanto, você se casou com Jean-Baptiste de qualquer maneira, — ela disse à mãe de sua mãe.

— Eu o amo, o amei desde o instante que nos encontramos pela primeira vez no mercado. — Majda estendeu a mão sobre o coração. — Senti como se tivesse encontrado uma parte ausente de minha alma.

— Planejava se candidatar para se tornar uma vampira?

Um aceno de cabeça.

— Mas não tínhamos expectativa de que eu seria aceita, Jean-Baptiste era um jovem vampiro, não tinha merecido o direito de pedir o favor de um anjo poderoso. — Majda tocou sua mão na asa de Elena, um brilho de admiração em seus olhos. — E pensar que agora temos um anjo na família.

— Mais que um, — Elena apontou. — Também tem Raphael e Caliane.

Um riso suave ao mesmo tempo que Majda deixou cair a mão, mas a tristeza, nunca desapareceu.

— Nós nos casamos com o conhecimento de que eu iria deixá-lo depois de uma vida mortal, fiquei muito feliz que nunca teria que me preocupar com sua morte. Para meu marido... foi difícil.

— É difícil — disse Elena, pensando em Sara, em Beth, em Zoe, em Maggie, em Deacon, em Ransom... tantas vidas fortes e únicas que um dia já não existiriam. — Mas minha amiga, Sara, apontou que os imortais vivem vidas perigosas. Sabendo que eu poderia realmente morrer antes dela me ajuda a lidar com isso.

Majda olhou para ela antes que seus lábios se levantassem.

— Claro, você está certa. — Ela balançou a cabeça. — Meus pais se foram, mas não é como se Jean-Baptiste e eu tivéssemos uma vida fácil durante as últimas seis décadas. — A maneira seca como ela disse mostrou a Elena a que nível chegava a força da sua avó.

— Quando Gian ficou obcecado por você? — Perguntou ela, tendo a sensação de que sua avó poderia falar sobre isso hoje.

— Ele tentou me cortejar um mês depois do meu casamento. — Majda se abraçou, correndo suas mãos para cima e para baixo seus braços. — No começo, eu era gentil. Pensei que ele simplesmente não sabia que eu era casada, então disse a ele que eu era uma nova noiva e que honrava meu marido. — Uma exalação. — Eu adicionei esse último porque há as mulheres que não honram seus maridos quando os anjos as convidam para suas camas.

— Fãs de anjos.

— Sim, é assim que as chama? Nós costumávamos chamá-las de bêbadas de anjo. — Majda entrou no elevador com ela, e Elena empurrou o botão para levá-las ao piso térreo. Era um andar que ela raramente visitava agora que tinha asas, mas hoje, não estaria voando pelo céu.

— Claro, — acrescentou Majda, — não eram só as mulheres que poderiam ficar embriagadas com os anjos, mas não conversávamos sobre isso no meu tempo.

— Estou supondo que Gian não parou seus esforços para ganhar você?

— Não, ele fez — disse Majda para sua surpresa, — e eu pensei que ele era um dos melhores anjos daquele lugar. — Uma torção em sua boca. — Então, Jean-Baptiste voltou para casa em fúria um dia. Gian o chamou para o escritório dele e

lhe ofereceu dinheiro se ele entregasse seus direitos para mim. — Seu corpo tremia. — Como se eu fosse uma coisa para ser comprada e vendida.

— Bastardo. — O profundo e escuro buraco onde Raphael havia deixado Gian não era castigo suficientemente severo quanto Elena queria. Talvez os ratos fossem para aquele buraco, comessem a deleitar-se com ele. Pelo menos ele não podia usar seus poderes para escapar. Qualquer coisa que ele explodisse simplesmente cairia sobre ele, esmagando-o numa polpa. Claro, não estavam deixando isso ao acaso. Illium tinha preenchido o buraco com câmeras e microfones para que a Torre pudesse monitorá-lo, certificar-se que Gian não encontrasse uma saída.

E cada respiração que tomasse, o ex-líder dos Luminatas teria que inalar o amargo conhecimento que estava enterrado no mesmo lugar onde suas vítimas - e sua neta - caminhavam livres. Majda e Jean-Baptiste pediram para não ser dito onde exatamente no território Gian foi aprisionado; era o suficiente para eles, que estivesse pagando por seus crimes, não queriam ter a chance de ficar obcecados sobre o local da prisão de Gian se tomassem consciência disso.

A voz de Majda invadiu os pensamentos de Elena, e continuou sua história.

— Eu era jovem, e tinha medo que meu marido me culpasse pelo interesse de Gian. Muitos homens o teriam feito. — Seu tom era pragmático, o de uma mulher que vira injustiça tantas vezes para se surpreender com isso. — Mas ele não o fez. Disse que sabia que eu nunca iria desonrar nossos votos, que a desonra era de Gian e Gian estava sozinho. E disse o mesmo na frente de Gian.

— Vovô tem coragem, — Elena disse, então sacudiu a cabeça quando saíram do elevador. — Sim, também não posso chamá-lo de vovô. Ele é muito quente. — E esse pensamento a arrastou para fora, mas era difícil evitar quando outros na Torre insistiam em apontá-lo.

O riso de Majda foi surpresa.

— Ele já te adora, sabe. — Um sorriso profundo que alcançou seus olhos tristes. — Não simplesmente porque é a filha de nossa filha, mas porque tem tanta coragem e fogo.

— Ele claramente tem uma coisa pelas mulheres com coragem e fogo, — disse Elena à mulher que devia ter muito de ambos para ter sobrevivido as décadas que passou como prisioneira.

Os olhos de Majda se iluminaram ainda mais.

— Claramente.

Elena disse olá para Suhani enquanto caminhavam pelo saguão, sua mente saltando de volta ao seu primeiro encontro, no dia em que sua vida mudou para sempre.

— Posso adivinhar o resto, — ela disse depois que Suhani respondeu com uma saudação e um sorriso, a recepcionista orgulhosa do fato de que ela era a primeira pessoa a quem Elena já tinha falado na Torre, sem contar Dmitri, que estava na porta naquele dia fatídico. — Gian manteve a pressão...

— Não, — interrompeu Majda. — Ele recuou e nós pensamos que ele tinha aceitado a repreensão. — Ela puxou uma respiração profunda do ar de Nova York quando saíram para o dia ensolarado, o barulho da cidade agredindo seus sentidos. — Esta cidade em que você vive é extraordinária. Tão grande e caótica e ainda com um padrão tão vibrante para o seu caos.

Elena sentiu um lampejo de esperança.

— Está pensando em ficar?

— Sim. — As nuvens voltaram. — Nós visitaremos nossa cidade logo, mas vamos já sabendo que a maioria das pessoas que amamos se foram. E nossas lembranças serão sempre retorcidas de dor e medo.

Ela estendeu a mão para pegar a mão de Elena.

— Este lugar é a casa de nossa neta, e é novo. Também nos tornaremos novos. — Um sorriso. — Velhos em nosso amor, que nunca faltou. Mas novos em nossos caminhos. — Ela olhou curiosamente para o grande veículo que tinha acabado de parar no final do caminho para a Torre.

Era um Hummer SUV que foi modificado, assim a parte traseira era aberta, mas barras de metal forneciam um apoio para as mãos.

— Asas, — Elena disse, empurrando seu polegar de volta para indicar o dela. — Eu queria andar com você e esta era a melhor opção. — Ela olhou ao redor. — Onde está Jean-Baptiste?

— Ele deve estar aqui em breve — respondeu Majda. — Eu disse a ele que você pediu para nos encontrar, mas ele encontrou um amigo vampiro que soa como música líquida quando fala. Eles estavam com Dmitri quando eu parti.

— Janvier?

— Sim, Janvier. — Um brilho nos olhos de Majda. — Aquele que o charme cresceu em seus ossos, assim como Jean-Baptiste. — O brilho cresceu. — Você ainda não viu, porque ele está muito zangado, mas acho que quando ele reaparecer, vai entender como não tive chance quando ele decidiu que eu era a mulher para ele.

Elena sorriu com a ideia de que seu avô fosse um encantador.

— Vocês dois se encaixam. — Assim como ela se encaixava com Raphael, e Janvier com Ashwini.

— Sim. — Olhando de volta para a porta da Torre, como se estivesse procurando por ele, Majda disse: — Dói-lhe falar sobre Marguerite, então vou lhe dizer o que deve saber antes que ele chegue.

— Você não precisa...

— Faz parte de sua história, *azeeztee*...

Elena não ouviu o resto através do bater da emoção, seu coração um tornado em seu peito.

— Ninguém me chama assim há duas décadas.

— Ela se lembrou? — Um sussurro raspado. — Meu precioso bebê se lembrou?

Elena assentiu com a cabeça.

— Os beijos de sua mãe, a maneira como você tinha uma voz tão suave quando falava com ela, as palavras que usava com mais frequência.

Lágrimas brilhavam nos olhos de Majda.

— Ela não acreditava estar abandonada?

— Não. — Elena franziu o cenho. — Ela cresceu acreditando que você morreu num acidente de ônibus, onde seu corpo foi levado.

— Irmã Constança. — Um sussurro abalado. — Ela fez o que eu pedi, deve ter aproveitado o momento certo do acidente de ônibus. — Soluços quebraram suas palavras em pedaços.

Elena não hesitou. Ela se inclinou e pegou a mulher que era sua avó em seus braços. E pensou... ela é tão pequena. Como sua própria mãe tinha sido. Foi Jeffrey quem deu a Elena sua altura. Envolvendo as asas ao redor de Majda para protegê-la de olhos curiosos, ela segurou sua avó enquanto Majda soluçava por sua filha perdida que crescera sabendo que foi profundamente amada por sua mãe.

— Gian me deixou sozinha por um ano, — sussurrou Majda algum tempo depois, seus soluços deixando um raspão em sua garganta e seus braços ainda em volta de Elena. — Pensei que tinha desistido, mas não. E quando tive a criança, ele ficou furioso, embora eu não descobrisse isso até que me tornasse cativa. Ele bateu num dos outros Luminata tanto que levou meses para se recuperar.

— Inferno. — Todos aqueles anjos tinham mais de mil anos de idade, com seus poderes de cura, o que significava que Gian havia transformado alguém em carne picada. Como quase fez com Ibrahim. O anjo permaneceu em anshara sob o olhar atento de Laric, o curandeiro que escolheu ficar em Lumia até que Ibrahim fosse curado. Ele tinha permissão do Cadre para continuar em Lumia depois, mas decidiu ir para o Refúgio e o Medica, onde Keir já tinha lhe oferecido uma posição.

— Eu serei corajoso, — ele disse a eles usando a língua silenciosa. — Vou tentar. Não quero tornar-me como os Luminatas, tão fechado em mim que deixo de ver o valor dos outros.

Elena pretendia entrar em contato com Jessamy, dar à outra mulher um aviso que Laric poderia precisar de um pouco de sua gentil bondade e orientação. Mas hoje, sua atenção estava na mulher que sobreviveu a um horror interminável.

— Gian não se aproximou de mim enquanto eu estava grávida, — sua avó disse a ela. — Ele foi repellido pelo fato de eu ter o filho de Jean-Baptiste. Mas duas semanas depois que nosso bebê nasceu, antes de decidirmos sobre seu nome - Jean-Baptiste queria chamá-la de Marguerite, enquanto eu preferia Taliyah - meu marido desapareceu.

Majda se afastou, seu rosto marcado por lágrimas, mas seus olhos claros.

— Procurei por ele, todos nós, nunca pensando que os anjos iriam tão longe a ponto de machucar um vampiro alinhado a Arcanjo Favashi, até que Gian veio para casa de meus pais e me fez uma oferta: que iria cuidar de mim como uma princesa se eu fosse sua amante. Eu apenas teria que deixar minha filha para trás.

Mãos em punhos, ela rangeu as palavras seguintes.

— Ele fez questão de dizer que meu marido não era mais um problema. Foi quando soube que Gian o havia levado. Na época, acreditava que Jean-Baptiste estava morto. E sabia que meu bebê era outro problema que Gian eventualmente eliminaria... ou abusaria desse bebê. Simplesmente porque era filha do meu marido. — O olhar de Majda não estava mais quebrado; tinha apenas fúria. — Gian, ele nos provocou dizendo que a teria. Ele te chamou de minha filha.

— O idiota não está zombando de ninguém agora.

Um aceno de cabeça de sua avó, essa mulher macia que no entanto tinha um núcleo de aço.

— Não, mas naquela época, ele tinha todo o poder.

— Então você fugiu. — Elena não podia imaginar seu medo e dor.

— Ainda não estava totalmente recuperada do nascimento, mas meus pais me pediram para ir, me deram cada último centavo que tinham, fizeram tudo que puderam para esconder minha partida para me dar tempo para fugir. — Seu corpo tremia. — Gian me disse mais tarde que bateu nos dois, quando viu que não diriam onde fui, os deixou tão gravemente feridos que teriam morrido, se não fosse pelos vizinhos que cuidaram deles até se recuperarem. Ele disse que era um sinal de sua devoção.

A avó de Elena parecia ter vontade de cuspir.

— Aprendi a cuidar da minha bela Marguerite sem minha própria mãe nas proximidades e presumindo que o amor do meu coração estava morto, consegui fazer uma vida para mim e meu bebê em Paris, pensei que estávamos seguras com ela crescendo tão doce... então vi um anjo me observando um dia.

Um arrepio de medo pela recordação afastou o sangue de seu rosto.

— Pensei que estava sendo tola, mas ainda, no final da noite, levei Marguerite para fora do nosso apartamento e me escondi num lugar onde poderia vigiar o apartamento. Disse a Marguerite que era um jogo.

Ela sorriu.

— Meu bebê era tão bom, brincava com seus brinquedos e nunca se queixava, mesmo quando percebi que tinha esquecido de embalar seu lanche favorito. Mesmo quando disse a ela que não poderíamos voltar para nosso apartamento porque um anjo mau estava assistindo. Em vez disso, levei minha filha para uma igreja onde eu sabia que a freira era gentil.

Ela esfregou um punho sobre seu coração.

— Dei meu beijo de adeus a minha *azeeztee*, e então corri, minha intenção era levar os caçadores tão longe de Marguerite quanto possível. Eles me alcançaram na Turquia.

Apertando os olhos, Majda respirou dentro e fora num ritmo rápido.

— Escapei uma vez de Lumia. Foi quando Gian me acorrentou no subterrâneo. Foi um horror ver Jean-Baptiste, ver como Gian descontava sua raiva ciumenta em meu marido, mas vendo que ele estava vivo, também me manteve forte.

— Por que Jean-Baptiste ainda está vivo?

— No começo, era assim que Gian podia o brutalizar para sua própria gratificação. Mais tarde, foi porque Gian queria que sofrêssemos - eu vendo meu marido sendo ferido, Jean-Baptiste por ter que assistir Gian...

A raiva esaldou as veias de Elena com as palavras que sua avó não disse, as atrocidades que ela não enumerou.

— Não tem que me dizer. Eu posso adivinhar.

— Quando pensava que iria quebrar, — falou a avó em vez disso, — eu falava com meu marido, e não importa o quão magro se tornou, ou a dor que sentia, me dizia para pensar em nossa filha crescendo em liberdade, à luz. Sabíamos que Gian não a tinha encontrado - ele nunca seria capaz de manter isso para si mesmo.

Uma mão macia cobriu a bochecha da Elena.

— Agora vamos pensar em você. Filha da nossa filha.

— Minha mãe adorava dançar, — Elena se viu dizendo exatamente quando Jean-Baptiste saiu das portas da Torre, seu cabelo brilhando dourado. — Quando era pequena, às vezes nós dançávamos na chuva e brincávamos em poças de água. — Isso provocou a dor de falar sobre Marguerite, mas valeu a pena ver a alegria faminta nos olhos de Majda.

Ela continuou a falar depois que eles entraram no SUV.

Seus avós absorveram suas histórias, riram e choraram, fizeram-lhe mais e mais perguntas sobre a mãe. Elena respondeu a tudo, encontrou-se sorrindo mais de uma vez enquanto falava sobre eventos que ela quase tinha esquecido, como quando encontrou sua mãe e Beth rindo juntas enquanto Beth a "ajudava" a fazer um bolo.

— Exceto que a maior parte da mistura estava no rosto de Beth, — ela disse com uma risada.

— Gostaria de conhecer nossa outra neta — disse Jean-Baptiste. — Acho que estamos prontos.

— Aí é onde vamos. — Dez minutos depois, ela acenou com a cabeça para a direita. — Esta é a casa dela. — Era uma casa em que Beth tinha se mudado sem contar à Elena até que fosse feito.

— Tem portas suficientemente grandes para você — sua irmã dissera quando finalmente enviou a Elena uma mensagem pedindo que ela viesse. — Harrison escolheu nossa outra casa, e não me deixou reformar. Então eu me mudei.

O coração de Elena tinha quase explodido, ela nunca esperou determinação tão obstinada de sua irmãzinha. Nem Harrison. Mas o vampiro cedeu e toda a família agora vivia na casa de dois níveis da Lenox Hill que Beth escolhera.

Elena se ofereceu para dar a Beth o dinheiro que precisava para pagar o que ela assumiu ser uma grande hipoteca, dada a localização da casa. Ela já fazia uma transferência regular para a conta de Beth, para que sua irmã não tivesse que confiar financeiramente em seu marido. A única razão pela qual ela não deu a Beth um pedaço grande de uma vez foi porque sabia que enquanto Bethie era uma ótima mãe, não era muito boa com o dinheiro.

Mas sua irmã abanou a cabeça.

"Papai pagou", ela disse, seus olhos turquesa escuros enquanto olhavam para Elena. "Ele não é tão ruim, Ellie. Ele também te ama. Eu disse a ele por que queria me mudar e ele não discutiu, apenas preencheu o cheque."

Que Elena e Jeffrey tinham um relacionamento complicado era um eufemismo.

— Beth é forte, — disse Elena aos seus avós. — Mais forte do que eu sabia por um longo tempo, mas também é o bebê de nossa família. — Não a nova família de Jeffrey, mas sua unidade original de seis.

— Entendo Elena — disse Majda. — Vamos tratá-la com cuidado.

Elena disse à sua irmã que estavam vindo e Beth estava esperando por eles na porta, um sorriso largo em seu rosto e seu corpo vestido num belo vestido de estampa floral com uma saia grande.

— São eles? — Perguntou excitada antes de correr para abraçar primeiro Majda, em seguida, Jean-Baptiste com exuberância quente. — Estou tão feliz em conhecê-los!

Ambos os avós sorriam com prazer.

Beth tinha esse efeito sobre as pessoas.

— Olá, Bethie. — Elena abraçou sua irmã quando ela veio, beijou sua têmpora.

E ouviu um grito excitado atrás de Beth. Libertando sua irmã, ela se virou a tempo de pegar uma linda criança vestida com um avental azul puro e com uma fita no ar.

— Olá, risos.

Sua sobrinha riu e a beijou na boca.

— Aniellie!

— Sim, tia Ellie. — Elena esfregou nariz com sua sobrinha antes de virar para seus avós atordoados. — Avó, avô, — disse ela, porque se tratava de uma família. — Gostaria que conhecesse Marguerite Aribelle, sua bisneta. — Ela beijou o rosto suave de sua sobrinha. — Maggie.

Maggie olhou fixamente de Elena para Majda enquanto os olhos de seus bisavós brilhavam molhados ao saber que sua família era outra geração forte.

— Aniellie? — Maggie disse finalmente, uma carranca no seu rosto quando ela olhou para Majda.

— Não, esta é a bisavó Majda — disse Elena. — Você quer dar-lhe um beijo?

O sorriso de Maggie era tímido, mas estendeu os braços. Majda tomou sua bisneta com cuidado, todo seu corpo tremendo.

— Olá, *azeeztee*. — Era um sussurro.

Apertando suas bochechas molhadas, Maggie disse,

— Bivó tem do-dói?

Majda sacudiu a cabeça.

— Estou feliz. — Ela se inclinou, e aceitou o doce beijo de Maggie. — Gostaria de conhecer seu bisavô?

A filha de sua mãe, Maggie, caiu de cabeça para baixo por causa do seu belo bisavô, mas com os cílios entrelaçados ao tomá-la em seus braços. Ele, por sua vez, estava claramente apaixonado.

Olhando para Elena com os olhos que seguravam uma alegria penetrante, Majda disse:

— Vamos ficar aqui. Perto da nossa família.

Beth, apoiada em Elena, bateu palmas enquanto Elena sorria... mas seu coração não estava nesta cidade que ela amava ou com as pessoas que significavam tanto para ela. Estava com um Arcanjo, com asas de ouro branco que estava no coração do pesadelo.



Sede de Sangue

O Cadre foi forçado a fazer pousos não uma vez, mas várias vezes quando a tempestade de relâmpagos retornou três horas após sua partida de Lumia, aparecendo em rajadas erráticas como se fosse formada pela proximidade de tantos Arcanjos. Evitá-la os atrasara, mas finalmente chegaram à China.

Quanto ao destino específico deles, seguiram direto para a área que Jason havia apontado como tendo caído na sede de sangue. A informação de Jason, entretanto, estava agora desatualizada, e as coisas se deterioraram. A fumaça subia de casas queimadas várias milhas à frente de onde Jason tinha marcado a linha atual de sangue vermelho.

O Cadre voou, passando pelos prédios em chamas e mais fundo.

Abaixo deles, os movimentos eram irregulares. Pessoas correndo, outras movendo-se quase como caranguejos à medida que percorriam a paisagem e tentavam se esconder de sombras angelicais. O mesmo padrão continuou por milhas, até as montanhas que agiam como uma barreira natural.

Virando-se em silêncio, voaram atrás sobre as terras sedentas de sangue. Elijah caiu primeiro, para cuidar do que parecia ser uma grande aldeia. Favashi pegou a próxima horda de vampiros. Então Raphael. Ele sabia que os outros continuariam a fazer o mesmo. Depois de limpar os vampiros insanos em sua área, executando-os o mais rápido e o mais limpo possível, ele se levantou e voou pelas áreas que os outros Arcanjos estavam manipulando, encontrou outra seção para limpar.

Relativamente falando, não demorou muito para ter as coisas sob controle: um único dia. Afinal, eram um Cadre de Arcanjos. Os aldeões apagariam os incêndios agora que já não tinham que temer um ataque vampírico.

— Precisamos ir para a fortaleza de Lijuan, — disse Raphael quando desembarcaram como um grupo numa seção limpa há dez minutos do ninho final de vampiros enlouquecidos pelo sangue. — Tenho o local. — Ele assumiu que os outros também, embora não poderiam ser capazes de entrar. A maioria dos Arcanjos não tinha Jason e Naasir do seu lado.

Ninguém discutiu com ele e se levantaram. Todos deveriam ter descansado depois da quantidade de tempo que já tinham passado no ar, mas esta situação tinha o potencial de ser catastrófica. E eram Arcanjos por uma razão.

Eles voaram.

E chegaram à fortaleza na escuridão sombria muito depois da meia-noite. Sem luzes, sem sons, sem vestígios de habitação, a fortaleza oferecia a mais fria recepção. Lançando poder no céu, Alexander iluminou o mundo por um minuto vital para que pudessem confirmar que a joia da coroa de Lijuan estava realmente deserta.

Aterrissando, exploraram os corredores para garantir que não poderia haver mal-entendidos.

Esses corredores não estavam apenas vazios de toda a vida, mas desprovidos de quaisquer sinais de que alguém tivesse vivido aqui. Nenhuma pintura, nenhum dos grandes vasos que a companheira de Naasir mencionara ter visto aqui, nada além de um vazio empoeirado. A dureza não podia tirar a beleza da fortaleza em si, mas agora havia um vazio, uma sensação de perda.

Reunidos no pátio ao amanhecer, esperaram que todos chegassem antes que Titus dissesse:

— Lijuan não despojará de sua fortaleza se planejava retornar.

— Está claro que ela se foi — disse Astaad. — Ela não teria permitido nossa interferência de outra maneira.

Nem mesmo Charisemnon levantou uma objeção a esse somatório.

Neha falou em seguida.

— Estamos de acordo que Favashi assumirá, com a ajuda de Caliane até que Favashi tenha desenvolvido poder suficiente para governar sozinha. Há alguma nova objeção?

— Então, — disse Michaela quando ninguém falou, — Favashi agora é Arcanjo da China, e Alexander recupera o controle de toda a Pérsia.

— Essa é a vontade do Cadre, — declararam eles como um só.

Terminado o trabalho, saíram ao ar um por um. Favashi retornaria com seu povo o mais rápido possível. Uma vez que o Cadre já tinha limpado a sede de sangue, ela teria um território que era irregular nas bordas, mas não no processo de destruir-se. Com Caliane observando, Raphael estava confiante que Favashi poderia tomar e manter o controle.

Como parte disso, ela não só traria seu próprio povo, como também reteria as pessoas de Lijuan que trabalhariam com ela. Aqueles que não quisessem servi-la seriam autorizados a espalhar-se depois de ter recebido qualquer pagamento que lhe era devido. Raphael não achava que Favashi encontraria qualquer sinal de Xi ou do apertado esquadrão que se reportava a ele. Onde quer que Lijuan tivesse feito seu lugar de sono, era onde encontrariam Xi.

* * *

Horas de vôo mais tarde, ele não ficou menos surpreso ao chegar à beira da água de seu território e ver as asas da meia-noite e amanhecer no horizonte. O peso do mundo desapareceu quando fechou a distância até sua consorte. Ela voou direto para seus braços e ele os levou para o mar, os protegendo com uma bolha de poder.

Ele estava cansado depois de tempo se sustentando no ar, mas no instante que tocou Elena, a vida estourou dentro dele numa dispersão de fogo selvagem.

Seu beijo segurou o mesmo fogo.

— Sentiu minha falta, *hbeebti*? — Ele perguntou calmamente quando vieram para o ar, sua testa pressionada contra a dela.

— “Falta” não é uma palavra suficientemente forte. — Os olhos prateados seguraram os seus. — Ela está morta?

— Não, — disse Raphael. — A morte de alguém tão poderoso quanto Lijuan marcaria o mundo, como quando um Arcanjo se eleva ao poder. — Ele balançou a cabeça. — Não, tenho muito medo que ela dorme para crescer em força total. — Lijuan cometeu erros, procurou agir como deusa muito rapidamente. Parecia que ela tinha aprendido com seus erros, finalmente.

Elena soltou um suspiro.

— Então, da próxima vez que ela se levantar. . .

— Sim, Minha Elena. A próxima vez que Lijuan se levantar, ela será um monstro para acabar com todos os monstros.

Fim.

Nota do Autor

Eu visitei o Marrocos sabendo que estaria retornando a ele em espírito quando fosse hora de explorar esta parte do passado de Elena, mas nunca esperei encontrar minha inspiração para Lumia direto lá, empoleirada numa colina com vistas surpreendentes em cada direção e flores selvagens pontilhando a paisagem.

Uma vez uma cidade grande, Volubilis está agora em ruínas, mas é magnífica, no entanto. Lumia se sente num local diferente dentro do Marrocos e acabou sendo projetado muito diferente de Volubilis, mas Volubilis foi a centelha de que cresceu. Se você gostaria de ver as fotos que tirei lá, visite a seção Diário de Viagem do meu site (pode encontrá-la no link "About Nalini"): www.nalinisingh.com.

Enquanto estiver lá, convido você a participar do meu boletim, que sai mensalmente e inclui exclusividades como Guild Hunter histórias curtas e cenas deletadas. O boletim de boas-vindas inclui várias histórias enviadas em boletins anteriores, para que você possa acompanhar qualquer um que perdeu.

Também quero aproveitar esta oportunidade para agradecer a todas as pessoas generosas on-line que tão freqüentemente vêm para o resgate de escritores que precisam de respostas para perguntas de última hora de pesquisa. Gostaria particularmente de agradecer a Sonja, Lexxie, Sarah e Maya, que me ajudaram no Twitter com minhas perguntas sobre a língua francesa.

Quaisquer erros são meus. Essas pessoas são incríveis. E assim são todos vocês!